

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ITALIANOS EM JOAÇABA

ESTUDO HISTÓRICO E SOCIOLINGÜÍSTICO DO NÚCLEO ITALIANO
DA MICRO-REGIÃO DO MEIO-OESTE CATARINENSE.

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em Letras - Área de Linguística.

ISAURA GEMA POLETTO

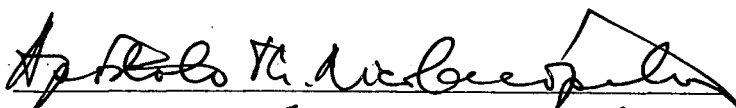
Florianópolis

1977

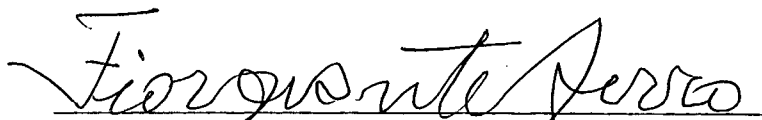
Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do grau de

MESTRE EM LETRAS

Área de Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras.



Prof. Dr. Apóstolo T. Nicolacópulos
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Letras - Linguística.

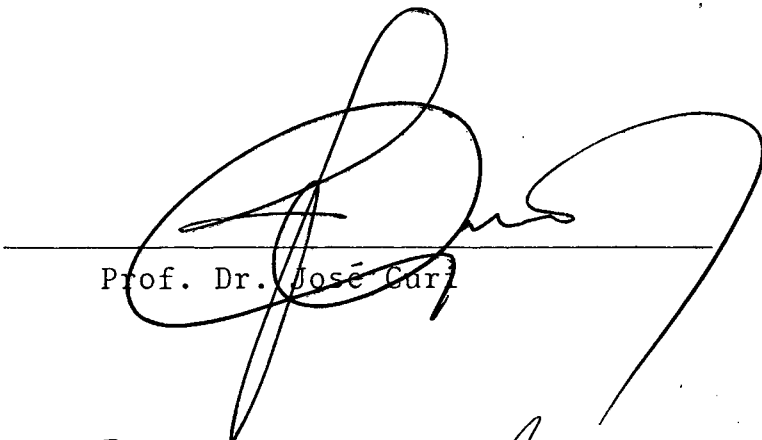


Prof. Dr. Fioravante Valentin Ferro
Orientador

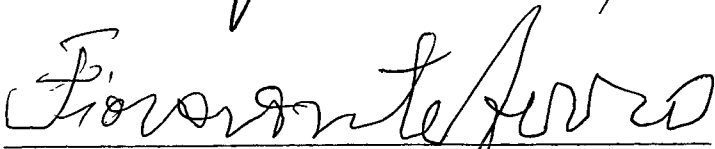
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Celestino Sacht



Prof. Dr. José Carlos



Prof. Dr. Fioravante Valentin Ferro

À minha mãe

Alice Leduc Poletto

e à memória de meu pai

Sebastião Poletto.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

- Ao orientador e informante dos dialetos italianos Prof. Dr. Floravante Valentino Ferro, Livre Docente, Titular das cadeiras de Língua e Literatura Italiana e de História da Arte, na Universidade Federal de Santa Catarina; pela segurança nas sugestões e pelo embasamento de comparação dos sons estudados com os sons representados no "Dizionario D'ortografia e di Pronunzia" (Fiorelli 1969).
- Às autoridades intelectuais, tanto da Secretaria de Educação e Cultura, como da FUOC (Fundação Educacional do Oeste Catarinense) que nos apoiaram e incentivaram.
- Às centenas de pessoas que aceitaram nossas entrevistas e questionários, especialmente os colonos, trabalhadores incansáveis e desbravadores destas terras, que tão amavelmente se submeteram aos repetidos interrogatórios.
- Ao Sr. Antonio Pedro Dossi e a meus sobrinhos que muitíssimas vezes me acompanharam nas dificultosas viagens pelas colonias.
- À CIBAI - Migração - Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência e Instrução de Migrações de Porto Alegre, pela colaboração com informações e bibliografias.
- Enfim a todas as pessoas que de alguma maneira cooperaram para que este trabalho fosse levado a termo.

S U M Á R I O

v

Abreviaturas	x
Simbologia	xi
Resumo	xiii
Abstrat	xiv
Résume	xv
Riassunto	xvi
INTRODUÇÃO	
	pag
Titulo e justificativa	01
Objetivo	03
Metodologia	04
TEMPO I	07
1. - Os homens fazem História	08
1.1 - O elemento indígena	08
1.2 - Legais Proprietários	12
1.3 - Os primeiros homens não nativos	19
1.4 - Fatores do Contestado	22
1.5 - A Querra	29
1.6 - Uma Testemunha Catarinense	31
1.7 - Localidades que integraram o município de Joaçaba ...	33
1.8 - Nova Petrópolis	36
TEMPO II	39
2. - A imigração italiana no Brasil	40
2.1 - Causas e fatores da imigração	40
2.2 - Italianos estabelecidos no Brasil	43
2.3 - Predominância de um dialeto em Joaçaba	48
2.4.1 - Depoimento da Sra. Maria Campagnolo Lago	51
2.4.2 - Depoimento da Sra. Ida Lago	56
2.4.3 - Depoimento do Sr. Luiz Abatti	57

2.4.4 - Depoimento do Sr. Fioravante Abatti	59
2.4.5 - Depoimento do Sr. Lorenzo Orso	61
2.4.6 - Depoimento do Sr. José Zanin	64
2.4.7 - Depoimento da Sra. Luiza Rati Maschio	65
2.4.8 - Depoimento do Sr. Angelo Abatti e sua esposa	67
2.4.9 - Outras famílias entrevistadas	72
2.5 - Levantamento Estatístico	73
- Nº do levantamento estatístico (universo x amostra) ..	77
2.5.1 - Percentagem de Falantes	78
2.5.2 - Percentagem de Preferencia Lingüística	79
ESPAÇO	80
3. - Representações cartográficas	80
3.1 - Mapa do Brasil no Tratado de Tordesilhas	81
3.2 - Carta do Território em litígio entre o Brazil(Sic) e a República Argentina	82
3.3 - Mappa(Sic) da Comarca de Palmas no Estado Brasileiro (Sic) do Paraná	83
3.4 - Mapa da Região onde se desenrolou a luta dos fanáti- cos	84
3.5 - Mapa das terras contestadas e sua posterior sub-di- visão em municípios	85
3.6 - Loteamento da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ghiraldi & Cia	86
3.7 - Situação Geográfico e Geopolítico de Joaçaba	87
3.8 - Legenda do mapa do município de Joaçaba	89
3.9 - Mapa do atual município de Joaçaba	90
3.10 - Joaçaba na Micro-região estadual	91
3.11 - A cidade de Joaçaba	92
3.12 - Situação Geográfico Lingüístico da Itália	93
3.13 - Mapa de parte da Itália de onde vieram os imigrantes	94
3.14 - Descrição geográfica do Veronês	95

4. - MODUS VIVENDI	96
4.1 - Usos e Costumes Atuais	97
4.2 - Agricultura	102
4.3 - Onomasiologia dos Instrumentos de Trabalho	106
"aratro" "Varsor" "false" "bigolo" "vérgola" "Slitta"	
"corno per la cote" "pianta" "martel" "piconela"	
"messora" "roncon" "corno" "britola" "ronqueta"	
"caliera" "taier" "mescola" "banqueta" "maglio" "cunei"	
"manarin" "marreta" "valdora" "manara" "maner"	
"portantina" "palo di ferro" "arpione" "saponela"	
"pala" "rastelo" "saponela" "zapeta" "forca de denti"	
"picone" "picon" "vanga" "sapa" "crivello" "Seston"	
"bote" "impira" "soto spina" "bigoncia" "panara"	
"pipa" "mastel" "pestarola" "brondin" "rampin"	106
4.4 - Onomasiologia de Trabalho	126
4.4.1 - Nomenclatura e Técnica do Fabrico do vinho	127
4.4.2 - "La Graspá"	128
4.4.3 - A Cachaça e o Álcool	129
4.4.4 - O Açúcar amarelo e o Melado	131
4.4.5 - O salame	131
4.4.6 - A polenta	131
4.4.7 - O queijo	132
4.4.8 - O tradicional e muito usado brodo	
4.4.9 - Como se fazia o coalho para o queijo	
4.4.10 - Sopa de fregoloti	135
5. - FONOLOGIA I	136
5. - Conceitos e técnicas fonológicas	137
6. - FONOLOGIA II - "corpus"	142
6.1 - Do Homem	143
6.1.1 - Seu Corpo	143

6.1.2 - Suas Necessidades Vitais	144
6.1.3 - Suas qualidades e seus defeitos	147
6.1.4 - Seus pertences pessoais e correlatos	150
6.1.5 - Sua idade, seu sexo, seu estado, sua nacionalidade, sua profissão	152
6.1.6 - Sua comida, bebida e correlatos	153
6.1.7 - Sua família, sua saúde, doenças e correlatos	155
6.1.8 - Sua casa	157
6.1.9 - Seus instrumentos de trabalho	159
6.1.10 - Seu campo de trabalho, o cultivo da terra	160
6.1.11 - Seu relacionamento social	162
6.2 - Zoonímia	164
6.2.1 - Animais domésticos e correlatos	164
6.2.2 - Outros animais - insetos	166
6.2.3 - Aves e instrumentos de caça	167
6.2.4 - Peixes répteis e correlatos	168
6.3 - Fitonímia	169
6.3.1 - Plantas em geral	169
6.3.2 - Flores e palavras de conexão	169
6.4 - Meio Ambiente	170
6.4.1 - Atmosfera e clima	170
6.4.2 - Tempo e medidas	171
6.5 - Outros vocábulo	172
6.5.1 - Advérbios	172
6.6 - Expressões	174
6.7 - Entrevistas	177
6.7.1 - Da Sra. Maria Lago	177
6.7.2 - Da Sra. Luiza Rati Maschio	181
6.7.3 - Do Sr. Luiz Breda	182
7. - FONOLOGIA III	183
7.1 - Padrões silábicos	184

7.1.1 - Em margem inicial	184
7.1.2 - Em margem medial	185
7.1.3 - Em margem final	185
7.1.4 - Em monossílabos	185
7.2 - Grupos de sons vocálicos	186
7.2.1 - Ditongos crescentes	186
7.2.2 - Ditongos decrescentes	186
7.2.3 - Grupos de sons consonantais	186
7.3 - As sílabas nos vocábulo	187
7.4 - Vocóides	188
7.5 - Contóides	189
7.6 - Considerações	190
7.7.1 - Oposição através de pares mínimos	193
7.7.2 - Descrição dos fonemas vocálicos	195
7.8.1 - Oposição através de pares mínimos	196
7.8.2 - Descrição dos fonemas consonantais	198
7.9 - Conclusões preliminares sobre fonologia	199
8. - Conclusões fonológicas	200
9. - Conclusões gerais	201
10. - Conclusão final	202
11. - Bibliografia	203
12. - ANEXOS	211

ABREVIATURAS

(V)	= Vêneto
(Ver)	= Veronêse
(Vic)	= Vicentino
(B)	= Bellunese-feltrino
(P)	= Padovano
(Tr)	= Trentino
(Man)	= Mantovano
(L)	= Lombardo
(M)	= Milanese
(C)	= Cremonese

} Precedindo os vocábulos em transcri-
ção fonética.

(s)	= singular
(p)	= plural
(m)	= masculino
(f)	= feminino

} Depois dos vocábulos em transcri-
ção fonética.

"v"	= vogal
"c"	= consoante

} indica padrões silábicos.

p.	= página
su.	= surdo
so.	= sonoro
arr.	= arredondada
art.	= artigo

It.	= Italiano
Fr.	= Frances
Es.	= Espanhol
Port.	= Portugues
Ingl.	= Inglês

Ed.	= Editora
ed.	= edição

S I M B O L O G I A

Para a transcrição fonética e fonêmica dos dialetos italianos usou-se os símbolos das "Lettere Dell'Alfabeto Fonetico" do "Dizionario D'ortografia e di Pronunzia". (Conforme anexo nº01.) Fiorelli (1969).

Para transcrever algumas palavras indígenas, que aparecem na primeira parte histórica da dissertação, usou-se símbolos do alfabeto fonético de Pike (1967).

Constatou-se que muitos dos signos lingüísticos das "Lettere Dell'Alfabeto Fonetico" aqui usadas são iguais aos símbolos ^(anexo nº 02) do "International Phonetic Alphabet" (IPA). A maior diferença está em alguns asteriscos que explicam particularidades dos sons ou ruídos lingüísticos, próprios da língua estudada. []-transcrição fonética. | |transcrição fonêmica.

[b][d][f][l][m][n][p][r][t][v] equivalentes aos símbolos do "International Phonetic Alphabet".

[a] = vogal central baixa aberta, átona. Ex.: padeiro (Port.) [padéiro]

[ã] = vogal central baixa aberta tônica. Ex.: pã (Port.) [pã]

[á] = som intermediário entre [a] e [ê] Ex.: stand (Ingl.) [stánd]

[ã] = som reduzido intermediário entre [a] e [e] Ex.: lua (Port.) [lũa]

[č] = africada palatal suave, surdo. Ex.: church (Ingl.) [čé'čv]

[e] = som fechado átono. Ex.: escola (Port.) [eskòla]

[é] = som fechado tônico. Ex.: estrela (Port.) [estréla]

[e] = som aberto átono. Ex.: perdigiorno (It.) [perdigórno]

[ê] = som aberto tônico. Ex.: metro (Port.) [mêtro]

[g] = g (h) oclusivo velar, sonoro tenso. Ex.: ghirigoro (It.) [girigoro]

[g] = h (i) oclusivo palatal suave. Ex.: Giorgia (Ingl.) [górja]

[i] = som átono. Ex.: lápis (Port.) [lâpis]

[i] = som tônico. Ex.: mínimo (Port.) e (It.) [mínimo]

- [j] = som reduzido. Ex.: praia (Port.) [prãja]
- [ʃ] = som frontal, fricativa, pós-alveolar. Ex.: cortar (It.) [taʃar]
- [k] = oclusivo velar surdo tenso. Ex.: quatre (Fr.) [katr]
- [lʲ] = gl(i) lateral alveolar suave. Ex.: giglio (It.) [gijʲo]
- [ɲ] = sonante dental anterior ao [n] alveolar (variante de [n]) Ex.: caldeira (Port.) [brondijɲ]
- [ɲ̄] = sonante pós alveolar. (variante de [n] alveolar) Ex.: nadar (Port.) [ɲar]
- [ɲ̄] = sonante palatal. Ex.: Espanha (It.) [espaɲa]
- [o] = som fechado átono. Ex.: livro (Port.) [lĩvro]
- [õ] = som fechado tônico. Ex.: flor (Port.) [flõr]
- [ɔ] = som aberto átono. Ex.: mollemente (It.) [mɔllemẽte]
- [õ] = som aberto tônico. Ex.: porta (Port.) [põrta]
- [s] = fricativo surdo áspero. Ex.: sorso (It.) [sõrso]
- [S] = fricativo sonoro suave. Ex.: viso (It.) [viSo]
- [ʃ] = sc(i) fricativo surdo, suave (Ex.: flash (Ingl.) [flãʃ])
- [th] = ápico dental aspirado. Ex.: azul (Esp.) [athũl]
- [u] = som átono. Ex.: cultura (Port.) [kultura]
- [ũ] = som tônico Ex.: música (Port.) [mũzika]
- [u] = som reduzido. Ex.: céu (Port.) [sẽu]
- [y] = som intermediário entre [i] e [u] Ex.: buffet (Fr.) [bũfẽ]
- [z] = fricativo sonoro, áspero. Ex.: azul (Port.) [azũl]
- [ʒ] = fricativo surdo suave. Ex.: azzurro (It.) [azzũrro]

R E S U M O

Este estudo de Sociolinguística pretende registrar um dialeto falado na região do Meio-oeste catarinense.

Para se compreender os motivos da presença, aqui, desta língua como materna e justificar-lhe a existência, reportou-se, ao passado histórico e cultural, mais remoto possível, prescrutando os linguajares das pessoas que por aqui estiveram.

Constatou-se, então, que outros povos com línguas e culturas diferentes habitaram estas regiões, antes das pessoas que atualmente vivem aqui, as quais têm o italiano como língua materna.

Essas terras foram disputadas entre tribos indígenas.

Elas pertenceram primeiro à Espanha e deram mais tarde motivos para controvérsias entre o Brasil e a Argentina.

Permaneceram abandonadas como "terras de ninguém", por algum tempo.

Houve uma guerra chamada "Guerra do Contestado", que ocorreu na época da construção da estrada de ferro Paraná-Santa Catarina.

Companhias colonizadoras dividiram as terras em pequenas colônias e venderam-nas aos migrantes descendentes de imigrantes italianos.

Esses são os fatores responsáveis pela existência de uma cultura e de uma língua da Itália em Santa Catarina. A língua é aqui estudada através da fonologia com bases nos usos, costumes, filosofia de vida deste povo, enfim todo um contexto cultural sociolinguístico.

Conclui-se que o "Veneto" é o dialeto falado nesta região apesar desse povo conhecer e às vezes usar palavras de alguns outros dialetos falados na Itália.

"ABSTRACT"

This sociolinguistic study intends to give an account of a dialect spoken in the Middle-west of Santa Catarina.

In order to understand the reasons for the presence of this language, which prevails as a mother tongue, and to justify its existence, we will turn backwards to carry out a historical and cultural study from the remotest past to the present, scrutinizing the speeches of the people who lived here.

To have realized that other peoples with different languages and cultures had lived in these regions before the people who inhabit it at present and who speak Italian as their mother tongue.

These lands were disputed among Indian tribes.

They at first belonged to Spain and later were the focus of controversy between Brasil and Argentina.

They were abandoned as "Nobody's Land" for some time.

There was a war, called "Guerra do Contestado", which took place at the time of the construction of the railway from Paraná to Santa Catarina.

Colonization companies divided the lands and sold them to the migrantes, descendants of Italian Immigrants.

These were factors which account for the existence of an Italian language and culture studied here, through phonology in these people's uses, customs, philosophy of life; in short the whole cultural context of Sociolinguistics.

To have concluded that "Venetian" is the dialect spoken in these regions in spite of these people knowing and some time use words of some others dialects spoken in Italy.

R É S U M É

Cette étude de Sociolinguisti se propose de rendre compte d'un dialecte italien parlé à la région du demi-ouest de l'état de Santa Catarina.

Pour comprendre les raisons de la présence, ici de l'italien langu maternelle et pour justifier son existence, nous avons remonté à son passé historique e culturel, dans cette région.

Nous avons constaté, alors, que d'autres peuples à langues et cultures différentes ont choisi cette region pour habiter, auparavant, devançant ces gens qui vivent artuellement ici, parlant l'italien comme langu maternelle.

Ces terres ont été disputé par des tribus indigènes. Après elles appartenaicut d'abord à l'Espagne et sont devenues objet de dispute entre le Brésil et l'Argentine.

Elles ont été abandonées pendant quelque temps, comme des "Terres de Personne".

Il y a eut une guerre, la "Guerre du Contsté", qui a eut lieu à l'époque de la construction du chemin de fer Paraná-Santa Catarina.

Des compagnies colonisatrices ont divisé les terres en de petites colonies et les ont vendues aux descendents d'imigrants italiens.

Ceux-ci sont les facteurs responsables de l'existence d'une culture et d'une langu de l'Italie à la region du demi-ouest de l'état de Santa Catarina.

La langu est étudiée ici au niveau de la Phonologie à travers l'étude des usages, et la philosophie de vie de ce peuple, en résumé, à travers tout le contexte culturel sociolinguistique.

Nous avons conclu que le "Vénétien" est le dialect parlé dans cette région, quoique le peuple connaisse e parfois emploie des mots d'autres dialectes parlés en Italie.

RIASSUNTO

Il presente studio Sociolinguistico ha lo scopo di porre in evidenza un dialetto che ancora si parla nella regione del "Meio-oeste Catarinense", in Brasile.

A ben comprendere, qui, le cause della presenza di questo dialetto quale lingua materna e giustificare l'esistenza, rimontiamo al passato storico e culturale, il più remoto possibile, osservando la maniera di esprimersi delle persone che qui abitano.

Se a constato, tuttavia, che altri popoli di lingua e cultura differenti ebbero dimora in questa regione prima delle persone che attualmente qui vivono e che usano un dialetto italiano quale lingua materna.

Queste terre furono disputate fra tribù indigene; appartennero, poi, alla Spagna, e diedero, in seguito motivo e controversie fra il Brasile e l'Argentina.

Rimasero, quindi, per alcun tempo, come "terra di nessuno".

Vi fu una contesa chiamata "guerra do contestado", combattuta durante la costruzione della strada di ferro Parná-Santa Catarina.

Compagnie colonizzatrici divisero la regione in piccole colonie e le vendettero agli emigranti di origine italiana.

Tali fattori concorsero all'esistenza di una cultura e di un dialetto italiano in questa regione.

Là lingua è qui studiata attraverso la fonologia basata su gli usi, i costumi, la filosofia di vita di questo popolo; in una parola, l'ulteriore contesto culturale sociolinguistico.

Se a arrivati alla conclusione che il "Veneto" è il dialetto parlato in questa regione, sebbene questo popolo conosca e, a volte, usi parole di qualche altro dialetto italiano o, addirittura, perfettamente italiane.

I N T R O D U Ç Ã O

1 - O TÍTULO desta tese tem uma conotação exclusivamente lingüística.

2 - Esse trabalho justifica-se na opinião de renomados lingüistas e sociolingüistas como Blomfield (1950), quando diz: "Todo mecanismo da sociedade humana é devido à linguagem".

Parece evidente que o inverso é válido, se basear em Dino Preti (1974;p.10) e Bernardo Pottier (1970;p.3) quando dizem que o estudo da mensagem lingüística tem ligação com o conjunto de circunstâncias da comunicação entre as quais a das relações língua/cultura, língua/pensamento/realidade.

O Meio-oeste do Estado de Santa Catarina, pela sua situação geográfica, tornou-se um ambívio, trilhado por viajantes, de norte a sul e do litoral ao oeste, em direção à Argentina e Paraguai, ou vice-versa. Este fator deveria ocasionar um intercâmbio lingüístico, onde a comunicação se fundiria, numa assimilação e enriquecimento de múltiplos traços culturais, mas isso não aconteceu.

Fala-se aqui em riqueza de cultura pela conservação e expansão de um todo baseado na língua conforme Gleason (1961;p.v) quando afirma: "A língua é uma das formas mais importantes e característica do comportamento humano."

"Language is one of the most important and characteristics forms of human behavior".

As antologias: Herbert Landar (1965) Brigit, Willian (1965) e (1971) Joshua Fishman (1968) e os manuais J.O.Hertzler (1965), A.Capelli(1966) de Sociolingüística, refletem a amplitude do campo de estudo desta ciência, abrindo, sob seu rótulo, todos os estudos em que o lingüístico e social estão de alguma forma correlacionados. Sobre este assunto Vandresen (1975) diz que algumas causas evidentes do súbito e extraordinário florescimento da Sociolin

glística, em nossos dias são:

"A preocupação com as minorias étnicas, particularmente em países de ampla imigração estrangeira..." "A preocupação de integrar as minorias lingüísticas rompendo barreiras de ambos os lados, desenvolvendo pesquisas de grande alcance teórico e metodológico".

Para reforçar a necessidade de associar a lingüística a outras ciências como a Sociologia, Vandresen (1975) cita Joshua A. Fishman(1968):

"... a sociologia da linguagem focaliza toda a gama de tópicos relacionados com a organização social do comportamento lingüístico e comportamentos manifestos à língua e aos seus usuários".

E acrescenta:

"As tarefas da Sociolingüística no Brasil são muitas e urgentes".

Pode-se também aprofundar no estudo da personalidade, sociedade e cultura, infiltrando-se no campo da Psicologia, Sociologia e Antropologia, através do estudo lingüístico, como afirma Gleason (1961):

"As ciências sociais ao desenvolverem-se, têm encontrado problemas de língua dentro do seu domínio. A Psicologia, a Sociologia e a Antropologia têm investigado a língua como um tipo de atividade humana e como um sistema de interação com a personalidade, sociedade ou cultura".

Parece que a recíproca é muito válida e importante. Foi por isso que se preocupou a fazer um estudo Sociolingüístico, aprofundou-se, o quanto possível, desde as mais remotas origens históricas. O estudo Etnológico e Etnográfico, foi feito rapidamente, só para embasamento dos fatos. Outrossim, procurou-se descobrir fatores geográficos e geopolíticos que ajudassem a explicar a atual realidade lingüística.

Orientou-se também por Perini (1976;p.15) quando afirma: "... linguagem é com certeza o mais importante, o mais onipresente dos fenômenos sociais - é um pré-requisito para a própria existência das sociedades humanas".

Foi então, que surgiu, além da fonologia, um substrato filosófico de vida prática deste povo, nos provérbios, usos e costumes; na onomasiologia, nomenclatura e técnicas de trabalho; enfim, algo do seu tipo de vida num "modus vivendi". Todavia, tornou-se necessário localizar tal povo, com sua cultura, no TEMPO e no ESPAÇO. Daí a importância, que nos pareceu imprescindível, de alguns fatos históricos e da situação geográfica, não só atuais mas através dos tempos, bem como a geopolítica com suas circunstâncias históricas, que além de ser a causa da localização desses elementos, nestas regiões, o foi da conservação de seus traços culturais.

3 - Propôs-se então, o objetivo de pesquisar a língua (ou línguas) existentes nesta região, através dos usos de comunicação vocal humana, e classificar o dialeto predominante (no caso dos italianos).

Descobrir qual é a língua materna pode-se evidenciar as causas que dificultam a aprendizagem da língua vernácula, principalmente nas escolas.

Causará satisfação se este trabalho contribuir para a compreensão das gerações futuras, principalmente as que frequentam bancos escolares, em seus problemas e dificuldades de expressão; quer fonológica ou morfo-sintática; uma vez que para planejar e tentar solucionar, combater e superar tais incógnitas, deve-se primeiramente conhecer-lhes a origem.

Evidenciando o primeiro objetivo, deseja-se:

3.1 - Incentivar o estudo da língua materna, nos descendentes de italianos* como um meio de os introduzir na milenar cultura italiana e desfrutar daquela civilização.

3.2 - Valorizar a língua e cultura que os antepassados legaram.

3.3 - Solicitar, a quem de direito, para que sejam incrementadas as iniciativas, (nas escolas) salvaguardando tal patrimônio cultural.

4 - Metodologicamente, iniciou-se esse trabalho com um levantamento estatístico (cujo modelo de formulário consta do anexo Nº 03).

Com surpresa verificou-se um elevado índice percentual de famílias que falam, como língua materna, um dialeto italiano.

Tal questionário conseguiu demonstrar também que as pessoas de diferentes origens lingüísticas agrupam-se mais ou menos em localidades diferentes. Constatou-se então uma vasta região territorial onde a percentagem de dialetos italianos era maior e ali resolveu-se concentrar esse estudo.

Histórica e geograficamente pesquisou-se em círculos concêntricos, partindo de uma vasta extensão, desde o litoral do Estado de Santa Catarina até às terras conhecidas, na época, como pertencentes ao Paraguai e à Argentina. É evidente que abrangeram terras e história do Paraná e Rio Grande do Sul.

Partindo de uma visão mais superficial e rápida, os círculos maiores referem-se a tempos remotos. Assim sucessivamente foi-se estreitando a amplitude da nossa visão histórica, geopolítica e geográfica na medida em que se atualizou essa pesquisa.

Quando o círculo dessa pesquisa se restringiu ao Meio-oeste Catarinense, concentrou-se na zona rural do município de Joaçaba.

Enquanto se fez o levantamento do "Corpus" e elaborou-se esta tese procurou-se respostas para o seguinte questionário:

4.1 - De onde teriam vindo estas pessoas e há quanto tempo aqui se instalaram?

4.2 - Qual seria o motivo que as trouxe para esta região e como vieram?

4.3 - Houve outros povos, falando outras línguas, e possuindo outra cultura, que habitaram anteriormente esta região?

4.4 - Se houve outros povos e outras culturas por aqui, por que se evadiram?

4.5 - Até que ponto a língua e cultura dos atuais migrantes tende a permanecer ou a se extinguir?

4.6 - A língua que falam é dialeto puro (qual deles?) ou será "koinê"?

Embora o estudo histórico e geográfico mais remoto tenha sido quase que eminentemente bibliográfico, a história atual foi baseada em entrevistas pessoais.

Consultou-se muitas pessoas, arquivos de cartórios e prefeituras de vários municípios, bem como arquivos paroquiais.

O questionário supracitado surgiu natural e espontaneamente.

As respostas a ele, não seguiram a ordem das perguntas, mas procurou-se seguir uma seqüência cronológica quer por assunto ou capítulo.

Vislumbrou-se os primeiros seres humanos, que por aqui passaram, ora num plano geral, mais amplo e complexo, ora num plano de conjunto, onde as personagens se delineiam e são reconhecidas, ora em "close" com aspectos lingüísticos de classificação ou denominação tribal.

Para seguir o desenvolvimento cronológico, apresentou-se "legais proprietários" num estudo histórico e geopolítico, seguindo-se a localização dos primeiros homens não nativos os quais foram envolvidos pelos "fatores do contestato" e fizeram "a guerra".

Como a planta que brota da semente morta a localização de imigrantes surgiu com a evasão dos nativos e nacionais não nativos.

Constatada a presença do elemento lingüisticamente italiano fez-se o estudo lingüístico, não, porém, antes de localizá-lo através de mapas, que numa seqüência evolutiva confirmam a História.

Teve-se a preocupação constante de transcrever a fala cotidiana das pessoas, na sua vida simples e espontânea, através da onomasiologia instrumental de trabalho, na comunicação oral pela maneira de agir e até pela filosofia de vida ou maneira de alegrar-se em canções.

Comparou-se cada palavra expressa, com a fonética e semântica de vários dicionários de dialetologia italiana, principalmente com o "Dizionario D'ortografia e di Pronunzia, de Piero Fiorelli e Bruno Migliorini"(1969).

Pela diferença dos signos lingüísticos, levantados da semântica local, classificou-se as palavras de cada dialeto descobrindo uma predominância consistente do Vêneto.

Constatando que não há "koinê" e sim um dialeto, resolveu-se a analisá-lo fonética e fonemicamente.

Para formular as hipóteses e conclusões, no estudo fonológico, seguiu-se passo a passo as "Premissas de Pike" (Phonemics, p.58-62).

T E M P O

1. - OS HOMENS FAZEM HISTÓRIA

1.1 - O ELEMENTO INDÍGENA

1.2 - LEGAIS PROPRIETÁRIOS

1.3 - OS PRIMEIROS HOMENS NÃO NATIVOS

1.4 - FATORES DO CONTESTADO

1.5 - A GUERRA

1.6 - UMA TESTEMUNHA CATARINENSE

1.7 - LOCALIDADES QUE INTEGRAM O MUNICÍPIO DE JOAÇABA

1.8 - NOVA PETRÓPOLIS

T E M P O

1. - OS HOMENS FAZEM HISTÓRIA

1.1 - O ELEMENTO INDÍGENA

Ehlke (1973;p.36) fala de muitas tribos que, em tempos remotos habitavam o planalto catarinense, tais como: gualacho, guaãna ou guaianã, os guanaõ e os iratum, iraitin ou itatine. Estas denominações, ele as tirou do mapa "Paraquiariae vulgo Paraguai cum adjacentibus", o primeiro, elaborado pelos missionários Jesuítas espanhóis, de 1646 a 1649.

Os guaianã (*) seriam os atuais Kaingang, esclarece Romário Martins (1940;p.29), acrescentando que eram também chamados de "Coroados" porque usavam um casquete de cera na cabeça. "Eram em grande número".

Sílvio Coelho dos Santos (1974;p.26) nos diz que no interior do Estado de Santa Catarina havia tribos, como os Xokleng e Kaingang, ocupando florestas e áreas de campos. Quando se refere às populações do litoral que eram os Carijó (na p.108), ele afirma:

"Os Kaingang eram habitantes dos Campos de Palmas".

Maurício Vinhas de Queiroz (1966;p.10), fazendo a mesma referência grafa os Xokleng com "Cr":

"Nessas terras viviam os Kaingang, que cultivavam o milho e preferiam levantar aldeias nos campos abertos, e os Xocrem (sic) os quais falavam uma língua pertencem ao mesmo tronco, mas desconheciam o cultivo da terra, e, praticando a coleta e a caça, percorriam em constantes correrias o âmago das florestas de araucárias, que lhes serviam de refúgio e abrigo. Cruzavam esta vastidão, caminhos hoje mal conhecidos, mas seguramente pré-

(*) - A grafia das denominações tribais será feita no singular (ex.: os guarani) de acordo com a Convenção Lingüística de Antropologia realizada em Curitiba em 1959 em função da Associação Brasileira de Antropologia, como diz Sílvio Coelho e Schaden na Revista de Antropologia Nº 1(1959).

cabralinos, abertos ao que parece pelos Guarani ou Carijós".

E Santos (1974) acrescenta que é provável que estes primeiros povoadores tenham entrado no território de Santa Catarina, pelo rio Uruguai, afluente do Paraná. Diz que isso é o que se pode deduzir das pesquisas arqueológicas que vêm sendo desenvolvidas no Estado. "Nas margens daquele rio, encontram-se vestígios de ocupação que foram datadas como tendo cerca de 8.000 anos". Santos diz ainda que a diferença que se pode fazer entre os indígenas é quanto aos grupos a que se filiam. Kaingang e Xokleng pertencem ao tronco Já. Esses são os grupos que foram conhecidos pelos europeus e por isso é possível se falar de diferenças culturais entre eles. Os Carijós eram Tupi-Guaraní; sedentários, praticavam a agricultura e a pesca. Os Kaingang viviam no planalto, habituados à economia do pinhão, é uma agricultura muito rudimentar, completada pela caça. Eram semi-nômades, ou seja, faziam um acampamento e nele viviam uma parte do ano; na outra parte, viviam como nômades, caçando e coletando frutos, raízes e mel. Os Xokleng, por sua vez, eram nômades, sua área de ocupação eram as florestas que ficam no planalto ou litoral.

Pe. João Alfredo Rohr (1950) diz que o interior do Estado era habitado pelos Tapuias ou Gás (sic), que tinham sido expulsos do litoral pelos Guarani, povo este classificado como "guerreiro e feroz".

Se o Já foram expulsos do litoral, são podiam voltar para o interior, provavelmente pelos mesmos caminhos onde os Guarani estiveram, uma vez que vindos do Paraguai já haviam habitado nestas serras e planaltos. Isso revelam vários antropólogos como Nimundaj In HANDBOOK (redação de Steward 1948), e Egon Schaden (1960), quando afirma que os Guarani formavam correntes migratórias provenientes do oeste, (Paraguai), as quais vêm se sucedendo desde o primeiro quartel do século passado. O motivo das jornadas é o "yuyop", o fim do mundo, profetizado pelos médicos-feiticeiros. Nimundaj indica, entre os grupos que chegaram ao litoral, a horda dos Taigu em 1820, e dos Oguahuva em 1820, e dos Apapocuva em 1870.

Referindo-se as passagens do Oeste à Leste, do índios que emigravam do Paraguai, Santos (1974) fala como tudo indica que os Carijó tinham chegado a essa região (litoral catarinense) vindos da área do atual Paraguai. E como eles dominavam a agricultura, conheciam o fabrico da cerâmica, dominaram e expulsaram outros grupos.

Há mais de um século, fundou-se um grande aldeamento em Itaporanga, perto de Itararé, em terras que parecem ter sido doadas pelo Barão de Antonina. E, 1910 havia uns 500 Guaraní, que depois se dispersaram todos ou quase todos, por motivos de espoliação. É provável que alguns desses elementos tenham estabelecido aqui na nossa região. As migrações mais recentes foram as de algumas levas de Mbuá do leste paraguaio e nordeste argentino que, atravessando o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, chegaram até o litoral de São Paulo. Isso fala Egon Schaden (1954), acrescentando que não se pode afirmar que esteja encerrado definitivamente o ciclo das migrações Guaraní em direção ao litoral. Até atualmente pode-se constatar que periodicamente algumas famílias desses índios migram em direção ao litoral. Em meados de 1947 Schaden encontrou no oeste catarinense, na região de Chapecó, várias famílias Mbuá, que manifestavam a intenção de vir até o litoral a fim de se reunirem a seus parentes e amigos. Haviam realizado parte da viagem e estavam à espera da ordem divina para levá-la a cabo.

Os Guaraní do Brasil Meridional podem ser divididos em três grandes grupos: Os Nandéva, aos quais pertencem os Apapokuva, os Mbuá e os Kayová, estes últimos em face de estranhos não usavam a denominação Guaraní. Esta divisão em subgrupos se faz pelas diferenças sobretudo linguísticas. Nandéva quer dizer "os que somos nós", é autodenominação de todos os Guaraní. É a única autodenominação usada pelas comunidades que falam o dialeto registrado por Nimuendajú (1948). Estes índios são também chamados Apapokúva. Eles gostam de usar expressões como "ñandécaekêre" que quer dizer: nossa gente, e "ñandéva eté": É mesmo que nossa gente ou [txénandéva eté] : "eu sou mesmo

guaraní, um dos nossos". "Mbuá" que significa: "gente", é a autodenominação mais usada pelos Guaraní conhecidos na bibliografia como Kinguá, Kainá e a que os Nandéva chamam: "Tambéopé": Chiripá largo, ou "txeirū". "Ñaneirū": "meus ou nossos amigos, são conhecidos também de "Auteré" ou "Apyyteré". Entre os paraguaios são conhecidos por Baticolas ou Avãhuguai: "homene de cauda". Os índios kayová são conhecidos como Teúi e Tembekuá. Eles chamam "Teũ" Teúi todos os índios de qualquer tribo naturais da terra. "Tembekuá" não é autodenominação, mas os Nandéva denominam os kayová de Tembekuá. Aos subgrupos de Kayová chamados Kuaraputé, das margens do rio Paranã, os paraguaios a pelidaram de Txiripá. Egon Schaden (1954) na p.10 afirma:

"Quanto às designações correntes para as inúmeras hordas encontradas na bibliografia, a confusão é tal que toda tentativa de estabelecer ordem é condenada, desde logo, a resultados insatisfatórios".

Os Guaraní constituem uma unidade apenas no sentido de "tribo-nação" e não como "tribo-estado" segundo a terminologia de Malinowski.

Maurício V. de Queiroz (1966) faz uma afirmação igual a de Santos (1974;p.85) dizendo que quando chegaram os colonizadores das companhias, imaginava-se que a simples presença dos brancos haveria de assustar o índio, de maneira que ele haveria de fugir para o mais distante sertão. Mas este sertão estava cercado de civilização. Os indígenas ocupavam esta mesma terra e dela dependiam para sustentar a si e suas famílias. Nos primeiros anos da colonização, os atritos entre índios e brancos tiveram como razão imediata o medo e o desconhecimento que uma população tinha sobre a outra. Os índios, naturalmente, tiveram curiosidade em conhecer aquela gente estranha que chegava no interior da floresta, derrubava a mata e trabalhava duro para semear as primeiras roças. Algumas vezes chegaram a se aproximar do branco, mostrando-se a ele. Os imigrantes, entretanto, não estavam dispostos a tal tipo de contato. Para eles a floresta já representava mil problemas a

vencer, e a existência de índios só podia significar perigo e insegurança. Daí a utilização de armas de fogo para afugentar os índios, dentro de um quadro em que o índio aparecia como um selvagem em quem não se podia confiar. Todavia esses ataques de extermínio dos índios são contados por Maurício V. de Queiroz como posteriores às grandes companhias colonizadoras que invadiram as matas para derrubá-las em grande escala pelos modernos maquinários que possuíam; enquanto que os primeiros posseiros, também expulsos de suas propriedades, pelas mesmas companhias, eram mais amigos dos índios e a eles se adaptaram.

Perseguidos e vendo suas selvas naturais serem derrubadas, os índios passaram a assaltar as roças dos colonos e a matar seu gado. Os atritos aumentaram e as companhias de colonização passaram a exigir garantias de vida e propriedades ao governo. Como não havia solução a vista, passou-se a utilizar bugreiros para liquidar os indígenas.

Cyro Ehlke (1973;p.38) cita Vitor A. Peluso Jr. dizendo que "os bugreiros", na calada da noite penetravam a floresta em bandos armados, a surpreender os aldeamentos indígenas. "O sangue corria abundante porque a destruição era o objetivo único destas entradas". Entre muitas afirmações, cita, sobre a existência dos bugreiros, o Museu Particular "Thiago de Castro", em Lages, onde existe uma fotografia histórica dos mesmos.

Esse problema foi superado bem depois de 1910, data em que o governo federal criou o Serviço de Proteção aos Índios (S.P.I.). Atualmente encontra-se nesta região filhos e netos de índios dispersos, não só servindo de peões e integrando a sociedade rural, mas em alguns casos constituindo socialmente uma classe meio marginalizada, classificados como: "bugres".

1.2 - LEGAIS PROPRIETÁRIOS

Depois dos índios, os primeiros donos legais dessas terras fo

ram os espanhóis. Com as explorações marítimas do século XV formou-se a hipótese de que a terra era redonda. Logo após Cristóvão Colombo haver descoberto a América, os reis da Espanha trataram de obter do Papa Alexandre VI uma Bula que reconhecesse os direitos da coroa espanhola sobre as terras recém descobertas. Na época, o Papa possuía o poder de decidir as contendas das Nações. Foram expedidas duas Bulas, uma a 4 de maio de 1493 e outra em 26 de setembro, e a ambas Portugal reagiu não as aceitando. Depois Portugal e Espanha resolveram acertar diretamente suas divergências diplomáticas. Foi em Portugal, na localidade de Tordesilhas é que as autoridades dos dois países, depois de várias conferências, imaginaram "dividir o mundo", que estava para ser descoberto, entre si. As terras para o ocidente pertenciam à Espanha, e as do oriente seriam de Portugal; a partir de uma linha divisória do polo Antártico ao Ártico. Esta linha passava a 370 léguas do oeste do arquipélago do Cabo Verde. Tal acordo foi assinado em junho de 1494. Entretanto, como as partes contratantes não fixaram de qual das ilhas do Cabo Verde se contaria a medição e como não se explicara a medida exata do que era légua (pois a légua terrestre mede 6.000m., enquanto que as léguas marítimas equivalem a 5.556 metros), sempre houve divergências quanto aos pontos efetivos da passagem do meridiano. Provavelmente esta linha deveria passar na direção da atual cidade de Belém do Pará até Laguna, S.C.. Ficariam pois, todas as terras do Meio-oeste e Extremo-oeste, do atual Estado de Santa Catarina, pertencentes à Espanha.

Os escritores de História do Brasil falam que quando em 1534; o Brasil foi dividido em 15 lotes abrangendo 14 Capitânicas, distribuídas em 12 cidadãos chamados donatários e com o título honorífico de Capitão-Mor Grande parte do atual Estado de Santa Catarina coube a Pero Lopes, com o título de "Terra de Sant'Ana". Tinha ela 40 léguas, desde o limite da capitania de Martim Afonso (Barão de Paranaguá, ilha de Mel), até 28 graus e um terço para o sul, mais ou menos à altura de Laguna, com a profundidade que pudesse

conquistar. Isso comprova que Portugal calculava até aí em Laguna seu direito de terras, pelo Tratado de Tordesilhas. Coube ainda à Pero Lopes de Sousa 10 léguas no litoral Paulista, Santo Amaro e 30 léguas no norte do país - A Capitania de Itamaracá. (Cf. mapa, p.81)

Oswaldo Cabral (1970) diz:

'Nas terras de Sant'Ana, maior quinhão dos três que couberam a Pero Lopes de Souza, situa-se aproximadamente a metade da costa do atual Estado do Paraná, e dois terços do Estado de Santa Catarina, com a profundidade que pudessem alcançar em linhas a costa perpendiculares''.

O ajuste pacífico do Tratado de Tordesilhas em 1494 acalmou os ânimos de desentendimento entre os dois países europeus que disputavam as terras de aquém mar, cujos pontos de letígio iam às portas da guerra. Estas divisões foram tão vagas que tiveram como conseqüências inseguranças e discórdias as quais refletiram na posteridade por várias centenas de anos. Tal insegurança causou novos letígios, acrescidos pelas divisões de lotes brasileiros e pela disputa destas terras entre o Paraná e Santa Catarina.

Pero Lopes de Sousa morreu em 1539 num naufrágio quando ia à Portugal. Seu irmão Martim Afonso, donatário das terras vizinhas, com licença do rei, regressou à Portugal em 1533 não voltando ao Brasil. Faleceu em 1571 ou 72 como Capitão-Mor da Índia. As terras de ambos foram abandonadas pelos donatários, em mãos de seus representantes e procuradores. As terras de Pero Lopes; S. Amaro e Sant'Ana, não tinham sinal de fundação que lhes servisse de Capital ou sede de seus interesses. De sucessão em sucessão, de herdeiro em herdeiro, caíram às mãos de D. Lopo de Sousa, que já era donatário, também por herança, da Capitania de S. Vicente. Com a criação da Capitania de S. Paulo, em 1709, Santa Catarina que até então estava sob a jurisdição direta da Capitania do Rio de Janeiro passou a pertencer ao novo governo. Foi assim que, nos primórdios do século XVII, as terras catarinenses passaram a pertencer à S. Vicente e S. Paulo. Dependência essa que influenciou na vida do futuro povo desta região. Havendo uma demanda destas heranças,

até o século XVII, a Coroa portuguesa comprou-as do Marquês de Cascaes a 19 de setembro de 1711 (Santo Amaro, Sant'Ana e a Capitania de São Vicente) por 44 mil cruzados.

O litoral recebeu apreciável número de emigrantes, como veremos a seguir, mas o planalto catarinense antigo "Sertão de Coritiba" como escreve Ehlke (1973;p.33), "até 1966 - ano da fundação de Lages, permaneceu oficialmente despovoado". Diz mais, que o planalto não era citado nos documentos antigos, em toda a sua real vastidão, nem poderia sê-lo, pois estas terras eram desconhecidas e ignoradas pelas autoridades portuguesas. As citações limitavam-se desde o litoral às escarpas das serras do Mar e Geral.

Rohr (1950;p.554) documenta cartas do Marquês do Lavradio (Vei ga Cabral) novo governador da capitania de 1778 sobre a instalação de imigrantes:

"a desordem com que foram feitos os estabelecimentos dessa capitania, o repreensível descuido de todos os governantes que ela tem tido e o miserável estado a que se acha reduzido por falta de povoadores, de comércio e de todas as mais providências que poderia fazê-la útil aos habitantes, ao Rei e ao Estado".

Em 4 de dezembro de 1778 outra carta do Marquês do Lavradio diz:

"Nessa Capitania nunca os governadores consideraram que deviam repartir terras e estabelecer famílias, unicamente na ilha, não fazendo caso nenhum da terra firme, sendo ela quanto a mim a mais importante".

A Espanha estava voltada para a exploração do rio da Prata, especialmente devido ao interesse em submeter toda a área de influência do Peru. (Comenta Santos 1974,p.38). O Rio da Prata era a estrada natural de acesso ao coração da América do Sul e aos espanhóis tal via logo se apresentou estratégica. Os interesses espanhóis no Pacífico, também aconselhavam a fixação de bases no Atlântico Sul. A ilha de Santa Catarina e o Rio da Prata foram eleitos como os pontos mais estratégicos, para apoiar toda a movimentação de navios que se destinavam ao Pacífico pelo Estreito de Magalhães, que pelo Rio da Prata, pretendiam alcançar o Paraguai, a Bolívia e o Peru. Tam-

bém não passou despercebido aos espanhóis que Portugal, poderia vir a abrir caminho para conquistar o Perú, através da bacia Platina.

As expedições realizadas pelos portugueses ao Rio da Prata e, depois todo o esforço lusitano para fixar uma base de operações numa das margens desse rio, indicam que os portugueses possuíam objetivos definidos de conquista. Evidentemente, essa conquista não era de terras, no sentido de terras a serem utilizadas como campo de gado ou para agricultura. Na época, a terra em si tinha pouco ou nenhum valor. O que importava, efetivamente, era a conquista de riquezas representadas por ouro, prata e pedrarias.

Toda a área compreendia entre o litoral e o planalto, da altura de Curitiba até as proximidades de Porto Alegre, era coberta por florestas. Até se iniciarem as derrubadas das colonizações, em 1824, essa área era raramente visitada pelo branco.

Esta vastidão era cruzada por caminho os quais mais tarde foram utilizados pelos primeiros colonos. Esses caminhos pré-colombianos foram abertos pelos Guaraní ou Carijó

"Por uma destas picadas, desde a primeira metade do século XVI, transitavam europeus entre o litoral de Santa Catarina e o remoto interior do Paraguai. Assim viajaram Alvar Nuñez Cabeza de Vaca e o seu sequito seguiram por terra até Assumpção." (sic)

Diz Maurício V. de Queiroz (1966; p.10), e acrescenta:

"Cabeza de Vaca e sua comitiva galgaram a serra pelo vale de Itapocu ao sul da barra do São Francisco... eram guiados por alguns "Práticos" que levaram do litoral. Já no Mondaí, encontrou-se com um índio brasileiro, Miguel Cristão, que vinha de Assumpção (sic), e contratou-o como guia para o resto da viagem. Havia desta forma, numerosas pessoas que conheciam bem os tais caminhos."

Refere-se a esta expedição ao norte de Santa Catarina., por D. Alvar Nuñez Cabeça de Vaca, Cyro Ehlke (1973;p.51) e de outra expedição de Dom Diogo de Sanábria, por volta de 1553 a 1555, acrescentando que D. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca teria tomado posse dessas terras em nome da Espanha, em 1541, batizando a parte planaltina que partilhou, com o nome de Província

de Vera. Afirmativa essa feita por P. Pedro J. Guevara in 'História de la Província del Paraguay' (p. 174). Diz mais que os bandeirantes portugueses ou paulistas: Raposo Tavares e Manuel Preto atravessaram muitas vezes esta região mas só de 1628 a 1630, seguidos por muitos outros bandeirantes.

Os bandeirantes paulistas seguiram por outras sendas indígenas, de norte a sul, após destruídas as reduções jesuíticas do Guaíra. Eles almejavam assaltar os novos aldeamentos erguidos sob a Ordem de Jesus no Rio Grande do Sul, então denominada a "Terra do Tape". Passavam também muitas vezes, quer derrotados dos combates, quer vitoriosos, a tocar milhares de índios seguros à corda. Segundo Varnhagem (1877;p.12), baseado num "velho roteiros paulista", os bandeirantes deveriam atravessar, nestas suas viagens, a área que mais tarde seria denominada Campos de Palmas, e fala de um morro ou serra de Bituruna "que vai afocinhar o Uruguai". Já Rio Branco (1945; p. 13) lembra que os bandeirantes, desde aquela época, designavam por "Ibituruna" todo o território entre o Iguazu e o Uruguai, onde viviam os Kaingang, inimigos dos Guaraní, que não permitiam que estes nem os jesuítas se aproximassem, mas deixavam o caminho franco aos paulistas, e até os auxiliavam em seus ataques às Missões. Não cita, entretanto, as fontes em que se baseou. Seja como fôr, no que se refere a estas incursões bandeirantes, é certo que atravessaram a área, mas é difícil estabelecer por onde: "não se conhece até hoje, com certa precisão, os caminhos percorridos por êstes atrevidos aventureiros" ... João Borges Fortes (1942).

Antes destas terras serem vendidas à coroa portuguesa, pelo herdeiro Marquês de Cascaes, governador de São Paulo, elas já se estendiam até o rio Uruguai, na divisa com o Rio Grande do Sul. Fundada a vila de Lages por Corrêa Pinto, a mando do mesmo Marquês de Cascaes, conforme Santos (1974;p. 95), que houve reclamação por parte do governo do Rio Grande, sob a alegação de que o território paulista não atingia o local da vila de Lages. D. João VI, determinou que a vila de Lages, por se achar muito distante de São Paulo, ficasse subordinada à jurisdição de Santa Catarina. Em 1853 foi

criada a província do Paraná. O governo de Santa Catarina entendia que as terras a oeste de Lages fossem de sua jurisdição enquanto Paraná, quando criado, considerou-se dono das mesmas. Começaram as disputas interestaduais, mas ninguém fazia nada para o seu desenvolvimento, tanto é que ao seu título de terras "contestadas", o povo decodificava como "terras sem dono" ou "terras de ninguém".

Quanto a propriedade Nacional, o Brasil entendia serem seus limites os rios Peperiguaçu e Santo Antônio, enquanto a Argentina, pleiteava para si a área compreendida entre os rios Iguazu e Uruguai, tendo por limites os rios Chapecó e Chopin. Com o Tratado de Madri em 1750, Portugal e Espanha deveriam demarcar seus limites na região das Missões, o que motivou a designação de Comissários de ambas as partes, formando uma Comissão composta de militares, engenheiros, astrônomos e geógrafos. Com tal finalidade Gomes Freitas realizou uma viagem ao sul e encetou uma campanha, quando foi atacado pelos indígenas. Diz Cabral (1970;p.333)

"O território situado no Extremo-oeste de sua área (Território das Missões) pretendeu soberanias, tendo sido os direitos do Brasil reconhecidos pelo laudo arbitral do Presidente Golver Cleveland dos Estados Unidos".

Walter F. Piazza (1969;p.24) ensina que o tratado de Santo Ildefonso em 1777 não definiu claramente os limites entre Brasil e Argentina e que os demarcadores de limites do tratado de Madri chegaram a subir o rio Peperiguaçu, mas confundiram-no com outro rio que temos e que se chama hoje, Macaco Branco e na época se chamava Apeteraí. Os Argentinos achavam que o rio Chapecó seria, efetivamente o Peperiguaçu. Quando, proclamada a independência da Argentina e a proclamação da independência do Brasil, passaram os dois países a discutir a posse do território que os argentinos chamavam de "Misiones" e os brasileiros "Palmas". "O governo imperial havia criado nas margens do Chapecó, uma colonia militar só instalada em 1882". Os argentinos protestaram, mas somente em 1903 é que houve uma solução, cabendo este território ao Brasil.

Foi para esclarecer estas controvérsias que o Brasil e a Argentina organizaram mapas da região, dos quais apresenta-se cópias nas páginas 82 e 85, deste trabalho. Os mapas foram anexados a outros documentos e entregues para o julgamento do Presidente Cleveland. Sendo que os documentos do Brasil foram entregues pelo Barão do Rio Branco.

Esta disputa foi de 1857 a 1891.

1.3 - OS PRIMEIROS HOMENS NÃO NATIVOS.

Os primeiros homens, depois dos índios, que habitaram esta região andaram errantes, estabelecendo-se ora aqui, ora ali, encurralados por várias circunstâncias. Os principais fatores das andanças foram as demoradas indecisões sobre a delimitação das terras no Centro-oeste, Oeste e Extremo-oeste catarinense, cuja disputa ocasionou combates e guerrilhas por vários anos. Antes disso, já estas regiões foram, por um tempo bem mais longo, alvo de desentendimento entre o Brasil, então governado por Portugal, e a Espanha. A primeira disputa deu origem ao estabelecimento de alguns dos aventureiros e desbravadores, quer de origem portuguesa ou espanhola, que por aqui passaram.

A revolução de 1893, entre "maragatos" e "picapaus", no Rio Grande do Sul, forçou a vinda de algumas famílias para esta região, que se estabeleceram nestas matas como refugiados, ou como posseiros atraídos pelas riquezas das matas virgens e estimulados pela Lei Nº 601 de 18 de setembro de 1850 (Anexo Nº 04) mandada executar pelo decreto Nº 1.318 de 30 de janeiro de 1954 (Anexo Nº 05). Apesar de ter sido publicada na "Collecção(sic) das Leis do Império do Brasil" pela Secretaria d'Estado dos Negócios do Império" (sic) em 20 de setembro de 1850, (assinada pelo então "Secretário d'Estado dos Negócios do Império", com rubrica do Imperador Dom Pedro). Tal Lei determinada o direito de legitimação de terras devolutas por títulos de posse mansa e pacífica, nos Artigos 4º e 5º § 1º. No § 2º fala do direito de indenização pelas benfeitorias, as posses em circunstâncias de serem le-

gitimadas, que se acharem em sesmarias ou outras concessões do governo. No art. 3º desta Lei, esclarece o que são terras devolutas.

Consultando os arquivos do Estado do Paraná, em Curitiba e confrontando os processos com os mapas de então, que se acham naqueles arquivos, podemos afirmar, que as terras onde hoje é o município de Joaçaba, principalmente, as colonias onde se encontram os colonos que falam o dialeto italiano, aqui estudado; eram terras devolutas.

Piazza (1969) diz que a revolução Farroupilha fez com que no Médio ao Extremo-oeste de Santa Catarina, se fixassem famílias do Rio Grande do Sul e da área litorânea catarinense, desde 1893. Mas afirma que já em 1820, data em que se incorpora Lages e o seu termo de capitania de Santa Catarina, o catarinense do litoral talvez tinha chegado às barrancas do Uruguai.

Maurício Vinhas de Queiroz (1966) esclarece que em 1839 moradores de Guarapuava (Paraná) cruzaram o rio Iguaçu e se apossaram dos campos de Palmas. Duas "sociedades" ou "associações" rivais já tinham sido organizadas para a conquista da terra, Maurício V. de Queiroz escreve:

"cada qual tratava de estabelecer sua fazenda, e levantar casa onde melhor lhe convinha, supondo-se isto arrumado"... "os que chegavam depois, não respeitavam precedência, e lançavam seus animais aonde julgavam próprio, e estivesse ou não o lugar ocupado, deixando a decisão do negócio ao arbítrio das armas; casas houve que foram derrubadas, currais arrazados.."

E Bandeira acrescenta:

"Hoje (1851), se acha o campo de Palmas coberto de animais; e há fazendas de mais ou menos consideração; marcando anualmente as menores duzentas crias, e as outras proporcionalmente mais, até mil, e por isso já exporta número avultado de cavalos, bestas e gado vacum".

Maurício Vinhas de Queiroz (1966;p.4) continua dizendo que os campos nativos marcavam as superfícies por onde se estendia a frente pastoril e os trechos de florestas indicavam aquelas por onde se espalhava a atividade extrativa. E diz que um autor notou com agudeza que esses pioneiros,

ao contrário dos bandeirantes - os quais partiam para escravizar índios, - eram escravizados pelos ervais que descobriam. E assim os descreve:

"Avançando para o oeste ou para o sul, encontravam 'erva em ser', ali, na densa floresta bruta, acampavam com a família debaixo de árvores. Depois formavam o rancho e entravam a limpar o mato bruto e bárbaro, transformando o 'erval em ser' em erval frondoso e produtivo. Toda a família trabalhava nos duros meses de inverno, na produção do mate". (Bacilla:1946).

Maurício V. de Queiroz (1966;pp.21 e 22), nos diz que os peões das fazendas do gado tinham, na região de toda a Serra-Acima, um lugar que lembrava mais o de escravos domésticos do que a condição proletários do campo. Camponeses pobres, além dos peões eram os agregados, certos empreiteiros do mate e alguns lavradores. Em toda Serra-acima havia poucos assalariados rurais. Via de regra, o agregado era um peão que se casava e se estabelecia numa parte qualquer da fazenda, recebendo em troca de seus trabalhos uma gleba que não tinha tempo de plantar porque o serviço de fazendeiro o absorvia; - a mulher cuidava da terra. Para tudo o mais dependia, como num típico regime patriarcal da livre manificência do senhor. Por ocasião dos rodeios, os agregados pediam crias ao dono das terras. Às vezes, estes lhes dava uma ou duas. Havia criadores que permitiam a seus agregados manter, graças ao descendentes das reses ganhas "de presente", pequenos rebanhos até 50 ou 100 cabeças. Em qualquer caso, desde que o número fosse considerado excessivo, o fazendeiro terminava mandando o agregado mudar-se, procurar terra própria. E assim muitos destes peões das fazendas, talvez das regiões de Lages e Curitiba, libertando-se dos tiranos proprietários, autocratas e dominadores, migraram mais para o Oeste, "nas terras de ninguém", e aí se estabeleceram com suas famílias. É bem provável que assim o tenham feito também os escravos, depois da Lei Áurea, ou até antes disso fugindo da escravatura. Esta suposição fundamenta-se na existência de negros entre os revoltosos da guerra do Con-

testado, e mesmo depois disso, quando as levas de italianos migraram, do Rio Grande do Sul para cá, como até hoje sempre se referiram, ao elemento já aqui existente como: "os negros" (i nigri), por serem, na sua maioria, mulattos, mestiços e em menor número os cafuzos e pretos.

Paulo Lago (1969) reeleve a importância da "caboclição" nos episódios da "colonização estrangeira", pois este fato atesta bem o grau de inibições a que foram sujeitos os primeiros imigrantes. Ao buscar explicação sobre as causas da "caboclição" diz que este fato se confunde como "involução" e como "regressão dos níveis técnicos de uso dos recursos naturais".

1.4 - FATORES DO CONTESTADO

A área do contestado abrangeu não só as terras aqui estudada mas toda a região atual e suas vizinhanças, Santos (1974;p.96) fala de 48.000 Km², tendo os rios Iguçu e Uruguai, como seus limites norte e sul. O Álbum Comemorativo do Cinquentenário do Município de Joaçaba (15) dá uma área de 30.600Km², correspondendo aproximadamente a pouco mais da metade do Estado de Santa Catarina.

Fez-se referência à este triste acontecimento porque, além de ser um trágico fato histórico que marcou a civilização deste povo, encontrou-se vários personagens, nessa região de estudo, que se dizem ser filhos e netos dos fanáticos, povo que foi o pivô da guerra do contestado. Nos descendentes dos que participaram da guerra do contestado percebeu-se a particularidade sociológica, destes que são chamados aqui de caboclos, e constituem uma classe quase marginalizada; que eles têm em geral o maior número de filhos e já constituíram a maior parte do nosso povo. Eles não só tem famílias numerosas, (chegou-se a encontrar um homem com 28 filhos, de dois matrimônios), mas também procuram integrar-se nas famílias dos colonos descendentes de italianos imitando e assimilando todo o seu sistema de cultura. Encontrou-se vários caboclos que falam mais a língua, que eles dizem ser o italiano, em casa com seus familiares do que os próprios, descendentes de italianos, dos quais aprenderam. Estes caboclos restaram dos que foram dispersos, pelas companhias colonizadoras, para o Paranã. Espalham-se pelas colonias como agregados ou peões. São os primeiros a aparecer nas festas sociais ou reuniões comunitárias. Costumam dar seus numerosos filhos para os colonos ou

fazendeiros criarem.

Os descendentes destes caboclos foram vítimas de antigas contendas, principalmente desde que a província do Paraná em 1853 foi criada e desmembrada de São Paulo.

"Em 1838 houve uma incursão de forças em Santa Catarina, sendo ocupada a Vila de Lages" diz El-Khatib (1970;p.140) e acrescenta que o Coronel José Mariano de Matos, Ministro da Guerra de farroupilha declarou o território, parte integrante da república riograndense.

Um ano depois os gaúchos ainda consideram suas estas terras, quando em 1839 Bento Gonçalves lançou um manifesto, pois adotara a forma republicana.

Naquela época intensificaram-se os antigos litígios entre catarinenses e paulistas. Cada uma destas províncias considerava como suas as mesmas terras, cuja disputa se amenizou na época da proclamação da República. Naquela altura dos acontecimentos a região ao oeste do Rio do Peixe, com a qual foi depois formado todo o primeiro e grande município de Joaçaba, era administrada, pelo Paraná, pertencendo ao município de Palmas.

A legalização das terras em favor dos primeiros posseiros não se efetuou e vários fatores foram os possíveis culpados como: (anexo: 04)

- A Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850 fala no Art. 5º e 6º, e o Decreto nº 1.318, de sua execução, repete várias vezes que além da morada habitual do respectivo posseiro era necessário, para legitimar a terra, que esta estivesse cultivada, ou com princípio de cultura, ou ainda aproveitadas para pastagens de animais. Outro ponto desfavorável para a legítima posse de terra dos primeiros caboclos é que a supracitada Lei no Art. 2º diz e o decreto nº 1.318 repete que "os que derribarem matos, ou lhes puserem fogo, serão obrigados a despejo, com perda da benfeitoria" e ainda podiam ter multa e de 2 a 6 meses de prisão. (anexo 05)

Outro motivo foi a ignorância do povo não só por ser analfabe

to, mas por não saber a quem e como recorrer. Embora o Decreto Nº1.318 diga que os Vigários deveriam intruir seus fregueses e registrar em livros as escrituras; naquela data não havia Vigários nesta região.

E o Art. 11, diz que os posseiros eram obrigados a tirar títulos dos terrenos para lhes ficar pertencendo. (anexo Nº 04)

Dada a inexistência de estradas na Região, a única atividade econômica possível seria a pecuária. Esta era bastante desenvolvida nas terras vizinhas, nos campos de Palmas, Lages e Campos Novos. Porém, isto não acontecia no vale do rio do Peixe, dado o seu relêvo montanhoso e a ausência de grandes pastagens, continuando a ser o mesmo deserto humano de séculos atrás. Esta paisagem mudou muito com a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (atual Rêde Ferroviária Federal S.A.), costeando o rio do Peixe. Este acesso ferroviário aumentou repentina e consideravelmente o valor econômico da Região. Com isto renasceram os interesses, e o governo do Estado barriga-verde deu entrada no Supremo Tribunal Federal, em 1901, a questão dos limites. O Paraná, tomando de surpresa organizou sua defesa, mas foi feliz, pois pelo Acordo de 6 de julho de 1904, o Supremo Tribunal Federal dava ganho de causa para Santa Catarina, reconhecendo como catarinense toda a área em questão.

Esta decisão, porém nunca foi posta em prática, pois o Paraná não a reconheceu, continuando a administrar o território em litígio. E para melhor garantir o seu domínio, tratou de colonizá-lo. Tal colonização teve como partida o Decreto nº 47 de 15 de fevereiro de 1905, que dizia:

"Atendendo as necessidades de prover o povoamento do rico município de Palmas, ficam destinadas a fundação de uma colônia as terras devolutas da margem do Rio do Peixe. A sede dessa colônia será estabelecida em lugar conveniente, nas terras contíguas à foz do mesmo rio. (Enéias Jeremias de Queiróz - 1967)"

A partir daí, e ajudado pela construção da estrada de ferro (concluída em 1910), foram sendo fundadas várias povoações, em ambas as margens do rio, sen

do que as da margem direita pertenciam ao Paraná e as da margem esquerda a Santa Catarina. Para cobrar seus impostos, tanto o Paraná como Santa Catarina instalaram postos fiscais em suas povoações ribeirinhas. Nisto o Paraná foi mais à frente, criando, pelo Decreto nº 172, de 29 de março de 1910, uma Agência Fiscal das Rendas no lugar denominado Rio do Peixe, município de Palmas. Rio do Peixe de então é a atual Joaçaba. Tal Agência foi extinta a 18 de setembro de 1912 (Decreto nº 827), e anexado, juntamente com os postos fiscais a ela subordinadas (Rio das Antas, Rio Bonito e Capinzal), à Agência Fiscal de União da Vitória. A 2 de março de 1912, pelo Decreto nº 135, era criado o Distrito Policial de "Rio do Peixe" (tal Decreto não mencionava sua sede), sendo nomeados como Sub-Comissário de Polícia e seus 1º e 2º Suplentes, Eleodoro Pereira da Silva, Ludovico Ramos da Silveira Lima e Antônio Fabrício das Neves. Este último, segundo o historiador David Carneiro(1942) foi matador do Coronel João Gualberto, no fatídico combate do Iraní, a 22 de outubro de 1912 (tal fato, porém, é negado por todos, inclusive por testemunhas ainda vivas). João Gualberto Gomes de Sá Filho era coronel comandante do Regimento de Segurança do Paraná, foi quem comandou a batalha decisiva contra os fanáticos, a que matou o seu líder e fanatizador: José Maria. O Coronel João Gualberto, neste combate do Iraní, foi morto por uma pequena multidão de caboclos, diz Maurício V. de Queiroz (1966;pp.106 e 110).

A Lei que criou o Distrito de Rio do Peixe dava como sede a mesma do distrito policial. Contudo, o decreto que criou este último nada falava a respeito de sua sede. Porém, em 25 de julho de 1915, eram criados os distritos policiais de São Bento, "tendo como limite o lajeado Estreito, rio do Peixe, rio Quinze de Novembro, e da cabeceira deste uma reta até à cabeceira do lajeado Estreito", e do Uruguai, "tendo como limites o lajeado Caraguatã, lajeado Grande, rio Jacutinga, lajeado Tunal, rio Uruguai e rio do Peixe, até a foz do lajeado Caraguatã". Assim, o distrito policial de "Rio do Peixe" ficava confinado entre os lajeados Estreito (atual limite entre os municípios de Joaçaba e Ibicaré) e Caraguatã (ainda dentro do atual município de Joaçaba), cuja sede teria que ser Heryal (Joaçaba) ou Passo da

da Limeira (Luzerna), pois estas eram as únicas localidades entre os dois lajeados. Sendo Herval, contudo, a sede do distrito policial, por força da lei seria a sede do Distrito Judiciário.

Embora existem documentos legais que falem da criação de alguma escola, todos os historiadores que falam do povo das terras contestadas referem-se à ignorância e abandono em que viviam como fatores importantes daquela guerra.

O decreto Lei nº 1.139, de 26 de março de 1912 diz:

"ficam criadas duas escolas primárias para o sexo masculino, sendo uma em Terzina, município de Quarapuava, e outra na barra do Rio do Peixe, município de Palmas".

Pela Lei 1.400, de 27 de março de 1914, eram criadas mais duas escolas, sendo "uma no Herval, outra em Catanduvas, distrito do Rio do Peixe, município de Palmas". Observou-se pela data da criação das escolas que o povo espoliado, ignorante e cheio de misticismo já, há mais de ano, andava lutando em guerrilhas e escondendo-se pelo mato, Cabral (1970;p.297) diz que não havia instrução, não havia sequer assistência religiosa. Nenhum dos Estados contestante se animava em promover o adiantamento da região que, de uma hora para outra, poderia passar a integrar o território da parte oposta. E acrescenta que as populações eram escassas - quase todas egressas dos núcleos pastoris, despedidos os peões que não poderiam permanecer no latifúndio, depois das sucessões que retalhavam as grandes propriedades e as empobreciam. Iam, então, com seus poucos haveres, instalar-se nessas terras de ninguém, escondendo a sua miséria nas canchadas das serras, onde viviam da caça, das pequenas roças cuidadas em geral pelas mulheres, do corte da congonha que iam vender aos herivateiros e seus intermediários e de outras atividades menores, que lhes davam um pouco e insuficiente ganho, que empregavam no sal, na pólvora, na querosene, ou em uma, ou outra utilidade imprescindível. Foi deste tipo de povo que os donos da Estrada de Ferro tiraram terras e florestas, ignorando seus direitos de posse, expulsando-os e ocasionando revoltas.

Desde a proclamação da República do Brasil, houve uma preocupação governamental em abrir uma estrada de ferro que ligasse São Paulo ao Rio Grande do Sul. Foi contratada com empresários estrangeiros, e como pagamento da empresa construtora, o governo da República cedeu 15 Km de terra para cada um dos lados do leito da estrada, nas quais a empresa poderia explorar e colonizar.

A construção de tal estrada chegou no Vale do Rio do Peixe em 1910, época em que apesar de estas terras serem disputadas pelos dois Estados Paraná e Santa Catarina, estavam abandonadas por ambos. A empresa construtora, aproveitando-se da situação, não só veio a desalojar velhos e antigos ocupantes, que nenhum título legal possuíam de propriedade das terras, mas ultrapassou em muito a medida de 15 Km, que lhe havia sido concedida. Afirmando os antigos moradores, que essa companhia derrubou árvores em áreas duas e quase três vezes mais que os 15 Km de direito, dizem alguns, talvez com exagero, até 80 Km devastando toda a flora e fauna com prejuízos aos minifúndios e pequenos proprietários de engenho de serras, incapazes de competir com ela.

Por volta de 1911 os posseiros que não possuíam títulos de terras foram expulsos. Ignorando a Lei da Terra de 1850, que os podia proteger, se reclamassem eram perseguidos e atacados pelos 200 homens armados que a tal companhia tinha como seu corpo de segurança.

A companhia Brasil Railway Company, sediada na cidade de Portland nos Estados Unidos, chegou a formar um truste, cuja potência dominou vários setores econômicos e possuía muitos assalariados destinados a defender seus interesses expansionistas, sob o mando da lei. Organizou uma empresa subsidiária chamada "Southern Brazil Lumber and Colonization Company", com três serrarias para serrar 300 m³ de madeira diariamente.

Maurício V. de Queiroz (1966) estudou cientificamente todos os aspectos sociais daqueles acontecimentos e afirma que aquele povo foi de fato injustiçado, e que o seu estado de abandono e perseguição os fez criar uma religião cheia de fanatismo, superstições e tabus, estribada num fictício mes-

sianismo que agravou o conflito social até a guerra.

O próprio Matos Costa, um capitão que foi morto pelos jagunços durante um ataque, no município que hoje tem seu nome, deixou escrito:

"A revolta do Contestado é apenas uma insurreição de sertanejos espoliados nas suas terras, nos seus direitos e na sua segurança. A questão do Contestado se desfaz com um pouco da instrução, e o suficiente de justiça com um duplo produto que é da violência que revolta e da ignorância que não sabe outro meio de defender seu direito."

Outro fator da revolta do contestado foi a grande quantidade de operários despedidos em massa, por várias ocasiões. Sílvio (1974;p.99) fala que estes operários despedidos vieram a reunir na área contestada elementos fundamentais à eclosão de um movimento armado, destinados a tentar obter os direitos que eram negados à população que se julgava espoliada.

Victor A. Puluso Júnior (1969;p.16) diz que em 1910 a necessidade de acelerar o ritmo dos trabalhos de construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande do Sul, foram recrutando, nos centros populosos, gente de toda espécie. "Cerca de 10.000 homens arrebanhados entre os piores elementos, afluíram ao vale do rio do Peixe. O banditismo assolou o vale". Diz ainda que terminada a construção, esta gente espalhou-se pelo Planalto, transformando em valhacouto de malfeitores, que ali se homiziavam, vindos de toda parte. Era terra sem autoridade, pois a questão de limites não permitia, na área, policiamento eficiente por parte do Paraná ou Santa Catarina.

Concorda-se em parte que vários elementos desta espécie estavam nesta região em 1910, mas reduziram-se muitíssimo com a guerra e perseguições. Refuta-se parte da afirmativa de Victor A. Peluso Jr. uma vez que ele diz que ao terminar a estrada os trabalhadores se estabeleceram na região. A estrada não terminou em Santa Catarina, e sim no Rio Grande do Sul, indo até Santa Maria e depois Porto Alegre. É mais provável que a maioria dos trabalhadores da mesma, foram seguindo o curso da construção até o final, portanto é mais admissível que se estabeleceram lá, mesmo porque as terras que ladeavam a estrada de ferro já haviam sido tomadas pelos construtores da mesma. Victor

Peluso Júnior diz: "Estabeleceram-se no planalto". Esta região não é constituída de planalto e sim de montanhas e vales e muito acidentado. Fundamentando-se no profundo estudo científico que fez Maurício V. de Queiroz (1966) que também afirmou que os ex-posseiros empregaram-se como trabalhadores na construção da estrada de ferro, e foram estes os despedidos em massa por várias vezes, antes da conclusão da mesma. Repete isso várias vezes e acrescenta que ao serem despedidos não receberam pagamento do seu trabalho. Foi isso que agravou a revolta do anterior ressentimento de terem perdido suas terras.

1.5 - A GUERRA.

A guerra do Contestado envolveu mais de 20.000 pessoas. O livro "O Paraná na História Militar do Brasil" fala de 13 expedições militares enviadas para essa região, na qual foi utilizado pela primeira vez o avião como veículo bélico dentro do país.

A socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz (1965;p.249) escreve que José Maria se instalou em Taquaruçu, próximo de Curitiba. "O Coronel Henriquinho de Almeida, em cujas terras se instalara o monge, telegrafou ao Governo do Estado do Paraná, o qual se alarmou". Afirma ainda, que em 1913 houve um ataque militar, cujos militares vinham do Paraná.

Tudo isso confirma que o referido Estado considerava suas essas terras, apresentando um direito de preservar até mesmo o território a esquerda do Rio do Peixe. E os próprios Curitiba reconheciam a autoridade do Paraná.

A guerra propriamente começou no combate do Irani, onde morreu "José Maria de Santo Agostinho", que se havia apresentado ao povo do sertão como irmão de um venerado monge; São João Maria, italiano, chegado ao Brasil em 1844, e percorreu várias vezes todo o Sul do país fazendo curas e pregando. Ele era identificado como Santo, não pelas pregações, mas pelas curas e ajuda ao povo no conhecimento de plantas medicinais. O povo não acreditava que ele hou-

vesse morrido, crendo-o imortal. Esperavam pela sua volta e que ele viesse so lucionar seus problemas sociais.

O falso irmão José Maria tinha todos os traços físicos, mo-rais e psíquicos opostos ao primeiro monge, mas conseguiu enganar o povo. Na realidade seu nome era Miguel Lucena Boaventura. Ele foi desertor do exército nacional e pertenceu ao batalhão que construía a linha telegráfica de Guaru-puava à Foz do Iguaçu. Aqui ensinou manobras do exército, preparou os homens para o combate. Fanatizou a todos fundando uma religião de tabus, na qual o povo passou a crer e esperar por uma parusia de felicidade terrestre, pela qual se puseram a lutar e considerar o governo republicano como meio inimigo.

No município de Irani, que outrora pertenceu à Joaçaba e dela dista 50 Km, existe um cemitério, onde foram enterrados só os cadáveres da Guerra do Contestado. Os jagunços ao passarem com suas caravanas fugitivas da polícia tentavam convencer a todos os habitantes da região que encontravam, que deviam lutar, porque a república ia acabar e uma nova vida de império estava próxima. Assim contam até hoje os mais antigos moradores.

Enquanto o povo esperava pela ressurreição de João Maria, como ele havia prometido que o faria, vários caboclos tomaram a liderança dos vários redutor de fanáticos. Entre eles o que mais se destacou, por ser o mais temido e autocrata foi Adeodato. A guerra só acabou quando Adeodato foi preso e levado para a cadeia de Florianópolis, depois de três anos de guerrilhas e combates, isto é em 1915.

Gaertner (1976;p.21, in "Blumenau em cadernos") diz que o agrupamento de José Maria foi perseguido pelas suas conotações políticas, sendo o monge "diplomáticamente convidado" a abandonar o Estado; afirmando que o fez em companhia de alguns dos seus seguidores mais fanatizados. Mas acrescenta:

'Houve Irani e morre o monge. Um ano depois renasce o movimento. Houve Taquaruçu e Caraguatá. Houve Santa Maria e o movimento foi liquidado a ferro e fogo pelo capitão Potiguara'.

Terminada a luta fratricida e voltada a paz à região, em 20 de outubro de 1916 o então Presidente da República, Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, proferiu o laudo que pôs fim ao litígio, cabendo a Santa Catarina a maior parte das terras do Contestado, conforme demonstra o mapa da p. 84 e 85.

A guerra terminou com a morte da maioria dos fanáticos e a prisão dos que restaram e não conseguiram afugentar-se nas matas.

Legalmente a questão sobre as terras contestadas havia acabado com a assinatura do laudo pelo Presidente da República do Brasil. Mas de fato o temor de invasão, ataques e guerrilhas permaneceu por dezenas de anos entre estas populações.

Os habitantes desta região viram dezenas de batalhões militares desembarcarem nesta estação ferroviária de Erval, armados até com canhões. Estas famílias e muitas outras que para cá migraram, presenciaram na década seguinte o quinquagésimo sétimo batalhão da infantaria acampar-se neste povoação, por ocasião das divergências políticas entre Assim Brasil e Borges de Medeiros. Estas populações viveram dias de angústia quando tiveram que raciocinar seus produtos de primeira necessidade para sustentar aqueles soldados: mas o pior é que muito pai de família era preso e retido como voluntário.

No início da década de 30, mais um batalhão desembarcou de trem na estação de Erval. Instalou seus enormes canhões no alto do morro oposto a cidade, fazendo pontaria para a estação ferroviária. Esperavam que os inimigos do partido político do então Presidente Getúlio Vargas, aparecessem em algum combóio. Felizmente isso não aconteceu e eles logo seguiram viagem de trem.

1.6 - UMA TESTEMUNHA CATARINENSE.

Para relatar sobre os primeiros habitantes e o início da formação populacional, no centro urbano da cidade de Joaçaba, entrevistamos a

Sr^a Angelina Machado de Lima que apesar de ter completado 100 anos de idade, testemunhou com muita lucidez.

Dona Angelina, casada com o Sr. Idalino Machado de Lima, nasceu em 15 de novembro de 1876. Tem 16 filhos, 52 netos, 110 bisnetos e 4 tetranetos (total 182 descendentes). Ela nos diz:

'Meus avós e pais vieram de Curitiba. Meu marido era natural de Guaratinguetá, São Paulo e foi Alferes da cavalaria de Dom Pedro II'.

Nasci em Curitiba. Minha família mudou-se para Campos Novos quando eu tinha 2 anos de idade, em 1878. Lá cresci, criei-me e casei. Morávamos numa fazenda. Naquela época Campos Novos só possuía fazendas de gado. Ao todo haviam umas dez casas. Os animais andavam soltos pelas ruas. Não havia escolas nem instrução alguma.

Meu marido foi Oficial de Justiça por muitos anos, por isso estávamos sempre ao par de todas as lutas durante a guerra do contestado.

Lembro-me bem quando mataram o comandante João Gualberto.

Roubavam, queimavam campos e casas. Justiniano (Chefe Jagunço), morreu aqui no rio do Peixe. Nesta época terminou a guerra; mas por muitos anos vivemos assustados. Várias vezes corríamos a nos esconder no mato, onde já tínhamos esconderijos seguros para mulheres e crianças. Um caminhão de porcos que passava, cujos grunhidos ecoavam pelo mato, corríamos de medo pensando que eram os gritos dos jagunços que vinham atacar.

Como Oficial de Justiça, meu marido foi convocado para trabalhar num processo sobre um assalto que houve no trem, na estação de Eral. Foi então que nos transferimos para cá, em 1917.

O Sr. Marmeson era o balseiro; porque não havia pontes. De outros moradores lembro-me do Sr. Castanharo e do Sr. João Abílio Machado. Na margem direita do rio do Peixe, onde hoje é o centro de Joaçaba, só havia uma casa, ali à direita onde hoje é a Prefeitura. Algum tempo depois nós mudamos para esta casa.

Os primeiros habitantes que se mudaram do Erval, para o lado direito do rio do Peixe foram os Srs. João Abilio Machado, que pôs uma casa de negócio; o Sr. Adionísio, o Sr. Gaudêncio e o Sr. Manuel Volpato (todos construíram casas). O Sr. Brigim também colocou uma casa de negócio. Na ilha havia um engenho de cana-de-açúcar. Naquela época as famílias Mosele tomaram conta de todas estas terras.

Como outras, esta entrevista está de acordo com o mapa da p.86, extraído do Cartório do Município e registro de imóveis.

1.7 - LOCALIDADES QUE INTEGRARAM O MUNICÍPIO DE JOAÇABA.

Grande parte das terras denominadas "Campos de Palmas", a partir de 25 de agosto de 1917, deixaram de ser terras contestadas pelo Paraná e passaram a constituir o município de Cruzeiro em "Santa Catarina" (Anexo nº 07 e mapa p.85). Na maioria delas predomina em grande escala o migrante lingüísticamente italiano, filhos e netos de emigrantes da Itália; que juntamente com os alemães e povos de outras origens, vieram do Rio Grande do Sul.

Entre muitas destas localidades, visitadas, encontrou-se elevada percentagem de falantes de dialeto italiano, especialmente nos seguintes municípios: Ponte Serrada, Catanduvas, Lacerdópolis, Concórdia, Ipumirim, Água Doce, Salto Veloso, Ouro, Ibicaré; - além de alguns outros da margem esquerda do rio do Peixe e já citados.

Em Irani, além do elemento italiano, há muito caboclo; talvez por ser cenário das maiores lutas e localização de jagunços.

Catanduvas é um dos municípios não só geográfica, mas principalmente histórica e judicialmente mais ligado a Joaçaba.

Juridicamente pode-se verificar nas Leis de instalação: Houve algumas transferências da sede do município ora de Limeira (Joaçaba) para Catanduvas e ora desta para aquela sede, trocando sucessivamente a denominação para Cruzeiros do Sul, Cruzeiro e Joaçaba.

Sobre isso antigos moradores de Catanduvás confirmam que em 1926 houve lá uma carreirada onde saíram desentendimentos e tiroteios, o delegado foi morto além de outra pessoa. Assustados o Juiz e o Promotor levaram todos os livros da comarca, no cargueiro de uma mula, para a vila de Limeira (Joaçaba).

Antigos moradores de Joaçaba, como descendentes da família Machado de Lima, dizem que por várias vezes a mula que carregava os livros da comarca apareceu repentinamente em Joaçaba. Este aparecimento era motivado por desentendimentos das autoridades. Tal acontecimento provocava gracejos a tal ponto que a criança, quando via a mula, gritava: -'A dona comarca chegou'.

Como provam os documentos anexos o município de Ponte Serrada só foi criado dia 21 de junho de 1959.

Nesta localidade entrevistou-se muitas pessoas entre elas o Sr. Constâncio Anselmo Demarco que fora Prefeito da cidade de 1964 a 1969 e agora foi reeleito; e com o Vigário atual Pe. Adriano, que é também professor na localidade. Estes Senhores disseram que mais de 80% da população do município, são migrantes do Rio Grande do Sul, filhos de emigrantes italianos, e alemães (em menor número) e que ainda falam a língua de seus avós.

Há muitos anos existia, na localidade, uma aldeia que ainda hoje se chama Bahia, formada de 5 ou 6 famílias de paraguaios como seja as famílias: Acunha, Acosta, Agüero Paz e Boguaro, cujos primeiros descendentes cultivavam a língua Guaraní. Hoje os seus descendentes mostram com evidência traços físicos e sotaque do Guaraní, além de sotaque espanhol. Estas famílias mudaram-se para cá há muitos anos, numa época em que a erva mate tinha muito valor e havia aqui em grande quantidade.

Esta erva-mate era transportada nos cargueiros em tropas de cavalos chamados tropeiros. Com a construção da Estrada de Ferro de 1910, a erva passou a ser levada até a estação ferroviária de Erval. Lá a embarcavam de trem para outras localidades. Atravessavam o rio do Peixe, com toda a car-

ga de erva mate, pela balsa. As tropas, geralmente atolavam pelas p^éssimas estradas. Para melhorar as vias de transporte, construíram uma ponte, na localidade onde hoje é Ponte Serrada. Esta ponte foi construída com taboas serradas à mão. No dia em que a ponte ficou pronta, os paraguaios que a haviam construído fizeram uma festa sobre ela (com churrascada e bebidas) e a denominaram de ponte serrada. Esta denominação passou ao município.

O empresário, nas vendas da erva mate chamava-se Francisco Simões Cavalheiro. Dizem alguns moradores que a Companhia da Estrada de Ferro apossou-se daquelas terras e vendeu-as para Francisco Bucheres Beltrão e Antonio Fernandes dos Santos, que residiam no Rio de Janeiro. Estes senhores, lá pelo ano de 1925 teriam vendido as terras para Angelo Decarli Irmãos e Companhia.

Estas terras compreendem a Fazenda Ressaca, Irani e São João do Irani.

Entretanto, entre os arquivos desta firma encontram-se anais, os quais dizem que o Sr. Antonio Fernandes dos Santos, proprietário das fazendas Irany e São João do Irani, transferiu os serviços de colonização das terras à sociedade Beltrão Maia & Cia - depois dissolvida - Diz mais que estas terras foram adquiridas por compra anterior ao ano de 1854 por José Joaquim Almeida e sua mulher D. Maria Izabel de Belém Almeida, como consta na lei nº 601, de 18 de setembro de 1850 sobre regulamento de terras; e mandado observar pelo Decreto nº 1.318 de 30 de janeiro de 1854, ficando excluídas do domínio público. Fizeram-se demarcações que foram aprovadas pelo Presidente da então Província do Paraná, em 11 de novembro de 1879.

Em 1881 houve confirmação do domínio da fazenda Irany com a área de 601.561.250 m² ou 60.156 hectares 12 ares e 50 centiares, correspondendo a 24.857 alqueires, conforme consta no processo de medição de terras, conservado em Curitiba, no Arquivo Público do Estado do Paraná.

As terras da fazenda São João do Irany foram registradas com a

área de 182.447.380 m² ou 18.244 hectares, 73 ares e 80 centiares, correspondendo a 7.539 alqueires, 4 pratos e 115 braços quadradas ou 4,18 léguas quadradas. Transferidas ao Sr. Antonio Fernandes dos Santos, com registro nºs 127 e 128 em Florianópolis, pela Lei nº 1.181 de 4 de outubro de 1917.

Por contrato feito em 26 de julho de 1919 o Engenheiro Francisco Gutierrez Beltrão ficou com a administração destas fazendas; registrado em Limeira em 24 de abril de 1926.

Os trabalhos de colonização das fazendas foram iniciados pelo Sr. Witold Roguski (logo falecido).

Surgiu depois a "Sociedade Colonizadora Irany".

O terreno Invernadinha foi vendido aos Srs. Angelo De Carli, Irmãos & Cia. Com esta sociedade foram feitos novos contratos para colonizar as Fazendas Irany e São João do Irany em 05 de setembro de 1925. Estas terras constituem hoje vários municípios.

As sobreditas companhias dividiram as terras em pequenas colônias e venderam-nas à migrantes, filhos de emigrantes italianos, residentes no Rio Grande do Sul.

Os posseiros foram convidados a retirar-se.

A colonização teve início nos anos de 1920, em Irani e 1930 em Ponte Serrada.

Alguns campos foram adquiridos e conservados por brasileiros que recebiam títulos e vieram de São Paulo ou do Paraná, passando por Guarapuaiva. Estas famílias se apossavam de grande quantidade de terras as quais passaram a seus descendentes.

1.8 - NOVA PETRÓPOLIS.

Um dos distritos de Joaçaba, onde há falantes do italiano.

Os mais antigos moradores de Nova Petrópolis, contam, e está

arquivado nas atas de agremiações deste distrito o seguinte fato: Um caboclo chamado Antonio Trindade dos Santos juntamente com sua esposa e um filho de colo, subiram a serra Geral, partindo da localidade onde hoje é o centro da cidade de Joaçaba, no dia 13 de maio de 1890. Embrenharam-se pela mata puxando um burro com o cargueiro que trazia seus pertences. O Sr. Antonio Trindade ia na frente abrindo picada com machado e foice. Viajaram o dia todo e pela noite a dentro, quando encontraram uma cascata. Pernoitaram ali, as margens do rio que mais tarde chamou-se rio do Tigre. Ao amanhecer aquela família de viajantes, depois de mais uma caminhada construíram sua cabana e instalaram-se num vale onde o verde das matas era muito exuberante. Dez anos mais tarde, chegaram mais duas famílias: a de Antonio Cordeiro e a de Antonio Pacheco. Fizeram amizade com o primeiro morador e construíram seus ranchos nas vizinhanças. Esta localidade desde então, passou a chamar-se: "Três Casas".

Durante 20 anos "Três Casas" permaneceu indiferente ao progresso. Em 1920 chegou lá a Companhia Colonizadora Mosele, querendo desapropriar os três pacíficos posseiros.

O Sr. Trindade dos Santos dirigiu-se ao governo do Estado reivindicando o seu direito de propriedade. Ele conseguiu registrar em seu nome duas colônias.

Juntamente com a Companhia Colonizadora chegaram os imigrantes italianos ou migrantes, filhos deste, os quais iniciaram a desmatação e o trabalho de agricultura.

Os primeiros falantes do dialeto italiano residentes aí foram as famílias Trevisani, Merlo, Caleffi.

Em 1925 o Sr. Maximiliano Burgarelli e Antonio Trindade ergueram a primeira capela, sendo Capelão Frei Solano O.F.M.. Para, padroeiro foram escolhidas as Três Pessoas da Santíssima Trindade.

O centro de comércio passou a ser Catanduvas que, naquela época foram elevada a sede da Comarca. O Sr. Antônio Trindade foi então, Vice-

Prefeito do Município.

Com a extração da madeira, principalmente do pinho, houve um surto de desenvolvimento. Instalaram-se serrarias e abriram-se estradas.

Algum tempo depois a sede da Comarca foi transferida de Catandivas para a cidade de Joaçaba. "Três Casas" passou então a integrar o Município de Joaçaba, da qual é hoje o 3º distrito.

"Três Casas" foi elevado a categoria de distrito no dia 13 de fevereiro de 1950, a partir de então a localidade recebeu a denominação de Nova Petrópolis.

"Extraído de um depoimento escrito pelo Sr. Orildo Bulgarelli".

Há uma demonstração cartográfica, destas referências geográficas, nas páginas 80 e 81.

T E M P O

- 2. - A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL.
- 2.1 - CAUSAS E FATORES DA IMIGRAÇÃO.
- 2.2 - ITALIANOS ESTABELECIDOS NO BRASIL.
- 2.3 - PREDOMINÂNCIA DE UM DIALETO EM JOAÇABA.
- 2.4 - DEPOIMENTOS DOS IMIGRANTES E MIGRANTES.
 - 2.4.1 - DA SRA. MARIA CAMPAGNOLO LAGO.
 - 2.4.2 - DA SRA. IDA LAGO.
 - 2.4.3 - DO SR. LUIZ ABATTI.
 - 2.4.4 - DO SR. FIORAVANTE ABATTI.
 - 2.4.5 - DO SR. LORENÇO ORSO.
 - 2.4.6 - DO SR. JOSÉ ZANIN.
 - 2.4.7 - DA SRA. LUIZA RATI MASCHIO.
 - 2.4.8 - DO SR. ANGELO ABATTI E SUA ESPOSA TEREZA SAGALLI ABATTI.
 - 2.4.9 - OUTRAS FAMILIAS ENTREVISTADAS.
- 2.5. - LEVANTAMENTO ESTATÍSTICO
 - 2.5.1 - PERCENTAGEM DE FALANTES
 - 2.5.2 - PERCENTAGEM DE PREFERENCIA LINGUÍSTICA.

T E M P O

2. - A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

2.1 - CAUSAS E FATORES DA IMIGRAÇÃO.

A imigração, no Brasil, teve início ainda no período colonial. Inicialmente, porém, a imigração era dirigida para os núcleos coloniais em formação, diz Lucy Hütter (1972;p.19) "estimulada pela política imperial", indicando alguns Estados entre eles: Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Walter Piazza (1969;p.21) faz a mesma afirmação acrescentando que ela fora fruto de um contrato celebrado, pelo governo imperial com o comendador Joaquim Caetano Pinto Júnior pelo decreto nº 5.663, de 17 de junho de 1874.

Para o litoral catarinense, Bonati (1974;p.28) registra uma primeira imigração dizendo que em Matarello (Itália) metade da população, na época de 1875 a 1880 veio para o Brasil. Só no Vale do Itajaí entraram em 1875 a 1881, 2.393 tirolezes e italianos, como consta dos relatórios guardados na Biblioteca de Imigração Fritz Müller de Blumenau. Bonati descreve uma segunda leva a partir de 1890. Também situa geograficamente os italianos trentinos nos seguintes municípios catarinenses: Pomerode, Pomeranos, Timbó, Luiz Alves, Rodeio, Rio do Sul, Ascurra, Blumenau, Itajaí, Nova Trento; mas apresenta um mapa catarinense com toda a região Extremo Oeste, a partir de Joaçaba e Caçador, como expansão da colonização Européia do Rio Grande do Sul.

Bonati, além de fazer um estudo lingüístico de identificação fonética dos atuais habitantes de Pomeranos, SC., com a fonêmica italiana do dialeto trentino de Matarello, identifica estes povos por traços culturais lingüísticos através da aculturação.

Tanto Carneiro (1950;pp.66-7) como Costa (1975) escrevem que de 1875 a 1914, 50% e por vezes 75% da imigração brasileira era originária da Itália. Ambos, Costa (1975) e Carneiro (1950) dizem que em 1888 houve uma crise econômica na Itália. Neste ano, que foi o da abolição da escravatura no Brasil, o número de imigrantes se elevou a 133.252, dos quais 104.353 eram

naturais da Itália. Em 1891, a emigração italiana para o Brasil foi de 132.326 e até o fim do século ela manteve uma média anual de 100.000. De 1876 a 1960, cerca de 1.040.000 imigrantes se estabeleceram em terras brasileiras. "Neste período, a imigração alemã não foi além de 46.907".

José Curi (1974;p.59) fazendo um estudo lingüístico, evidencia um dialeto italiano transplantado no município de Rio dos Cedros, Santa Catarina.

Vitor Vicenzi (1975) escrevendo a história dos imigrantes da cidade de "Rio dos Cedros e Circunvizinhanças", cita as guerras como algumas das causas da emigração italiana. Menciona como em 1866 a Prússia aliara-se à Itália para lutar contra a Áustria e reaver Vêneto que lhe tinha sido prometida no tratado de paz de Viena em 1866. Fala ainda de outras lutas que culminaram com a primeira grande guerra mundial de 1914.

Bonati salienta como fator brasileiro de atração de emigrantes a falta de mão de obra para o trabalho, provocada pela abolição da escravatura negra no Brasil. O extremo norte da Itália estava sob o domínio dos austríacos. Havia problemas políticos e insegurança pelas sabotagens feitas à presença da Áustria. As populações proletárias do norte da Itália procuravam emancipar-se dos senhores feudais, trabalhando no grande número de indústrias de tecelagem que haviam se expandido depois da revolução francesa, mesmo porque o aumento populacional impunha aos trabalhadores dos latifúndios uma condição infra humana de subsistência. Isso diz Barbosa (1967), e acrescenta que no século XIX houve um flagelo nas amoreiras, que alimentavam o bicho-da-sêda. Conseqüentemente a morte dos bichos-da-sêda causou o desemprego à milhares de trabalhadores. O desemprego trouxe a fome e a instabilidade. A falta de alimentação provocou a "pelagra" (uma peste provocada principalmente pela escassez de vitamina C). Estas foram sem dúvida nenhuma, as causas da emigração.

Sobre a vinda dos primeiros emigrantes Rizzardo (1975;p.16) diz que os navios transportadores de emigrantes tinham apelidos como: "Tonelada hu

mana", porque eles além de carregarem o dobro ou triplo de sua capacidade normal, muitos deles converteram-se numa enfermaria; vários ficavam tristemente célebres na mente dos emigrantes, como os "vapores da morte". Traz fotografia do navio "Princesa Irene" e na p.19 fotografias de emigrantes em navios de 1908, transcrevendo de T. Rosati:

"O emigrante se joga sobre o leito com roupa e os sapatos; nele deposita pacotes e malas; os meninos sujam com urina e fezes; todos, ou quasi, aí abandonam seus vômitos. Depois de alguns dias de viagem, ele se assemelha a uma cama de canil... No fim da travessia, quando não é mudado, - coisa que raramente acontece, - fica como foi deixado: imundo e cheio de insetos, pronto para receber um novo freguês."

A travessia do Oceano Atlântico levava 30 a 35 dias. Transportavam bois, ovelhas e suínos, para serem abatidos durante a viagem. O vapor brasileiro "Pará" numa única viagem teve 35 mortos a bordo, quase todos crianças e o navio "Matteo Bruzzo", vagou no mar durante 3 meses afundando cadáveres, devido a febre amarela e a peste" (Rizzardo 1974 e 1975;p.25).

Vitor Vicenzi (1975), documenta as várias levas de emigrantes italianos que vieram para a cidade de Rio dos Cedros, conta que saindo no Natal de 1874 levaram 5 longos meses, numa viagem cheia de peripécias e perigos.

Finardi (1976;p.18) escreve que o Governo Imperial do Brasil, visando à introdução de imigrantes de procedência italiana, preferentemente de colonos e de credo católico, haviam firmado um contrato a 30 de junho de 1874 com Joaquim Caetano Pinto Júnior. Este contrato estabelecia, na cláusula IV "uma subvenção de Rs 125\$000 (cento e vinte cinco mil réis) por adulto e metade desta, pelos que fossem menores de 12 anos e maiores de 2 anos. Remuneração essa aproveitada por aliciadores que formavam companhias com este comércio". Assim, esses agentes da imigração - remunerados pelo número de imigrantes que lograssem embarcar - deram início a uma intensa quanto mentirosa propaganda ilustrada com fotografias de videiras com enormes cachos de uva, árvores frutíferas arquejando de frutos abundantes, produtos de lavoura, ani-

mais domésticos de grande porte. Tudo feito com montagens fotográficas falsas, espalhando profusamente boletins, com fabulosas notícias, evidentemente exageradas, sobre as incontáveis riquezas do Brasil, por toda a Alta Itália".

2.2 - ITALIANOS ESTABELECIDOS NO BRASIL.

Quanto à situação ou adaptação Lucy Hutter (1972;p.140) fala que os imigrantes iam-se adaptando, ou não, às regiões onde se estabeleciam. Os países fornecedores de emigrantes parece que pouca atenção davam ao problema, emigração-imigração.

Todos os estudiosos que se referem aos emigrantes italianos deixam transparecer referências de certo abandono e desproteção pela adaptação dos mesmos em terras brasileiras. Embora houvesse alguém que pensasse nelles, como escreve Hutter (1972) dizendo que em 1897 Olivi e Heimburg apresentaram um projeto para o regulamento internacional sobre a emigração, numa sessão do Instituto de Direito Internacional de Copenhague; mas nada ou quase nada adiantou para o imigrante no Brasil que permaneceu desprotegido e esquecido.

Os primeiros italianos chegaram ao Rio Grande do Sul em 1875. Esta data foi convencionalmente fixada pelo governo do Estado, cem anos depois. Mas o relatório da Assembléia Provincial do Conselho Pinto Lima em 1871, diz que em Conde D'Eu residiam 37 colonos de origem austríaca e italiana. Isso também registra Rizzardo (1975;p.5).

Bunse (1975;p.9) afirma que lhes foram dadas as colônias de Conde D'Eu e Dona Izabel.

Na partilha do solo riograndense, Rizzardo (1975;p.9) diz que a colonização italiana foi a menos afortunada, porque encontrou já ocupadas as melhores terras de cultura, pelos alemães. Os italianos posteriormente chegados foram para o norte do Estado do Rio Grande do Sul, numa região aspérrima, de natureza montanhosa e selvática, profundamente rochosa, cortada de va-

les apertados e correntes impetuosas e habitada de selvícolas nômades.

"Distanciados dos centros urbanos e sem vias de comunicação francas e diretas, ficaram quase insulados no sertão bravo".

Rizzardo (1975) acrescenta que esses emigrantes desbravaram a ferro e fogo a floresta, abrindo picadas, agumentando o gentio, perseguindo feras.

É de se concluir que nos primeiros períodos a produção foi rudimentar e difícil; os transportes precários e morosos. Mas essa vida, das colônias italianas, desprotegidas dos governos da época foi o grande fator de conservação da sua língua e cultura através das gerações.

A grande prosperidade de seu trabalho dependeu de várias circunstâncias, mas principalmente sobressaem o amor ao trabalho e a fertilidade da terra. Mais tarde veio o mercado consumidor, feito no princípio através dos incalculáveis sacrifícios e abnegações dos carreteiros.

No relatório do cônsul italiano de Porto Alegre, Henrique Ciapelli, enviado ao Ministério do Exterior, em 1903, ele diz:

"... é uma nova Itália em miniatura que nasce em lugares onde, até 30 anos atrás, não havia senão índios e uma grande quantidade de jaguares, panteras e pumas (uma espécie de leão)".

E, mais adiante:

"... encontrei, em certas localidades, pessoas que me diziam ter feito a pé o caminho de Treviso, Pádua ou Vicência (*) a Gênova por não terem o dinheiro necessário para adquirir a passagem de trem...". "... O Governo está aumentando o número de escolas, mas é difícil socorrer as necessidades de todos os centros; os primeiros mestres, por sua vez, por causa da diversidade de língua e de mentalidade não estão em condições de melhorar a situação intelectual e moral do ambiente. "Seria oportuno, por isso, instituir escolas italianas, buscando na Itália mestres honestos e capacitados, que poderiam assumir, além da instrução, as funções de agentes consulares. Uma experiência positiva nesse sentido já foi realizada, e parece que se decidiu estendê-la a outras localidades. Muito útil seria também a função de escolas infantis"...

(*) O grifo é nosso.

De um relatório do Pe. Bruno de Gellonay de 1904 publicado por Rizzardo. (1975) extraiu-se que o sistema adotado pelo Governo na colonização do Rio Grande do Sul favorecia extraordinariamente o bem-estar material dos novos imigrantes e de todos os colonos. O método consistia em oferecer, a quem fazia o pedido, uma extensão conveniente de terra, mediante uma garantia bastante módica, que era paga ao Governo depois de certo número de anos. Após algum tempo, o colono também podia livrar-se de sua dívida contraída com o Governo, trabalhando nas estradas construídas pelo Estado. Em todo o tempo em que sua dívida não estivesse sanada, o colono tinha garantido o pleno uso de seu terreno e, uma vez extinto o débito tomava-se proprietário absoluto e autônomo.

Ele sentia-se livre, em sua pequena propriedade, e, nada esperando senão da força de seus braços e da proteção de Deus, conservava certa independência de idéias e certa nobreza de caráter que o tornava um homem e um cidadão autêntico(*). "Digam o que quiserem o rico e o culto: ele, pequeno agricultor, pensa e crê no que acreditavam seus pais".

De uma longa carta (tipo relatório) de uma visita no Rio Grande do Sul (quando veio ao Brasil), o Pe. João Batista Scalabrin, escrita a 6 de junho de 1904, ao bispo de Cremona e publicada em Rizzardo (1975;p.80) falando sobre as "colonias italianas" diz:

"Este território se estende por quase 200 quilômetros de comprimento e 150 de largura, e compreende os três vales formados pelos rios Carreiro, das Antas e da Prata. O que causa admiração e que todo ele, até 1876, era habitado pelos índios selvagens; agora contém mais de 100.000 italianos, alguns milhares de poloneses e poucas famílias de "brasileiros", empregados, que tiveram que aprender, eles também, o italiano, a verdadeira língua da região". (**)

(*) - O mesmo podemos dizer dos nossos colonos, do meio-oeste catarinense, descendentes dos imigrantes do Rio Grande do Sul, sobre a independência e a nobreza de caráter.

(**) - O grifo é nosso.

Ao afirmar que o quartel do século XX se caracterizou por intensa migração interna, Rizzardo (1975) acrescenta que os colonos gaúchos começaram a invadir o Estado de Santa Catarina. Ele cita as localidades onde um padre italiano acompanhou os migrantes tais como:

a) - Campos Novos, que já fora criada "freguesia em 1876". Fala de migrações para Erval Velho, Barra Fria e Barra do Leão, Mararí e Palmares. Erval Velho que era habitada até 1920 quase que exclusivamente por caboclos e lusos, naquela data a localidade começou a receber italianos do Rio Grande do Sul, que assumiram a liderança do lugar.

b) - De Barra do Leão diz que em 1911, quando os gaúchos chegaram a esta região, o local não passava de uma imensa floresta virgem, com poucas famílias lusas perdidas cá e acolá".

Rizzardo diz que em 1969 foi desmembrada de Campos Novos a nova paróquia de Palmares, situada no mesmo município. A paróquia que compreende três importantes distritos - Palmares, Dal Pai e Marrombas - teve seu 1º vigário italiano que acompanhou os migrantes. A Vila Dal Pai foi fundada e cresceu com a família Dal Pai, cuja árvore genealógica constam no anexo nº 12.

Heinrich A.W. Bunse (1975) registra a chegada de primeiros italianos em 20 de maio de 1875 no Rio Grande do Sul. Eram famílias milanesas de Olmate (Monza). E em 30 de setembro do mesmo ano, mais 110 pessoas (tirolezes, lombardos e vênets) ocuparam o norte de Nova Palmira, depois colônia Duque de Caxias. A expansão da colonização em direção ao rio das Antas, originou os atuais municípios de Antonio Prado, Flores da Cunha, Farroupilha e S. Marcos.

O ano de 1875 assinala também o reinício do povoamento de Conde D'Eu e começo de colonização de D. Isabel (que haviam sido devolvidas ao Governo Geral). Todavia, a 15 de novembro em Conde D'Eu e a 24 de dezembro em Dona Isabel, apareceram os italianos, D. Isabel, em 1875, depois Bento Gonçalves e para o norte surgiu Alfredo Chaves em 1884. Estas localidades foram

colonizadas por gente Vêneta, Treintina e Lombarda. Mediante a crescente imigração surgiram outras localidades como a atual cidade de Nova Prata, junto a Veranópolis, cujo povoamento se fez com gente Vêneta. Portanto a chamada antiga "Região colonial italiana", do Rio Grande do Sul, era constituída pelos atuais municípios de Caxias do Sul, São Marcos, Farroupilha, Garibaldi, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Antônio Prado, Nova Prata e Veranópolis.

Foi dessas localidades, especialmente das últimas, que as companhias colonizadoras do Meio-oeste catarinense atraíram migrantes para a região aqui estudada. Eles cederam facilmente a atração das companhias colonizadoras, por serem famílias muito numerosas e seus filhos precisarem de novas terras para plantar.

Esses imigrantes viviam inicialmente "em núcleos isolados", dedicando-se a atividade diferente daquelas da população geral do Estado Rio-grandense. "Representavam, na realidade, quase colônias "estrangeiras", isoladas do povo riograndense durante muito tempo pela língua e fidelidade à tradição de sua terra de origem", Burse (1975).

A maioria deles era "gente das classes sociais inferiores": camponeses, artesãos, operários, que falam os dialetos de sua região de origem, não o "italiano" e, muito menos, o português falado no Rio Grande do Sul "Burse"(1975). Entre os dialetos falados o próprio Burse salienta o Vêneto.

Burse (1975) afirma que constatou que 100 anos após a vinda dos primeiros imigrantes, na "Antiga Região Colonia Italiana" apenas se fala dialeto, mas que ele apresenta uma estupenda vitalidade, embora com as ressalvas gerais feitas à situação dos dialetos na Itália e às condições especiais decorrentes do processo de aculturação no Brasil.

De 1900 a 1914 a emigração atinge quotas altíssimas, superando os emigrantes da Itália Meridional (Calábria) os da Setentrional, entre os quais, ainda predominava o elemento Vêneto. Conforme Mário Sabatini (1971).

À Itália Setentrional, a antiga Gália Cisalpina, pertencem as

regiões: Piemonte, Ligúria, Lombardi, Emilia Vêneto.

Os dialetos: Piemontês, Lígure, Lombardo (e Ticinese) (Suiça) e Emiliano pertencem lingüisticamente à Galo România. O Vêneto subdividido em: Vêneto propriamente dito, Trentino, Goriziano, Triestino e Istriano não sofreram a influência Gálica, se não em mínima parte; isto é, pelo lado Ocidental Bresciano e Bêrgamasco, impulsionados pelos Galos Cenômanos e pelo lado Oriental impulsionados pelos Galos Cárnios, especialmente no Feltrino e Belunese. (O sobredito foi testemunhado pelo informante Prof. Dr. Fioravante V. Ferro, e baseado em G. Giacomelli & G. Devoto (1972)).

2.3 - PREDOMINÂNCIA DE UM DIALETO EM JOAÇABA.

Em toda esta região do centro oeste catarinense predomina um dialeto italiano, o que, aliás, já havia sido notado, nas localidades, de onde vieram as famílias que colonizaram esta região de Joaçaba. Embora seus antepassados tenham vindo de diversas regiões da Itália, predominou um tipo de dialeto único.

Até hoje, a maioria das pessoas mais idosas não sabem falar o português, por eles cognominada de "la lengua dei negri", embora a entendam e apesar de alguns deles já serem nascidos no Brasil, ou terem vindo da Itália ainda crianças. Esses e seus filhos, se não publicam que são lingüisticamente italianos, é devido a um temor de perseguição originário da época da guerra, da década de quarenta. Mas conversando confidencialmente e despertando confiança, essas pessoas se revelam com grande amor à língua italiana e consideram-se italianos; muito embora a maioria deles já tenha nascido no Brasil.

Estudando a situação geográfica e sócio-econômica desse povo percebe-se que até agora, tanto nas regiões onde moraram, do Rio Grande, e mais ainda aqui, não havia contacto com os brasileiros. Um fator disso foi o medo das perseguições a estrangeiros, durante a última guerra mundial, que os entocou em suas casas e terras, privando-se até do tão sagrado, para eles, direito

e dever de assistir à missa dominical, embora, no Rio Grande, a maioria dos Padres fossem italianos. Conservam até hoje um certo receio e temor de falar sua língua diante de estranhos. Acostumaram-se a não fazer amizades, nem a frequentar rodas onde haja pessoas que não falem italiano.

Os poucos descendentes de jagunços que por aqui restaram, aprenderam perfeitamente a fala dos italianos e apolidaram esses italianos de "gringos". Já que esses novos imigrantes tornaram-se os donos das colônias; os jagunços além de precisarem de emprego nas empreitadas das lavouras, necessitavam de segurança e amizade dos proprietários para que eles os deixassem viver em suas terras.

Outros fatores da conservação da língua italiana foram:

a) - Falta de escolas, até mesmo para a infância e juventude (seus filhos).

b) - Ausência de rádios, não só pela ausência da eletricidade, mas também pelo temor de ser taxado de nazista. Este temor permaneceu, por mais de uma década, depois que a guerra mundial acabou. Isso foi em consequência das perseguições de quem se comunicava em língua estrangeira no Brasil, e pela proibição de famílias estrangeiras possuírem rádios durante a guerra, o que fez que muitas famílias embora nascidas no Brasil, mas por falarem italiano e considerarem-se como tal, devido a sua descendência tinham medo de adquirir rádios.

Das centenas de famílias visitadas, são pouquíssimas as que possuem televisão, e mesmo assim dizem tê-las adquirido há pouco. Um grande motivo da falta de televisões, nos lares dos colonos, é que só há pouco as redes da CELESC estão se espalhando pelo interior dos municípios. Só é possível captar um canal de TV, porque não há retransmissoras, e além disso, a única que há, muitas vezes está fora do ar.

Jornais e revistas não são lidos, mesmo porque, a maioria das pessoas, mais idosas, só aprendeu as primeiras letras em italiano, com os pais.

Dall'Alba (1971) diz que até 1914, início da grande guerra, a

maioria dos italianos mantiveram correspondência regular com a Itália. A guerra interrompeu-a. Nos primeiros anos recebiam até jornais e revistas. Todos possuíam algum livro. Diversos entrevistados disseram que aprenderam a leitura em escolas brasileiras, estudando o português, e depois aplicaram sua aprendizagem em livros italianos, num esforço pessoal, e com algumas explicações dos pais conseguiram ler a língua italiana.

Diz o mesmo Dall'Alba que bem poucos dos que chegaram, pensavam em aqui permanecer definitivamente. Era enriquecer-se e mandar-se para a 'madre pátria'. Talvez motivados por isto, havia grande culto à pátria. Idênticas manifestações de amor à pátria de origem ocorriam entre os alemães, o que levou o Governo do Estado Novo a intervir pela força. As leis foram drásticas.

Mediante tal pressão, os italianos retraíram-se. Só fazendo uma pesquisa em loco ou um levantamento bem minucioso é que se pode descobrir a quantidade de famílias que falam tal língua.

O povo é simples e não aparenta sentir-se humilhado por falar tal língua, mas tem receio de mostrar que a falam. A juventude, que frequenta os centros urbanos, para estudar, fala o português por necessidade de comunicação. Estes jovens deixam transparecer certo acanhamento em demonstrar que falam italiano, porque a interferência da língua materna lhes dificulta o desembaraço no Português e sentem-se humilhados, uma vez que ninguém os valoriza como bilíngües. A maioria da juventude é bilíngüe, e expressa no seu português uma carga fonética, vários fatores semânticos e sintáticos, cujas particularidades mereceriam um outro estudo de grande fôlego.

Transcreveu-se aqui, na íntegra, alguns depoimentos que foram gravados em fita cassete, os quais selecionamos das entrevistas pessoais feitas com os moradores desta região, incluídas nos 2.116 questionários.

Estes depoimentos foram totalmente gravados em italiano e traduzidos para constarem neste trabalho.

2.4.1 - Depoimento da Sra. Maria Campagnolo Lago.

(Vinda diretamente da Itália, com
forme documenta o passaporte a-
nexo Nº 16).

"Nasci em Vila Del'Conti em província de Pádua. Vim
ao Brasil com 26 anos de idade, casada com Giovani Lago, e trouxe
uma filhinha de 9 meses.

Fizemos boa viagem, e passamos bem de saúde no navio.
O navio era bem grande e chamava-se: Miralia Bétolo. Neste navio
havia quatro famílias da Itália, uma delas eram nossos primos ir-
mãos, outros eram apenas conhecidos. Partimos de Gênova dia 7 de
setembro de 1924. De Gênova fomos à Nápoles, onde chegamos às 4 ho-
ras da tarde. Ficamos lá até às 8 horas da manhã do dia 8. Daí fo-
mos a Palermo, onde estivemos das 4 hs. da tarde até 9 horas da ma-
nhã do dia 9 de setembro. De Palermo partimos para o Rio de Janei-
ro, Brasil.

A companhia que se encarregava da viagem era france-
sa. Pagamos a metade da passagem e outra metade era paga pelas com-
panhias de colonização do governo. A companhia encarregava-se de
tudo e fomos bem tratados. Tínhamos vinho duas vezes ao dia.

O navio deixou-nos em Santos onde estivemos oito (8)
dias num hotel esperando por outro navio costeiro. Este 2º navio
carregava mercadorias e passageiros. Ele estava transportando café
até o porto do Rio Grande.

Desde que saímos da casa dos pais, na Itália, até
chegarmos em Caxias, no Rio Grande do Sul, onde morava minha tia,
levamos 29 dias.

Paramos quatro dias em Porto Alegre. Na cidade de
Rio Grande chegamos dia 4 à tarde, mas não pudemos desembarcar,

porque não tínhamos licença para tal. Às 8 horas do dia seguinte, o navio foi para Pelotas onde pudemos desembarcar. Visitamos a cidade e tínhamos prazo até às 20 horas para nos recolhermos ao navio. Dormimos a bordo e pela manhã o navio zarpou para Porto Alegre. Lá desembarcamos definitivamente. Quando chegamos em Porto Alegre já não tínhamos mais dinheiro para continuar a viagem. Então fomos ao Consulado Italiano em Porto Alegre para que nos desse uma passagem até Caxias, onde residia minha tia. O Cônsul pagou-nos a viagem de trem e fomos. Em Caxias estivemos com minha tia 9 meses. Esta tia era viúva e não tinha filhos. Tinha vindo da Itália há muitos anos, com os primeiros emigrantes. Ela era muito rica, mas como era só, havia doado seus bens para uma afilhada que cuidava de sua velhice. Daí o Sr. Demétrio Dalla, que nos havia acompanhado, emprestou-nos, uma casa vazia que possuía e fizemos uma plantação de milho, em meio à colônia daquela casa.

Lá em Caxias, conhecemos a Sra. Égide Massignan, que tinha vindo morar aqui em Santa Catarina, há algum tempo e, naquela época, tinha ido à Caxias, de trem, tratar dos dentes porque por aqui não havia dentistas. Esta senhora era dona de muitas terras e nos convidou para que viéssemos morar com ela. Viemos de trem. Embarcamos em Caxias e desembarcamos em Barra Fria. Pagamos a viagem de trem com o lucro da safra de milho que fizemos. Ao chegarmos em Barra Fria emprestamos duas mulas do Sr. Zilio Zibetti para vir da estação ferroviária até a casa da Sra. Égide. Ali ficamos trabalhando como agregados durante três meses. Depois conhecemos o Sr. Fronza, que morava em Bento Gonçalves mas, fora comprar terras em Santa Catarina. Ele nos convidou para que fôssemos morar na terra que havia comprado para cuidá-la. Tudo o que plantássemos ou criássemos,

naquela terra, seria nosso. Ele só pediu que pagássemos o imposto das terras, como aluguel. Aceitamos e ficamos morando cinco (5) anos nas terras do Sr. Fronza. Quando saímos de lá, compramos uma colônia com o dinheiro que lá lucramos, e levamos, para a nossa nova terra, 2 vacas de leite, quarenta e quatro porcos, uma égua, galinhas e sementes para plantar. Também construímos uma casa nova na nossa terra.

Quando chegamos na terra do Sr. Fronza havia um rancho de bugres, foi lá que nos instalamos. O rancho era feito de estacas de madeira e pedras. As paredes da cozinha eram feitas de estacas amarradas com cipó. Cada vez que fazia um pouco de vento mais forte, as paredes da cozinha caíam. Então tínhamos que ir no mato procurar cipó para levantar e amarrar novamente as paredes.

Quando fazia três anos que estávamos aqui, economizamos algum dinheiro das plantações e criações e mandamos um conto e quatrocentos mil réis para a Itália, para mandar buscar a família de meu cunhado. Fizemos um vale e mandamos para a Itália, para que meu cunhado pagasse a sua passagem para cá, com sua mulher e sete filhos.

O Sr. Demétrio Dalla era um antigo emigrante da Itália, que voltava agora com sua esposa para visitar os parentes. Sua esposa chamava-se Stela Betiato Dalla. Eles procuraram meus pais, a pedido de minha tia que morava em Caxias do Sul, Brasil. Minha tia havido mandado algum dinheiro e um convite para meus pais virem para o Brasil. Então meus pais mandaram que ele nos procurasse. Nós eramos pobres e morávamos numa casa pequena para tanta gente. Fazia dois anos que eu era casada e morava com os cunhados e sogros. Um dos cunhados, que morava conosco tinha oito filhos, mais o casal, só eles eram dez. Naquela casa havia mais uma mo

ça solteirona e um rapaz de vinte e seis anos que queria casar, e ficaria morando aí. Era muita gente e tínhamos pouca terra.

Meus pais não queriam que eu viesse porque eu era a filha única, embora eu tivesse onze irmãos homens.

O Sr. Demétrio, que viera do Brasil disse-nos: "O que vocês fazem aqui tão apertados? Vamos para o Brasil que é muito largo e tem muita terra". E nós resolvemos partir.

Na viagem só podíamos trazer 15 kg. de bagagem cada pessoa. Encaixotamos nossas roupas numa quantidade que pesasse 30 kg. Trouxemos o que podíamos e aqui tínhamos que começar uma vida nova.

Plantamos milho, mandioca, batata-dóce, alfafa, batatinha, cebola e verduras. Desde o começo criamos porcos, compramos uma terneirinha e criamô-la para vaca de leite.

Disseram-nos que havia um moinho de pedra a dois quilômetros do rio, naquela região onde é hoje o centro de Joaçaba. Para levar o trigo ao moinho gastávamos um dia de viagem. Não havia estradas nem carreiro que passasse um cavalo, por isso íamos a pé com o saco às costas, algum tempo depois íamos puxando o cavalo e abrindo picada. Quando chegávamos onde hoje é o centro de Joaçaba, tínhamos que nos segurar com um ferro, feito bengala, porque íamos escorregando de um lado para o outro de tão liso que era. Pois naquela região era tudo banhado.

Quando queríamos comprar algum mantimento, como: sal, açúcar ou outros, além de caminhar por muitas horas, ao chegarmos lá onde é hoje o centro de Joaçaba, tínhamos que atravessar o rio do Peixe, pagando o balseiro que nos acompanhava na balsa.

A balsa era feita de uma táboas amarradas, puxada com as mãos do balseiro, por um arame que atravessava o rio.

Lá em frente onde hoje é a estação ferroviária (esta ainda não existia), o Bonato tinha uma bodeguinha, onde comprávamos o que precisávamos.

Quando, ao ir para o moinho, tomávamos chuva, chegávamos lá todos molhados e com os grãos ensopados. O moinheiro pesava nossa carga e a estendia ao sol para secar.

Naquela região haviam muitas famílias de negros que estavam sendo expulsos das terras que as Companhias Colonizadoras vendiam, então eles se empregavam para arrumar as ruas e fazer as construções, mais tarde foram eles que construíram a estação ferroviária.

Quando, no tempo de Getúlio Vargas, eu ia fazer compras, cuidava-me para não falar na frente de outras pessoas. A única palavra que eu dizia era o nome da Sra. do bodequeiro Pedrini. Chamava-se Catarina, e era minha conhecida. Então eu me dirigia para a cozinha da casa e lá eu pedia, em italiano (só sabia falar tal língua), os mantimentos que eu queria comprar. Falava em segredo na cozinha de medo que me prendessem, pois era proibido falar em italiano ou alemão na época.

Quando precisávamos remédios, os comprávamos na única casa que havia onde hoje é o centro de Joaçaba, e foi por muitos anos depois a Farmácia Santa Clara. Lá morava um farmacêutico, que se chamava Abílio Machado".

Hoje a família Lago tem muitas terras, muito gado e uma linda e grande casa. Seus quatro (4) filhos casados são todos donos de bastante terra e criações em diferentes lugares.

2.4.2 - Depoimento da Sra. Ida Lago.

"Nasci em Vila Del'Conti, provincia de Pádua, em 1910. Lembro-me da guerra de 1914 e da de 1918, no monte Grapa, e em Treviso, que não ficava muito longe da nossa casa, pois podíamos avistar os combates de longe.

Nós saímos de Gênova há trinta e três anos atrás. Paramos na Espanha, descemos até a Africa, onde aportamos para abastecer o navio, e de lá viemos para o Rio de Janeiro:

O navio era bem grande e chamava-se "Formosa". Neste navio vinham várias famílias de emigrantes de diversas nacionalidades. Haviam italianos, franceses e alemães.

Só da nossa família éramos em nove. Eu completei 19 anos em alto mar, dia 11 de fevereiro de 1929. Meus irmãos que vinham conosco chamavam-se: Atílio, Linda, Júlio, Venuto, Vitor e Josefina, só um que nasceu aqui no Brasil.

Metade da passagem era paga pelo governo e metade o papai pagou. Fomos muito bem tratados durante a viagem.

Paramos na Ilha das Flores. Aí passamos para outro vapor que foi até a ilha de Florianópolis, em Santa Catarina, de lá o navio voltou para o Porto de São Francisco, onde ancorou. Lá pegamos o trem e viemos até Barra Fria, onde chegamos dia quatro de março de 1928.

Aqui tínhamos um tio que tinha um moinho de pedra.

Meu pai chamava-se Emílio Lago e minha mãe Maria Ema Candiotto Lago.

Eu estranhei muito o tipo de terra e vegetação da-

qui do Brasil, porque onde morávamos era tudo plano e não havia tanto mato como aqui. Lá só há bosques, e árvores plantadas para fazer lenha, mas acho que aqui há riqueza e abundância.

Nos primeiros dias que aqui chegamos, eu e meus irmãos estávamos andando por estas colônias, quando passamos por um velho e alguns jovens e eles nos deram um bastão de cada um. Não sabíamos para que era. Pensávamos que fosse para servir de bengala. Estranhamos a oferta porque não estávamos cansados. Segu_uramo-los na mão até que nos afastamos daquele velho e depois jogamos os bastões num poteiro. Falamos: "Para que isso? Não somos a leijados e temos boas pernas para caminhar".

Três dias depois encontramos com o velho que nos disse: "Ossta de italianos! Não sabem o que é bom, não; mas agora, sim, acharam o direito".

Ele havia dado a cana para chuparmos, mas como nunca tínhamos visto cana não sabíamos para que servia".

2.4.3 - Depoimento do Sr. Luiz Abatti

"Viemos do Rio Grande do Sul em 4 pessoas, há 53 anos atrás.

Levamos seis (6) dias de viagem. Um cargueiro trazia a mudança, meu pai vinha montado num animal; no outro vinha minha mulher, em outro, vinha meu irmão. Eu vim a pé, porque não tinha mais cavalo, nem mula.

Estivemos perdidos lá pela região de Pato Branco, mas logo nos encontramos.

Meu pai havia se informado com um e com outro e

lhe haviam dito que a Companhia vendedora de terras fizera estradas.

Meu pai disse que mais adiante pegaríamos um auto, pois supôs encontrar estradas. Que estradas, qual nada! Tudo mato!

Numa encruzilhada havia dois carreiros. Meu pai quis seguir por um deles, pois disse que encontraria as estradas, as quais supunha existir. Eu logo vi que não haveria estradas. Havia-me dito que o carreiro era tão estreito, difícil até para o cargueiro passar, muito menos passariam autos. Eu sabia que seguindo pelo outro carreiro seria melhor, pois vi que por lá havia passado aquele velho que acompanhou a mudança do meu cunhado. Meu pai disse:—"Não, não! Vamos por aqui e chegaremos nas estradas feitas pela Companhia. A Companhia fez tudo. Quando chegarmos lá na casa do cunhado, pegaremos um auto! Em frente. Vamos!"

Eu e os outros obedecemos.

Quando chegamos dentro desta região de Caraguatá, percebemos que faltava meu pai. Paramos tudo. Descansamos o cargueiro. Eu, para cima e para baixo à procura de meu pai. Voltei até Pato Roxo. Quando cheguei lá e não o encontrei, procurei-o nos dois carreiros, fiz uma volta pela casa dos Marculinos. O Sr. Marculino me acompanhou até aqui. Fomos até a casa de meu cunhado. Este viu um rasto de ferradura de animal. Como não havia animais nesta região, seguimo-lo, com uma cachorra, que meu cunhado havia comprado lá na região onde agora é o centro de Joaçaba. Mas esta cachorra logo se separou de nós e a perdemos.

Meu pai que vinha atrás havia se distraído e entrara por outro carreiro, encontramos-lo mais adiante pois ele havia dado uma volta.

Mais tarde encontramos a cachorra quase sem vida de tanto andar. Sua respiração mostrava grande cansaço.

Quando passamos por umas casas, onde agora é Catanduvas, havia uma bodega. Lá meu pai comprou um chinelo para mim, pois eu tinha os pés chagados de tanto andar descalço.

Depois de feita a nossa casa, com táboas rachadas de madeira que cortávamos, daqui mesmo, nos instalamos e começamos a plantação. Meu pai e meu irmão voltaram para o Rio Grande".

2.4.4 - Depoimento do Sr. Fioravante Abatti.

"Vim do Rio Grande, eu, minha mulher e meu filho João Abatti, que tinha 6 meses, há 52 anos atrás.

Levamos 6 dias de viagem. Meu pai e meu irmão, que vieram nos acompanhando, voltara depois para Capoeira (hoje Prata) Rio Grande do Sul.

Meu pai havia comprado as terras da Companhia Moser e pôs uma colônia em nome de cada filho.

Aqui, no município só havia duas bodegas.

Meu pai havia dado 500 "fiorini" (mil réis) para cada filho, que vinha para sua terra, para comprar arroz, açúcar e o que precisávamos.

Víamos a pé. Tínhamos um cavalo, com cargueiro, que trazia a mudança. Passamos por Capinzal, Linha 7, subindo e descendo morros. Pelo caminho pousamos em ranchos dos fazendeiros, ou ranchos abandonados, dos bugres (índios), quando havia. Pousamos em ranchos cheios de sujeira, onde havia pulgas, bichos-de-pé, piolhos de galinha. Limpávamos o rancho com galhos de capoeira e

passávamos a noite. Não tínhamos muita roupa, mas não passávamos frio porque era verão. Numa noite às 3 ou 4 horas da madrugada, passaram por nós uns tropeiros, que iam a cavalo, com suas mercadorias para vendê-las. Passamos o rio Pelotas de balsa, depois o rio Ouro também, lá havia uma pequena balsa, feita de pau-a-pique.

Quando chegamos aqui, na serra, passamos por carreiros cheios de voltas e curvas, em penhascos nos quais tínhamos que andar com cuidado e lentamente para não despencarmos precipício abaixo. De tempo em tempo, em cada volta encontrávamos uma cruz enfiada na terra, que indicava que alguém morrera por aí. O cargueiro do cavalo ia batendo pelos galhos das árvores e capoeiras.

Depois de mim veio o Albino Abatti com a família. Minha irmã Carolina, veio para a terra dela, com a família, um ano depois".

2.4.5 - Depoimento do Sr.Lorenço Orso.

"Entrei nestas terras em 1923.

Fiz 76 anos dia 12 de setembro de 1976, logo nasci em 1900.

Vimos a cavalo, do Rio Grande do Sul, com uma turma de cavaleiros. Naquela época a companhia da estrada de ferro, de São Paulo à Rio Grande, fez contratos para vender as terras para as companhias colonizadoras. Essas faziam propaganda pelo Rio Grande do Sul, para vender estas terras em pequenas colônias.

O Sr. Mosele, convidou-nos para ajudar medir as terras das colônias. Oferecia-nos emprego medindo as terras, em troca, podíamos escolher a colônia que queríamos, e algum ordenado.

Ficamos três, dos cavaleiros, aceitando esta proposta. Eu, o Angelo Bernardi e o Lodovico Bernardi, ainda vivo.

Depois de trabalharmos três meses e alguns dias, escrevi a meu irmão que viesse, pois, eu já havia reservado duas colônias. Disse-lhe que trouxesse um cargueiro com ferramentas, como: a foice, machado e mantimentos.

Durante os três meses vivíamos só de carne dos bichos que caçávamos, como: pássaros, porco-do-mato; e da pesca, a qual havia em grande abundância.

Repentinamente, chegou meu irmão batendo no acampamento e disse: "aqui está a ferramenta que você me pediu".

Eu fui, aos chefes da companhia, pedir-lhes que me dispensassem do emprego para eu fazer a minha roça. Falei com o agrimensor Ladislau, mas ele disse: - "Sr.Lorenço, o senhor é o ponteiro da frente e vai me fazer muita falta, por favor fique mais um tempo até acharmos um prático. Faltando o senhor, faltar-me-á o

braço direito. Se ficar mais um tempo poderemos aumentá-lo quinhentos réis por dia".

Aí ficamos mais oito dias e depois, disse-lhe: - "Agora preciso sair, meu irmão está aí. Terminamos o mantimento que meu irmão trouxe e preciso trabalhar também para mim".

Ele respondeu-me: - "Bem, bem, vá, vá".

Contratamos alguns caboclos, que estavam na minha terra, e junto com meu irmão, fizemos uma roça e plantamos o milho.

Numa das viagens, que fiz, ao Rio Grande, para buscar a mudança, fiquei preso pela revolução de 1923 a 1925. Fiquei seis meses detido. Quando me soltaram, pude vir para ver a minha terra. A bracatinga já estava mais alta que o milho. Desaparecera tudo o que estava dentro.

Preso ou detido pela revolução, quer dizer que éramos obrigados a ajudar na luta, mas apresentavam-nos como voluntários. Éramos obrigados a ajudar na retaguarda. Isso foi durante a revolta de Carlos Prestes contra o governo: Borges de Medeiros e Assis Brasil. Nós estávamos do lado do governo. A luta constava de roubo, matanças, prisões e quando entrávamos em combate, mandavam: Fogo!. E tínhamos que atirar, fosse em quem fosse. Nesta revolução estávamos três irmãos: dois contrários e um a favor do governo. Foi uma revolução besta.

Depois que nos liberaram, eu e meu irmão viemos para Santa Catarina. Meu irmão estava casado e disse-me. - "Case Também porque milha mulher não quer ir sozinha".

Eu não queria levar uma mulher nova para o mato, para fazê-la sofrer, mas pensei que devia fazê-lo, pois se eu não fosse perderia a terra. Eu já havia dado quatrocentos mil réis de entrada, há um ano. Era dinheiro ganho com muito sacrifício.

Em quinze dias resolvi casar, depois de três dias de casado, partimos com uma carrocinha de duas mulas até Coxilha. Lá pegamos o trem até Limeira, que era a sede da Vila. Viajamos com cinco mil réis, uma mala de roupa cada um. Da sede da Vila tínhamos que fazer 14 km. Éramos dois casais novos e não conhecíamos bem a estrada. Um caboclo aceitou cinco mil réis para nos trazer com uma carrocinha até Santa Clara. Chegamos à noite. (no fim da estrada). Continuamos o caminho a pé, por falta de estrada. Entramos pelo mato, com uma tocha de fogo, na ponta de uma taquara, para iluminar um pouco a escuridão da noite. Perdemos-nos pelo mato. Começamos a gritar para ver se alguém nos ouvia. Algum tempo depois ouvimos uma voz de homem que gritou ao longe: - "Quem vem lá". Era um caboclo que morava num rancho próximo da minha terra. Gritamos por socorro dizendo que estávamos perdidos. Ele veio ao nosso encontro e pernoitamos em seu rancho. Pela manhã, fomos procurar o meu antigo rancho que estava em ruínas, coberto pela bracatinga.

Dali por diante foi uma vida de luta e trabalho para limpar o mato e plantar tudo novamente. Daquela data em diante fiquei residindo aqui".

Este depoimento do Sr. Lorenzo Orso, confirma as divisões de terras, conforme constam do mapa nº 3.7 .

Hoje este senhor possui uma linda chácara arborizada e bem cultivada. Uma casa nova e o conforto das colônias.

2.4.6 - Depoimento do Sr. José Zanin.

"Meus pais vieram da Itália. Meu pai chamava-se também José e minha mãe Rosina Zanin.

Quando viemos da Itália, éramos seis irmãos, mas três morreram no navio, de epidemia. Os navios tinham uma péssima higiene e não havia conforto.

Aqui no Brasil, nasceram mais três irmãos. Criamos nos no Rio Grande do Sul. Eu fui um dos três que nasceu no Brasil, em Protásio Alves, sétimo distrito de Lagoa Vermelha.

Vim para Santa Catarina, solteiro, com 26 anos.

Vimos a cavalo até Passo Fundo, depois pegamos o trem que nos trouxe até Herval d'Oeste.

Comprei as terras, aqui mesmo, da Companhia Mosele. Fiz dívida e fui trabalhando de camarada (agregado) até que paguei as dívidas.

Entrei pelo mato e fiz uma roça de milho. Quando colhi o milho, a colheita rendeu tanto, que deu para casar.

Quando entrei, pela primeira vez, achei três famílias de caboclos moradores aqui. Espalhados por estas terras havia bastante caboclos. Eles queimavam o mato, para plantar algum milho e quando colhiam, queimavam mais adiante. Só estragavam as terras.

A minha colheita de milho havia rendido muito dinheiro, tanto que eu pude pagar uma festa, num dos melhores "Hotel Pensão" do centro da cidade. Quando acabou a festa, eu fui pagar as contas e foi-se todo o meu dinheiro".

Este senhor ajudou a medir as terras da Companhia Mosele, da qual é testemunha.

2.4.7 - Depoimento da Sra. Luiza Rati Maschio.

"Eu e meu marido, Atilio Maschio, ambos nascemos em nova Prata, Rio Grande do Sul, em 1899, no distrito de Vista Alegre.

Quando nasci, meus pais tinham há pouco, chegado da Itália, como emigrantes. Éramos 10 irmãos: 6 homens e 4 mulheres. Todos os meus irmãos nasceram na Itália, só eu, nasci no Brasil.

Há 38 anos atrás vim residir em Santa Catarina. Eu tinha então, 39 anos.

Quando viemos do Rio Grande para cá trouxemos, para comer na viagem, 5 sacos de pão, uma caixa de salame e queijo.

Levamos 7 dias de viagem a cavalo. Trazíamos 7 mulas puxando uma carreta com a mudança. Eu vinha a cavalo e trazia minha filhinha de colo no meu cavalo. Os outros meus 6 filhos vieram na carreta ao lado ou sobre os nossos pertences. O mais velho, de 11 anos e meio, no timão da carreta, atrás, segurando um cachorro.

Ao meio dia parávamos para descansar os animais e para comermos. Pelo caminho só encontrávamos gente boa, que nos ensinava o caminho, ou nos dava hospedagem.

Durante a viagem tivemos que atravessar um rio que desconhecíamos. Um negro, o qual nos havia dado pernoite, em sua cabana, nos acompanhou até uma parte do caminho, para, ao longe nos mostrar qual era a parte do rio que poderia ser atravessado. Ele havia dito que ao entrar no rio tínhamos que andar transversalmente para dar pé. Era alta madrugada, quando chegamos naquele lugar. Meu marido entrou, lentamente no rio, a cavalo, procurou atravessá-lo, mas o cavalo perdeu o pé e afundou-se. Voltaram a nado. Então

voltamos novamente para a residência do negro e dissemos-lhe que o cavalo havia afundado. Então ele foi conosco até o local, mas como ainda era escuro, ele disse que seria melhor esperar até que clareasse o dia. Esperamos. Mais tarde ele disse: "Eu vou na frente, a cavalo, e vocês procurem seguir-me bem perto para que os cavalos pisem nos lugares por onde eu andar". Ele andou transversalmente fazendo uma volta dentro do rio. Quando passamos, meu marido quis dar 20 "fiorini" (mil réis) para aquele homem, mesmo porque à noite, em sua casa, ele me havia levado uma "guampa" de leite. Mas o homem não quis nada e disse: "Não, Não! Fica para sua família". Então lhe demos queijo e salame que trazíamos.

Minha filhinha de colo teve febre durante a viagem. Pensei: "Será que terei que enterrar minha filhinha no campo?". Mas tinha fé em Deus. Enrolei-a bem, e à noite chegamos à casa do Sr. Chico (Francisco) Bartesã. Pedimos-lhe ajuda, e eles fizeram vários chás para minha filhinha, até que ela melhorasse. Eu também não me sentia bem, mas depois de descansar e tomar alguns chás melhorei. Então seguimos viagem.

Aqui em Joaçaba não havia nada. Em Herval d'Oeste, em frente ao Valentin Lovato, havia uma bodega que era do Pedrini. Lá fomos comprar uma panela para fazer a polenta.

Aqui atravessamos o rio a cavalo. Na bodega havia mantimentos, algumas roupas e alguma outra coisa.

Quando chegamos, tínhamos 3 sacos de farinha.

Aqui nos abrigamos no chiqueiro que meu irmão havia feito, mas ainda não tinha sido usado. Aí, naquele barracão, ficamos 10 meses. Para cozinhar fizemos uma barraquinha anexa ao chiqueiro.

Queríamos comprar uma vaca, mas foi difícil achar

quem a tivesse para vender.

Depois derrubamos os pinhais, serramos nós mesmos as táboas, com serras de mão e fizemos a casa.

Aí fomos criando porcos, plantando e progredindo".

2.4.8 - Depoimento do Sr. Angelo Abatti e sua esposa Tereza Sagali Abatti.

"Meus pais vieram da Itália, de Bêrgamo. Havia Bergamascos de baixo e de cima. Eles eram de Bergamo de cima. Instalaram-se na linha Oitava nº3. Havia a linha primeira que começava em Nova Bassano à Capoeira (hoje Nova Prata).

Aqui para esta região do município de Joaçaba, que naquele tempo pertencia à Vila de Catanduvás, primeiro veio o meu cunhado, um ano depois o meu irmão Luiz. Depois veio minha irmã Luiza com sua família, um ano depois veio o Fioravanti com a mulher e um filho. Nós viemos antes que o Fioravanti. Depois dele veio o Albino e mais um ano depois veio a Carolina com sua família. Por último veio a família da Rita.

Papai havia comprado uma colônia de 10 alqueires de terra para cada filho, por três (3) contos de réis cada colônia. Comprou da Companhia Moser.

Primeiro eu havia vindo com meu cunhado para ajudá-lo na mudança. Viemos a cavalo. Depois meu cunhadó acompanhou-me de volta até Nova Prata. Então ele veio sozinho.

Um ano depois eu vim com minha família.

Trazíamos nossos pertences no cargueiro. Passamos Pelotas, Lagoa Vermelha, Bergamo, Marcelino Ramos, Coxilha Se

ca, Capinzal.

Vínhamos para cá, porque o Rio Grande do Sul já estava invadido de moradores, e aqui a terra era baratinha.

Quando chegamos aqui não havia nada. Derrubamos os pinheiros, rachamos as táboas e fizemos a casa. Moramos três meses na casa do cunhado até fazermos a nossa casa. Quando meu cunhado veio, pagou para vários homens como Vitorio Bernardi, Angelo Roco e Silvano, que moravam em Catanduvas, para que lhe ajudasse fazer a casa, para fazê-la mais depressa, e nela poder morar. O vizinho mais próximo era os Rocos, que ficavam a 16 km. daqui.

Quando fizeram a 1ª casa houve um equívoco, pois fizeram-na no nosso terreno, pensando que era deles. Depois, quando chegamos e verificamos o engano, fizemos a outra casa no terreno que estava em nome deles, do cunhado, e ele mudou-se para lá e nós ficamos aqui. Fizemos uma cozinha de chão batido, sem assoalho, de madeira, e lá fazíamos o fogo no chão.

Com os 500 "fiorini" (mil réis) que havíamos trazido compramos um saco de trigo para semear, um porco, algumas galinhas e um pouco de banha. Compramô-los dos Bernardi, que haviam se mudado de Nova Prata, Rio Grande do Sul, para cá, algum tempo antes. Eram uns dos vizinhos mais próximos, a 16 km. da nossa casa.

Aí onde hoje é um dos grande moinhos de Joaçaba, por aquele tempo já se havia instalado uma família de alemães que montaram um moinho de duas pedras. Era rude e primitivo, mas começou a servir para moer para todos os colonos da redondeza. Para ir lá levávamos um dia inteiro só na viagem. Íamos a pé puxando o animal que carregava as sementes, ou levávamos o saco de semente nas costas. Tínhamos que ir escolhendo o lugar por onde pisar, por-

que não havia carreiro e tínhamos que subir e descer morro, por penhascos muito perigosos. Passávamos por lugares horríveis e tínhamos que andar devagar e com muito cuidado para não escorregar. Eram precipícios pavorosos. Quanta batata comemos para fazer menos viagens por aqueles barrancos íngremes, que era o único lugar onde podíamos moer o milho para a farinha de polenta, ou o trigo. E dávamos graças a Deus quando tínhamos as batatas, mandioca ou batatinha. Quando chegamos ainda tínhamos que plantar as batatas, pois os negros que moravam por aí plantavam tão pouco que não dava nem para eles.[†]

(Note-se que acima ele falou por duas vezes que os vizinhos mais próximos residiam a 16 km. de distância, e agora ele fala de várias famílias (e numerosas) que estavam apenas a 3 Km., É que este tipo de gente (i nigri) não eram considerados vizinhos por não possuírem qualquer documento de propriedade de terras) - (Ouçamos o que nos diz:)

“Havia 6 ou 7 famílias "i nigri", os Marculinos, os Rodrigues e outros, todos com muitos filhos, que haviam feito umas cabanas à 3 km. da nossa casa. Estes "nigri" nos diziam: - "Vocês são gringos, emprestados lá do Rio Grande do Sul, vocês aqui não mandam nada. Aqui a terra é nossa. Nós chegamos primeiro, muito antes de vocês". Mas eles não tinham nem um documento que provasse que a terra era deles. A Companhia Moser nos havia vendido a terra, com registro passado no Cartório. Os "nigri" não possuíam nem um papel. Não sabiam ler nem escrever e nunca tinham pago imposto.

As vezes ficávamos alterados quando discutíamos com "i nigri" sobre o direito das terras, mas logo nós nos acalmá

vamos. Eles eram gente boa, e graças a Deus não existiam bebidas de álcool, por isso ninguém se embriagava e existia muita paz.

Quando começamos a criar e matamos os primeiros porcos, os negros vinham ajudar, mas era só para comer a carne. Nós com pena deles, pobres famintos, repartíamos a carne. Mas eles não iam embora, ficavam até que tinha carne. Nem tínhamos coragem de expulsá-los, porque eram muitos, e só mandá-los embora não adiantava.

Depois, pobres de nós, ficávamos sem a carne e só tínhamos a polenta e dávamos graças a Deus quando sobrava um pouco de banha para dar sabor à polenta.

No início comemos muitas aves e peixes, que havia em abundância. Mas era pena que não tínhamos banha para cozinhá-los. Pegávamos muitos pássaros, e com bastante facilidade, como: nambũ, urũ, pombas do mato. Diziam que houve muito porco do mato por aqui, mas (i nigri) os haviam comido a todos. Nós nem conhecemos que bicho era este.

As pessoas que haviam comprado as terras, onde estes negros moravam, mandaram dizer, pelos encarregados de cuidar a terra, para que se retirassem o quanto antes. Essas famílias além de não querer sair, sempre reclamavam que eram donos da terra, reclamavam que eram posseiros, por serem os moradores mais antigos, que o governo lhas havia dado, mas era só conversa porque não tinham nem um documento.

Eles faziam queimadas em qualquer lugar, punham fogo no mato e não cuidavam. O fogo parava onde e quando queria. Plantavam alguma coisa, mas não dava nem para eles. Só servia para estragar as terras com o fogo. Como ninguém gosta que estraguem o

que é seu, todos os compradores de terra fizeram queixa à Companhia Colonizadora e à polícia. A Companhia mandou policiais que expulsassem essas famílias. Puseram fogo nos ranchos e obrigaram que se retirassem à força. Eles diziam: "Malditos gringos vieram invadir nossas terras, agora temos que pegar o pé de capim e dar o fora". Mas, se a terra fosse deles, quem lhes havia tirado de cima foram as Companhias, pois, nós as compramos das Companhias. Choraram e gritaram muito, mas não adiantou. Eles foram, então, para o Paraná.

No Rio Grande do Sul, como aqui, sempre falamos o italiano. "i nigri" nos entendiam perfeitamente.

No Rio Grande, tínhamos a Missa em latim, mesmo aqui, até há pouco tempo era em latim. Frequentávamos o catecismo em italiano e não era necessário saber ler porque decorávamos a pergunta e resposta. Decorávamos na ponta da língua, e nos era ensinado oralmente.

Havia escolas, no Rio Grande, em português, onde se aprendia ler, escrever e as quatro operações, mas até no recreio falávamos em italiano porque era o que sabíamos.

Aqui, construímos um Capitel onde nos reuníamos aos domingos para rezar o terço. Nos reuníamos todas as famílias de irmãos, cunhados, compadres. De vez em quando fazíamos uma passarinhada e comíamos todos juntos com polenta.

Junto ao Capitel fizemos um jogo de boxa e aí nos reuníamos para jogar. Bebíamos vinho, cachaça, feitos por nós e cantávamos cantos em italiano. Sempre falamos o italiano.

Outros moradores, que vieram do Rio Grande, e participavam de nossas reuniões foram: 1º a família de Fioravante Meneghini, depois a família de Guilherme Favreto, depois a de Ange

lo. Casanova, Augusto Fratini, Hermínio Fratini, Albino Vanti, a seguir vieram as famílias de Angelo Piero, Fernando Veto. Antonio Meneghini, Bento Meneghini, Domingos Meneghini e outros".

2.4.9 - OUTRAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS

Todas essas famílias são muito numerosas e hoje seus filhos já são todos casados e com muitos filhos e netos grandes.

Os velhos Abatti também acabaram vindo do Rio Grande do Sul, para cá, onde faleceram.

Algumas dezenas de quilômetros mais para o noroeste entrevistou-se as famílias Zílio, cujo pai veio de Treviso - Itália e a mãe de Vecenza, Itália. Esta família teve oito (8) filhos homens e duas mulheres. Estes constituíram família e compraram colônias aqui, nesta região, onde hoje ainda vivem alguns deles e com numerosos filhos e netos. A mãe era da família Daltué.

Vizinhos dos Zílios residem os Dalcórtivo, cujo pai João e sua esposa, ambos vieram de Treviso, Itália. Tiveram oito (8) filhos homens e quatro mulheres. Todos casados, residem por estas colônias.

Com o sobrenome "Zílio" entrevistou-se as famílias dos seguintes senhores: Claudio, Alecio, André Eugenio, Valdomiro e Anselmo.

Já foi dito que as entrevistas e depoimentos foram todos gravados em italiano, traduzidos, e também que foram selecionadas entre dezenas de outras, feitas neste mesmo estilo. Repetiu-se esta afirmação para ressaltar o estilo e linguagem, que na tradução procurou-se conservar fielmente o exposto pelo interlocutor.

Poderia-se acrescentar aqui dezenas de outras entrevistas e prolongados depoimentos feitos com outros falantes do dialeto Vêneto, tais como: O Sr. Rafael Costenaro, Carlos Costenaro, João Costenaro e Orildo Costenaro; cada um residindo em sua própria colônia. A Sra. Luiza Abatti Marquezini e o Sr. Alechandro Marquezini, vieram do Rio Grande do Sul, para residir aqui em suas colônias, antes dos irmãos Abatti. (Eles mesmos construíram sua própria casa). As famílias Ficagna (3 irmãos e 2 irmãs, cada um residindo em sua colônia). As famílias do Sr. Germano Raschelli: Nestor, Alencar e Nevio, e muitíssimas outras.

De todas estas entrevistas tirou-se as palavras que serviram para o "corpus" e fez-se observações sobre a fonética, semântica, lexicologia e conotação lingüística de cada código, para concluir quais, ou qual é o dialeto usado.

2.5 - LEVANTAMENTO ESTATÍSTICO

Depois de feito um levantamento geral com 2116 famílias, usando um questionário por família, conforme o modelo Anexo Nº 03, fez-se outros tipos de entrevistas.

A primeira abordagem evidenciada, no levantamento, foi a manifestação de núcleos lingüísticos, mais ou menos isolados, com um relacionamento social, muito mais interligado e profundo, através do uso dos mesmos códigos lingüísticos do que por laços de parentesco, comercial ou opiniões políticas e religiosas.

Para essa amostragem agrupou-se as várias idades em três gerações. Denominou-se "netos" uma geração ou faixa etária dos 7 aos 22 anos. Classificou-se com o título de "filhos" as pessoas dos 22 aos 50 anos. Pessoas, mesmo solteiras, mas com

mais de 50 anos foram tabuladas no epíteto de "avós".

Para ambas as tabulações não se fez distinção de sexo. O questionário possuía a pergunta sexo, mas isso só serviu para qualificar melhor o ambiente familiar, quando as senhoras ou senhoritas, não têm uma profissão fora da própria casa, ou são domésticas em casas alheias, falam determinada língua, no próprio lar e outra no emprego, revelando assim a língua usada em família.

Fez-se dois tipos de tabulação. O primeiro considerando a "competência lingüística" de cada uma das três faixas etárias agrupando falantes de Português numa percentagem, falantes de Italiano na outra, e um terceiro grupo com Alemães, Poloneses e outras línguas que apareceram como: o Espanhol, o Guarani, o Russo, em cifras bem menores.

Para cada série destes três conjuntos, evidenciou-se uma taxa percentual de competência lingüística quanto à capacidade de expressão oral (fala), outra percentagem quanto ao entendimento oral das línguas (entende), outra quanto à aptidão de leitura (lê), e uma quarta percentagem avaliando a competência da grafia (escreve).

No segundo tipo de tabulação feito, também, dividiu-se os falantes em três faixas etárias com as denominações de avós, filhos e netos. Sem distinção de sexo.

Como o questionário usado traz informações sobre a nacionalidade dos pais e avós, tanto paternos como maternos, bem como a indicação da língua falada pelos vizinhos, ou parentes; foi possível fazer um cálculo de grande alcance numérico acerca da língua usada, tanto no meio familiar, social, como no trabalho.

Além das declarações registradas pelo uso de determinada língua no meio familiar, confrontou-se essa afirmação com as respostas obtidas pelo uso da língua durante as refeições, nas orações, com as crianças, contando histórias e piadas, ou repreendendo os filhos, o que em geral conferia com a declaração da nacionalidade dos pais e avós.

Pode-se avaliar a percentagem da língua usada nos setores econômicos pelas respostas dadas às perguntas sobre o trabalho, compras e em outras informações obtidas sobre o intercâmbio comercial; umas declaradas no questionário, outras através da observação, direta feita em feiras, casas de comércio, nos Bancos e Agências Lotéricas.

Como ambiente social identificou-se o uso percentual de determinada língua, no clube, no esporte, com amigos e vizinhos, nas portas das igrejas e nos salões paroquiais, nos enterros e velórios, e nos aniversários e festas de igreja, nos casamentos. Enfim, nos encontros ocasionais ou programados, do ambiente social a que pertence cada grupo populacional.

Os questionários aplicados, na pesquisa de campo, tiveram um duplo objetivo, por isso fez-se dois tipos de tabulações.

Salientou-se a competência destes falantes, além de evidenciar a existência de indivíduos bilíngües na região e abordar a percentagem de conservação ou extinção deste bilingüismo.

Como a percentagem de monolíngües e bilíngües varia do centro urbano do município para o terceiro distrito de Joaçaba, bem como ambos diferem do meio rural; Fez-se três (3)

tabelas de demonstragens para cada um dos dois tipos de percentagem que escolhemos. O terceiro distrito é Nova Petrópolis, e a área, rural escolhida foram todas as colônias que ladeiam o rio Caraguatã, desde a sua desembocadura no rio do Peixe até as proximidades de Jaborá, apesar de feitas várias entrevistas naquele município, além de: Catanduvas, Irani, Lacerdópolis e Ponte Ser-rada. Todavia, nesta tabulação só contou-se os questionários e entrevistas feitas no município de Joaçaba. Para o meio colonial, escolheu-se a já citada área do rio Caraguatã porque ali obser-vou-se uma grande concentração e conservação do uso de dialeto da Itália. A homogeneidade de extensão dos minifúndios divididos em pequenas colônias estão representados no mapa N° 3.7, p.86 e conferem com os depoimentos dos colonos que ajudaram a medir as terras. A concentração de algumas residências, em torno de uma Capela, com seu salão de festas e reuniões, facilitou muito a pesquisa de campo, o que tornou nosso percentual mais exato.

Estas tabulações clarividenciam:

A - Que há grande quantidade de bilíngües, nesse município.

B - Há predominância do falante italiano comparado com outras línguas estrangeiras.

C - Que é mais elevado o grau de conservação do dialeto, no meio rural, sobre a Vila e de ambos sobre o centro urbano.

D - Que há acentuada extinção dos bilíngües, prin-cipalmente italianos, através das sucessões de gerações.

E - Que a conservação do bilíngüe alemão é maior em confronto com o italiano, acentuando-se no meio urbano.

Embora somando os falantes alemães com os poloneses e outros, para limitar o quadro percentual, é conveniente esclarecer que o número de decadência do uso da língua refere-se mais aos poloneses e outros bilíngües ali agrupados, do que ao alemão.

NÚMERO DO LEVANTAMENTO ESTATÍSTICO

LOCAL DO LEVANTAMENTO	NÚMERO DE FAMÍLIAS EXISTENTES (universo)	NÚMERO DE FAMÍLIAS ENTREVISTADAS (amostra)
Colônias próximas ao Rio Caraguatã	200	186
Sede do Distrito de Nova Petrópolis e colônias ao sul	600	136
Centro urbano de Joaçaba	20.700	1.800
TOTAL	21.550	2.116

O universo foi uma estimativa extraída de dados fornecidos pela prefeitura local, calcada nos dados do SERPHAU (Serviço Federal de Hurbanismo) e pelas economias do INCRA, e número de eleitores.

2.5.1.1 - PERCENTAGEM DE FALANTES:

Nas colônias próximas ao rio Caraguatã.

	PORTUGUÊS				ITALIANO				ALEMÃO, POLONES E OUTROS			
	fala	entende	lê	escreve	fala	entende	lê	escreve	fala	entende	lê	escreve
	AVÓS	80%	100%	16%	14%	96%	96%	23%	21%	2%	2%	0%
FILHOS	100%	100%	52%	47%	92%	95%	18%	6%	8%	8%	0%	0%
NETOS	100%	100%	78%	78%	48%	86%	6%	2%	3%	8%	0%	0%

No distrito de Nova Petrópolis.

	PORTUGUÊS				ITALIANO				ALEMÃO, POLONES E OUTROS			
	fala	entende	lê	escreve	fala	entende	lê	escreve	fala	entende	lê	escreve
	AVÓS	93%	100%	26%	22%	73%	73%	16%	7%	17%	17%	4%
FILHOS	100%	100%	48%	46%	64%	73%	11%	3%	12%	17%	3%	2%
NETOS	100%	100%	76%	76%	46%	46%	8%	0%	9%	15%	0%	0%

No centro urbano de Joaçaba.

	PORTUGUÊS				ITALIANO				ALEMÃO, POLONES E OUTROS			
	fala	entende	lê	escreve	fala	entende	lê	escreve	fala	entende	lê	escreve
	AVÓS	98%	100%	46%	46%	43%	48%	13%	11%	29%	29%	18%
FILHOS	100%	100%	73%	73%	46%	68%	17%	4%	24%	26%	5%	5%
NETOS	100%	100%	85%	85%	21%	53%	2%	1%	21%	23%	2%	1%

2.5.2 - PERCENTAGEM DE PREFERENCIA LINGÜÍSTICA

Nas colônias próximas ao rio Caraguatá.

	PORTUGUÊS			ITALIANO			ALEMÃO, POLONES E OUTROS		
	familiar	econômico	social	familiar	econômico	social	familiar	econômico	social
	AVÓS	4%	18%	6%	94%	80%	94%	2%	2%
FILHOS	20%	32%	28%	88%	67%	72%	2%	1%	0%
NETOS	52%	52%	93%	47%	48%	17%	1%	0%	0%

No distrito de Nova Petrópolis.

	PORTUGUÊS			ITALIANO			ALEMÃO, POLONES E OUTROS		
	familiar	econômico	social	familiar	econômico	social	familiar	econômico	social
	AVÓS	31%	59%	69%	52%	38%	29%	17%	3%
FILHOS	43%	61%	83%	45%	37%	16%	12%	2%	1%
NETOS	68%	96%	100%	23%	4%	0%	9%	0%	0%

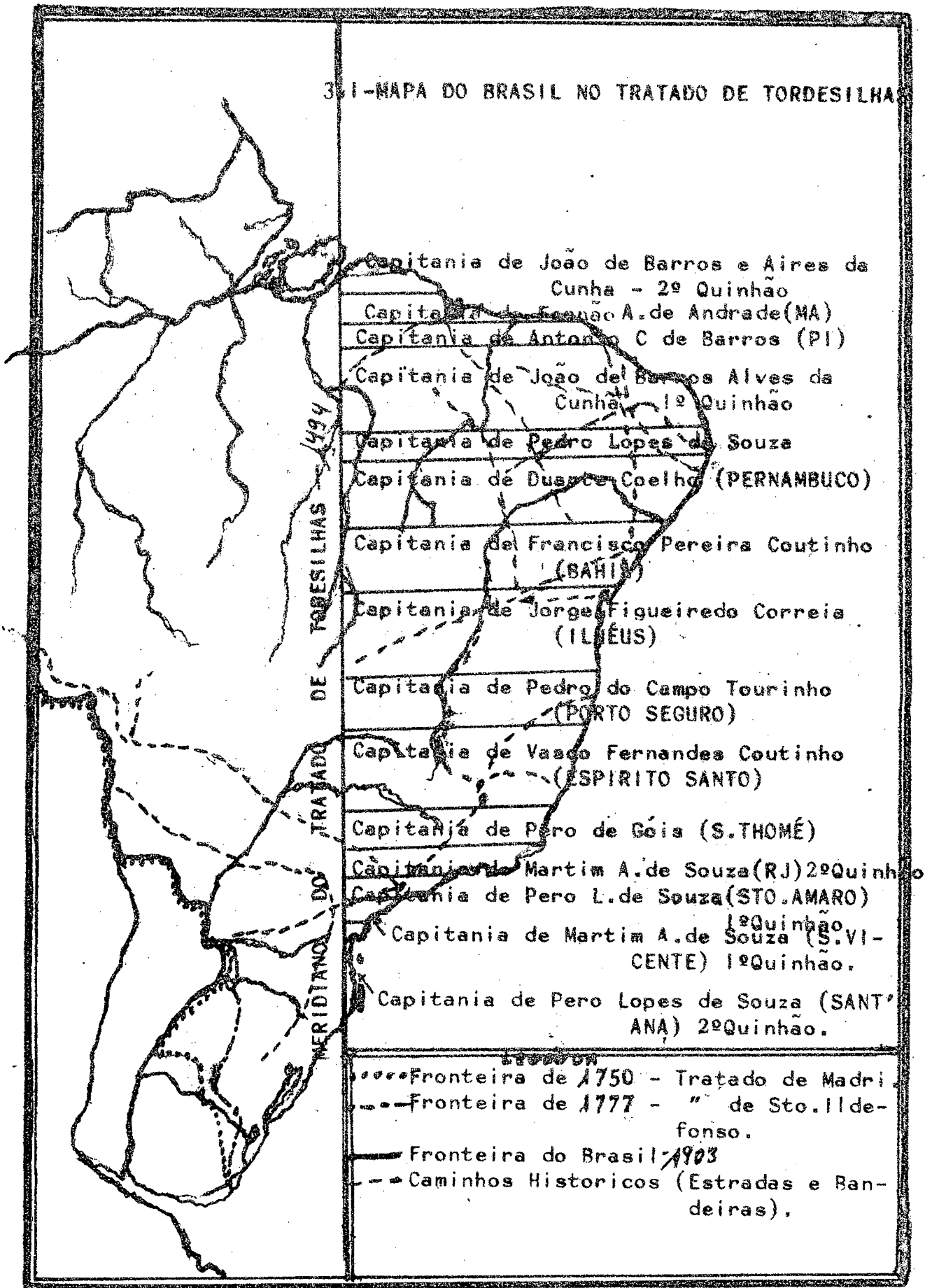
No centro urbano de Joaçaba.

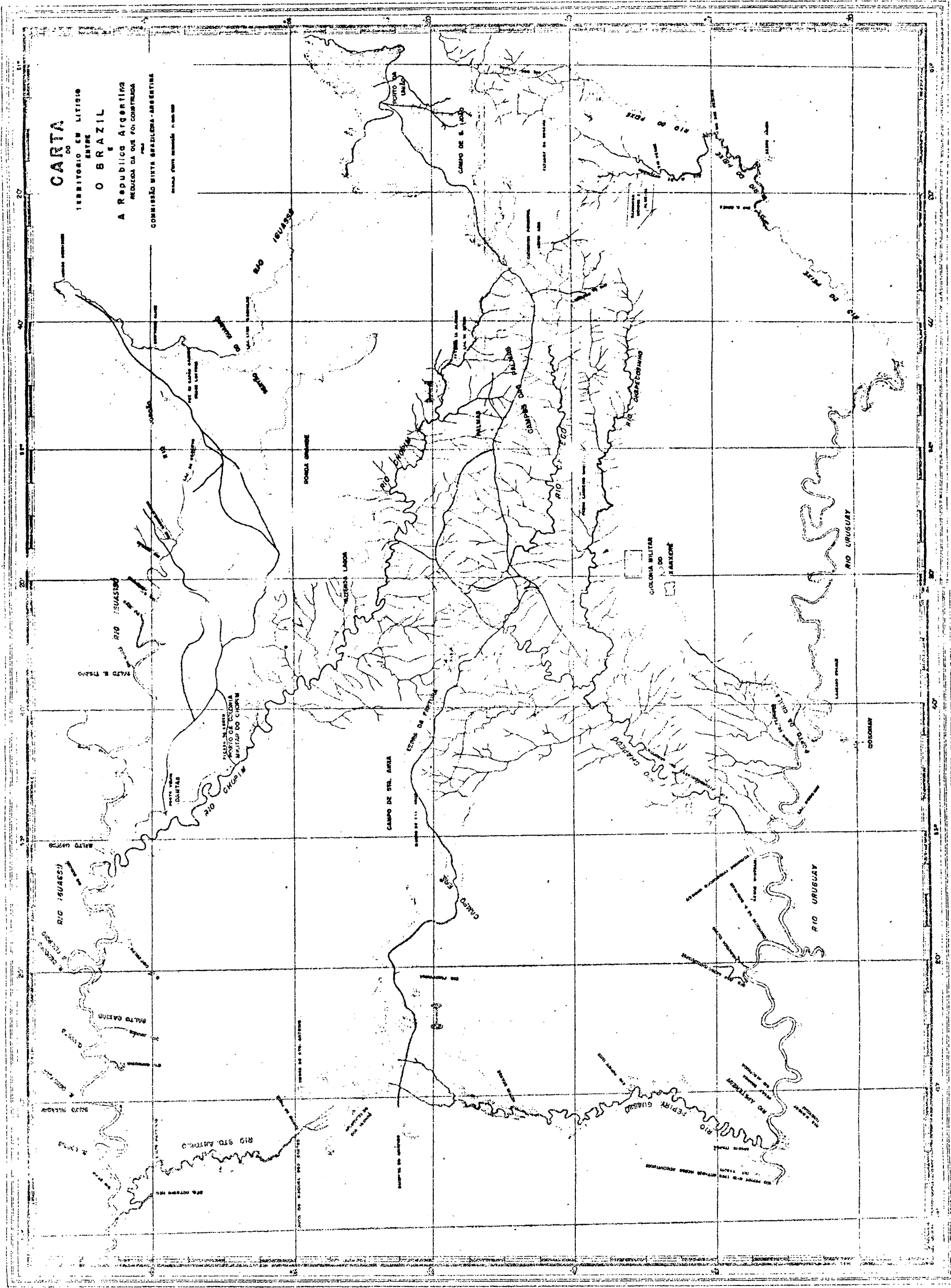
	PORTUGUÊS			ITALIANO			ALEMÃO, POLONES E OUTROS		
	familiar	econômico	social	familiar	econômico	social	familiar	econômico	social
	AVÓS	71%	81%	87%	15%	7%	3%	14%	12%
FILHOS	84%	87%	90%	7%	2%	2%	9%	11%	8%
NETOS	92%	96%	98%	1%	0%	0%	7%	14%	2%

E S P A Ç O

3. - REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS.
- 3.1 - MAPA DO BRASIL NO TRATADO DE TORDESILHAS.
- 3.2 - CARTA DO TERRITÓRIO EM LITÍGIO ENTRE O BRASIL(SIC) E A REPÚBLICA ARGENTINA.
- 3.3 - MAPPA (SIC) DA COMARCA DE PALMAS NO ESTADO BRAZILEIRO (SIC) DO PARANÁ.
- 3.4 - MAPA DA REGIÃO ONDE SE DESENEROLOU A LUTA DOS FANÁTICOS.
- 3.5 - MAPA DAS TERRAS CONTESTADAS E SUA POSTERIOR SUB-DIVISÃO EM MUNICÍPIOS.
- 3.6 - LOTEAMENTO DA SOCIEDADE TERRITORIAL MOSELE, EBERLE, GHIRALDI & CIA.
- 3.7 - SITUAÇÃO GEOGRÁFICO E GEOPOLÍTICO DE JOAÇABA.
- 3.8 - MAPA DO ATUAL MUNICÍPIO DE JOAÇABA.
- 3.9 - JOAÇABA NA MICRO-REGIÃO ESTADUAL.
- 3.10 - SITUAÇÃO GEOGRÁFICO LINGUÍSTICO DA ITÁLIA.
- 3.11 - MAPA DE PARTE DA ITÁLIA DE ONDE VIERAM OS IMIGRANTES.
- 3.12 - DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA DO VERONÉS

301-MAPA DO BRASIL NO TRATADO DE TORDESILHAS

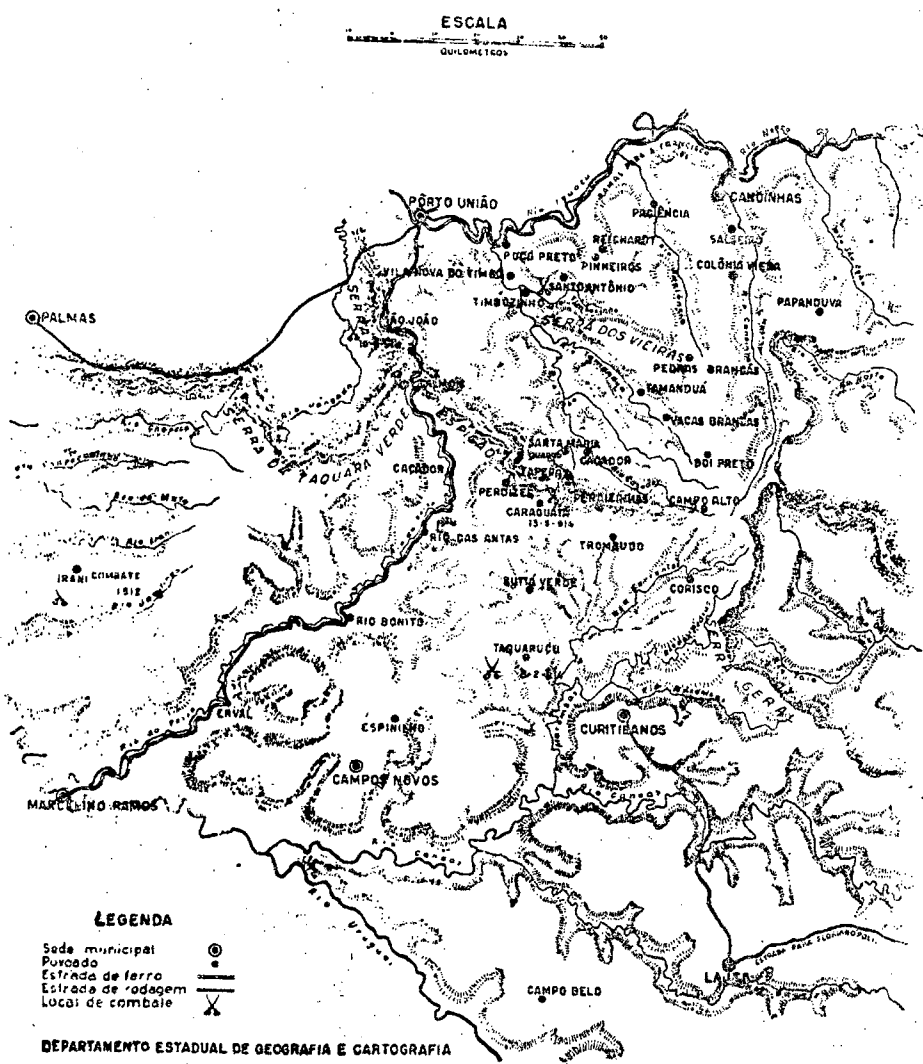




CARTA
 DO TERRITÓRIO EM LITÍGIO
 ENTRE
O BRAZIL
 E A REPÚBLICA ARGENTINA
 REDUZIDA DA QUE FOI COBRTELA
 PELA
 COMISSÃO MISTA BRASILEIRA-ARGENTINA

20 30 40 50 60 70 80 90 100 110 120 130 140 150 160 170 180 190 200 210 220 230 240 250 260 270 280 290 300 310 320 330 340 350 360 370 380 390 400 410 420 430 440 450 460 470 480 490 500 510 520 530 540 550 560 570 580 590 600 610 620 630 640 650 660 670 680 690 700 710 720 730 740 750 760 770 780 790 800 810 820 830 840 850 860 870 880 890 900 910 920 930 940 950 960 970 980 990 1000

3.4. - MAPA DA REGIÃO ONDE SE DESENVOLVOU A LUTA DOS FANÁTICOS



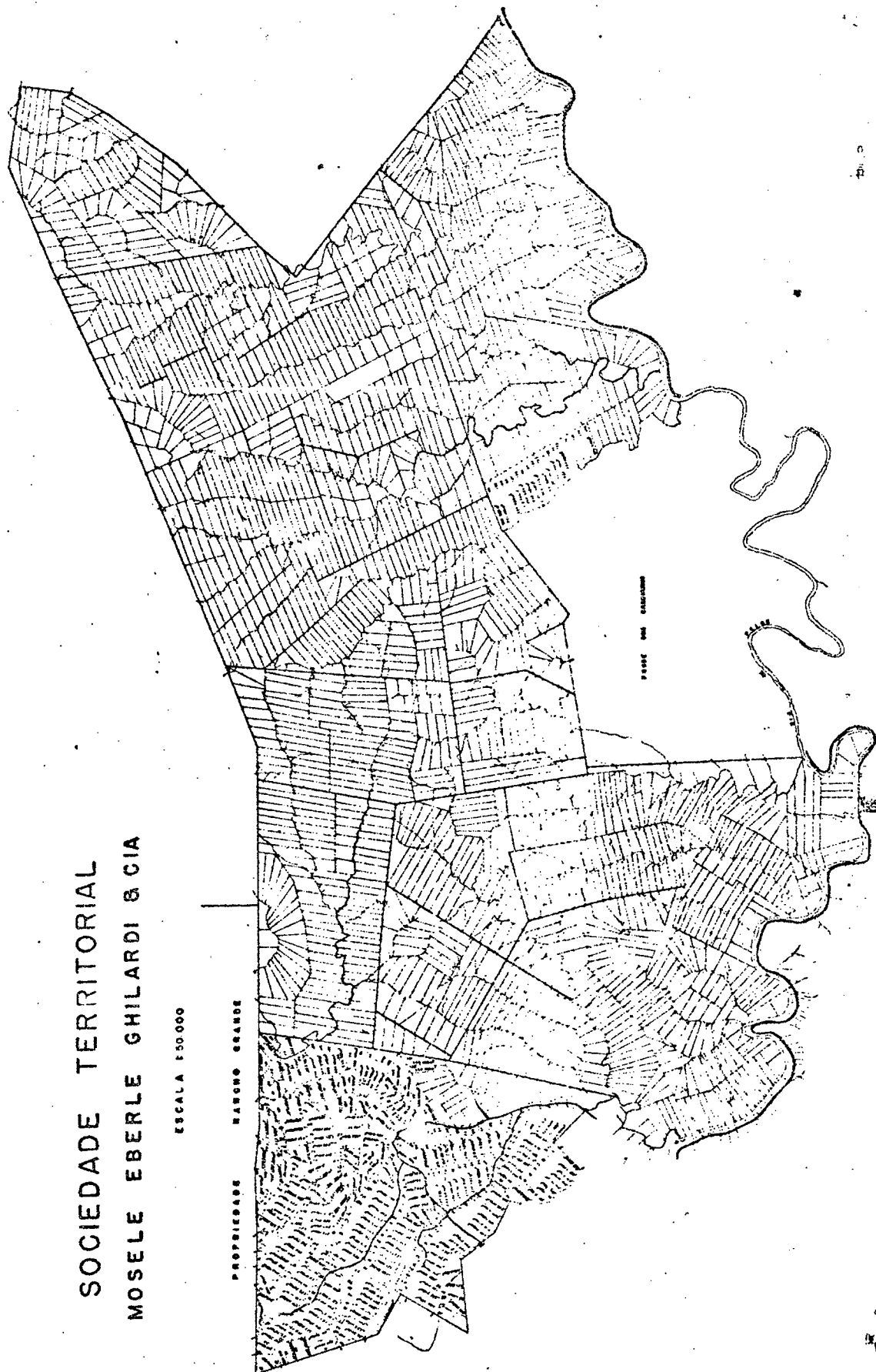
ESTADO DE SANTA CATARINA

SOCIEDADE TERRITORIAL
MOSELE EBERLE GHILARDI & CIA

ESCALA 1:30.000

PROPRIEDADE
BARROSO GRANDE

PARQUE DAS CASCAVILHAS



3.7 - SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E GEOPOLÍTICA DE JOAÇABA

Fez-se um estudo mais intensivo, em pesquisa de campo, visitando pessoalmente 90% das colônias existentes no município de Joaçaba, localizadas na zona fisiográfica do Vale do Rio do Peixe, denominada Caraguatá, e todo o Distrito de Nova Petrópolis, "ex-Três Casas", situado mais ao norte, sobre as serras do Rochedo e do Pacheco. Este estudo, mais intensivo em Nova Petrópolis, foi desde o povoado "Linha Bonitinho" (incluindo-o), até a rodovia BR-282, excluindo apenas algumas colônias ao norte do Distrito. Na região de Caraguatá entrevistou-se 90% dos colonos abrangendo toda a faixa oeste da rodovia BR-282 até as proximidades do limite do município de Joaçaba, quando confina suas terras com os municípios de Lacerdópolis e Ouro. De sudeste à noroeste, acompanhando o percurso da BR-282, entrevistou-se colonos e caboclos nos seguintes povoados: Santa Marta (mais próximo do Rio do Peixe), subindo para o noroeste: Sapato, Santo Antônio, Santa Clara, Maria, Abatti, Casa Nova, Lorena, Nossa Senhora de Lourdes, Espigão, Rondinha, Eugênio, Zílio, Demétrio, Rati, Deitos, Sauva, De Marco, Zílio e Raschelli. Algumas famílias dos municípios de: Lacerdópolis, Herval d'Oeste, Barra do Leão, Catanduvas, Irani e Ponte Serrada.

As terras à esquerda da BR-282, partindo do Rio do Peixe, são banhadas pelo Rio Caraguatá, com vários afluentes: o Lageado do Meio, Antinha e Ferreirinha. O Rio Caraguatá vem do município de Jaborá, atravessando esta região mais ou menos paralelo a BR-282, do noroeste à sudeste e vem desembocar no Rio do Peixe.

Entre o perímetro urbano da cidade de Joaçaba, e o Rio Caraguatá, há ainda o Rio Lageado Casseano, descendo a serra

vários quilômetros, quase paralelamente entre a BR-282 e o Caraguatá, do qual é afluente.

O Distrito de Nova Petrópolis é banhado pelo Rio do Tigre, que vem do norte entre os Municípios de Catanduvas e Água Doce, com vários afluentes, atravessa todo o Distrito de Nova Petrópolis serpenteando acentuadamente, atravessa também o perímetro urbano da cidade de Joaçaba numa inclinação de noroeste para sudeste, e deságua no Rio do Peixe, no centro da cidade.

O Rio Limeira nasce ao nordeste do Distrito de Nova Petrópolis passando para o Distrito de Luzerna. Tem os seguintes afluentes: na margem direita o Lageado do Inferno, na Linha Grafunda, já em Luzerna; na margem esquerda o Lageado Rapadura na Linha Baixo Grafunda (Luzerna), e o Lageado Dois Irmãos.









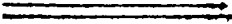


O Rio do Peixe constitui o mais importante acidente geográfico do vale. Nasce na Serra do Espigão, no Município de Matos Costa, e, beirando o município de Joaçaba, de norte a sul, junta-se ao Rio Pelotas vai formar o Uruguai, juntando-se ao Rio Paraná, tributário da Bacia Platina.

A posição geográfica está a 27°10'22" de latitude sul, e 51°30'23" de longitude oeste, (W.Gr.) rumo ONO em relação à capital do Estado, Florianópolis, da qual dista 298 km. em linha reta, a 520 m. em relação ao nível do mar, em média, sendo que o Distrito de Nova Petrópolis tem mais altitude que as terras banhadas pelo rio Caraguatá. A maior altitude atinge 790m.

O clima é ameno, seco e saudável. No inverno ocorrem geadas, quando a temperatura desce a 4° abaixo de zero. No verão registra-se temperatura até 40°, tornando-se amena ao anoite

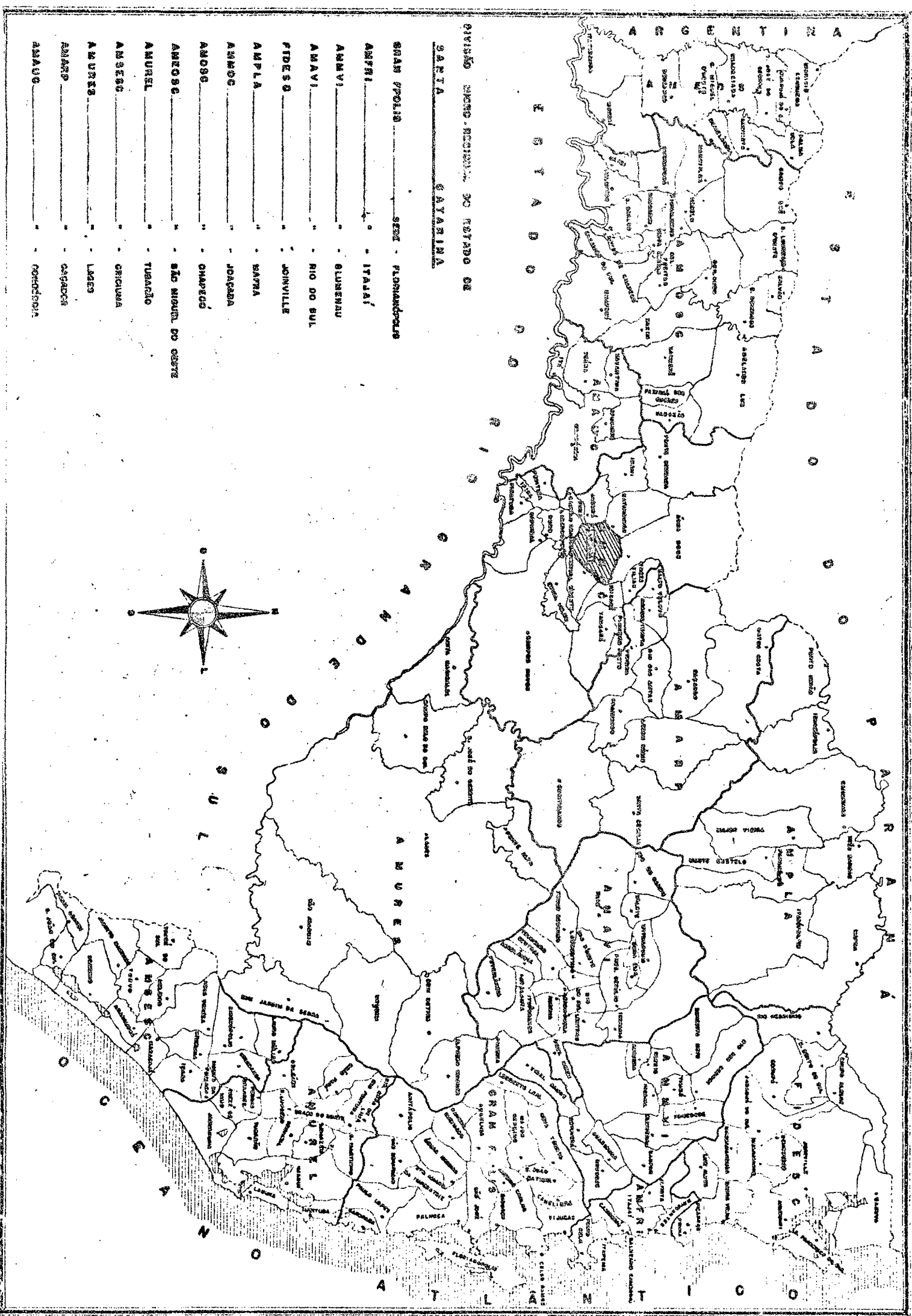
cer. Nos anos de 1953, 1958, 1965 e 1975 caiu neve, proporcionando espetáculos de rara beleza e excepcional grandiosidade. Há uma crença comum entre os mais antigos moradores de que neva, nesta região, de 10 em 10 anos. Segundo o testemunho dos mais velhos joaçabenses a nevada de 1965 foi a maior dos últimos 50 anos.

3.8 - LEGENDA DO MAPA DO MUNICÍPIO DE JOAÇABA

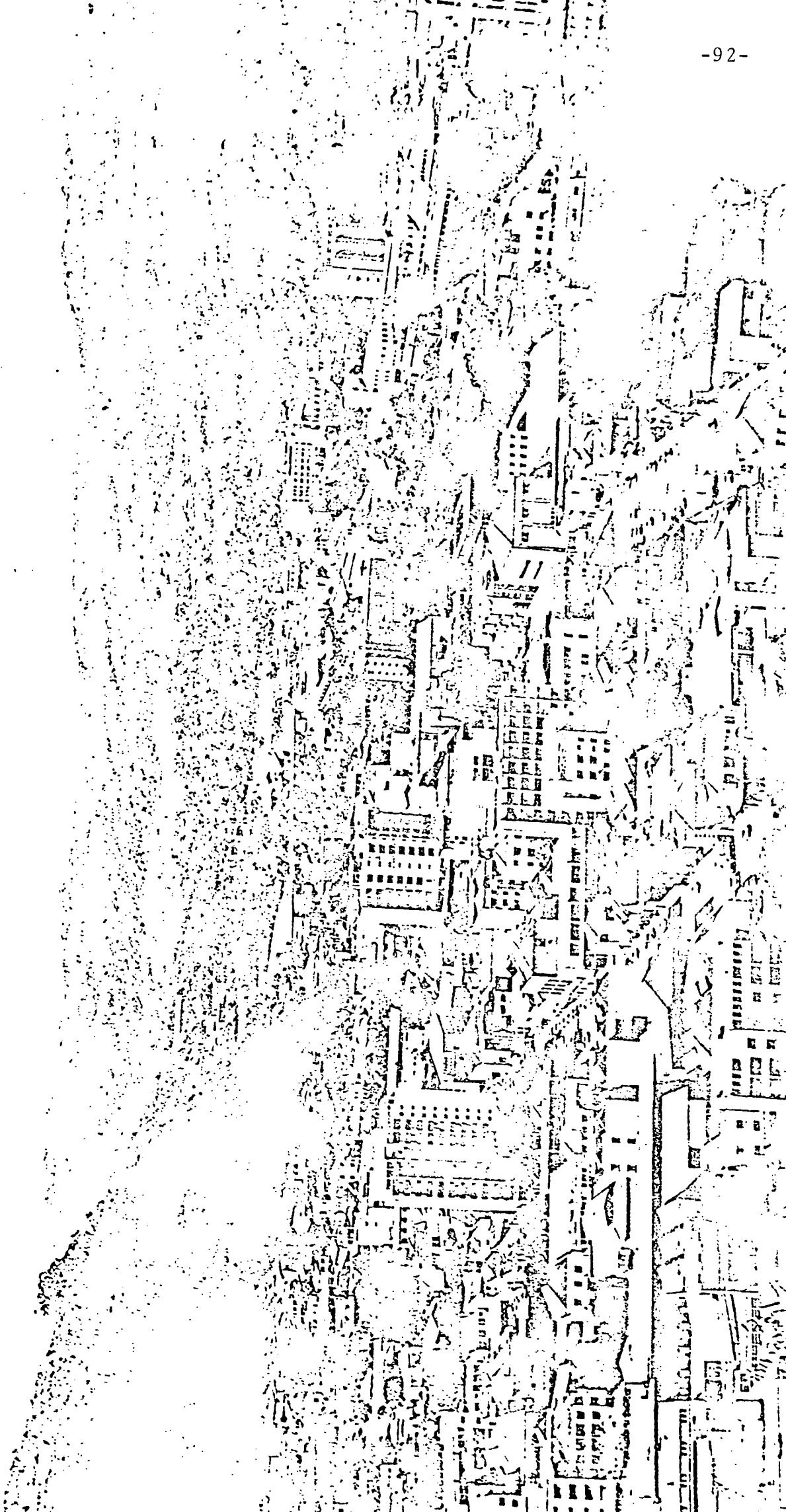
	Federais	Estaduais	Municipais
Estradas asfaltadas.....			
Estradas construídas.....			
Estradas em obras.....			
Limite entre os municípios			
Centro da cidade.....			
Centro de distritos.....			
Vilas e povoados.....			
Rios.....			
Estrada de ferro.....			

Este mapa que segue foi traçado segundo os dados fornecidos pelo DER, com opiniões dos engenheiros: Dr. Ede-
 mar Martins (Chefe da DER), Dr. Gilberto Oliveira, Edelino Meurer
 Filho, Dr. Paulo Roberto Meurer, Dr. Miguel Atherino e Dr. Vic-
 tor L. de V. Thibes, além de consultar documentos da prefeitura,
 autoridades da AMOC, IBGE e cartórios de registros de terras.

3-9 - O MUNICÍPIO DE JOACABA DENTRO DA SUA MICRO-REGIÃO



A CIDADE DE JOAÇABA



3.10- SITUAÇÃO GEOGRÁFICO LINGUÍSTICA DA ITÁLIA

À Itália Setentrional, a antiga Gália Cisalpina, pertencem as regiões: Piemonte, Ligúria, Lombardia, Emilia e Vêneto.

Os dialetos Piemontes, Lígore, Lombardo (e Ticinese) (Suíça) e Emiliano pertencem linguísticamente à Galo România.

O Vêneto subdividido em: Vêneto propriamente dito, Trentino, Goriciano, Triestino e Estriano; os quais não sofreram influência Gálica, senão em mínima parte, isto é, do lado ocidental de Breciano e Bérghamasco, impulsionados pelos Galos Cenômanos e pelo lado oriental impulsionados pelos Galos Cárneios, especialmente no Feltrino e Belonese (*). G. Giacomelli & G. Devoto (1972 p.30/6)

DIALETOS ITALIANOS

DIALETOS

GALO-ITALIANOS

Piemontês

Lombardo

Emiliano: Ocidental
Central
Valligiano
Oriental ou
Romagnolo

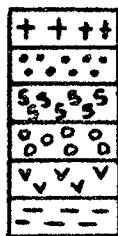
Lígure

Vêneto

DIALETOS CENTRAIS

Toscano

Umbro-Latino



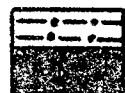
DIALETOS MERIDIONAIS

Ladino



LÍNGUAS MINORITÁRIAS

Franco-Provençal



Alemão

(Legenda do mapa linguístico do norte da Itália.)

(*) - Esta afirmação, que é resumo de vários compendios italianos, foi-nos confirmada pelo italiano especialista no assunto, Dr. Fioravante Valentino Ferro, Livre Docente, Titular das Cadeiras de Língua e Literatura Italiana e de História da Arte na Universidade Federal de Santa Catarina.

3.12 - DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA DO "VERONÊS"

Para situar geograficamente a fonologia italiana, a qui estudada, baseou-se nas declarações do informante: Fioravante Valentino Ferro (italiano de Venesa, onde viveu muitos anos e profundo conhecedor dos vários dialetos do norte da Itália, é atualmente catedrático em Letras na Universidade Federal de Santa Catarina). Serviu-se também do artigo: "Os grupos étnicos e os dialetos da Itália", (que está totalmente transcrito no anexo), da revista GEO, Itália II. 2(7):267-8 (1977), da qual também tirou-se o mapa da Itália.

G. Giacomelli (1972) diz que o dialeto "veronêse" é falado em Verona a qual limita-se ao norte com: Rovereto, Malcésine e em toda a costa oriental pelo Lago de Garda, Paschiera, Dezenzano, Villafranca, Stiglia, Legnano, Sambonifácio, Soave, Treognano e Valsugana (circundando).

Bertoni (In: - Dialetos de Itália) diz que Veronês é um subdialeto Vêneto com particularidades que o aproxima mais, que outro dialeto da Itália, do Toscano.

4 - MODUS VIVENDI

4.1 - USOS E COSTUMES ATUAIS

4.2 - AGRICULTURA

4.3 - ONOMASIOLOGIA DOS INSTRUMENTOS DE TRABALHO.

"Aratro"

"Varsor"

"false" "bigolo"

"vérgola" "Slitta"

"corno per la cote"

"pianta" "martel" "piconela"

"messoria" roncon" "corno"

"britola" "ronqueta"

"caliera" "taier" "mescola" "banqueta"

"maglio" "cunei" "manarin" "marreta" "valdora"

"carriola" "manara" "maner" "portantina"

"palo di ferro" "arpione" saponela" "pala" "rastelo"

"saponela" "zapeta" "forca de denti"

"picone" "picon" "vanga" "sapa"

"crivello" "Seston"

"botte" "impira" "soto spina"

"bigoncia" "panara"

"pipa" "mastel" "pestarola"

"brondin" "rampin"

M O D U S V I V E N D I

4.1 - USOS E COSTUMES ATUAIS

Observou-se que todo o meio ambiente se reflete na língua, bem como as condições de vida dos falantes, suas preocupações, suas técnicas de trabalho; os objetos e a maneira de ser, agir, bem como suas idéias. Toda a história e a mentalidade de um povo se expressa na língua porque é por ela que os homens se comunicam diária e constantemente.

Diz Bonatti (1976;p.87)

"Há uma série de elementos culturais que não estão incluídos na estrutura da língua e que no entanto fazem parte tão intimamente da língua que, sem eles, esta se torna uma abstração, distante da realidade".

Recordou-se ainda Jakobson (1970;p.23) quando afirma:

"Atualmente tanto a lingüística como a antropologia sentem a falta de um diálogo salutar para ambas as matérias".

Baseados nessas idéias fez-se, então, uma seleção e destrição de alguns dos principais objetos agrícolas e domésticos; seus empregos e usos para deles extrair a onomasiologia lingüística.

Em todo esse município como em outras regiões do Brasil, observou-se que o imigrante italiano, bem como o migrante estabeleceu-se de preferência na zona rural e dedica-se à agricultura ou criação.

Aqui, toda a família é proprietária da terra que cultiva, formando assim uma quantidade de muitos minifúndios que por herança foram subdivididos entre a numerosa prole. É nesses minifúndios que viu-se a maior contribuição dos imigrantes italianos contra os latifúndios e contra a monocultura, pois eles difundem

largamente a policultura. Essa situação está, atualmente, se tornando um problema de quase incapacidade para acompanhar o desenvolvimento econômico de subsistência; devido a pouca produção por falta de mecanização.

As famílias que eram de uma prole bastante numerosa estão se tornando menores.

Todas as casas têm, em seus porões, uma cantina onde se faz vinho, e no quintal, além do alambique para fazer a cachaça "grapa" aparece o moinho [toço] para moer a cana e fazer o caldo de cana.

A criação predominante é a do suíno, mas todas as famílias possuem algum gado bovino para puxar o arado, para fornecer o leite; do qual fazem abundantemente o queijo. Criam gado para vender, ou matar para o gasto dos familiares, periodicamente. Galinhas, patos e outras pequenas criações são uma constante comum. Quanto a suinocultura, há vários fatores que incentivam todos os colonos a esse tipo de criação, como: a tendência de cada família ser autônoma e, portanto, criar o que lhes facilite matéria prima para fazer seus próprios salames, torresmos, obter banha e carne para o gasto. Cabe salientar que neste e em outros municípios vizinhos há grandes frigoríficos os quais exportam carne industrializada. Fato esse que pela oportunidade de mercado e por ser esse tipo de criação um dos mais adaptáveis ao clima e à diversidade de nível geográfico, repleto de vales e encostas, contribuem para que os lavradores se dediquem à suinocultura; uma vez que, eles mesmos cultivam milho para alimentar o suíno.

É importante observarmos que a suinocultura não acompanhou o desenvolvimento de valores das outras mercadorias de consumo. Fato esse, como todas as oportunidades de pluricultura, no mi-

nifúndio empobreceu o colono. Esse fator econômico foi uma das importantes causas da conservação dos meios de cultura e costumes dos primeiros imigrantes; porque se o colono não progride, economicamente, não tem condições de melhorar - ou seja de mudar - seu padrão de vida; nem de procurar o conforto das novas invenções, tais como: a motomecanização de sua agricultura. Essa condição econômica impediu, entre outros confortos, o da aquisição de televisões e com elas o desconhecimento de particularidades que poderiam mudar suas tradições.

Vale lembrar que o que se paga hoje por um porco é quase inferior ao milho que ele come. Isso está fazendo com que muitos colonos vão aos poucos abandonando este tipo de criação. Portanto, o que foi no passado, causa de esperanças de dias promissoras, é agora causa de desânimo, e fuga dos filhos desses lavradores, para centros urbanos a procura de dias melhores. Fuga dos filhos, porque os pais são muito apegados a terra e o tipo italiano prefere passar fome e necessidades do que abandonar o chão que herdou e que tanto ama.

Outra particularidade, que pode ser observada como fator de permanência do colono, no seu pedacinho de chão, ainda que passando penúrias e sem perspectivas de sair dela; é a dificuldade da língua. Por inadmissível que pareça, um bom observador concluirá que: esses colonos, embora nascidos no Brasil, mas pelo simples fato de serem filhos de imigrantes, isolados em suas terras, têm dificuldades de comunicação e de ascensão num status social, pelo fato aparente de terem aprendido a língua italiana como língua materna; mas que, na realidade, é pelo fato de não terem tido escolas em sua infância, nem em língua italiana nem em língua portuguesa. Cabe aqui uma observação muito inteligente do Exm^o

Sr. Governador do Estado, a qual demonstrou muita clarividência na cultura e progresso do ser humano quando, na semana da Pátria de 1976 presidindo uma entrevista nacional, na capital paulista, disse ele que aprender algo em língua estrangeira, só pode ser motivo de engrandecimento de uma nação, pois o é de seu cidadão. E cultimou com essa idéia citando sua progenitora como exemplo: a qual frequentou escolas alemãs - aqui em Santa Catarina - onde aprendeu as primeiras letras e nem por isso deixou de ensinar a Língua Vernácula, como língua materna - e única - ao seu filho.

O uso do dialeto, talvez seja a causa do acanhamento do colono, pois nem o próprio Vice-consul italiano, residente na sede do Município de Joaçaba, reconheceu esse povo todo como italiano. Todavia, podemos catalogar um traço cultural comum a todos os descendentes dos imigrantes italianos, apesar das adversidades de procedência de dialetos. Esse traço de cultura é a religião, e a fé.

Nos quadros da cultura das comunidades rurais e urbanas onde o italiano aparece com influência, pode-se destacar os seguintes aspectos particulares: a organização social com base na vida de família e a conservação política do País, respeitando os princípios de fé cristã e acatamento as autoridades, bem como a procura de participação nos meios políticos e sociais, pelos seus descendentes.

As primeiras casas eram todas de madeira com porões para as cantinas. Agora já fazem casas de tijolos mas quase sempre conservam a arquitetura tradicional dos porões. As casas mais antigas são muito típicas e homogêneas. Para construção das residências, os colonos aproveitam os desníveis dos terrenos fazendo com que a frente da casa fique quase nivelada ao terreno mais elevado.

O porão ou cantina sempre tem entrada pelos fundos, aproveitando o declive do terreno. As casas antigas não tem janelas de vidro, mas sô de madeira. "i scuri" [i skuri] . As tesouras dos telhados constam de barrotes. O forro da casa (teto) geralmente é duplo e serve de piso para um sobrado que é usado como dormitório ou depósito de mantimentos.

As privadas são fossas abertas, separadas das casas.

Para lavar a louça, ainda há em algumas casas a crendência, uma espécie de pia feita de madeira em forma de uma mesa contornada por uma elevação, geralmente situada fora da janela da cozinha. Nela coloca-se a bacia com água e a louça que será lavada.

Os banhos geralmente são feitos nos ribeirões ou tinhas (tanques), onde quase sempre a água é corrente por meio de encanamentos. Os tanques ficam em pequenos galpões perto das residências.

Um hábito muito típico e frequente, na região, é o "filô", que são reuniões noturnas entre vizinhos. No "filô", tomá-se chimarrão, serve-se pipocas, amendoim "mandolin" batata-dôce assada nas brasas e pinhão. Em muitos "filô" usa-se também o brodo. Nestas reuniões canta-se muito e geralmente trabalha-se fazendo trança de palha para chapéus. Eles dizem que para cantar melhor deve-se tomar vinho.

Enquanto os homens cantam e tomam vinho, nestas reuniões noturnas, entre vizinhos; as mulheres fazem trabalhos manuais e as crianças brincam fora da casa.

4.2 - A AGRICULTURA

Os cereais mais comuns plantados pelos colonos no município de Joaçaba são: milho, trigo, soja, cana de açúcar, arroz, além da mandioca, batatinha, amendoim, batata doce, feijão preto e vários tipos de verduras. Plantam ainda alfafa, vica e várias outras espécies de forragens para o alimento do gado como: "soparao", "teis" (ou tena) o qual favorece a produção do leite.

Na fruticultura, vemos em todas as colonias, os parreirais, além de laranjais, vergamotais, ameixais (do tipo ameixinha amarela e algumas vezes as ameixas vermelhas e amarelas, que são cultivadas em grande escala para associar com o pêssigo e fazer a nectarina. As nectarinas, que há alguns anos tiveram grandes plantações por parte dos colonos, a praga as atacou. Muitíssimas foram cortadas. Atualmente estão se fazendo novas plantações. Há uma espécie de ameixinha que é chamada pelo nome italiano de "surgini". Temos ainda as macieiras, limeiras, etc.

O pinhão é muito apreciado como fruta nativa, mas não é cultivada. Há quem conserve e aprecie a uva do japão.

Esta região tem o solo extremamente acidentado devido a quantidade de morros e vales; por isso os colonos não o acham muito bom para plantar soja. Acham mais fácil a plantação do milho, uma vez que este, quando maduro fica com a espiga dobrada e pode ser conservado por muito tempo antes de ser colhido. Ele pode ficar na lavoura durante os meses de março, abril, maio, junho e até julho. Enquanto isso, os colonos vão fazendo outras plantações.

Aqui, planta-se milho a partir do mês de agosto, setembro; até dezembro. O arroz é plantado em setembro. Estas terras são usadas só para arroz seco (arroz de terra seca).

Uma dificuldade, apresentada pelos colonos, quando plantam soja, é que logo que ela estiver madura deve ser toda co-

lhida, o que por processos manuais é quase impossível, em grandes culturas. Embora o arroz e o trigo sejam plantados só para o gasto, o milho é um dos produtos cujo índice ultrapassa todas as outras plantações, mesmo sendo só para o gasto; porque é consumido em grande parte pela criação (porcos, cavalos, vacas, galinhas), além de ser guardado para o replantio.

Começa-se o plantio do trigo em maio.

O trigo maduro é colhido com a "messora" "la falce" e colocado sobre um grande pano num platô. A seguir é batido com o "manguá" ou "vergola". Depois de muito batidos os feixes, a palha é virada e batida novamente. Tiram-se algumas palhas e continua-se batendo. Depois retira-se a palha toda e abanam-se os grãos fazendo vento "sventolon", para soprar o cisco de palha que ficou entre eles. Sempre que for possível aproveita-se o vento, suspendendo um pouco as bordas do lado que sopra o vento e a posição do pano ajuda o vento a tocar o cisco, até os grãos ficarem limpos. A seguir os grãos são recolhidos para o celeiro.

Os colonos daqui não fazem rotação de cultura, mas fazem rotação de sementes com o milho, isto é, trocam o tipo de sementes de milho, embora plantando sempre milho no mesmo terreno. Também fazem isto com a soja. Num mesmo terreno, plantam tipos diferentes de milho, ou o mesmo tipo, provindo de terrenos diferentes. Para isso trocam as sementes com os vizinhos ou as sementes de uma faixa de terra plantam na outra, e vice-versa.

Quando plantam os cereais, os colonos costumam molhar as sementes numa lata que contenha "calsina" (cal com verde-rame) ou sulfato com "calsina", misturados com água. Isso é feito para proteger as sementes contra insetos ou pássaros que podem comê-las antes de brotarem.

" PIARI "

Depois de colhido o trigo ou a soja, ou o arroz, no próprio local da colheita, faz-se uma espécie de torre |pajéro| : palheiro. No centro do |pajéro| vai uma |steka|: ripa ou pau para

sustentá-lo. Este bastão é bem comprido e enfiado na terra em vertical, em torno do qual as palhas são muito bem colocadas. Estas palhas são para alimentar o gado durante o inverno. À medida que há necessidade, vai-se tirando primeiro as palhas de baixo, porque as de cima estão colocadas em 45 graus para escoar a água das chuvas. Tirando-se primeiro as palhas de baixo, as de cima protegem as outras para que não apodreçam.

TIPOS DE UVA

Entre as muitas qualidades de uva que há, nesta região, temos: I- A uva Niágarra é uma uva branca de mesa que amadurece por primeiro. No Natal já está boa para ser colhida.

II- A uva Isabel que é colhida com a mão por ter o "graspo" macio.

III- A uva francesa, branca ou preta, precisa de faca ou outro instrumento para ser colhida pois tem os caules dos cachos mais duros.

IV- A uva Champanhe "Champagne" e a Bijarraca (de mesa) geralmente são colhidas com a mão ou com o auxílio da faca, tesoura, |rinca| |britola| ou outro instrumento para proteção das mãos.

V- Dedo-de-dama, esta uva geralmente é apanhada com a "rincha" = |rinca|.

VI- A uva Saiber, dá cachos de até 800 gramas, apanha-se com a faca porque tem um caule muito duro. A Saiber chama-se "tintoria" porque serve para tingir o vinho, feito com outros tipos de uva, por ter muita tinta preta, por isso é misturada à outras uvas, Exemplo: à Bijarraca, à Isabel e à Francesa. Uva francesa, embora seja branca ou preta, não tem tinta.

VII- A uva Crinto é dura para apanhar, tem gosto de sabugo. Esta uva é preta e o seu vinho sai branco porque ela não tem tinta. Da cachos de até um quilo.

A uva Isabel é muito comum nesta região e é também

Chamada de brasileira "brasiliiana".

Para proteção das parreiras usa-se o sulfato e a calsina, tres vezes por ano. Os colonos dizem que usam calsina com verdarame. Aplicam uma vez, quando as folhas brotam, e a segunda vez quando o grão está pela metade; e uma terceira vez quando a uva começa a amadurecer. Isso é feito para proteger a uva contra os insetos depredadores.

A seguir descreveu-se alguns instrumentos de trabalho para destacar a onomasiologia, uma vez que esses instrumentos foram o motivo de manter mais longa a entrevista dando assunto para discontrair os entrevistados, nos questionamentos. Motivo esse que favoreceu a coleta do linguajar em gravações onde as expressões saíam fluentes e espontâneas.

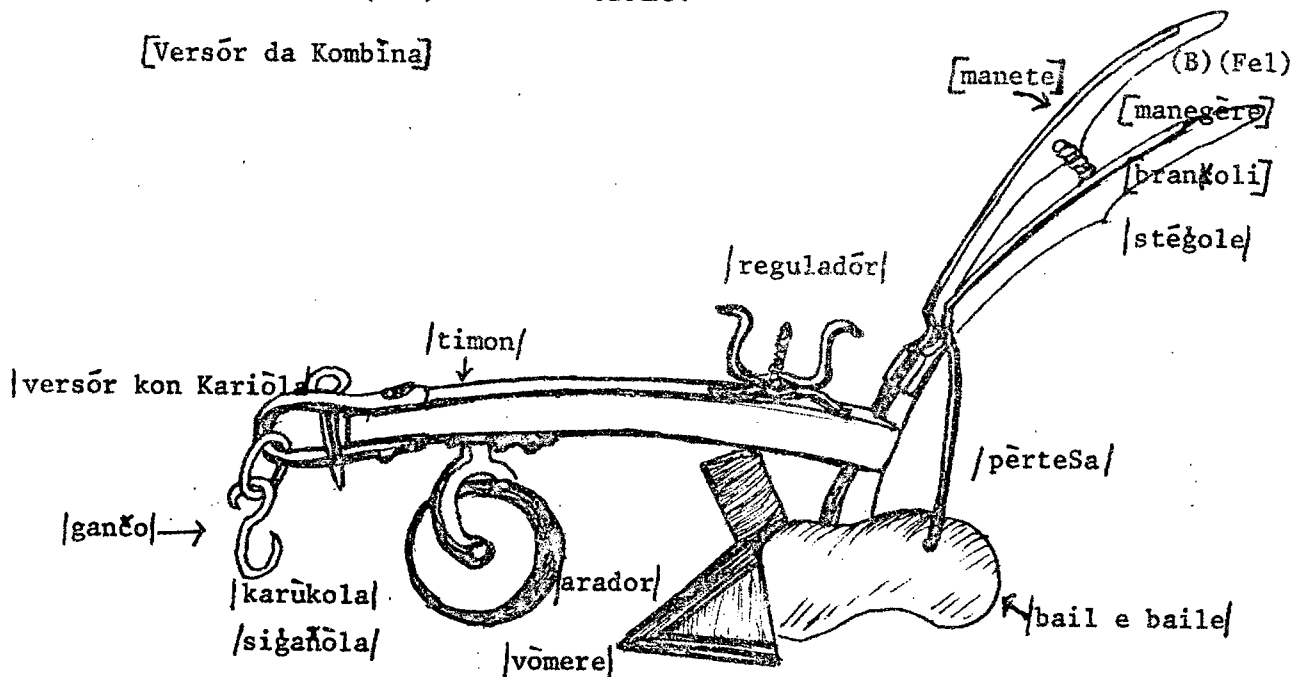
Como a explicação dos instrumentos de trabalho foi totalmente fornecida em dialeto italiano, foram aproveitados os vocábulos das gravações para apresentá-los também em transcrição fonética e fonêmica.

Os desenhos foram feitos, durante as entrevistas alguns esboçando-os ao observá-los, ao vivo, outros tirando-lhes fotografias e reproduzindo-os em croqui.

4.3 - ONOMASIOLOGIA DOS INSTRUMENTOS DE TRABALHO

"Aratro = Versũro = (Ver) Versõr" = ARADO.

[Versõr da Kombĩna]



Este tipo de arado é chamado em português, de arado americano, por que dizem os colonos que é de invenção americana, mas que já era conhecido e usado pelos primeiros emigrantes que vieram da Itália.

Quando a pessoa vai arar a terra, coloca a "pala" = pã do arado em direção lateral, por meio de um dispositivo, para que, quando cavar a terra, ela se vire para a direita, em 180 graus, ficando as raízes do capim viradas para cima, isto é, de pernas para o ar. Quando o arado chegar no fim do (vergo) rego, do terreno, o arado é virado pelo dispositivo da pã em 180 graus opostos. Assim a terra fica toda virada pelo mesmo lado. Dizem que este tipo de arado era o mais usado pelos primeiros imigrantes e aos poucos, na falta deste, foi substituído pelo arado tatu, que é mais rústico.

O arado americano é constituído de uma viga de madeira, tendo, em uma das extremidades, um gancho onde se atrelam os bois ou o boi, por meio de correntes que vão do gancho até a canga. Na outra extremidade há duas vigas que se juntam na parte inferior onde sustenta o "badil" pã e um ferro em forma de ângulo de 60 graus mais ou menos, o qual corta a terra. A parte superior das vigas chama-se "manegere" e serve para a pessoa se apoiar, com toda a força e pe

so do corpo, para dirigir e equilibrar o arado.

Este instrumento agrário quebra a terra afofando-a para o plantio. Depois de arada a terra ela é emparelhada com a "grapâr" antes da sementeada.

Estes tipos de arado cavam a terra até meio metro de profundidade ou pouco menos.

Há quem use uma pessoa, geralmente uma criança para caminhar na frente do boi, segurando uma corda, que o prende, para dirigir o boi na direção que o rego deve ter. Geralmente os nossos colonos trenam o boi de arado, ou boi de canga, para conduzi-lo por meio de uma corda, ou tira de couro chamada "ligeira", presa em uma das orelhas do boi por uma extremidade, e a outra, é segurada pela pessoa que ara a terra.

Difícilmente os bois são chicoteados, porque geralmente são conduzidos pela voz do homem "hoo!.." e muxoxos.

Cada boi tem um nome pelo qual atende.

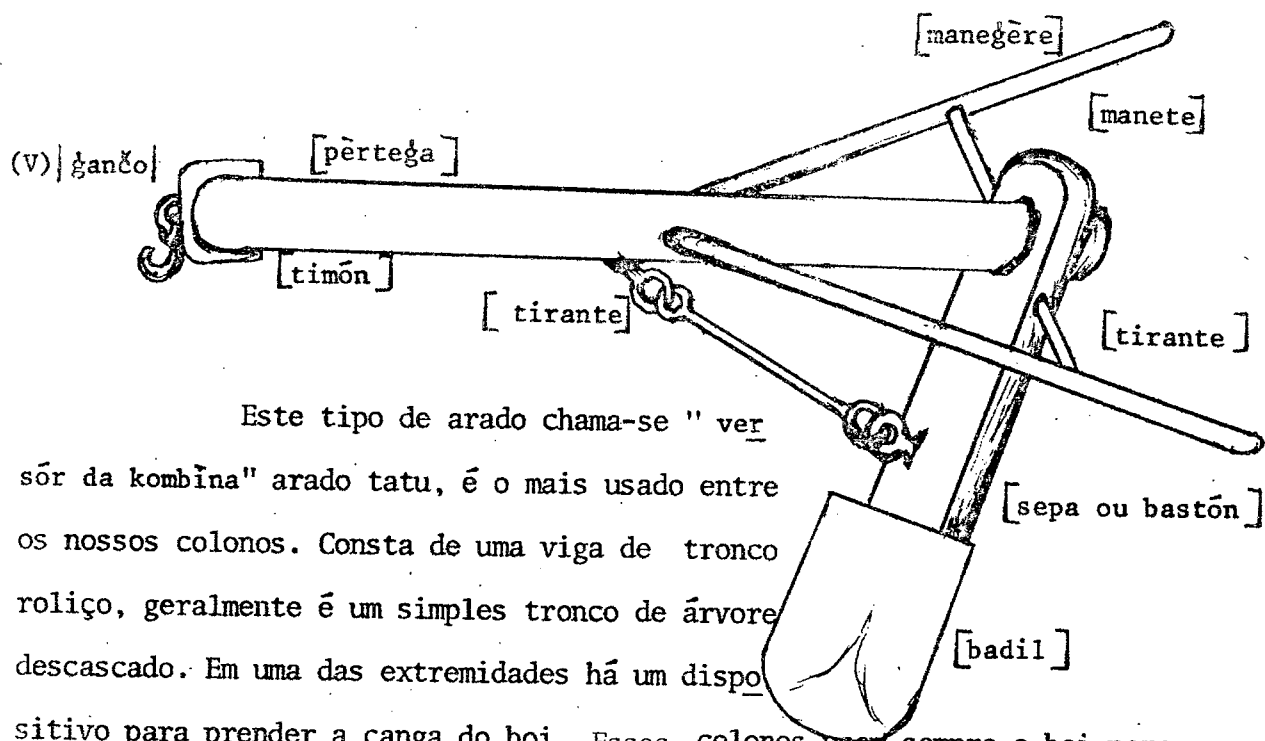
A "ligeira" é usada em qualquer tipo de arado manual.

No arado tatu a canga não é presa ao arado por uma corrente, mas por uma corda chamada "broxa", que vai presa no gancho.

Em ambos os arados o homem segura uma mão em cada maneta.

No arado americano, a "karükola" "siãñõla", que fica embaixo do timon, vai rodando sobre a terra arada, para a pessoa controlar a milimetragem da fundura da cova. Caso a roldana fica pelo ar o homem colocará menos força ou peso no arado para que o vergo, ou sulco fique menos fundo; caso a roldana se suspender o homem deve pesar mais nas manetas para equilibrar a profundidade.

"Varsôr = Versôr = Versũro = Aratro" = ARADO



Este tipo de arado chama-se "ver sôr da kombina" arado tatu, é o mais usado entre os nossos colonos. Consta de uma viga de tronco roliço, geralmente é um simples tronco de árvore descascado. Em uma das extremidades há um dispositivo para prender a canga do boi. Esses colonos usam sempre o boi para puxar o arado, e nunca cavalos ou burros. Geralmente um só boi, raramente encontramos uma dupla, ou junta, como dizem eles.

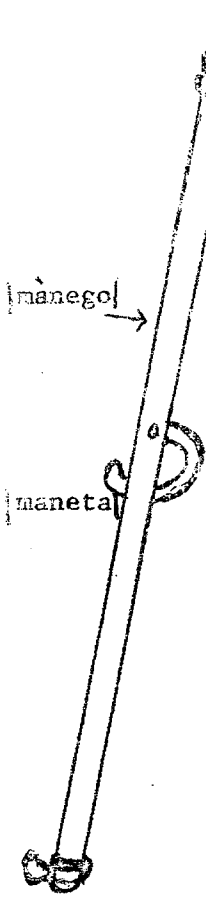
O arado tatu tem duas vigas roliças, um pouco aquém da metade do grande tronco. Estas vigas são mais longas, que o final do arado, o suficiente, para a pessoa que lavra a terra poder firmar-se nelas, com seu próprio peso, e com as quais dirige e equilibra o arado.

Quasi no final da longa viga sai um tronco grosso que indo para a direção inferior sustenta a pá, que está bem fixa nele, a qual vai cavando a terra. Este tronco mais grosso que sustenta a pá é ainda ligado à longa viga por meio de um longo gancho de ferro preso na metade inferior da viga.

A pá chama-se "badil" (Bergamasco)

O gancho ou cabo de aço que prende o tronco da pá ao tronco roliço chama-se: "tirante".

O longo tronco roliço chama-se "timôn"



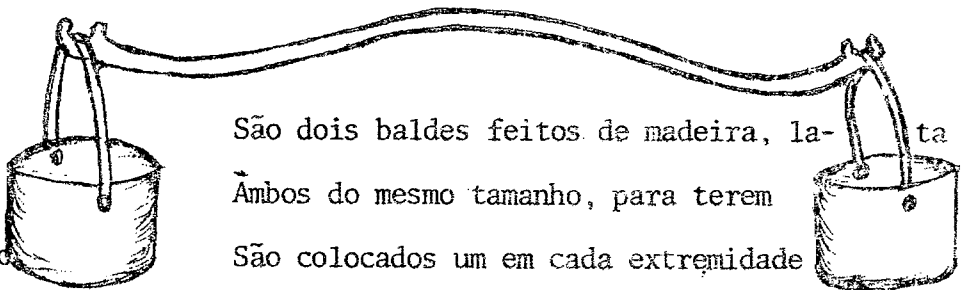
'False = faldim = falce del fieno' = FOICE

É uma longa barra de ferro, levemente encurvada. Uma das extremidades é pontiaguda e a outra, está enfiada num pau: o cabo. Em todo o comprimento de uma das bordas da foice é afiado e cortante. A outra borda é mais grossa, parecendo um grande facão recurvado. O cabo da foice é de madeira roliça, um simples galho de árvore, redondo, fino e reto. No meio deste pau, e na extremidade oposta à foice há um pequeno dispositivo (um ferro recurvado) onde se firmam as mãos ao usá-lo.

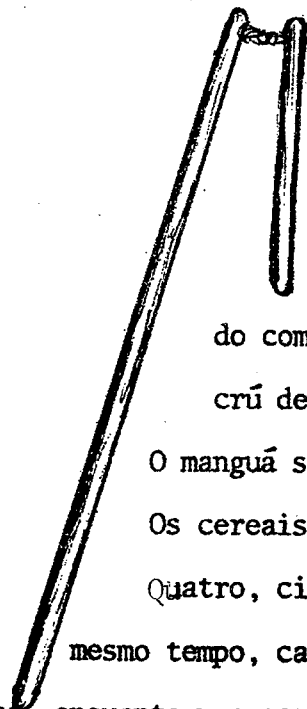
A foice é usada para "cegar" cortar alzevem, alfafa, vica, grama, tudo para alimentação do gado. Para fazer feno, isto é para fazer a torre do "paiero". "La falce de fieno" também chamada "faldim" é chamada gadanha em português.

|biçolo| = |biçol| = |seçi per akya| = PORTA BALDE PARA AGUA.

São dois baldes feitos de madeira, lata ou cobre. Ambos do mesmo tamanho, para terem o mesmo peso. São colocados um em cada extremidade de uma haste curva de madeira, que se coloca nos ombros, pra transportar água, ou qualquer tipo de frutas.



"Vérgola" = MANGUÁ



[séleSe] = [sílice] = [korte] = "ERA" - Pátio onde se colocam as sementes para bate-las.

"La Vérgola" ou o manguá são dois paus roliços, com 5 ou 6 cm. de diâmetro. Um dos paus tem mais ou menos o dobro do comprimento do outro. Eles são ligados por uma tira de couro crú de uns 8 cm. de comprimento.

O manguá serve para bater os cereais como: feijão, trigo, fava, vica.

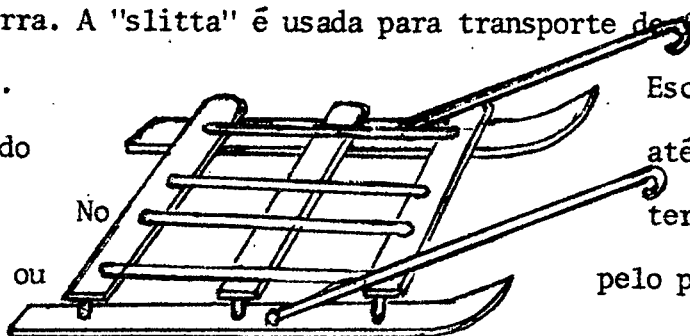
Os cereais são colocados sobre um grande pano de 16 m², ou bem mais.

Quatro, cinco ou seis pessoas ficam batendo os cereais, todas ao mesmo tempo, cada uma com um manguá na mão. Estas batidas são coordenadas, enquanto uma pessoa levanta o seu manguá, a outra abaixa, é tudo coordenado de tal maneira que não há desencontros. Se uma se atrapalha, o que é raro, todas se atrapalham. As pessoas seguram, com ambas as mãos, no pau mais comprido e batem com o pau mais curto, golpeando, isto é, fazendo voltas no ar antes de bater.

"SLITTA" [slíta] = É um carro sem rodas, feito de uma armação de ripas presas com pregos ou parafusos. Há diversos tipos de "Slitta". Todas elas são carros sem rodas próprios para deslizar geralmente no capim, grama ou na terra. A "slitta" é usada para transporte de feno, palha e muitas outras cargas.

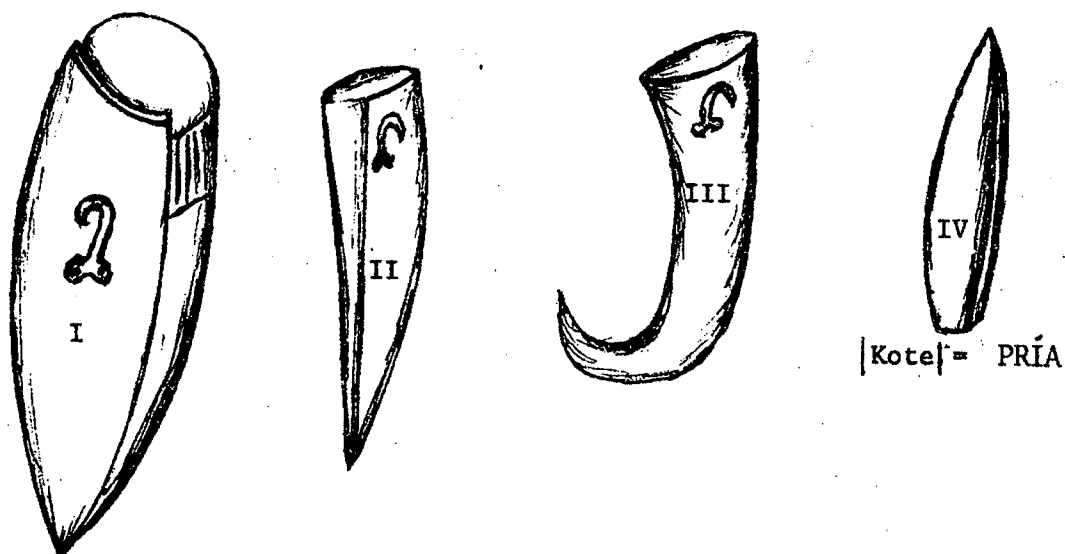
transportando

No
um animal ou



Escorrega morro abaixo até pessoas.

terreno plano é puxado por pelo próprio homem.



I - |Kõrno| = |porte kote| = ^(V) |koãro| = ^(B) |koder| = CORNO ou GUAMPA

II - |gozal| (Tr) = |kõrno per la kote| = PORTA-PRÍA

- I - O Corno ou Guampa é feito de um chifre de boi preso à uma madeira que possui um gancho para pendura-lo na cintura, ou transportando nas costas ou em tiracolo. Serve para levar leite, ou vinho, ou pinga, quando se vai à roça.
- II - O Chifre de boi (I e II) reto ou em curva com um gancho para prendê-lo na cintura, é usado para transportar a "pria" molhada, quando se vai trabalhar.
- III - Chifre de boi. Este tipo pode ser adaptado como instrumento de som para chamar o peão, os cachorros ou o fazendeiro. Conforme o toque tem um significado.
- IV - O cote ou pria é uma pedra de rebolo usada para afiar o falsim ou outro instrumento cortante, que ao uso pode perder o corte. Antes de passar a pria no falsim ele deve ser batido. A pria deve estar sempre molhada e por isso é transportada boiando em água, dentro do corno.

| inkudine | = | pianta | = ENFIADEIRA.

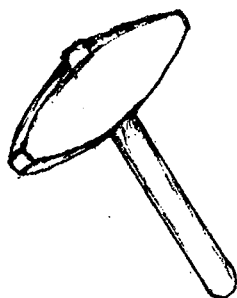
O "incudine" ou "pianta" enfiadeira é toda de ferro. Possui uma das extremidades bem pontiaguda para serem enfiadas na terra e a outra extremidade é chata onde se bate o "falsin", com o martelo de ferro, para endireitá-lo. É usado para endireitar qualquer instrumento cortante, ex: foices, que se entortam durante o trabalho.



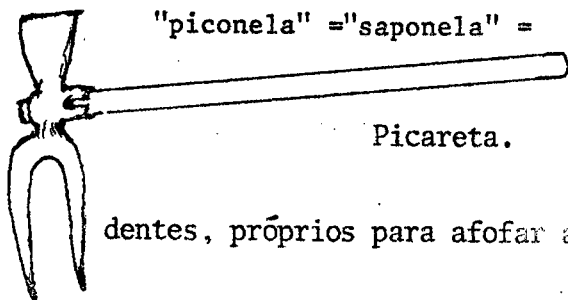
"Martel" = martelo.

Este tipo de martelo é todo de ferro, próprio para bater o "falsim". Coloca-se a lâmina do falsim sobre a "pianta". Segurando o falsim com a mão esquerda vai-se batendo com o martelo de ferro sobre a lâmina, com a mão direita. Também é usado para bater foicinha, "roncon" ou facas. Depois de batido, o instrumento cortante é afiado com o "cote" ou pria.

"Martel"



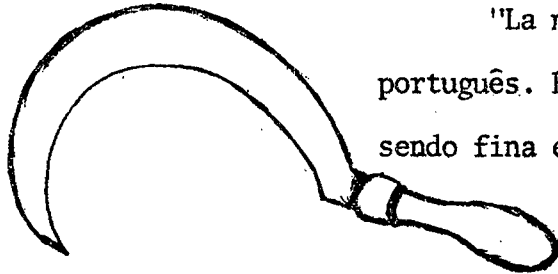
"piconela" = "saponela" =



Picareta.

A "piconela" é uma pequena picareta usada para cavar a terra no jardim ou na horta. Tem o cabo curto e dois dentes, próprios para afofar a terra em roda da planta.

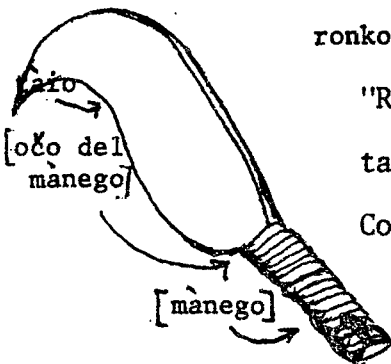
[sega] = [segeto] = [folzôla] = [messor] = [sézola] = FOICINHA.



"La messor" ou "segola" é a foicinha em português. É uma lâmina de ferro, bem recurvada sendo fina e bem afiada no ângulo interior. Tipo de facão com curva de 60 graus. É pontiaguda em uma das extremidades,

tendo a outra extremidade presa a um cabo de madeira lapidado em pequena curva para segura-lo melhor com uma mão.

Esta foicinha serve para cortar trigo e alimentos para o gado como: alfafa, aveia, soja, vica e todas as leguminosas.



ronkon = ronkone = ronka = kurtalina =

"Roncone" é um instrumento agrícola que serve para cortar capoeira fina, serrado, capim e para podar videiras. Consta de uma lâmina larga, tendo um das extremidades aguda, a qual é côncava. Seu cabo "manego" é coberto de tiras de couro.



CORNO. = BERRANTE

Este tipo de corno é oco, com uma abertura na extremidade mais fina. É usado tipo de uma corneta para, por meio do sopro, produzir o som. Este som sai forte, tipo de um mugido. Conforme

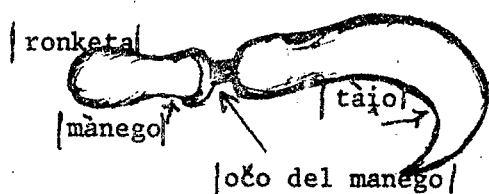
o número e a duração de toques seguidos, pode significar chamado de peão, ou dono da colônia ou os cães.



"Britola", roncoleta ou crote. É um instrumento cortante, muito parecido com um canivete, com a diferença de que a brítola é bem torta, num ângulo de 30 graus. A semelhança do canivete é que esta como aquele feicha-se entranto no cabo. Geralmente, a britola tem o tamanho de um canivete grande, mas há por aquí, brítolas de 30 cm., que quando abertas, muito se parece com "la messora", a foicinha.

A brítola é usada para cortar fumo, colher uva, atacar o inimigo, defender-se nas brigas; isso devido a sua facilidade de transporte em qualquer bolso, por ser geralmente de tamanho pequeno. Uma brigada de bêbados, os quais usam a brítola, pode ocasionar graves conseqüências.

"RONQUETA"



"Ronqueta", "potatoio", "rincchonela", "rincha", é um instrumento agrícola usado para cortar uva saibre, picar fumo, mesmo limpar a roça. Difere da brítola por ter a parte cortante menos cônica e por não ser dobrável dentro do cabo. Como a brítola, também é uma lâmina de metal tendo uma das pontas aguda e recurvada. A parte cônica da Ronqueta é que é afiada e cortante. Tam o cabo "manego", bem mais curto que a brítola.

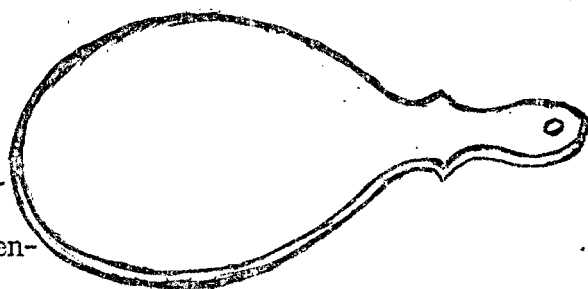


| kaliera | = | brondin | = | piñaton | = CALDEIRÃO DE POL-
LENTA. - É uma panela de ferro ou as vezes de bron-
ze. O "brondin" de bronze tem abertura mais larga
que o fundo, enquanto a "caliera" quase sempre de
ferro, é reta. Ambas tem o fundo côncavo e são
usadas para fazer a tradicional polenta. O "bron-
din" é usado também para fazer sopas. Há cal-
deiras de polenta com tres pequenos pés pa-
ra firma-la sobre a chapa do fogão. As caldei-
ras mais antigas era penduradas por uma cor-
rente "catena" firmada no teto da casa com re-
gulagem para aproximá-la ou levantá-la do fogo.

gulagem para

aproximá-la ou levantá-la do fogo.

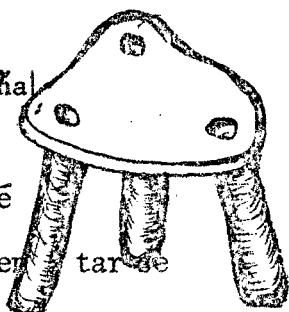
| panãro | = | taier | = É uma
taboa arredondada com um prolongamen-
to em forma de cabo que serve para pen-
durá-la.



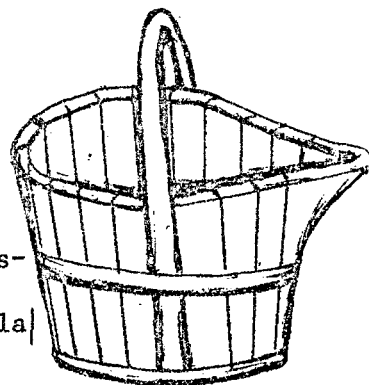
| maskola | = PÁ para mexer a polenta.
"mescola" é sempre feita de madeira acompanhando o tamanho do "brondin"

| banketa | = | skaña |

BANQUETA, tripé
usada para assar tar-se
quando se tira leite da vaca.



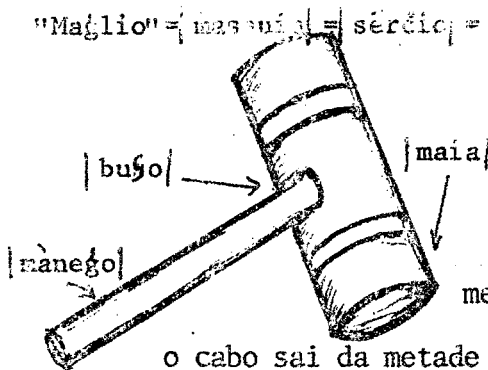
| seča | = | mas-
tèla |



"La marmitta del latte!"

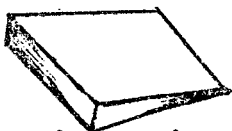
BALDE de madeira apropriado para transportar leite.

"Maglio" = massuia = sêrdio = MARTELO DE MADEIRA.

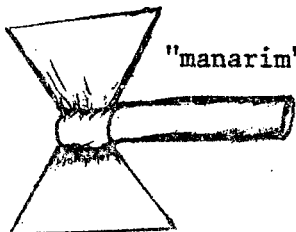


O "maglio" é um martelo de madeira com dois arcos de metal. É roliço bem grosso de uns 10 a 15 cm. de diâmetro. Bate-se de ambos os lados porque o cabo sai da metade do roliço. Usa-se para partir a madeira com a ajuda do cunho.

| kuño |



O cunho é de ferro em forma de uma pirâmide alongada. O pico, ou parte mais fina é colocada na brecha da madeira, batendo-se o "maglio" na parte que fica a base da pirâmide. É um auxiliar do martelo de madeira para partir a lenha.



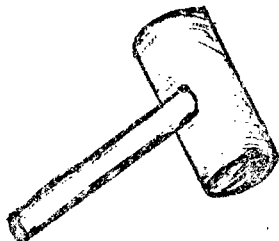
"manarim" = machadinho de dois (2) gumes.

"A marreta" é outro tipo de martelo, menor que a "massuia", com a diferença que este é todo de ferro, até o cabo.

| marreta |

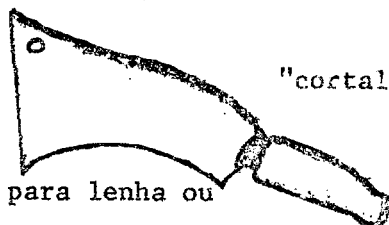
"marreta"

Serve para bater pregos ou bater o cunho.



"valdora" =

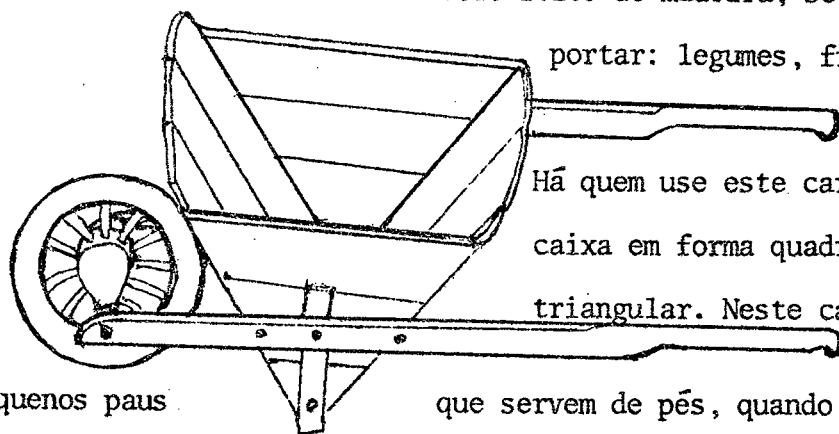
"cortal"



Facão usado nos bosques para lenha ou para cortar ossos quando matam o gado.

| kariola | = CARRO DE MÃO.

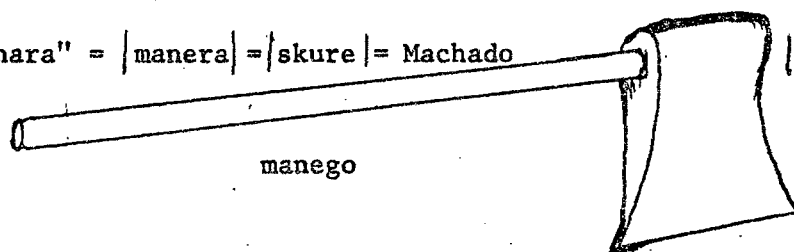
Todo feito de madeira, serve para transportar: legumes, frutas, cereais e até terra.



Há quem use este carroto com a caixa em forma quadrada em vez de triangular. Neste caso o carro tem

dois pequenos paus que servem de pés, quando descansa no chão. Estes carros tem uma só roda, toda de madeira, geralmente circundada por um arco de metal.

"manara" = |manera| = |skure| = Machado

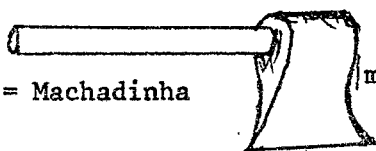


| òco del manego |

manego

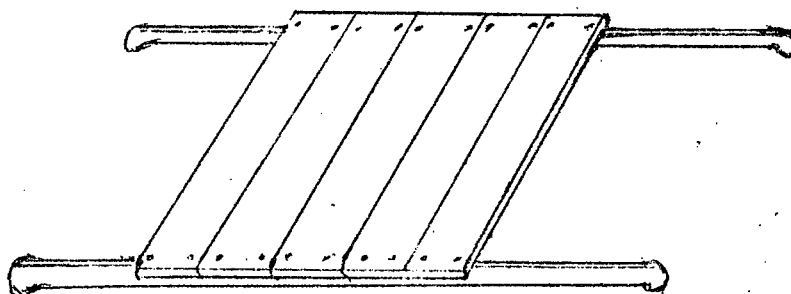
| tajo | = | fil |

"manèr" = Machadinha



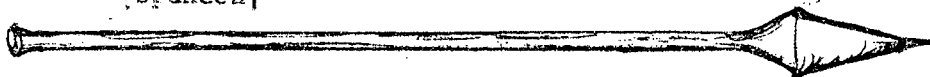
| maner | = | manarim | = | scurino |

| portantina | = TRANSPORTADOR MANUAL

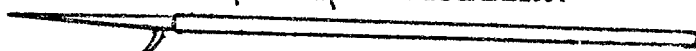


A "portantina" sempre feita de madeira usada para transportar qualquer produto agrícola. É transportada por duas pessoas.

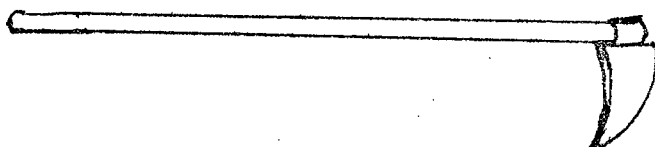
|sponçon|=



|frisa|= FISGADEIRA



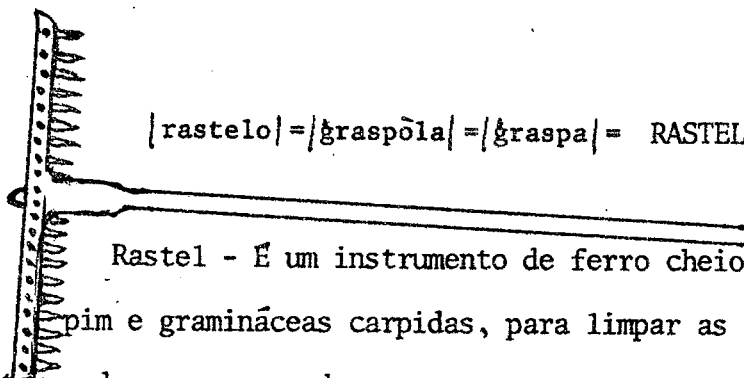
|saponela|=|saponeta|=|sapa|=|zapin|= ENCHADA.



|paleta|= "pala de grano par formento"

PÁ.

|rastelo|=|graspõla|=|graspa|= RASTEL.



Rastel - É um instrumento de ferro cheio de dentes. Serve para arrastar capim e gramináceas carpidas, para limpar as estrebaria, ou ainda para limpar a terra de pequenas pedras.

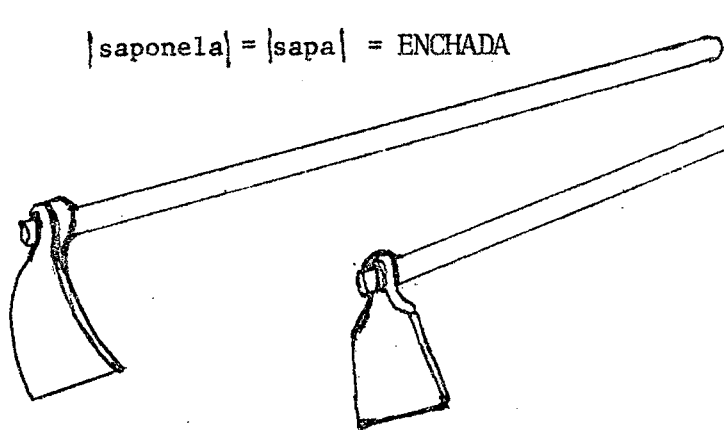
"sponchon" - É um instrumento pontiagudo de ferro, que quando tem a ponta mais fina é usado para pescar, e com a circunferência da ponta mais grossa, para fazer orifícios na terra lavrada, que são usados para semear milho.

Fisgadeira - É uma ponta de ferro aguda, com cabo de madeira usado para pescar peixes maiores.

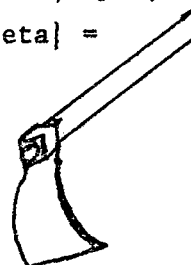
"saponela" - É um tipo de enchada em forma de cone, de ferro como as demais com cabo de madeira. Usa-se para capinar grammas, ou ervas daninhas.

"Paletta" - É um tipo de pá usada, nos moinhos, para grãos.

|saponela| = |sapa| = ENCHADA



|zapin| = |zapet| =
|zapeta| = ENCHADINHA.

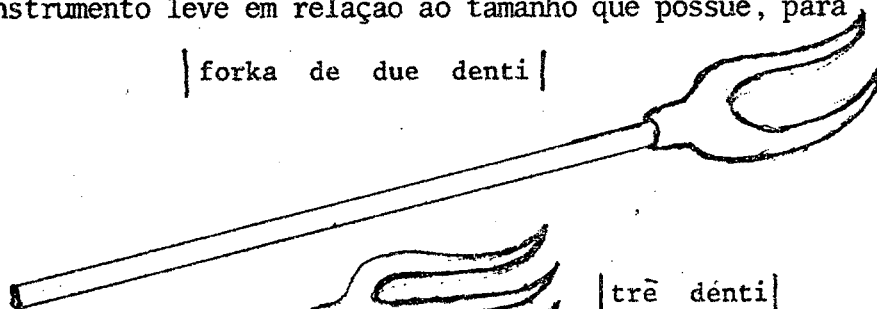


As enchadas podem mudar um pouco de formato, mas são todas feitas de ferro pesado com cabo de madeira. Usa-se a enchada para capinar a terra, tirando a grama ou revolvendo-a para plantação.

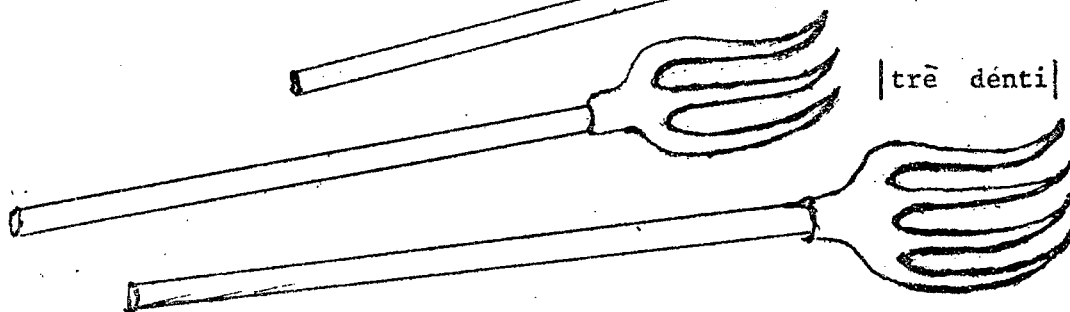
A enchadinha é um tipo menor, usada para capinar canteiros.

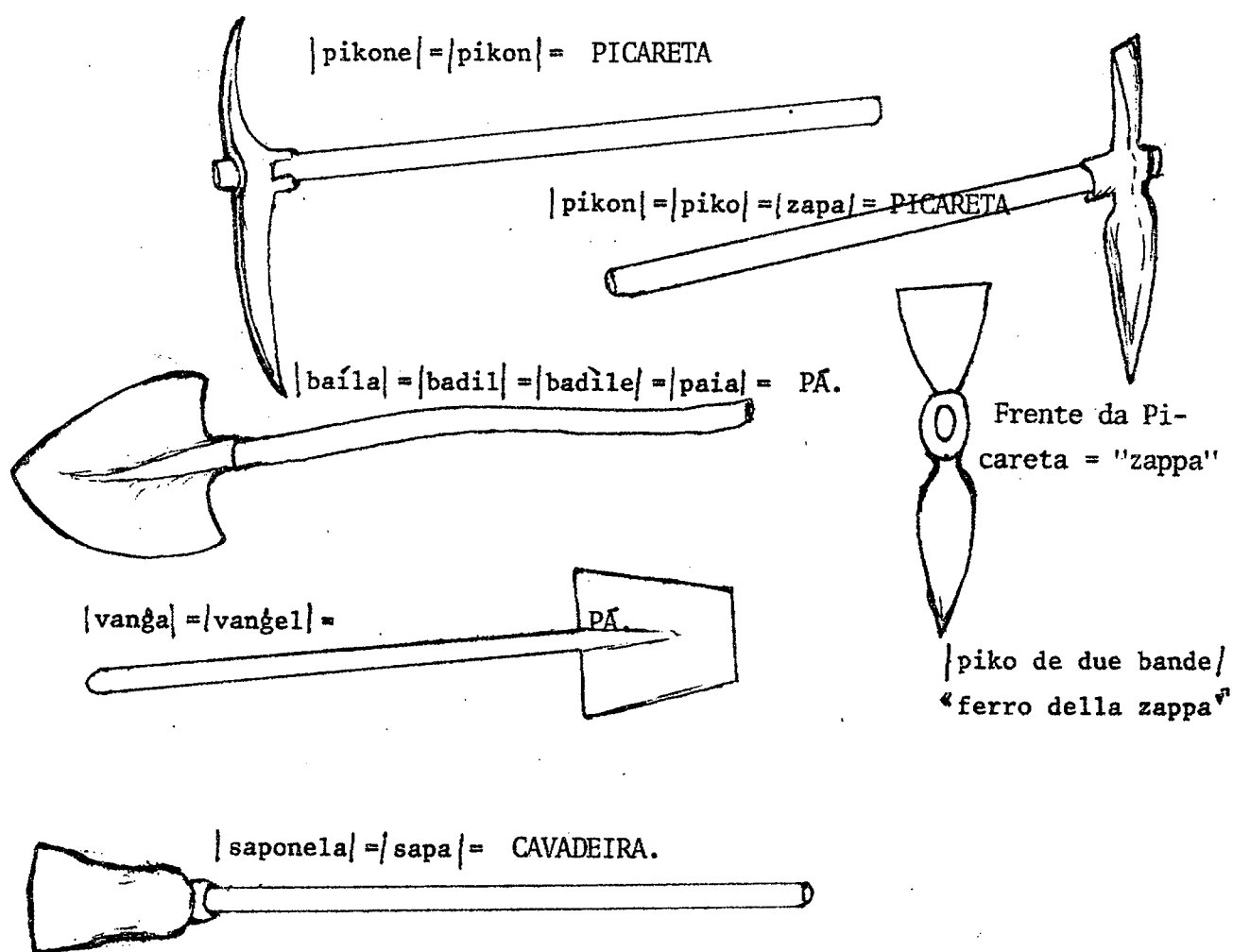
"forca" = A forca é um instrumento agrário que serve para virar e amontoar palha e feno. Nossos colonos daqui possuem "forcas" de dois, três, quatro e alguns até de cinco dentes. As de três dentes, são mais comuns. Todas elas também são chamadas só com o nome da quantidade de dentes. Ex.: "tri denti". São instrumentos de ferro adaptável a um cabo de madeira, longo e roliço por onde se segura. Os dentes da forca são longos e levemente recurvados. É instrumento leve em relação ao tamanho que possui, para melhor manejá-lo.

|forca de due denti|



|trê denti|

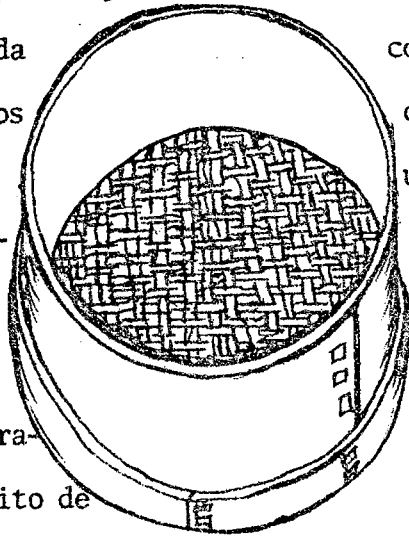




- "Picone" - É o tipo de picareta que tem ponta aguda de ambos os lados, sendo um mais longo que o outro. É feita de ferrò com as pontas um pouco inclinadas, com longo cabo de madeira. Usa-se para cavar e limpar fossas na terra, especialmente onde há pedras.
- "Picon" - É outro tipo de picareta, sendo que uma das extremidades, em vez de ser pontiaguda, tem aparência de uma enchada. É um instrumento de ferro com cabo de madeira. Usa-se para romper o terreno duro, para cavar pedras ou limpar a roça e a horta, especialmente no meio do "radici" radici
- "Baíla" - É um tipo de pá recurvada e pontuda. Usa-se para cavar e limpar fossas, para transportar estrume das estrebarias.
- "Vanga" - É um tipo de pá retangular feita de ferro com cabo de madeira. Serve para cortar e virar a terra.
- "Saponella" Feita de ferro com cabo de madeira. Como a "vanga" para escavar a terra.

|krivêl| = |krivelo| =

O "crivello" é uma espécie de peneira feita pelo próprio colono para limpar feijão ou outros cereais. Muitas vezes ele é feito de lata toda perfurada da presa nos quatro lados de largura em forma de é feita de vime ou ri- mosta o desenho.

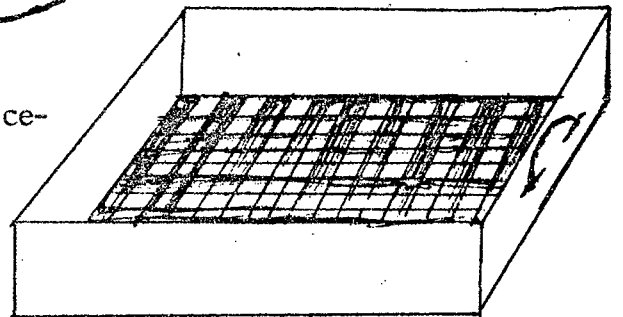


com pregos, em forma quadra- com taboas de 10 ou 15 cm. uma caixa. Algumas vezes pinhas trançadas conforme

O "crivello" mais usado por aqui é o quadra- do. Geralmente ele é feito de ripinhas trançadas.

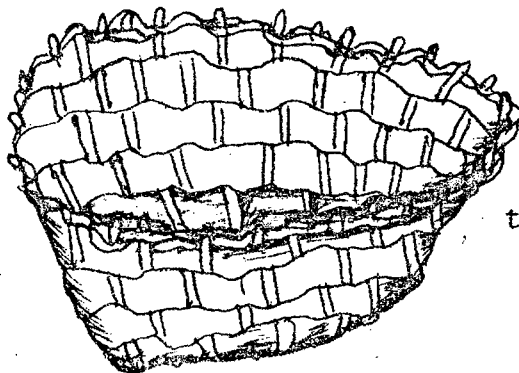
O "crivello" é usado também para secar ce- reais molhados, colocados ao sol .

|krivêl| = |krivelo| =



|seston| = |vaSoia| = CESTÃO.

Para transpor- reais, legumes etc.....



tar uva, frutas, ce-

"bordoleza" = "botte" = Pipa

dar o vinho,

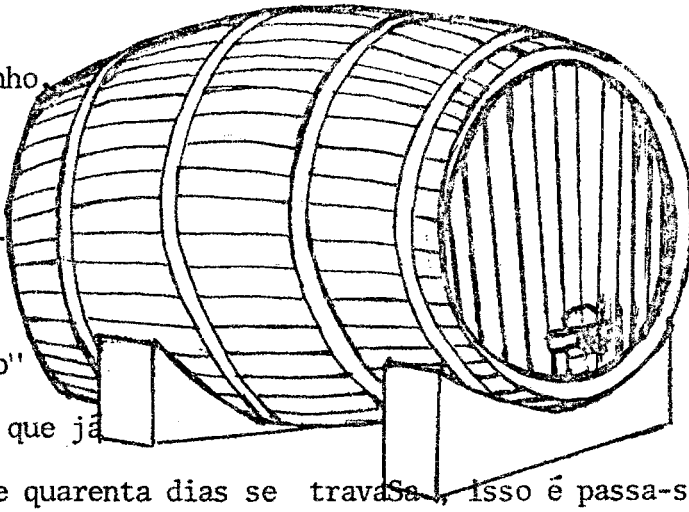
neceu no

dias, aze-

"graspe"

do "mosto"

líquido, que já



A Pipa é usada para guar

O suco de uva que perma-

"mastel" durante cinco

dou e tornou-se vinho. A

que havia ficado na tona

vai para fazer a graspa. O

é vinho veio para a pipa.

Depois de quarenta dias se travaSa, isso é passa-se o vinho da pipa pela

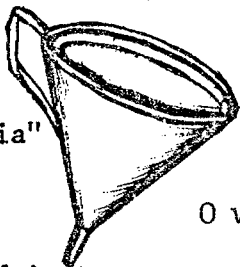
kândola = kãnola = tampão, para outra pipa. A pipa tem que estar sempre

cheia para que o vinho não fermente e não azede. Se a pipa não está bem cheia

porque uma parte do vinho já foi tomado, passa-se o vi

nho restante para outra pipa menor, para que, ficando

cheia não haja ar dentro dela, capaz de azedar o vinho.



"impiria"

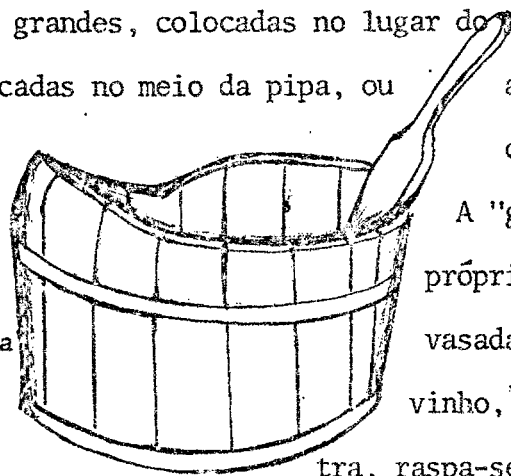
O vinho é tirado das pipas, para ser servido, por torneiras

de madeira, menores, ou grandes, colocadas no lugar do "tarrugo", ou as vezes

pequenas torneiras colocadas no meio da pipa, ou ao lado do "tarrugo". Es

tas torneiras menores chamam-se: "spinel" ou

"stropo piccolo". A "grupula" é tirada da



"soto spina"

própria pipa, depois de tra-

vasada. Depois de retirado o

vinho, de uma pipa para a ou-

tra, raspa-se as paredes da pipa

"lora"

com a "saponela" (enchadinha), este pó vidrificado (la grupula) é colocado na

outra pipa, com o vinho. A "grupula" tem muito valor comercial.

Para limpeza da pipa (ou para desinfeta-la), antès de por vinho, queima-se, dentro da pipa, um pano ensopado em enchofre, ou coloca-se uma va-

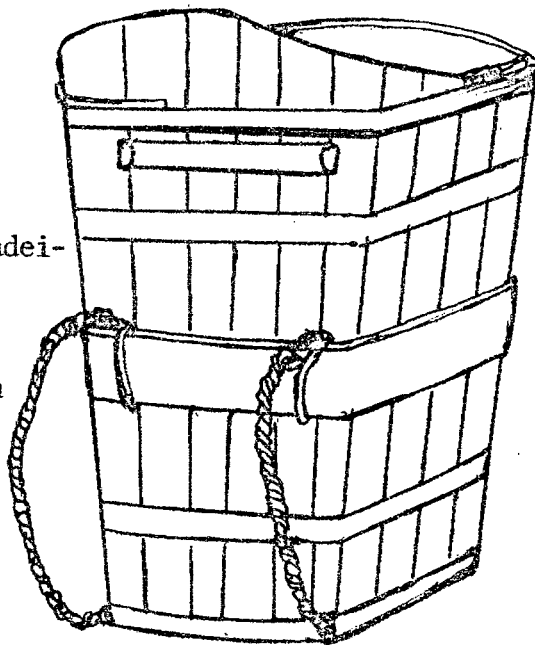
silha com brasas queimando enchofre. Isso não só desinfeta a pipa. mas diz que serve para clarear e conservar o vinho.

"bigoncia"

A "bigoncia" é feita de taquara ou madeira leve presa por arcos de metal.

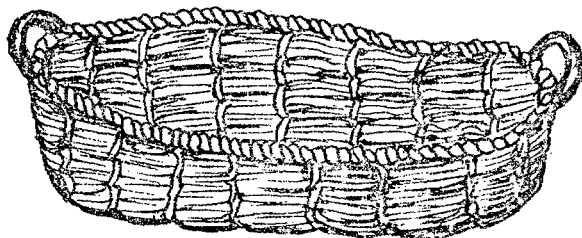
Tem o formato retangular ou oval, com hastes de vime para prende-la nas costas do homem.

Usa-se este tipo de cesta, para transportar uva ou cereais.



Outro tipo de cesta, muito usada aqui, para transporte é a "gangaia". Ela é presa nas costas do animal por um cruzamento de quatro pedaços de madeira. A "gangaia" é um conjunto de dois cestões que equilibram o peso, um em cada lado do animal. A corda que prende a "gangaia" chama-se "manilha". À essa armação de madeira (gangaia) usa-se também prender dois caixotes, conforme o tipo de mercadoria que se vai transportar.

"cumber" = "panara" = "vanduia" =



A "panara" é um tipo de cesta rasa usada para descansar o pão enquanto cresce. Esse uso de colocar o pão na cesta, facilita o transporte para o forno que é sempre feito de tijolos fora da casa.

"Pipa" = "tino" = "mastello" ou "mastel"

É uma espécie de pa. Isso porque deve para que a "graspe"

Há "mastel" de ripas de madeira, bem de arcos de metal. Costuma-se colocar (tripé) ou qualquer fique um pouco do que o chão, facilitar

de uma torneira

que lhe é colocada

tina ou meia pipa, sem tamficar aberta para arejar e fermente ao ar livre.

vários tamanhos. É feita de ajustadas e seguras por meio (geralmente de ferro).

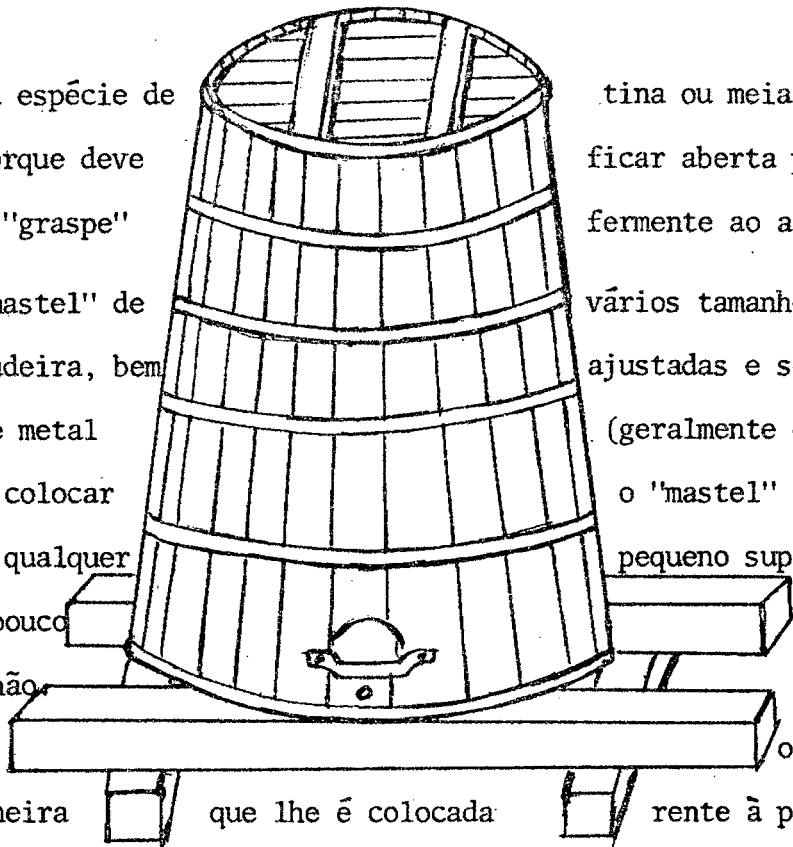
o "mastel" em um cavalete pequeno suporte para que

mais alto

Isso para

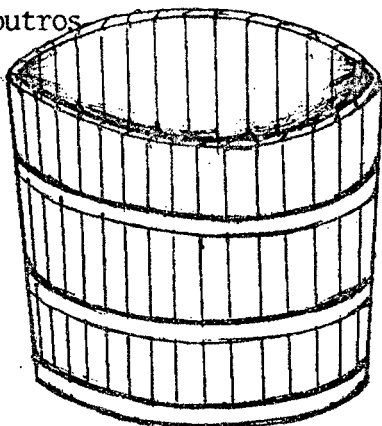
o funcionamento

rente à parte inferior.

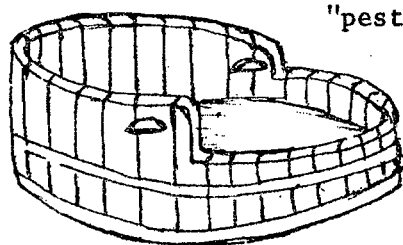


O "mastello" quando usado para o vinho, querendo usá-lo depois para a cachaça, ou vice-versa, deve ser lavado com água e repassado "rezentado" com um litro de cachaça para desinfetá-lo.

Em alguns casos também é usado para transportar ou guardar os cachos de uva. Em tempos diversos da vinicultura, ele é usado para guardar milho ou outros cereais.



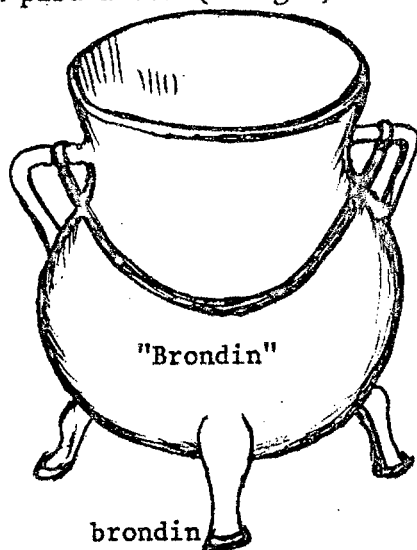
"mastel"



"pestarola"

A "pestarola" pode ser redonda igual a figura acima, mas os colonos daqui usam-na geralmente quadrada, feita por eles mesmos, com quatro taboas de 20 a 30 cm. de altura, tendo

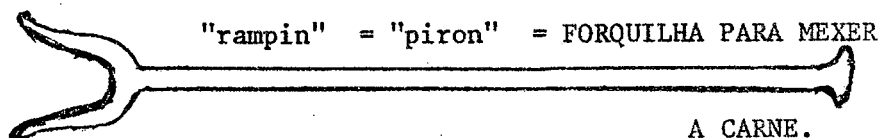
o fundo feito de ripas quase juntas, como uma espécie de peneira, por onde passa o suco de uva. A 'pestarola' é colocada sobre o 'mastel', e é onde o homem pisa a uva (o lagar). As ripas da 'pestarola' seguram o bagaço e as cascas



que se chama 'graspe' ou 'grappa'. Atualmente a 'pestarola' está sendo substituída pela 'máquina'. O que os colonos chamam de 'máquina de esmagar a uva' é um instrumento muito simples. São quatro paredes afuniladas, dentro do qual há um cilindro em alto e baixo relevo, tocada por uma manivela manual. Esta manivela esmaga os grãos de uva deixando escorrer o suco no 'mastel', segurando sobre si o bagaço e as cascas de uva.

O 'Brondin' é o caldeirão usado para fazer a polenta. O 'Brondin' é usado também, para se fazer o brodo, macarronadas ou sopas.

Outros utensílios domésticos mais usados são: 'brustolin' = torrador. 'Masnin' = moedor. 'peverin' = pimenteiro. 'Salarin' = saleiro. 'piati' 'piatas' = bacia, travessa.



O 'rampin' é de ferro, usado para virar a carne, batatas ou pinhões que estão sendo assado nas brasas. O 'rampin' é também usado para virar as fatias de polenta, quando são assadas na grelha, sobre o braseiro. Este braseiro é feito com sabugos para não produzir fumaça desagradável.

"M O D U S V I V E N D I"

- 4.4 - ONOMASIOLOGIA DE TRABALHO
- 4.4.1 - NOMENCLATURA E TECNICA DO FABRICO DO VINHO
- 4.4.2 - "LA GRASPA"
- 4.4.3 - A CACHAÇA E O ALCOOL
- 4.4.4 - O AÇUCAR AMARELO E O MELADO
- 4.4.5 - O SALAME
- 4.4.6 - A POLENTA
- 4.4.7 - O QUEIJO
- 4.4.8 - O TRADICIONAL E MUITO USADO BRODO
- 4.4.9 - COMO SE FAZIA O COALHO PARA O QUEIJO
- 4.4.10 - SOPA DE FREGOLOTI

4.4 - ONOMASIOLOGIA DE TRABALHO

4.4.1 - NOMENCLATURA E TÉCNICA DO FABRICO DO VINHO

Quando a uva está madura, em janeiro, fevereiro e as vezes até em março, os colonos vão "vendemar" |vendéma|, isto é, colhê-la para fazer o vinho.

Colhida a uva, com |la roncolina, britola| ou com as unhas, ela vai sendo colocada em cestões. Alguns grãos verdes já vão sendo jogados fora. Estes |kavaña, Kavañin|, cestões e cestas que são transportados até a cantina, nas costas, debaixo dos braços, ou servindo-se da |Karióla| (carro de mão), ou da |barela|, ou ainda pendurando os cestões na cangaia |gingaia|, |bigolo| ou |bigonča| e usando cavalo ou burro para o transporte. Isso quando a colheita |vendéma| fica mais distante da cantina.

Todos os colonos daqui tem a cantina no porão da residência. Chegando na cantina, a uva é despejada na |foladora|:

A "foladora" foi previamente colocada sobre o |mastel| ou |mastela|. Ali sobre a "foladora" fica uma ou mais pessoas, em pé, pisando a uva. Isso quando não possuem a máquina manual em lugar da "foladora". Dizem, os colonos, que o vinho fica mais gostoso quando a uva é pisada com os próprios pés porque os grãos ficam melhor esmagados.

Os cachos de uva são colocados inteiros na "foladora", somente tem-se o cuidado de retirar os grãos verdes. A uva não é lavada porque não pode ser previamente molhada; por isso nunca é colhida para fazer o vinho, depois de uma chuva.

Depois de esmagada a uva, o líquido que escorreu da "foladora" para dentro do "mastel", é despejada num outro "mastel", ou passa-se a "foladora" para vários "mastel" até enchê-los todos. O vinho (suco de uva) fica ali no "mastel" por 5 dias para "deponer" isto é: a "graspa", o bagaço sobe à tona do líquido. Depois dos 5 dias abre-se a torneira que fica na parte

inferior do "mastel" e retira-se o vinho, passando-o para uma pipa "bote", onde fica 40 dias "deponendo". Depois dos 40 dias se |travaSa| novamente, isto é: tira-se o vinho da pipa (pela torneira |Kândola = Kànola|, que fica embaixo, rente a parte inferior da pipa) e despeja-se em outra pipa, por cima, abrindo-lhe a tampa.

O "mastel", ou tina não tem tampa, porque nos 5 dias que o líquido fica lá deve receber ar para fermentar e "deponer" melhor.

O vinho fica guardado na pipa por quanto tempo se quer, até que o vinho dure. Quanto mais velho melhor.

A única coisa que os colonos daqui misturam no vinho é um pouco de graspa e um pouco de açúcar. O vinho está pronto para ser tomado. Retira-se o vinho das pipas para servi-lo, pelas torneiras. Colocado em garrafas ou garrafões, mexido ou destapado, o vinho azeda e fica vinagre. Então ele forma uma mofa branca na tona do líquido: é a flor do vinho "la fior del vin".

"La mare del vin" é uma camada gelatinosa que fica embaixo do líquido. "a mãe do vinho".

4.4.2.- "LA GRASPA"

A "graspa" é feita com o bagaço da uva (le graspe).

Depois de pisada a uva, na "foladora" e escorrido ou |travaSa| o líquido para o "mastel", retira-se o bagaço da uva que ficou na "foladora" e leva-se para o alambique "el lambico". Mistura-se com água, tendo-se o cuidado de colocar palha de trigo no fundo do alambique para proteção, isso é para a "graspa" não queimar.

A parte principal do alambique é uma espécie de panelão, revestido com tijolos como se fosse um forno, tendo em baixo dele lugar suficiente para fazer bom fogo.

Em algumas colonias reparou-se que ele é todo revestido de tijolos e em outras só há tijolos cobrindo-o 2/3.

Em geral em cada alambique vai 30kg. de "graspe" (bagaço) e 6 latas de água.

Faz-se bastante fogo embaixo,. A "graspa" ferve deixando passar seu vapor por um canozinho, em forma de serpentina, (donde lhe vem o nome:serpentina) preso no chapéu "el capel".

"el capel" é a tampa do panelão, o qual tem a forma côncava como a cúpula de um chapéu.

A serpentina sai do chapéu,dando voltas sobre si mesma, entra num recipiente,"tina" de água corrente, tendo sua extremidade final que atravessa a "tina" por meio de uma torneira. Ali o líquido desemboca num recipiente que recebe o mesmo, o qual é produto do esfriamento do vapor da "grapa". Esfriamento esse ajudado pela temperatura da água corrente. Este líquido já é a "graspa".

A "graspa" é depois despejada novamente dentro do alambique, pelo chapéu (que é retiravel). Para esse segundo processo de vaporização,retira-se o bagaço de uva "graspe" e as palhas, deixando-se só a graspa líquida, no alambique.

Feito novo fogo realiza-se a bi-destilação para purificá-la ou refiná-la melhor. Eis a graspa boa para ser saboreada. O fogo deve ser controlado e contínuo. Se houver pouco fogo e faltar calor, há dificuldade ou impossibilidade de evaporação e portanto de liquefação. Se o fogo for muito, o chapéu pode explodir ou estourar, ou no mínimo haver velocidade máxima de evaporação não havendo boa destilação.

4.4.3 - A CACHAÇA E O ALCOOL

A cachaça é feita da cana de açúcar, sem mistura alguma. A cana de açúcar é colhida com a [rónkola,ronkéta,ronkolina] , Atada em feixes, a cana é arrastada ou transportada para o [torço] engenho, onde é descascada, isto é: retiram-lhe as folhas,deixando-a limpa, mas com casca;antes de ser colocada no

[tôrco].

Uma pessoa vai colocando a cana entre os grandes cilindros do monjolo enquanto os dois bois, que estão presos no monjolo, caminham em circulo e fazem rodar os cilindros que estão em posição vertical.

A cana se esmaga deixando escorrer o seu suco numa vasilha. A garapa é deixada no "mastel" por 24 horas, com um pouco de fermento "feischmann, para fermentá-la.

Depois de 24 horas, a garapa fermentada é levada para o alambique e colocada no tacho do mesmo, pelo orifício superior e depois tapado com o chapéu.

Depois de colocado o chapéu e ligada a serpentina faz-se fogo necessário, para a evaporação, em quantidade controlada e continuamente. O chapéu é rebocado com pano e barro ou cinza, firmando-o. A garapa fermentada fervendo forma o vapor, que entrando pelo chapéu e passando pela serpentina, vai liquefazer-se. Este primeiro líquido é o alcool, mais ou menos em 90%.

A quantidade de fogo é controlada pela quantidade de líquido que é produzido pela liquefação e vai saindo pela torneira da serpentina.

Quando se retira do "mastel", uma quantidade de garapa fermentada para fermentar outras medidas, que vão substituir a quantidade que já foi para o alambique, não é mais necessário colocar fermento; isso porque um pouco do azedo da primeira parte fermentada faz com que outras quantidades de garapa fermentem, azedando-as subsequentemente.

A garapa fermentada é retirada do "mastel", pela torneira, que fica numa parte inferior daquele recipiente, ficando "deponado" isto é: um depósito no fundo do "mastelo".

Cada quantidade de garapa colocada no "mastelo" para fermentar levará mais 24 horas .

A garapa, quando fermentada cresce como pão, quando tem fermento.

4.4.4 - O AÇÚCAR AMARELO E O MELADO

Todos os nossos colonos fazem açúcar amarelo, que chamam de açúcar caseiro, para o gasto da família durante o ano, fazendo pé-de-moleque, doces, açucarando pipocas e muitas vezes usam-no até no café.

Depois de colhida a cana e esmagada no monjolo, a garapa é colocada no "mástelo" e levada ao fogo lento. Com a espumadeira, vai-se retirando sujeiras da cana; que possa haver e ficam na tona do caldo ao fervê-lo.

Bem fervida, e mechendo-a sempre com uma grande pá de madeira, a garapa fica em ponto de melado. Uma parte dela é retirada do tacho para ser aproveitada como melado. Outra parte do caldo de cana fica fervendo mais, mechendo-se sempre até a garapa açucarar.

4.4.5 - O SALAME

Todas as famílias fazem o seu salame para o gasto. Quasi sempre fazem-no só com carne de porco. Raramente, quando matam uma rés, é que misturam carne de gado.

A carne, depois de moida, é misturada com tempero de sal, pimenta, salitre e alguns colocam alho. Assim temperada, a carne fica descansando algumas horas para que o tempero penetre bem. Coloca-se então a carne na máquina, tendo ajustado previamente o funil, no lugar da lâmina de cortar a carne, da máquina de moer. Na parte mais estreita do funil é colocada a tripa previamente lavada e seca. Tocando-se a manivela da máquina, a carne passa pelo funil e entra pronta nas tripas. O salame assim ensacado é amarrado no fim da tripa. Depois pendura-se o salame em lugar fresco e arejado para secar.

4.4.6 - A POLENTA

A polenta é feita numa panela de ferro chamada :

|Kaliara = Brondin = pikaton| = Calderão de polenta.

Quando a água levanta fervura acrescenta-se sal. Então forma uma espuma, principalmente quando se adiciona sal grosso. Esta espuma é retirada com uma concha perfurada, uma espuma-deira. Fervida a água, junta-se a farinha de milho, devagar deixando-a escorrer entre os dedos da mão esquerda, enquanto a mão direita vai mexendo a polenta com uma pá de madeira chamada "mescola". Para a polenta ficar boa deve ser mexida durante 30 minutos lenta e ininterruptamente, procurando amassá-la contra as paredes da "kaliara" para impedir que se conservem torrões de farinha "gnochi" | koki|. A polenta feita assim e numa panela de ferro, em fogo brando, ficará como um creme.

Antes de juntar a farinha à água fervendo e sal, retira-se um bule ou uma caneca de água fervente para ser adicionada à ela durante o preparo da polenta, caso esta endureça mais do que o esperado, com a evaporação.

No fundo da "kaliara" formar-se-á uma crosta. É sinal que está bem cozida. Despeja-se então a polenta, numa tabua especial chamada "taier". Quando é servida quente é cortada com um fio de linha. Segurando-o nas extremidades arrasta-se este fio pelo "taier" de 2 em 2 centímetros mais ou menos e puxa-se as extremidades da linha esticada, para cima, cortando a polenta em fatias e servindo-a ainda fumegante. Ela é servida com queijo, galinha em molho ou assada, salame ou outros pratos.

Quando a polenta esfria corta-se com faca e assa-se as fatias na gordura ou mais comumente na chapa do fogão, bem quente. É a polenta "brustolada".

As vezes a polenta é feita bem mais mole e servida em camadas intercaladas com molho, queijo ralado ou carne moída com molho.

4.4.7 - O QUEIJO

O queijo é feito de leite cru. Coa-se o leite com

um pano e leva-se ao fogo, esquentando a uns 20 ou 25 graus. Acrescenta-se uma pequena quantidade de coalho e sal mechendo-se. Deixa-se descansar certo tempo. Para ver se está pronto coloca-se o dedo dentro do leite coalhado. Quando o leite não grudar no dedo é sinal que está pronto para ser levado ao fogo. Coloca-se este leite coalhado em fogo brando e com uma das mãos vai-se amassando o coalho para que fique separado do líquido (soro). Vai-se mexendo e apertando o coalho até que fique uma bola dura e lisa, enquanto o fogo vai aquecendo lentamente. Mexe-se até que a mão aguente o calor. Então retira-se a panela do fogo e deixa-se descansar uns 5 minutos. Depois coloca-se aquela bola em uma forma apertando-a bem. Fica ali 24 horas. Quando é retirada da forma é salgada. Deixa-se descansar mais uns 4 ou 5 dias, depois lava-se com água quente ou com o soro que saiu, quando se retirou a bola do coalho da panela aquecida no fogo.

Guarda-se o queijo em lugar fresco e arejado.

4.4.8 I - COMO SE FAZIA O COALHO PARA O QUEIJO

Pega-se "comaiera" "varga" = esôfago (acima das sessenta folhas), de um terneiro ou cabritinho novo, lava-se e corta-se em pedaços. Depois adiciona-se sal, vinagre e pimenta e deixa-se secar. Quando estiver seco pega-se um dos pedacinhos pica-se bem e põe-se mais vinagre e sal. Cada dia pode-se pegar meia chícara dessa mistura e colocá-la no leite para coalhar, pode-se juntar mais soro. Esta mistura dura uma semana. Depois pega-se outro pedacinho da "comaiera" seca e faz-se nova mistura com sal e vinagre, para outras porções de coalho.

4.4.8 II - OUTRA RECEITA USADA POR OUTRAS FAMÍLIAS

Pega-se um cabritinho recém nascido feixa-se num cercado assoalhado para que não coma capim. Alimenta-se este cabritinho somente com mamadeiras. Depois de seis dias dá-se bastan

te leite para ele tomar e mata-se em seguida. Tira-se o estômago com todo o leite digerido dentro e deixa-se secar. Esta substância pulverizada é que vai servir de coalho. Guarda-se o pó num vidro.

NOTA - Hoje em dia todas as famílias compram coalho pronto nas farmácias, para coalhar o leite quando fazem queijo, mas até bem pouco tempo atrás cada família fazia o seu coalho conforme as receitas acima.

4.4.9. I - O TRADICIONAL E MUITO USADO "BRODO"

Colocam uma galinha picada (depois de limpa) em uma panela que contenha um pouco de banha, e deixam refogar. Depois de bem frita, e mole, passam-na para outra panela grande onde deve haver água fervendo. Alí acrescentam temperos como: magerona, salvia, cebola, tudo muito bem picado, com pimenta e sal, mais dois copos de vinho tinto, e vão provando a quantidade de tempero até que seja agradável ao paladar.

Dizem que o segredo do sabor está no modo de refogar a galinha separadamente, tendo-se o cuidado de não deixá-la sapecar muito, e para isso é necessário pingar água constantemente e deixar a panela fechada para que se cozinhe com o próprio vapor.

4.4.9. II - OUTRA RECEITA DE "BRODO"

Outras famílias fazem o "brodo", acima falado, de modo diferente. Cozinham a galinha, desde o início, junto com a água toda que ferve no grande caldeirão e colocam o tempero verde amarrado em feixes, capaz de ser retirado ao servir o brodo. Não colocam vinho na panela, mas ao servir o brodo. A maioria acrescenta vinho e queijo ralado na chícara.

O brodo é servido em sopeiras e cada pessoa tira-o com a concha passando-o para uma chícara.

Servem-se os pedaços de galinha separadas, do brodo. As quais são comidas com pão, enquanto se toma brodo e vinho.

Serve-se juntamente saladas de alface e outras verduras.

4.4.10 - SOPA DE "FREGOLOTI"

A sopa de "fregoloti" é uma massa enforme, tipo migalhões, feitos a mão. Depois de pronto o caldo ou "brodo", vai-se mexendo-o, enquanto se despejam ovos batidos com farinha. Deve-se ter o cuidado de esfarelar a farinha misturada com o ovo, enquanto cai, para não embolar.

OUTRAS MASSAS E OUTRAS ESPECIALIDADES

"Bigoli", "I fidelini" são massas finas. "I gnóchi" também são massas muito conhecidas e usadas. Como o são o "gratoni", e a sopa de feijão com massas.

"Le pape" são feitas com água, leite e farinha de milho. Despeja-se logo nos pratos. Mistura-se queijo ralado. Este prato equivale à "mosa" da Itália.

A "mosa" consistia na mistura de água, leite e farinha de milho com sal. A mistura realizava-se depois do leite fervido com a água, dava-se mais uma fervura depois de misturar a farinha e o sal. É um tipo de polenta mole. Este prato é servido com queijo ralado. Dizem ser originário da Itália. Justifica-se isso porque no tempo da emigração da Itália, lá havia mais leite derivados do que farinha de milho para preparar a polenta.

Em todas as casas da colônia costumam fazer o pão cazeiro. Um enorme pão, dentro de uma lata quadrada ou retangular. Este pão geralmente é feito de farinha de trigo, mas há quem o faça também com farinha de milho, ou misturando ambas as farinhas.

Durante o inverno é muito usado o pinhão, comido com batata doce durante os "filós", isso é reuniões noturnas.

O pinhão é muito usado porque é abundante na região, e é cozido com água e sal ou assado nas brasas.

5. FONOLOGIA I

5.1 - CONCEITOS E TÉCNICAS FONOLÓGICAS

6. FONOLOGIA II - "CORPUS"

6.1 - DO HOMEM.

6.1.1 - SEU CORPO.

6.1.2 - SUAS NECESSIDADES VITAIS.

6.1.3 - SUAS QUALIDADES E SEUS DEFEITOS.

6.1.4 - SEUS PERTENCES PESSOAIS E CORRELATOS.

6.1.5 - SUA IDADE, SEU SEXO, SEU ESTADO, SUA NACIONALIDADE, SUA
PROFISSÃO.

6.1.6 - SUA COMIDA, BEBIDA E CORRELATOS.

6.1.7 - SUA FAMÍLIA, SUA SAÚDE, DOENÇAS E CORRELATOS.

6.1.8 - SUA CASA.

6.1.9 - SEUS INSTRUMENTOS DE TRABALHO.

6.1.10 - SEU CAMPO DE TRABALHO, O CULTIVO DA TERRA.

6.1.11 - SEU RELACIONAMENTO SOCIAL.

6.2 - ZOONÍMIA.

6.2.1 - ANIMAIS DOMÉSTICOS E CORRELATOS.

6.2.2 - OUTROS ANIMAIS - INSETOS.

6.2.3 - AVES E INSTRUMENTOS DE CAÇA.

6.2.4 - PEIXES RÉPTEIS E CORRELATOS.

6.3 - FITONÍMIA

6.3.1 - PLANTAS EM GERAL.

6.3.2 - FLORES E PALAVRAS DE CONEXÃO.

6.4 - MEIO AMBIENTE.

6.4.1 - ATMOSFERA E CLIMA.

6.4.2 - TEMPO E MEDIDAS.

6.5 - OUTROS VOCÁBULOS.

6.5.1 - ADVÉRVIOS.

6.6 - EXPRESSÕES.

6.7 - ENTREVISTAS.

6.7.1 - DA SRA. MARIA LAGO.

6.7.2 - DA SRA. LUIZA RATI MASCHIO

6.7.3 - DO SR. LUIZ BRENDA.

F O N O L O G I A I

5.1 - CONCEITOS E TÉCNICAS FONOLÓGICAS

Os vocábulos do "corpus" foram transcritos durante as entrevistas sofrendo posteriores revisões, depois de comparados com os sons gravados, em fita cassete.

As poucas entrevistas que se transcreveu e traduziu, neste trabalho, além de fornecer vocábulos para o estudo fonológico, tem a finalidade de ser um testemunho histórico.

Muitíssimos vocábulos desta lista foram selecionados da onomasiologia dos instrumentos de trabalho.

Ao comparar-se as transcrições fonológicas feitas em Joaçaba e os dialetos de Itália, para tirar uma conclusão, o Mestre Dr. Fioravante Valentino Ferro serviu de informante, além de se consultar as transcrições dos dicionários de dialetologia citados.

Ao organizar a lista do "Corpus" seguiu-se, na parte do Português, o modelo apresentado por José Curi (1974), com algumas modificações para adaptar os vocábulos ao conhecimento e uso do falar desta Micro-região.

Depois de um exaustivo levantamento de dados fonológicos, em pesquisa de campo, onde se fez um estudo sincrônico, desenvolvendo métodos e técnicas da lingüística descritiva moderna; ouvindo sons da linguagem, constatou-se uma cadeia de sons na sua realidade articulatória ou acústica.

Através do estudo onomasiológico de trabalho, instrumentos de trabalho, usos e costumes e todo um complexo do "modus vivendi", fez-se uma seleção e tabulação de vocábulos. Organizou-se o "corpus".

No próprio "corpus" fez-se uma classificação dos vocábulos de diferentes dialetos ou subdialetos. Para isso usou-se

dicionários de dialetologia. Marcou-se cada vocábulo, precedendo-o da inicial maiúscula do dialeto a que pertencia, conforme a abreviatura indicada no início do trabalho. Os vocábulos não marcados em geral pertencem ao Vêneto.

As letras minúsculas (m), (f), (s) e (p) que seguem alguns vocábulos, indicam respectivamente: masculino, feminino, singular e plural.

Constatou-se a predominância absoluta do "Vêneto", mesmo porque, embora o povo conheça vocábulos de outros dialetos, dizem usarem com preferência o que constatou-se serem do "Vêneto".

Fez-se, então, um arrolamento dos sons somente dos vocábulos dos quais o povo diz que usa com frequência.

Classificadas as vocóides e contóides, e estudados seus padrões de distribuição, variantes e combinações, comparou-se os pares suspeitos. Pelo sistema de oposição de pares mínimos obteve-se os fonemas vocálicos e consonantais, concluindo a seleção fonemática pertinente ao respectivo dialeto, quer no plano segmental ou supra-segmental além de ter estudado o padrão silábico estrutural.

Ao usar o termo "Contóide" tentou-se registrar todo ruído da voz humana, produzido pela obstrução total ou parcial da corrente de ar que sai pela cavidade bucal.

Com o título "vocóide" registrou-se os sons livres emitidos pela passagem de ar que sai pela boca.

Levou-se em conta, ainda, a seguinte observação, citada por Pike (1963) e Ronatti (1954): "Nem todo contóide é consoante como nem todo o vocóide é necessariamente vogal."

Sobre o termo fonologia seguiu-se Malmberg (1954;p. 169) quando diz:

"Foi um grave erro da parte da Escola de Praga (Troubtzkot, Jakobson etc.) ter querido estabelecer uma

separação nítida entre fonética (ciência natural) e fonologia (ciência lingüística).

Fonética e fonologia são termos usados aqui equivalentemente, portanto, não se considerou a distinção feita pela Escola de Praga. Com eles nomeou-se os fatos acústicos e fisiológicos da palavra humana, bem como estabelecimento do número e posições empregadas nas relações mútuas da realização prosódica, incluindo os prosodemas, conforme os estudos acústicos de Bertil Malberg (1954). Assim também o entendem os adeptos da Escola Americana de Yale, como afirma Trager (1949;p.5) "A fonética e a fonêmica de uma língua são o seu sistema fonológico e sua fonologia."

Entendeu-se, então, somente dois aspectos no estudo dos sons ou duas fases do processo de análise: a fonética e a fonêmica.

É evidente que tanto na acústica quanto na fonologia restringiu-se àqueles sons que são lingüisticamente significantes ao estudo do(s) dialeto(s) a que se referiu.

Pike (1971) diz que a linguagem consiste de sons e ruídos sistematizados.

Também serviu de base Sapir (1971;p.51) quando afirma que a estrutura meramente fonética da fala não constitui o fato íntimo da linguagem e que o som simples da emissão vocal não é em si mesmo um elemento lingüístico. Apesar disso, a fala está bastante inevitavelmente ligada aos sons e à sua articulação.

Já que se procurou fazer um estudo fonológico e fonêmico, achou-se conveniente reescrever alguns dos muitos conceitos já formulados sobre estes termos:

Fonema é a menor unidade distintiva da fala.

Para Gleason: Fonema é uma classe de sons. É um símbolo de um sistema de sons sem apresentar em si som determinado. Para a Escola de Praga: Fonema é um conjunto de traços distintivos.

Depois de selecionar os fonemas em vocóides e contóides classificou-se em: vogais e consoantes, além de haver algum som intermediário: semivogais, ou semiconsoantes, que achou-se nesta língua, ou alofones posicionais, que por um efeito de pouca intensidade ou assimilação sonora, tornam-se reduzidos acusticamente; constatou-se também alofones livres.

Quando se pronuncia os fonemas, que são unidades estruturais organizadas, automática e inconscientemente, geralmente, não se pronuncia igualmente em condições de distinguir as expressões; porque muitos deles podem ser usados livremente, em expressões de idêntico significado. Daí, a necessidade de um prévio estudo acústico anterior a uma classificação de fonemas. A este estudo sonoro que varia livre ou posicionalmente separou-se os sons usando a nomenclatura de vocóides e contóides, como a usaram Schane (1971), Bonatti (1974) e muitos outros.

Ocorre que em dialetos italianos, dois sons tidos como fonemas distintos, aparecem, por vezes, num mesmo contexto posicional com a mesma semântica. Isso acontece porque ambos os vocábulos pertencem a dialetos diferentes, embora usados pelas mesmas pessoas; ou são variantes, não condicionados pelo ambiente, mas pela influência do dialeto mais próximo. Ex.: (V) |rén-te|, (b) |darén-te|, (v) |tagiar|, (R,F) |tagâr|, (Ver.) (B) |dugadór|, (Tr) |zugadór|. Às vezes são diferenças apenas subdialetais.

Alguns sons lingüísticos entraram no dialeto com particularidades peculiares de cada zona territorial de influências locais.

Certos vocábulos têm nuances diferentes, quando pertencem aos subdialetos, mas particularmente pertencem à mesma família dialetal.

Entende-se aqui, por dialeto, não o conceito que a lingüística americana chama de "dialect" que são na verdade simples falares apresentando mútua inteligibilidade, mas sim o que são os dialetos europeus, às vezes verdadeiras línguas às quais faltam apenas características sociais ou literárias para serem chamadas de línguas. Podemos então dizer que dialetos são "línguas regionais que apresentam entre si traços lingüísticos fundamentais" (M. Câmara 1974).

Nesta região tais variantes são usados pelas mesmas pessoas, embora haja um enriquecimento de aculturação lingüística, não achamos que haja uma "Koinê" porque tais falantes estão conscientes de que usam vocábulos de tais e tais dialetos.

Sapir (1971;p.206) afirma que os historiadores e os antropólogos têm verificado que as raças, as línguas e as culturas não se distribuem paralelamente, que as áreas de distribuição se entrecruzam, do modo mais surpreendente, e que a história de cada uma pode seguir um curso inteiramente seu. As raças mesclam-se de maneira que não sucede com as línguas. Por outro lado, as línguas podem propagar-se muito além do berço, invadindo territórios de outras raças e outros ambientes de cultura. Uma língua pode até extinguir-se no "habitat" primitivo para viver entre os povos violentamente hostis àqueles que ordinariamente a falaram. Acresce que as ocorrências da história estão constantemente remodelando os limites das áreas de cultura sem necessariamente fazer desaparecer as divisões lingüísticas existentes.

Sapir (1971;p.61) acrescenta ainda que cada língua tem suas peculiaridades, e que duas línguas ou dialetos, historicamente relacionados, podem não ter um som em comum, sem que os seus sistemas fonéticos ideais deixem de constituir um só padrão, mas não diz que o padrão seja imutável. Diz mais que toda língua,

é caracterizada tanto pelo seu sistema ideal de sons e pelo seu padrão fonético de subsolo, quanto por uma definida estrutura gramatical. Ambas essas estruturas, a fonética e a conceptual mostram o sentimento instintivo da forma que há na língua.

Todavia, ao analisar este trabalho, restringiu-se mais à classificação dos vocábulos, quanto aos dialetos a que pertencem porque o principal objetivo foi descobrir qual o dialeto usado nesta região.

Inicialmente os próprios falantes diziam: "- esta palavra pertence a tal ou tal dialeto". Além de confrontada a exatidão de tais afirmações é importante declarar que, ao serem questionados se conheciam determinada pronúncia ou determinado vocabulo citando duas, três ou mais palavras equivalentes semanticamente, mas pertencendo a dialetos diferentes obtinha-se a seguinte resposta: "conhecemos esta palavra mas não a usamos porque é outro dialeto."

Para provar as afirmações que feitas, como conclusão e para selecionar pares mínimos, confrontou-se oposições que aparecem num só traço fonético seguindo as premissas de Pike, cuja tradução transcrevemos nos anexo 12, p.287 (Pike, Phonemics 1963 p.58/63).

6. - "CORPUS"

6.1. - DO HOMEM

6.1.1 - SEU CORPO[el sô Kôrpo]

(cabeça) testa	[Kapo]	[têsta]
cérebro	[servêl]	(s) [šervêi] (p)
cabelo	[Kaviği]	(p) (B)[kavêle] (s)[kavêl] (s) [kavêi] (p)
rosto.....	[viSo] [fãĉa].....	[mũSo] (s) [mũSi] (p)
olhos	[ôĉo]	(s) [ôĉi] (p)
pupilas	[bala dêĵi ôĉi]	(s) [bale dêĵi ôĉi] (p)
sombrancelhas	[sêĝa]	[sorasêĵi]
(pestanas) cílios	[tirabâSi]	..	[sêi]..... [sejĵi] ... [baSête]
nariz	[nâSo]		
orelha	[rêĉa]	(s) [réĉe] (p)
boca	[bôka]		
lábios	[lâbro]	(s) [lâbri] (p)
bigodes	[mostâĉi]		
barba	[bârba]		
dente	[dênte]	(s)	... [dênti] (p)
língua	[lêngua]		
garganta	[kaĵâl de la menêstra]	[gôla]
gogô	[pômo de adâmo]	[gôso]
peito	[pêtô]	(s) [pêti] (p)
mama (bico)	[têta] [mama].....	(B) [têt]..... [tête]..... [ĉuĉo]
ũbre (de vaca)	[piêto de la vâka]		
peito (humano)	[pôpa] [tête].....	[mamêla] ... [sen][seno]
estômago	[stômegô]		
coração	(B) [kôr] (Tr) [kôĵ] (V) [kuôr]
pulmões	[pulmôni]		

fígado	[figã]
barriga	[pânza]...[pânsa]
umbigo	[boñigolo]...[buñigolo]
tripa	[buêla](s)[buéle](p)
rins	[rohôn](s)[rohõni](p)
bexiga	[vessiãa]
ombros	[skêna]
costas	[kõste]
pele	[pêle]
braço	[brasso](s)[brassi](p)
cotovelo	[gõmbjo]
pulso	[pólso]
mão	[mãn](s)[mãne](p)
dedo	[diêi]...[dieçi]...[déo](s)[déi](p)
unha	[õngã](s)[õngê](p)
nádega	[kulâta](s) ...[kulâte](p)
anus	[kúlo][kul]
urina	[pisso]
perna	[gãmba]
joelho	[zenõço].....[denõço]
pé	(V)[piê].....(B)[piê](s) ..[piêi](p)
sola dos pés	[sóla del piê]

6.1.2 - SUAS NECESSIDADES VITAIS

poder	[põsso]...[podér]
querer	(B)(V)[mi õi].....[või].....[volér]
entender	[kapisso] ...[kapir]
esquecer	[deSmentegãr]
saber	[sõ].....[sãér] ...[mi sõ]

refletir	[pensâr].....[pênso].....[rifletîr]
ter fome	[avêr fame]
levar	[portâr].....[portâre]
afogar-se	[negarse] ... [sofegarse]... [stofegarse]
puxar	[tirâr]..[tirâre]
empurrar	[urtâr]...[spîntonâr]
rasgar	[Sbregâr]
unhar	[Sgrafâr]
escrever	[Skrivêr]...[Skrîvere]
tocar música	[sonâr]
bater	[batêr]
dar socos ...	[puñar]... (Tr)[kornare]... [dar kólpi]... [kolpîr]... [kolpîre]...[dar un stramuñSón]...[stramuñSâr.]
trabalhar	[laorâr]
varrer	(Tr)[spaSâr]...[spassar]
capinar	(Tr) [zapâr] (B)[sapâr]
plantar	[piantâr]
semear	(V) (B)[semenâr]..... (Tr)[somenâr]
coçar	[gratâr]
nadar	(V) [nõâr]..... (V) [nũâr]..... (B) [nodâr]
limpar	[Snetâr]
lavar-se	[lavârse]
vestir-se	[vestîrse]
correr	[korêr]
vir	(V) (Tr) [veñîr].....[veñêre](B) [veñêr]
dar ponta pé ..	[dar molâr peã]...[peãda](Ver) [pessata] (B) [trarpedade](V) (B) (Ver)[peadõn]
pisar	[pestâr]
revirar	[revoltâre]...[remenâr]

aborrecido (V) [imuh̄sonā] (Tr) [enmuSonā]
doente [malā] [malandā] ... [imutriā]
tonto [iñsemen̄iŋ] ... [stordiŋ] (Tr) [stormeniŋ] (B)
[storni] (B) [iñsemeni]
inteligente [ké sã massã] [iñteliĝẽntẽ]
estudado [studjã]
trabalhador [laorator] [laurador] (Ver) (B) [aorãntẽ]
jogador (Tr) [zugador] (Ver) (B) [dugador]
ladrão .. [ké gã le õnge lõnge] [lãdro] [borsajõlo]
enjoado [stomegã] [iñfastidiŋ]
cansado [stũfo]
nojento [skifõsõ] [rivoltãntẽ] (B) [reoltãntẽ]
corcunda [gõbo]
amarelo (Tr) [zald] [gãlo] (B) [dal]
causar pena [far pekã]
rico [sjõr]
pobre [poarẽto] [porẽto]
vadio [Sbrĩdolõn] [bagolõn] ... (B) [Sbiẽndolon]
miserável [poarẽto] [miSerãbile]
doido [maturlõn] [mãto]
bêbado [imbriãgo] [çuko] [çuk]
beberrão [çukerõn] [çukon] [imbriãgõn]
prudente [prudẽntẽ]
paciente [passiente]
mal-educado [malkreã] [sensa edukasiõn] . [malagraziõn]
assassino [assassiñ] [ké gã kopã]
maldito [maledẽto] [maladẽto]
esfarrapado [Sbrẽndolon] [Sbregã] [Sbrendolã]
coitado [poariñ] [põro kan] ... [poarẽto]

roncar ... (Tr) [ronzegâr] (V) [ruzâr] (V) [ronkizâr] (B) [ronkedâr]
vomitar... (V) (B) (Tr)[gomitâr]
beber[bevar]..[bêvare]..... (B)[béver]
mamar[çuçâr]
ajoelhar-se[zenoçarse].(V) (Tr)[iᅇdinoçarse](B)[iᅇdanoçarse]
rezar[dir le oraziõni][pregâr]
amar[amâr]
viver[viver]
brincar..... (V) (Tr)[zuĝar].. [zuĝare].(Ver) [duĝâr]
ficar [restâr]..... [star]
soltar [lassâr]..... [molâr]
cagar [kaĝar]
urinar [pissar]
sentir [sentir]
levantar-se [alzârse]. [levârse]..... [levârsú]
dormir [dormir]
sonhar [sonâr]
acordar-se [sveĝarse]..... [sveĝare]... [deSmis'siâr](B) [sveĝâr]
morrer [morir]
sepultar [sepelir]

6.1.3 - SUAS QUALIDADES E SEUS DEFEITOS

bom[bon]
mau[kativo]
bondade[bontà]
bonito[bêlo]
feio[brûto]
esperto[furbo][furbaçõn]...[massa kativo]

pular	[saltâr]
acocorar-se	[kučarse] [inkučarse]
(coçar) cōcega (V) [spìssa] (V) [spìza] (Tr) [spìza] (Ver)	[spìra]
conhecer	[konōsso] .. (V) [konōsser] (B) [koñosér]
mandar	[mando] [mandâr]
estudar	[stúdiõ] [studjâr]
ter vontade (Ver) [avér..võja] ... [võğa] (F) [võja]	
cuidar	[tênder] [badâr]
esperar	[spetâr]
pensar	[pensâr]
fazer	[fâr]
ver	[vêdar] [vêdare]
olhar	[vardâr] [vardâre]
escutar	[skoltâr]
cheirar [spussiar] (B) [spuzar] (V) [savér da bòn]	
calar	[tazér] . [star sito]
experimentar	[provâr]
comer	[mañâr]
assobiar (Tr) [sifolar] [subiâr] ... [supiâr]	
cantar	[kantâr]
rir	[ride] [rìder] [rìdere]
gritar (L) [kridar] [ozâr] [gridar]	
chorar (Tr) [piânzer] (B) [piander]	
resmungar (V) (Tr) (B)	[brontolâr] (Tr) [gozâr]
soprar (V)	[supjâr]
engasgar [ingossar] (Tr) [engossâr] (B) [iņgossâr] ... [iņgossâre]	
cuspir	[spjâr] (Tr) (B) [spudâr]
expirar (V)	[strañjâr] (B) [strañudâr] (B) [starñudâr]

bobo [ħõko] ... [balórdo] ... [balõsso] ... [stũpido] .. [baũko] (B) [nõk]
cego [õrbo]
surdo [sordo]
mudo [mũto] ... (B) [mut]
sadio [san]
doente [malã]
pequeno (Tr) [piçenĩn] ... (V) [pĩkolo] ... (B) [pikol]
grande [grãnde]
baixinho [bãsso] ... [bassẽto] ... [bassetĩn]
anão [petĩsso] ... [nanẽto]
pernalta [Sgãmbetõn] [Sgãmbelõn]
mentiroso [buSiãr] ... [buSiẽro] ... [buSiẽr]
sincero [sçẽto] ... [siñçero] (B) [siñziẽr]
rãpido [Svẽlto] ... [rãpido] [Sguẽlto]
preguiçoso [pẽgro] ... [piẽgro]
faminto [afamã]
satisfeito [sodisfãto]
de barriga cheia [star ko la pãnza piẽna]
cheio [piẽn]
inchado [Sgõnfo]
vazio (V) (Ver) [ùdũ] (m) [ùda] (f) [vódo] (m) [vódã] (f) [vqĩdũ] (m) [vqĩdã] (f)
valente [valẽnte] [ardido]
medroso [spagẽto] ... [pauróso] ... (B) [spãvio]
sujo (V) [spõrko]
limpo (V) [nẽto] ... [pulĩto] ... (B) [polĩto]
contente [kontẽto] (B) [kontẽt]
triste [trĩsto] (m) ... [trĩstã] (f) ... (B) [trist]
medo [spagin]

falecido[morto]..... (B)[kóndan]
 coitadinho (pobrezinho)[poarìn]...[poaréto]
 falecido vovô[el pōro nōno]

6.1.4 - SEUS PERTENCES PESSOAIS E CORRELATOS

roupa[rōba].....[sostānsa].....[avér rōba]
 pente[pētene]
 pente fino[petenēla].....[petenétó]
 espelho[spêčo]
 sabonete[saqnéta]
 pincel de barba[penēlo].....[penēl da bārba]
 vassoura.....[skóa]
 navalha[raSór]
 camiseta[kamiSéta]
 camisa[kamìsa]
 gravata[gravàta]..... (B)[fazolét da Kòl]
 nó (de gravata)[grópo](B) (Tr) [gróp]
 colete[ǵilê] (B) (Tr) [Korpét]
 paletô[ǵakéta]
 bolso[skarsēla].....[skarsèle].....[skarselāda]
 lencinho[fazól]... [fazoléto](B) [fazoletón](B)[sǵāl]
 (B) [fazolet].. [fassol]... [fassói]
 calças[braǵe]..... [braǵesse]
 cinta[sentura].... [senturela].. [senturìn]... [Sēnǵa](B)
 [ziņtūra]
 cuecas[braǵe de tela].....[mudānde]....
 meias[kālze].....[kalzēte].....[kalzēti]
 sapato[skārpe]
 sapatão[skorpone]

- chinelo(B)[sopê]le]...[sopê]l] (s).....[sopê]i] (p)
 tamanco (tr)[Sgà]lmera]..... (B)[Sgà]lbera]....[Sgà]lmari]..[zò]kolo]
 botas[stivà]l](s) [stivà]i](p)
 espora [sperò]n]..[sperò]ni]...[sprò]n]...[sprò]ni]
 graxa de sapato[pà]tiņa] [lù]stra skà]rpe] (B)[pà]tiņa]dò]r]
 escova para roupas[bruskê]to]...[brusk]i]ņ]... (B)[spazê]ta]
 guarda-chuva[ombrê]la]...[ombrel]i]ņ] ..(B) [parasó]le]
 relógio [orolò]gio]..... [orolò]dio]
 pulseira [polsiê]ra]
 carteira [kartê]la]....[busta]....(B) [kartê]ra]
 dinheiro [skê]i]...[bè]zz]i]..... [sò]ldi].. [grà]na]... (B)
 [bè]z]
 brincos [re]č]ini]..... [bù]kola](s)...[bù]kule](p)
 vestido[vestido].... (B)[vest]i]
 saia[kò]tola]
 calcinhas[mudà]nde]...[mudand]i]ņe].....[bragê]te]
 meias compridas de mulher[kà]lze]
 máquina de costura[mà]kiņa da Kò]zér]
 rasgo[sbré]go]
 carretel de linha[rokê]lo][rokelét]o] (B)[rokê]l]
 fio[fíl][fì]lo]...[rê]fe]
 agulha[ù]ča]
 avental[travê]rsa]
 trapos[stràs]se](s)[stràs]si](p) [strà]za](s) [strà]ze](p) [strà]zo]
 (s)[strà]zi] (p)
 lã[lã]na]
 seda[séd]a][sé]a]
 casimira[kasim]i]r]
 flanela[fanê]la]

filhos[fiõ] ... [fjól] [fjói] ... [fiè] ... [fjóle] [fjól] (Tr) [fjói]
velho[vèço] ... [veçéto] ... [veçòt] ... [veçét] (B) [veçõn]
vovô[nõno] (s) [noni] (p)
vovó[nõna] (s) [nõne] (p)
pai[pàre] (s) [pàri] (p) ... [popà] ... [pupa] ... [pa] ... [papà]
sapateiro	...[Skarpàro] ... [karegaro] ... [kalegèr] ... [skarpelin]
setenta anos[setanta ani]
ficar velho[veñer vèço] [deventàr vèço] [inveçàr]
italiano[taliàn] [taljàn] [talgãni]
instrutor[iStrutór]
brasileiro[brasiljàno] (s) [brasiljàni] (p)
ciganos	...[zìngano] ... [zìngana] (B) [zìngen] (Tr) [zìngena]
colonos[contadini]
músicos[sonãori] ... [muSicãnte] ... [mũSico] ... [mũSiki] ... [sonadóri]
jogador[zogađór] [zugađór] ... [đugađór]
barbeiro[barbjér]
ferreiro[farãro]
sapateiro[skarpàr] [skarpèr]
marceneiro[marangõn]
pedreiro[pierér] ... [pieréro]
médico[mèdegó] [dotór]

6.1.6 - SUA COMIDA, BEBIDA E CORRELATOS

pão[pan]
pão de trigo[pan de forméto]
pão de farinha de milho[pan de polènta] ... [grantürke] ... [gransaraçeno]

- pão-de-ló [panetón] (s) [panetóni] (f)
- rosca [pangratà] ... [pan gratà con la grataróla]
- doces de farinha ... [bruzzolà] [brussodēl] (s) [brussodēlei] (p)
- manteiga [butìro] ... [botìro] .. (Ver) [butiér] (Tr) [botér]
- requeijão [puina]
- linguiça especial [Kodegìn].... [soprèssa]
- linguiça [lugànega]
- murcilha [sanguàzzo]
- toucinho [panzéta]
- banha [lardo] ... [struto] [gràssso]
- torresmo [zìzole] (Ver) [Sòssole] ... [ziSolìn] (B) [frìtole]
- ovos [óvo] ... [vóvo] (s).... [óvi] [vóvi] (p)
- gemada [gema de l'ovo].... [bala de l'ovo]... [fortağa]
- laranja [narânze] . [narânse]
- tangerina [mandarìn]
- polenta [polénta]
- casca [skörze]
- arroz [rìso]
- batata inglesa [patâte]
- batata doce [patata amerikâna]
- macarrão [pastassûta]
- nhoques [nòko] (s) ... [nòki] (p)
- bolinho de trigo.. [frìtola] (f) [frìtole] (m) .. [favétã] (f) [favétẽ] (m)
- carne [çiça] ... [çiçin].... [Kàrnẽ]
- feijão [faSolo] (s).... [faSol] (p) ... [faSói] (p) .. [bandìsti]
- sopa [menēstra] [minestrón]
- repolho [vérza] ... [vérda].... [kàvolo]
- pepino [Kokùmero] (s) [kokùmeri] (p)
- rabanete [ravanèlo] (s).... [ravanèi]

cenoura	[karôta] (s) [Karôte] (p)
alface	[salàta]
cebola	[séqla]...[seqlìna]. (B)[ziêola]
salsa	[parsêmolo]... (B)[parsémol]
alho	[âĝo]...[âĵo]... (B)[âĵ] ..[âi]..(Tr)[Kòsta de âS]
abóbora	[zùka]...[sùka]
cachaça	[gràspa]... (Tr) (B)[sñàpa]
água	[âkya]
cerveja	[bìro]
vinho	[viñ]
bíter	[bîter]
café	[Kafê]
açucar	[zùkaro]...[sùkaro]
pudim	[bodìñ]
bala	[Karamèla] (s) [Karamèle] (p)
provisão	[Kompanàdego]...[Kompanàrego]
gole	[sórso]...[gózza]...[gózzo]...[góza]...[gósso]
fritar	[frizer]...[frizere]
queimar	[bruzàr]
cozer	[ĵustàr]...[KuSer]...[KuSìre]...[pončar]
cozinhar	[kuSinar]...[koSinare]

6.1.7 - SUA FAMÍLIA, SUA SAÚDE, DOENÇAS E CORRELA TOS.

papai	[pàre]...[pupà]
mãe	[màre]...[màma]...
irmão do mesmo pai	[fradèlo bon]... (B) (Tr)[fradê]...[fradelo]
irmão da mesma mãe	[fradèlo uterìno]
irmã	[sorèla]

esposo	[marì]
namorado	[moróSo]
genro	[zëndro] (Ver) [dëndro]
cunhado	[kuñè]
sobrinho de avô	[nevódo]
sobrinho de tio	[sobrìno]... [neódo] (m) [nèza] (f)
primo	[zermàn]... [dermàn]... (Ver) [kuSìn] ... (B) [koSìn]
sogro	[misjêr] [missier]
casar-se	[spoSârse]
romper o noivado ..	[rómper el moroSaménto]... [i ga róto el moro- Saménto].
fileira de filhos (muitos) ...	[na barkâda de fiõj]
bodas	(B) [nòzze]..... (B) [nozâdo]..... [maridaóro] (Tr) [maridòz]
comadre	[komàre]
madrasta	[maréña]
padrasto	[pareño]
nascer	[nâsser]
compadre	[kompàre]
padrinho	[kompàre de anêlo]... [santòlo]
pais	[me pàre e me màre]
saúde	[salûte]
doença	[malatîa]
resfriado	[kospipaziôn]... [rafredór]... [kostipà]
pneumonia	[polmoñia]
varíola	[far le varóle]
sarampo	[skarlatîna]
erisipela	[fêrsa].... [roSolîa].... [reSipîlia]
caxumba	[mal del moltón]... [parotíte]

bolha	[bóla dele varóle]
ataque	[kólpó]
chaga	[piãga]
azia (Tr)	[bruSakór]...[bruSór de stómeço].....[brusegìn]
diarréia	[kagôto][skaçarèla]....[djarêa]..... [dirêa]
tuberculose	[etiSiã].....[etikiSía]
hospital	[ospeâl]...[ospedal]
desmaio	[afãno].....[fastidjo](B) (Tr)[fastidi]
dieta	[mañar póko].....[stâr indriq nel mañar]
sarada	[guariã].....[la stã mêjo]
óleo de rícino	[ôço de risino].....[ôio de risín]
sadio	[san]
peste	[pêste]
fraco	[fiãko][bàter la fiãka]..... [fiakón]
estar bom	[star mêio]...[star bastansa]..... [star bèn]
gasto	[fruãr]..... [fruãre].... [frũo][fruã]
(tomar) remédio.....	[remédio]..[rêspize]...[çiapar la medezina]

6.1.8 - SUA CASA

casa	[kãSa]
telhas	[téje].... [téqle]..... [kópq](s)..[kópi](p)
sarrafos	[konventĩni]
armação de telhado	[trãvaura].....[travadura]
cobertura	[kũerto]
telhas	[tavèla] (s) [tavèle] (p)
tijolos	[kuarèi](p)..[kuarèlo](s) [matón]... [matóni]... [matónèpe]
pedras	[piêtra].....[piêtre][piêra].....[piêre]
varanda	[balkonàda].....[pontezèlo].. [pontezel]
degraus	[skalĩni]

porta	[pòrta]
chave	[čàve]
tramela	[čaveSel] [čaveSelo]
assoalho	[solàro] [solér]
sala	[tiṇèlo] [tiṇèl]
quarto	[kāmara]
cama	[lèto] [lèt]
colchão	[pajōn] [pajariz]
lençol	[lenzól] [lenzói] ... [niziólo] .. [nissólo] (B) [niṇzól]
travesseiro	[foréta] (Tr) [iṇtimela] .. [fodreta] (B) [kosinèl]
coberta	[kuèrta]
acolchoado	[trapōnta] [piṁmīn] [imbotia del lèto]
cozinha	[kuSina] (B) [kōSina]
fogão	[fogolār] ... [kōSina ekonômica] (B) [foger] (B) [larin] [lerin]
fogo	[fōgo]
mesa	[tōla]
cadeira	[karéga]
prato	[piāto] (s) [piāti] (p) [piatón]
colher	[eskoliér] [kučer] (B) [kučār] .. [kučaro]
garfo	(V) (B) ... [pirōn]
faca	[kortèl] [kortèlo] ... [possàda] (V) (Ver) [kortèl]
pá de polenta	[mēskola]
xícara	[cīkara] (B) [cīkera]
copo	[bičér]
bule	(Tr) [kōdca] [kōgoma] [boidór]
peneira	[skolār] [skaladóra] ... [skolaròla] [skoladór]
dinheiro	[skèj] [fiorinì]
raspadeira	[grataróla]

balde	[séča]	[séčo]
caçarola	[óla]	[téča] ... [padèla] ... [paèla] . [kazsaròla]
tacho	[staHà]	[paról] [pināta]
lamparina	[lāmpada]	[lučerna]
vela	[kandéla]		
armário	[armāro]	(B)	[armēr] ... (B) [armerón]
concha	[miñestro]	[menestro] (B) [menestrin]
ferro de passar roupa	[fêro da sopressar]		
patente (privada)	[čëso]	[latrina]
lugar onde se areja o queijo	[arêla]	(B)	[el tâbio]
poço	[pózzo]		
fermento caseiro	[levā]		

6.1.9 - SEUS INSTRUMENTOS DE TRABALHO

enxada	[zāpa]	[sāpa]
pá	[vanġa]	[vanġel]
pá recurva	[baġl]	[baġile] [baġla]
foice	[fālza]	... (B)	[falz] ... [fero da seġar]
foice manual recurva	[rónkola]	(Ver)	[messóra] .. (B) [sjērta] (B) [ronkét]
			(B) [sjêSala]
picareta	[piko]	[pikón]
machado	[rengāja]	... [stegaña] [manāra]
serra grande	[segón]	[séga]
martelo	[martèl]		
torquez	[tanāġa] (B)	[tanāja]
ferro de bater enxada, pá	[piāntola]		
roldana	[sigiñola]	... [karūkola]	... (B) [zigiñola] (Ver) [zigañola]
plaina	[skaġaróla]	... [piòla]	.. [piāna] (Tr) [kaġaról] (B) [kaġaról]
lima	[līma]		

alavanca	[paldefêro]... (Tr)[pal de fêr].....[levarin̄]
saco	[sâko]
balaio	(B) [zêst]..... [sêsta]..... (B)[zestêl].. (B) [zêsta]
facão	[kortêlo].. [kortel].. [kortelina].... [kotessina]. [kortelâzo]
bainha	[fôdro]
prego	[čodo].... [čodi]
lata vazia de querosene	[bânda].. [bandêla].. [bandón].. [lâta].. [latón]
corda (barbante)	[spago].... [kôrda]... [kordêlo]... [kordin̄] . [kordón]
zorra	[slita]
automóvel	[âuto]..... [kâro]
torrefador de café	[brušin̄]..... [brustolin̄]
pilão	[pila].... [pilón]..... [pilôto]
grade pontiaguda	[spučon]... [spuntón].. (Tr)[sponzón]... [spontón]
arado	[versuro]..... [versór].... [arâtro]
cavalo	[kavâl] :..... [kavâlo] (s) [kavaj] (p)

6.1.10 - SEU CAMPO DE TRABALHO, O CULTIVO DA TERRA.

roçar.....	[zapâr].... [sapâr]
derrubada (corte)	[skalva]..... [tâgo]..... [tâjo]
plantar	[pĭantâr]
capinar	[zapegâr]..... [zaponâr].. (B) [zapâr].... [saponâr]
limpar	[Snetâr]
milho	[sórĝo]... [grantürko]... [gransaračeno]..... (B) [sörk]
folha	[fôĝa]..... [fôja].... (B)[fôja]
espiga	[spĭĝa]
soca	[zôka]..... [Sôka].... [sôka]... (B) [zôk].... [zôka]
sabugo	[tórso]..... [tórsoło]
espiga de milho	[panôča]
farinha	[farina]

palhas de milho [skartõssi] (B) [skartõz]
 ir à tafona [andàr al mõlim]
 colher arroz [tağar el riSo] [mēder el riSo]
 tirar as folhas [sfoğar] [sfoiār] ...
 palha do milho [skartón] [skartõsa]
 colher (Ver) [sener le panõçe] [kuir]
 plantinhas [piantarēla] [piantezēla] ... [piantine]
 podar [bruskār]
 pendurar ... [pikār su] [pikār via] ... [pikār alto]
 dependurar [pendolar]
 escolher [serpir]
 amontoar [mučār]
 rebentos [bûti]
 fumar [fumār]
 cigarros [sigarēte]
 cachimbo [pīpa]
 fósforos [fulminānti] .. [sofanēi]
 arroz [riSo]
 tampão [strōpolo]
 valos, sulcos [sōlki] [kanāi]
 semear [semenār] ... [somenār]
 pisar [pestār]
 feixe [fassīna] [mazzo de kanōti]
 rachar lenha [sčapār leña] [sbregār sōke] [spakār]
 levar [torlasū] [portār]
 aplainar [gualivār] [arpegār] .. (tr) [repegār]
 colher uva [vendemār]
 cortar [tağar] [tajār] [tağār]
 rolar [ruğolār]

queimar [brušàr]
ganhar [guadañàr]

6.1.11 - SEU RELACIONAMENTO SOCIAL

falar [parlâr]..... [parlâr]..... [parlâre]
brigar [bēgar]..... [barufâr]..... [brigâr]
saudar [saludâr]
bom-dia [bonđi]... [bom ģorno]
boa-tarde [bõna sêra]
boa-noite [bõna nôte]
obrigado [gràssetante].... [obligâ]... (B) [grâzie tant]
de nada [de ñente]
adeus [ção]..... [sção]..... [adiq]
beijar [bašâr]
companheiro [kompãno]
vizinho [višin]
de boa vontade [volentjêra]
prender [çapar]
tabefe [sbêrla]..... [Slêpa]..... [Slepõn]..... [sçafa].. [sçafon]
socos [pũno] (s)... [pũni] (p)
pontapês [peada]..... [peãe]..... [peãde]
bater em alguém [dar bõte].... [un fãço de bõte]
rir de alguém [rider]
fazer um desaforo [šnakãgela]
sujar [sporkâr]..... [sporkarsũ]
perguntar [domandâr]
estragar [dessipâr]..... [dezipâr]
ir para a... [andâr]
ajudar (V) [aġutar]..... [a ĵutâr]

apertar	[strukār]
esmagar	[skissar]
tornar macio	(Tr) [tëndro].....[molesin]
revirar	[svoltolār]
derramar	[spānder]
fio de bigode	[mostāčo]..... [mustāčo]
barato	[bõm markā]
pover	[provedér]
economizar	[sparañār]
gastar	[mañar ga sõra].....[mañar fóra].....[gʏastār]
igreja	[čéza].....[čéSa]
padre	[prête].....[pal]
confessar-se	[konfessārse]
sinos	[kampāna] (s)[kampāne] (p)
terço	[korõna]..... [roSario]
conselheiros de uma paróquia	[fabrisiĕri] ... [fabriziĕr]...[frabriziĕri]
blasfêmia	[bestéma] (Tr) (V)[biastéma]
escola	[skõla]
professor	[maĕstro].....[professõr]
aluno	[skolāro] (s) [skolārĭ] (p)
livro	[lĭbro]
ler	(Tr) [lêzer]..... (B) [lédér]
jogos	[zõgo]..... (Tr) [zũgo]..... (B)[dũgo]
bocha	[bõča].....[bõče]..... (B)[Sbõči]
partida	(B)[partĭda].....[partĭa]
tressete	[tresête]
escopa	[skõpa]
sanfona	[armõnika]
cartas de jogar	[kārto de ġuġār]

cavalo [kavâl] (s) ... [kavâi] (p) [kavâlo]
baio [bājō] [bājō]
porco [pōrko]
macho [masčo]
burro [aSiņo] [aSno]
cão [kân]
cadela [kâna]
gato [gâto]
mugir [burlar] ... [burlâre] ... [muñdolâr]
latir (de aviso) [bajâr] [sbajâr] [bajâr]
latir (de choro) (Tr) [skajñâr]
miar [Sñaolar] ... [Sñaolare]
pular [saltâr]
morder [morsegâr]
chucro [sũkarō] [sũkro]
sela [sēla]
rêdeas [rēdene]
reio grande [skũrija]
cabresto [kavéssa]
chicote [skũrija] [skuriéto]
rabicho [sōtokōa]
espora [sperōn] ... [sporā] (s) ... [spore] (p) ... [sprōn] ... [sprōne]
barrigueira [sotopānsa]
carroça [karēta] [kâro]
rodas [rũa] (s) ... [rōda] ... [rüe] (p) [rōde]
aros [serko] [sērkolo]
balancinho [balanzĩņ] (B) [bāra] (V) [balansĩņ]
freios [frēno] (s) [frēņ] (p)
alimentação (Tr) (B)	... [pāisa] [pāstō] ... [pastūra]

cana [kâna]
 milho (V) [sôrgo grantürko].....[polênta]
 capar [kastrâr]
 chiqueiro[letemâro]... [luamâro]...[stalôtô](s).. [stalôtî] (p)
 cocho (B) [lavêl]....(V) [âlbio].... (Tr) [âlbî]
 fuçar [rumar la terâ] ... [rumar dei pörki]...(Tr)[ravistâre]..
 [grufolarâ]..... [grufolare]
 pele de porco [kôtikâ]....[kódeğâ] (V) [koézza] (Tr)[skódeğâ]
 ferro do nariz do porco ... (V) [ansîñ] (B) [rampîñ]
 toucinho [panzêta] [lârdô]
 estábulo - mangueira das vacas ... (V) [boariâ]...[stâlâ] (s) [stâlê]
 (p)
 ordenhar as vacas [mônzer] ...[mônzar] ... [molder]...[mónder]
 pasto [pastûrâ] [pâsto]
 cerca (Tr) [séSâ]..... (V) [siêSa].... [serâfâ]
 grama [graména] [kodéğô]
 portão nos pastos [rastrêl] ... [rastêlo](Tr) [restêl]
 mourão (Tr) [fikón] [pâlo]
 ovo [óvo](s) [óvi](p)
 casca de ovo [bučča]....[skôrza]....[sgûssa]
 papo de galinhas (V)[gôsso]....[gôzo]... (B)[gôs](Tr) [gós]
 fazer o ninho ... [far el ñâro].... (B) [ñîđ [ñâro].... [skáğañaro]
 asas [âla](s) ... (V) (B)[âle](p)
 coelho (B) [koñičo]... (B)[konêge]... (V) [koñigo](Ver)..
 [kunêl]....[kunêi]

6.2.2 - OUTROS ANIMAIS - Insetos.

pulgas [pûlSi]..... (B) [pulz]..... (B) [pûlze]

piolhos (V) [piðčo].... (Tr) [piðl]... (B) [pidõčo]
 barata [blâte]
 carrapato [zêko] ... [zêke]
 moscas [móska]... [móske]
 pernilongos [čiņifes] [Sgĩnsale]
 abelha [ãvê] (s) [ãvi] (p)
 piolho de galinha ... (Tr) [polĩņi]... (B) [põlĩņ]... [piocĩņ]
 vespas [brêspa]... (V) (B) [brêspe]... (Tr) [bêspa]
 gafanhoto [lokũste] (V) [kavalêta].... [kavalête]
 grilo [grĩli] [grĩko]
 ruga [rũga]
 vermes [bãi].... [vêrmi]
 borboleta [farfãla] (V) [pavêĝa] ... (Tr) [pavêla]... (B) (Ver)
 [pavêĵa]
 bicho de pé ... [bisso de piê] (B) [bis de piê]

6.2.3 - AVES E INSTRUMENTOS DE CAÇA

pássaro [osêl] (s) [osêĵ] (p)
 rolinha (V) [kolombĩņ]..... [kolombêta]
 corvo [kõrvõ] (s) [kõrvi] (p)
 gavião (V) [põĝo]... [poiãana].... (B) [poiãan] (B)
 [poiãano]
 sabiã [mêrlo] (s) [mêrli] (p)
 papagaio [papaĝãlo]..... [papaĝãi]
 andorinha.... (V) [seSãla]... [rondõn]... [rõdene].. (Tr) [võndolã]
 caçar [kassãr]
 espingarda [sčõpo]... [sčõpa]... (B) [sčõp]... [sčõp]
 disparar [sbarãr]..... [tirãr]
 pombo [kolõmba] (f) .. [kolombo] (m)

pólvora[pólvere]
 mira[mîra]
 espantar [spaentâr].....[spaɤrâr]
 espingardinha (V)[sčiopéto]..... (B)[Sčopét]
 asa [âla](s) [âle](p)
 funda [fîõnda]
 bodoque (V) [sèsta]..... (B) [zèsta]
 matar [kopâr]
 pata (B)[zâta]...[sâta].... (B)[menâr le zâte]

6.2.4 - PEIXES, RÉPTEIS E CORRELATOS

Peixe (B)[pés]..... (V)[pèsse]
 sardinha[sardèla]
 pescar[peskâr]
 anzol (V)[âmo].....[l'âmo da pèssi]
 canoa[bârka].....[kanôa]
 pegar[čapar]
 limpar (V)[netâr].....[snetâr]
 grandes[ğrando] (s)[grandî] (p)
 pequenos[pîkolo] (s)[pîkoli] (p)[pičiñîñ] (s)[pičiñîñi] (p)
 balde ... [sečón]....(V) (B)[sečión]....[séča].... (V)[séčo]
 toca[tâna].....[bũSo]
 cobra (B)[bissa de Sórzi] ... (Tr)[bis]...[bis-a-bõa]
 cobra para-ratos[la bissa]....[mãña i sórdi]
 morder (V) [morseğar]..... (B) [mõrder]
 mordida (B) [mordèsta]... (Tr) [mordón].... [morseğâda](V)
 [morseğõto].... [morseğón]
 rã [râna](s) ... [râne](p)

sapo (V) (B)[rõspo](s)[rõspi](p) .. (Tr) [krõti]
 lagarto[liãaõr]....[luSertolõn]
 lagartixa (V)[luSërta]....[luSértola]

6.3 - FITONÍMIA

6.3. 1 - PLANTAS EM GERAL

amendoeira[skaiero]....[mandolãro]
 tangerineira[mandariñãro]....
 laranjeira[naranséro]
 ameixeira (B)[brombolãro] (V)[bruñãro].. (V)[brõmba](V)[bruña]
 bananeira[bananëra]
 pessegueiro (V)[persegãro].... (B)[persegër] ... (B)[persek]
 uva[ũã]
 abobreira[sukãra]
 pêsego[pèsego]
 morangos[frãgola]....[frãgole]
 abóboras[sũke]....[zũke]
 maçã (V)[pomo]....[pomi]..... (B)[põn]
 ameixa (V)[bromba] ...[bruña][biombõl] ...[biombõla]
 tabaco[talãko]
 feijão[faSõlo] (s)[faSõj] (p)... (V)[faSõl](s) [faSõj](p)
 café[kafê]
 vassoura[Spassaõra]....[Spassaõre]....[Spassadõra]

6.3.2 - FLORES E PALAVRAS DE CONEXÃO

flor[fiõr](s) [fiõri](p) ...[fiũri]
 dália[dãliãa]
 gerânios[gërãnjõ](s)[gërãni](p)

cravos (V)[ġarôfolo] (s)[ġarôfoli] (p) ... (B)[ġarófo](s)
 [ġarófoj] (p)
 lascas[risso de la piãna][sèkola]...[stéka]...
 [stekéte]
 estrepe (V)[risso de la viãna]
 rolo[rokè] (V)[rokeléto]...[rokèj] (p)
 serrar[segär]

6.4 - MEIO AMBIENTE

6.4.1 - ATMOSFERA E CLIMA

ar (vento)[ãria]
 vento[sũpio].... (V)[supiõn]....[sũfio]
 azedo[ãSedo]...[aSèq]...[ġarbo]...[ġarbéto].....
 [ġarbìn]..... (B) [aSé]
 doce[dólse]...[dólso]
 apagado (V)[stujã]....[Smorzã].....[Smôrto]
 nivelado[livelãdo]...[livelã]
 vazio (V) [vódo].... (V)[vũdo]... (Tr)[võid]
 sujo (V)[spórko].... (B)[spórk]
 quanto[kũãnto]
 frio[frédo]....[fréd].... (B)[fredúra].... (Tr)[frèt]
 queimado [bruSã].....[SbruSegã].... (V) [broënto]... [broã]
 [broënt]
 morno[sora].... [tèpido].... (B)[tèpit].... (B)[tépida]
 afogo (V) (B) [sófego]..... [stófego]
 fundo[fõndo]
 baixo[bãssu]
 comprido [lõngo]
 curto [kórto]..... [kürto]..... [kurt]

escuro[stróvo]..... (V) (Ver) [stróo] (Tr) [Strovéra]
 claro[čáro][čara]
 podre[Smârzo].....[mârso].... (B)[marz]
 roxo[viôla]
 amarelo[ğeálo].....[ğâlo].....[ğâl]
 azul (V)[turkîno].... (B) [turkîñ].... (B) [blu]
 branco[bjãnko].....[bjãnk]
 cinza[ğrizo].....[ğriSo].... [sëndere]
 cor[kôlor]

6.4.2 - TEMPO E MEDIDAS

hoje[ankũo].....[ankô].....
 ontem (V)[ğëri]..... (Ver) (Tr)[alğëri]
 amanhã[domãn]
 esta tarde[staséra]
 esta noite[stanöte]
 esta manhã[stomatína]
 depois de amanhã[dóman l'altro][dôpo domãn]
 dia (V)[dî].....[ğórno].....[ğórno]
 mês[méSe]
 janeiro[ğenâro]
 fevereiro[febrâro]
 março[mârso]
 abril[aprîle]
 maio[mâjo]
 junho[ğũno]
 julho[lũjo]
 agosto[agôsto]
 setembro[setêmbre]

outubro	[otóbre]
novembro	[novẽmbre]
dezembro	[diSẽmbre]
hora	[óra]
semana	[setimana]
segunda-feira	[lũni]
terça-feira	[mãrti]
quarta-feira	[mẽrkoli]
quinta-feira	[dõbĩa] .. [zõbĩa]
sexta-feira	[vẽndri]
sábado	[sãbo]
domingo	[domẽnega]
amanhã	[matĩna]
meio-dia	(V) [meĩodĩ] .. [mezdĩ] .. [meĩodĩ]
tarde	[sẽra]
cedo	[prẽsto] .. [bonõra]
despertar	[deSmissiãr] ... [sveğãr]
sonhar	[sõnar]
tocar	[sonãr]

6.5 - OUTROS VOCÁBULOS

6.5.1 - Advérbios.

bem	[bẽn] ... [benón]
assim	[si ⁴] ... [koSi ⁴] ... [koSita]
mal	[male]
pior	[pẽzo] ... (V) (B) [pẽdo]
justo	[ğusto]
também	[ãnka]
logo	[sũbito] ... [sũto] ... (Tr) [subtiẽnto]
aqui	(V) (Ver) [ki] ... (B) [kũã] ... (Tr) [kĩve]

lá (V) [lã]..... [lîve]
 perto [arênte].... [rénte].... (V) [visiņ]
 longe [distànte]..... [lontàn]
 dentro [drênto]
 acima [iņsîma].... (V) (Tr) (B) [sóra]
 na frente (adiante) [davânti].... (B) [denênt]
 agora [adêso]..... (B) [adês]
 cedo (V)[prêsto]..... (B)[bonóra].... (V)(B) [de-
 prêssa]
 antes [avânti]..... [prîma]
 depois [dópo]..... (B) [daspò]
 sempre [sêmpre]
 nunca [nãj]
 ainda [ankóra]
 devagar (V) [piãņiņ]..... (V) [piãmpiaņiņ]
 talvez (V) (B) [fórsi]..... [či losa?]
 muito bem [mãssa bèn]
 demais [mãssa]
 pouco [pòko]
 menos [mãnko]..... (B) [mén]
 tanto [tãnto]
 onde? [dóve?]..... [andóve?].... [andóe?]
 quando? [kũãndo?]
 como? [kóme?]
 às vezes [dê le vólte]..... [a le vólte]
 mesmo..... [stêso]
 fora [fóra]
 de repente [de bôto]..... [de kólpo]
 mais [massa]..... [de pí]..... [de pú]

perto [viSĩņ].....[arēnte]
sobre (acima) [dessóra].....[sóra].....[ensĩma]
atrás [drĩo]..... [dedrĩo]
até [fiņ a]...... (B) [fiņtomãĩ]
somente [solo]..... [soltanto]
pronto (sim), eis [êko]

6.6 - EXPRESSÕES.

Eu entendo e falo tudo italiano.

.....[mi kapĩsso e pãrlo tũto in 'talĩãn]

Eu vou plantar feijão.

.....[mi vão a piãntar faSóĩ.]

Eu vou colher arroz.

.....[mi vão a tajãr el riSo.]

Eu me esqueci de falar em português.

.....[mi me gô deSmentegã de parlãr in braSiliãn.]

Eu sei falar bem em italiano.

.....[mi sô parlãr bẽn in talĩan.]

Eu mandei plantar...

.....[mi gô mandã a piãntãr...]

Eu conheço um menino....

.....[mi konóssu un toSêto.]

Vá capinar na horta. Pega a pá e cava.

.....[va a sapâr in te l'órto.] [čapa el badíl e vãnga.]

Põe a sela no cavalo e vamos ao moinho.

.....[métege sù la sèla al kavâl e andémo al molìñ.]

Pega a grade e o boi e vá aplainar aquela terra lá.

..... (B) (Tr) [čapa la grãppa e el bõ e vã a gratâr kuéla tẽ-
ra lá.]

..... (V) [čapa la årpega e el bõ e vã arpegãr kyéla tẽra lá.]

Tenho desejo de comer a uva.

.....[mé fã gõla de mañãr la ùã.]

Meus filhos não me escutam: eles são todos pequenos.

.....[i mé tõi nói me skólta: i zẽ tũti pikoli.]

Se está brabo se diz com raiva.

.....[se l'è kativo se diSe kón rãbja.]

Ela vêm para fora com mais disposição.

.....[éla la vjẽn fõra pi disposta. kon pi dispoSissión.]

Ela vêm para fora mais clara.

.....[éla la vjẽn fõra pi čãra.]

Meu irmão vai para sua casa.

.....[me fradèl vã a kãsa sũa.]

O pai dele era meu irmão.

..... [sũo pupã de lũ lera fradêlo de mi]
[sô pãre l'era me fradêl]

A Elisa é minha irmã.

..... [la liza la zê sorêla.]

Precisaria falar: papai, ainda da Itália...

..... [biSoñaria parlãr: popã, ankóra de l'itãlia...]

Meu irmão que morreu, pobre coitado.

..... [me fradêl ke l'ê môrto, pôro kãn.]

Ele é italiano e tem passaporte da Itália e vai a procura do Papa.

..... [l'ê taljan e gã el passapôrto de l'itãlia e vã en
serka del Pãpa.]

Pelo amor de Deus! Eu mostro para o Bonato. Há a Ida e a Linda.

..... [por l'amôr de dio! a gã môstro mi al bonãto. zê la ida,
la lĩnda.]

A minha neta foi junto com a sua neta. Elas falaram com o Bonato.

..... [la me meãda l'ê'ndã kón la so neóda. la gã parlã kól
bonãto.]

Uma vez fui, e me tiraram o queijo da mala. Porca pipa!

..... [na vòlta son' ñdata in kruzero el me gã tirã el for-
mãjo dela mãla. porka la pipa!]

6.7. - ENTREVISTAS

6.7.1- ENTREVISTA COM A SRA. MARIA LAGO

Nasci na vila Dell'Conti, província de Pádua.

[son nàta a vîla déj kónti provîñçia de pàdqa.]

Vim para o Brasil com vinte e seis anos, com o esposo Giovani La-

[son viñesta in braSîl kon vînti sjé àni, kón mé marí ãovàni làgo

go e uma filhinha de nove meses.

e 'na bambina de nóve méSi.]

Fizemos uma boa viagem. fomos bem tratados e passamos bem de saú-

[émo fàto bòn viàgo: bèn tratài é kón salùte, l'émo passà bèn : mi,

de: eu, o falecido esposo e uma meninazinha.

é él pôro mé marí é 'na torzéta.]

O navio era bem grande. O nome do navio era Mirália Bétolo.

[la nàve le géra grànda.] [él nòme dél bastimènto l'era miràlja

Vimos embora de lá em quatro famílias, todas juntas.

bétolo.] [sémo viñesti via dà lá kón kyàtro famìlje tùti insjème.]

Um deles era primo irmão e os outros dois eram conhecidos, todos

[un l'era prîmo lozìñ é kel l'altri du i era nòstri konossùì de l'

da Itália. Nós embarcamos em Gênova a sete de setembro e fomos a

itàlja.] [nu sémo imbarcà a ãenova 'l sète dé setèmbro é sémo andà

Nápolis. Na noite de sete de setembro chegamos em Nápolis, onde

a nàpoli.] [a séra dél sète dé setèmbro sémo arivài a nàpoli

paramos das quatro horas da tarde até as oito da manhã. E dia oi-
dóve sémo fermàj d'ale kuàtro déla séra àle òto déla matìna e él

to de setembro fomos a Palermo.

dì òto dé setèmbre sémo andàj a palèrmo.]

Ficamos em Palermo até as quatro da tarde e as nove da manhã par-
[sémo restàj a palèrmo fiñ àle kuàtro dé séra, é àle nóve dé mat]

timos de Palermo, viemos direto à Santos.

na sémo partìj da palèrmo, é sémo viñesti dirèti a sàntos.]

Lá havia de tudo. Lá, tínhamos comida e cama.

[là sé gavéa de tùto.] [là sé gavéa da mañàr, e da dormìr.]

Se se ficava doente havia médico , havia parteira...tudo.

[sé sé gèra malàj sé gavéa él mèdico, la levatrìSe e... tùto.]

Comida boa, tínhamos vinho duas vezes ao dia.

[mañaré bón, se gavéa viñ dó 'òlte al górnno.]

Jogava-se o pão no meio do mar para ver os peixes. Ele era mais

[se butàva el pàn in mèso al màre pàr véder i péssi.] [alóra l'éra

barato do que agora. Ficamos oito dias em Santos, no hotel, espe-
a pì bòn markà ké adèssò. sémo restàj òto dì in sàntos, in té l'-

rando outro navio. Era um mercantil mais pequeno, que levava ca-
otèl, spetàndo 'n'àltro bastimènto.] [l'éra un merkantìl pì pìko-

fé para o Rio Grande, Pelotas; por isso ele levava mercadoria e
lo, ke portàva kafè a rìo grànde, pelòtas; portàva merkanzìa e àn

também passageiros. De quando partimos de casa até quando chegamos
ka passajéri.][da kyàndo sémo partij da kàSa fin ke sémb rivàj in

em Caxias completaram-se vinte e nove dias de viagem.
kassias gâ passà vintí nóve górnj de viàgo.]

Ficamos parados quatro dias em Porto Alegre.
[sémo fermàj kyatro górnj a pòrto alégre.]

Ao Rio Grande chegamos às quatro da tarde, paramos lá, mas não deu
[a rio grando sémo rivàj àle kyatro déla séra, sémo fermàj là, ma

pána desembarcar do navio, não. Ficamos todos presos.
nón émo podèsto Sbarkàr dal bastimento, nò.][sémo restàj tütüpréSi.

Chegamos às quatro da tarde e pernoitamos lá, mas no navio, então
[sémo rivàj a lé kyatro de séra restàj là la nòte e dopo àla matj-

pela manhã às oito horas viemos a Pelotas.
na àle òto sémo viñèsti a pelòtas.]

Desembarcamos. Passeamos por perto e antes das oito horas da noite
[sémo Sbarkà, gírandò in vòlta, é práma déle òto déla séra sémo

tivemos que nos recolher todos. Na manhã seguinte viemos a Porto
koñèsti tornàr drénto tütj.][là matjna drjo, sémo viñèsti a pòrto

Alegre e lá desembarcamos.
alègre é là sémo Sbarkà.]

Quando chegamos lá, o dinheiro que havíamos trazido para a viagem
[kyàndo sémo rivàj là i skèj ke se gávèa portã par el viàgo i èra

havia sido todo gasto. Então fomos ao consulado italiano para que
[a spèrSi tùti.] [alòra sémo andàj dal kònsole 'taljàn ké ù gà dà

ele nos desse um pouco para a viagem. Então fomos para Caxias.
un pòki dé skèj pàr éi viàjo. || é l'óra sémo andài a kassias.]

La embarcamos no trem e viemos até aqui.

[là sémo montà in trèn é sémo vihèsti fin kuà.]

6.7.2-ENTREVISTA COM A SRA. LUIZA RATI MASCHIO

Nasci em Nova Prata. Meu velho também nasceu em Nó.
[són nassèsta a nóva pràta.] [ànka él mé vèço l'è

va Prata, tanto ele como eu, nascemos em mil oitocentos e noventa
nassèsto a nóva pràta e, tãnto lu ké mi sémo nassèsti nel mil òto

e nove. Eu venho a ser a primeira filha que nasceu depois que me
ssèsto novanta nóve.] [mì veño a ésser là prìma fióla ke gà nas-

us pais vieram da Itália, a primeira filha que nasceu no Brasil.
sèsto dòpo ké i me vèçi i gà viñesto da l'itálja, la prìma ké gà

Somos em quatro irmãs e seis irmãos (homens).
nassèsto in brasíl.] [sémo in quàtro sorèle é sjé fradèj.]

Os que nasceram na Itália são: Artur, Guido, Vergílio, a Zina e
[kúei ké gà nassèsto in itálja: artùro, guìdo, virgìnio, la zìna

José que ainda são vivos.
é bèpi, ke són vìvi ankpra.]

Oh! Pelo amor de Deus! Até o padre pára para cantar! Três mari-
[ma, par l'amór de diò! perfiñ él prète el se ferma par kantar :

nheiros de água doce, que Deus te faça para poder andar, que vive
tri mariñari de àkya dólse, ké diò él té fassa podér andàr, ké la

de amor a viuvinha, que tem uma filha para casar.
vìve de amòr la vedovèla, ké la gà na fióla da maridàr.]

6.7.3-ENTREVISTA COM O SR. LUIZ BREDA

Nasci no município de Garibaldi e morei em Veranópolis.
[són nato a garibàldi, són stà vînti àni a veranò-

polis vinte anos. Lá aprendí o ofício e lá casei.
polis.]] là gò imparà él mestier e là me són spoSà.]

Vim para cá casado com dois filhos.
[són viñesto kyà maridà, kón du fió.]

Saí de Veranópolis e embarquei no trem em Bento Gonçalves. Pas-
[són partiq da veranópolis é mé són embarkà nêl trêno a bento gon

samos por Monte Negro, Santa Maria e Marcelino Ramos, até aqui.
salves, són passà par môte négro, sânta maria e marçelino ramos

A primeira vez vim a cavalo. Levei só três dias de viagem.
fiñ kyà.] [la prima vòlta són viñesto a kavàlo.] [gò mèssò sólo trê

Num só dia saí de Veranópolis e vim até Jaborá, quasi matei o ca-
górni de vjãio.] [sólo in un di són partiq da veranópolis e són

valo de tanto viajar.

viñesto fiñ a gaborà, gò skyàSi kopà el kavàl de tânto galopàr.]

7. - FONOLOGIA III

7.1 - PADRÕES SILÁBICOS

7.1.1- EM MARGEM INICIAL

7.1.2- EM MARGEM MEDIAL

7.1.3- EM MARGEM FINAL

7.1.4- EM MONOSÍLABOS

7.2 - GRUPOS DE SONS VOCÁLICOS

7.2.1- DITONGOS CRESCENTES

7.2.2- DITONGOS DECRESCENTES

7.2.3- GRUPOS DE SONS CONSONANTAIS

7.3 - AS SÍLABAS NOS VOCÁBULOS

7.4 - VOCÓIDES

7.5 - CONTÓIDES

7.6 - CONSIDERAÇÕES

7.7.1- OPOSIÇÃO ATRAVÉS DE PARES MÍNIMOS

7.7.2- DESCRIÇÃO DOS FONEMAS VOCÁLICOS

7.8.1- OPOSIÇÕES ATRAVÉS DE PARES MÍNIMOS

7.8.2- DESCRIÇÃO DOS FONEMAS CONSONANTAIS

7.9 - CONCLUSÕES PRELIMINARES SOBRE FONOLOGIA

8 - CONCLUSÕES FONOLÓGICAS

9 - CONCLUSÕES GERAIS

10 - SUMÁRIO

7 - F O N O L O G I A III7.1 - PADRÕES SILÁBICOS

Caracterizou-se a sílaba por ápice de sonoridade, a que corresponde em termos articulatórios em ápice de abri-mento bucal. Esse ápice é assinalado por fonema vocálico. Ba-seou-se em Matoso Câmara (1974) e Saussure (1922) no seu livro postumo, onde se dá o nome de ponto vocálico àquele em que se ini-cia o movimento de cerramento. E também em Grammont (1933 p.102) quando afirma: "não pode haver um fonema de tensão crescente de- pois de um fonema de tensão decrescente sem haver passagem de uma sílaba à outra".

Procurou-se identificar a divisão silábica fonê- ticamente, levando em consideração a definição de Pike, focali- zando o ponto de vista respiratório e acústico ao mesmo tempo: "Uma unidade constando de um ou mais segmentos durante a emissão dos quais há um único impulso respiratório e um início ápice de sonoridade". (Pike 1963 p.60). (Ver premissas de análise fonêmi- ca em anexo 5-2 p.287 - c - b). Aqui "V"=som vocálico. "C"= som consonantal.

Nesta distribuição silábica considerou-se as se- mivogais como sons vocálicos por serem alofones de vogais.

7.1.1 - EM MARGEM INICIAL

V	= oSàr	= gritar
CV	= ròba	= roupa
CCV	= brìna	= geada
CCCV	= stropàr	= tapar
CCVC	= skòrsa	= casca
CVC	= fóndo	= fundo
VC	= ànka	= também
CVV	= poareto	= pobre
CVVC	= kyàndo	= quando
CCVC	= Sbrindolón	= vadio

7.1.2 - EM MARGEM MEDIAL

V = |auiola| = canteiro
CV = |ankóra| = ainda
CCV = |refletér| = refletir
CVC = |de kólpo| = de repente
CVV = |buSjãro| = mentiroso
CVVC = |buSjãrdo| = mentiroso
CCCV = |restreto| = restrito

7.1.3 - EM MARGEM FINAL

CV = |vudo| = vazio
CVV = |stivàj| = botas
CVC = |dòman| = amanhã
VC = |súke| = abóbora
V = |renGãjã| = navalha

7.1.4 - EM MONOSSÍLABOS

v = |ò| = tenho gò
CV = |sò| = sei
CVV = |séj| = cílios
CCVV = |skèj| = dinheiro
CVC = |man| = mão
CVVC = |pjén| = cheio
CCVVC = |spχàr| = cuspir

7.2 - GRUPOS DE SONS VOCÁLICOS

7.2.1 - DITONGOS CRESCENTES

jà = |studjàr| = estudar

ja = |ràbja| = raiva

je = |pjé| = pé

jo = |gómbjo| = cotovelo

ya = |léngya| = língua

yo = |ankjó| = |ankó| = hoje

7.2.2 - DITONGOS DECRESCENTES

àj = |màj| = nunca

èj = |ravanèj| = rabanete

ìj = |partìj| = partir

7.2.3 - GRUPOS DE SONS CONSONANTAIS

pr = |prìma| = antes, primeiro

br = |disembre| = dezembro

dr = |vèndri| = 6º feira

str = |stranuàr| = |starnuar| = expirar

sbr = |Sbrègar| = rasgar

sp = |spassar| = varrer

sgr = |sgratàr| = arránhar

skr = |skrìver| = escrever

st	=	stómeġo	=	estomago
fl	=	refléter	=	refletir
sn	=	snaSàr	=	cheirar
Sm	=	Smèrdolar	=	cagar
sv	=	svearìn	=	sveġarin = despertador
sk	=	skoàr	=	varrer
ġr	=	ġratar	=	coçar
Sġ	=	Sġyèlto	=	rápido
sġ	=	sġonfo	=	inchado
Sbr	=	Sbrindolón	=	esfarrapado

7.3 - AS SÍLABAS NOS VOCÁBULOS

Este dialeto apresenta vocábulos:

MONOSSÍLABOS. Ex.:|el gà| =ele têm (pronome e verbo)

DISSÍLABOS. Ex.:|ónġa| =unha (Subst.)

TRISSÍLABOS. Ex.:|minèstra| =sopa (Subst.)

TETRASSÍLABOS.Ex.:|deSmentegàr| = esquecer (verbo)

POLISSÍLABOS. Ex.:|revoltolàrse| = revirar-se

|auiola| = canteiro

7.4 VOCÓIDES

		Anteriores		Centrais		Posteriores	
		n/arr.	arr.	n/arr.	arr.	n/arr.	arr.
Altas	tônicas	ĩ					ũ
	âtonas	i	ü				u
	semi-vogais	ĩ					ũ
Médias	fechadas	âtonas	e				o
		tônicas	ẽ				õ
	abertas	tônicas	è				ò
		âtonas	ê				ô
Baixas	âtona reduzida			ã			
	âtona		ä	a			
	tônica			ā			

As vocóides altas anterior [ĩ] e posterior [ũ], desde logo podem-se classificá-las como semivogais porque aparecem sempre como assilábicas. Todavia, não se classificou como consoantes por terem todos os traços fônicos idênticos as vocóides [i] e [u].

Os sons vocálicos também aparecem em redobramento, mas com excessão das semivogais [ĩ] e [ũ], eles são silábicos e portanto vão constituir outra sílaba conforme sub-premissa (b,c) de Pike.

Os símbolos fonéticos aqui usados são os de Piero Fiorelli & Bruno Migliorini (1969), conforme simbologia indicada na XI p.

7.5 CONTÓIDES

Ponto de articulação		Lábiais		Apicais		Frontais		Dorsais
		bilabiais	labiodentais	dentais	alveolares	pós-alveolares	médio-palatais	velares
Oclusivas	Su	p		t				k
	So	b		d				g
Africadas	Su						ç	
	So					ʃ	ç	
Sonantes		m		ɲ	n	ɲ	ɲ	
Laterais					l	l'		
Fricativas	Planas	Su		f	th			
		So		v				
	Côncavas	Su			ss	s	ç	
		So			zz	z	ç	
Vibrantes				r				

As fricativas côncavas ápico-dentais (su) [ss] e (so) [zz] longas também aparecem como ápico-alveolares e as fricativas côncavas, ápico-alveolares também se realizam como ápico-dentais, dependendo do contexto morfofonêmico. O traço distintivo destes sons pertinentes da língua, é que um se realiza como surdo longo e outro surdo breve.

No contexto sonoro da fala podem aparecer vários outros redobramentos de vocóides, que não foram destacados por tornar-se evidentes que a sua transcrição fonética indica uma consequência sintática.

7.6 CONSIDERAÇÕES

I - Entre os informantes bilíngues percebeu-se uma pequena interferência de nasalização, apenas nas pessoas residentes no centro urbano, e uma mínima percentagem em alguns informantes, residentes no distrito de Nova Petropolis, e na localidade de Bonitinha. Não se percebeu em todos os informantes residentes nas colônias de Caraguatá. Não se apresentou esta nasalização no "Corpus" porque ficou evidente a irrelevância desta influência do português. Se fosse feita uma análise transformacional de tal nasalização poder-se-ia constatar que ela não aparece na estrutura profunda por ser uma assimilação superficial.

II - As soantes; ápico-dental [ɲ] aparecem atraídas por vogais anteriores; enquanto que as pós-alveolares [ɳ] manifestam-se com vogais posteriores. São alofones condicionadas do fonema soante alveolar [n].

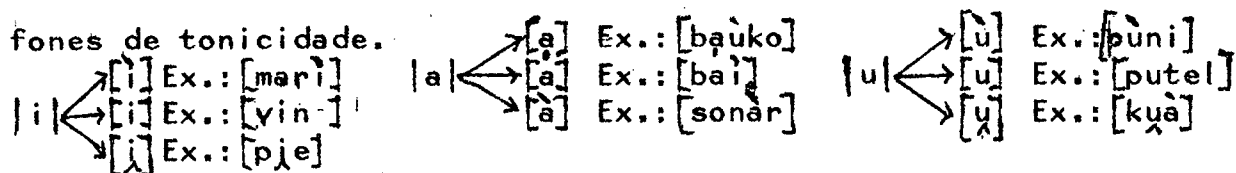
n	}	→	[ɲ]	Ex.:	[ɲu]	
			→	[n]	Ex.:	[denóɔ]
			→	[ɳ]	ex.:	[bodɪɳ]

III - Houve raros informantes que usaram a "diéresi" sobre o som alto anterior arredondado [ú] e sobre o som baixo anterior arredondado [á]. Isso indicou uma mínima influência "Lombarda". Ex.: [kúSer].

IV - O som central, baixo, aparece reduzido [a] quando está próximo de uma sílaba tônica. É, portanto, um alofone condicionado por um som supra segmental que reduz a abertura da vogal baixa central.

a	}	→	[a̠]	Ex.:	[mamá]	
			→	[a]	e.:	[baũko], [ua].

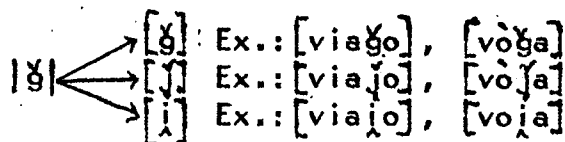
V - As vocóides altas, tônicas, tanto anteriores como as posteriores: [i], [ú] indicam apenas a tonicidade da sílaba mais forte do vocábulo. O mesmo acontece com o asterisco supra-segmental, de tonicidade, do som vocálico, baixo, central, [ã]. Ele não é fonêmico. Indica apenas a sílaba tônica do vocábulo. Logo, esses asteriscos supra-segmentais destas vocóides indicam alo-



VI - As vocóides médias, abertas, átonas; anterior [ɛ] e posterior [ɔ], ou aparecem próximas a uma vogal tônica, a qual a torna mais aberta; ou elas próprias levam este asterisco por serem mais abertas, e terem algo de tonicidade do vocábulo. Ex.: [tɛ*ole], [pɛ*ade]. São, portanto, alofones condicionados à tonicidade do vocábulo por assimilação tônica.

VII - A consoante africada médio-palatal, surda [ç] é suave "dolce", no italiano (traço este que não aparece no IPA), não deixam de ter traços de oclusão e constrição simultâneos, como no inglês. Ex.: church [ç'ɛ'ç] (O dicionário Barsa apresenta os seguintes signos fonéticos [t S ʒ n t S] para "church").

VIII - A contóide que classificou-se como africada médio-palatal, sonora [j], há hipótese de que seja o signo [ʒ] que no "Dizionario D'ortografia e di Pronunzia" do italiano, algumas vezes aparece como consoante, ou alofone consonantal sonora correspondente a arbitrariedade ortográfica "sc". Usou-se propositalmente o signo [j] porque com todos os nossos informantes apareceu como alofone da, africada, sonora, médio-palatal, ou como variante da semivogal alta anterior. Portanto é um alofone livre assilábico.



IX - A apóstrofe que aparece à direita da consoante |l'| indica uma palatalização. Esta contóide que se torna retroflexa, ora pós-alveolar, ora palatalizada, é uma consequência sintática produzida pela queda da vogal de um artigo ou de um pronome. Logo não é fonêmica e sim um alofone condicionado pela queda de um som vocálico. Ex.: [l'italia], [l'era], [son'ndata].

X - A contóide fricativa plana, surda, aspirada, dental, [th] aparece em raríssimos vocábulos, não tendo pares mínimos oposicionais e as vezes é trocada pelo fonema oclusivo dental [d]. Logo pode ser um alofone livre, ou influência fonética de outro dialeto. Ex.: [kavetha^hña] = [kaveda^hña].

XI - O redobramento de um som vocálico indica multiplicidade silábica, com excessão das vocóides altas anteriores e posteriores |i| e |u| que são assilábicas.

XII - A vocóide alta anterior |i| aparece em redobramento sem constituir outra sílaba. Uma delas aparece como som silábico (ápice de vogal). O seu redobramento comporta-se como assilábico no fechamento da mesma sílaba. Logo a semivogal pode ser considerada como um alofone condicionado posicional. Ex.: [pi^hi].

XIII - Os vocábulos nos quais colocou-se o sinal de (+) mais, depois de sua transcrição fonética, indicam que haverá um redobramento sintático no início do vocábulo seguinte. Ex.: [kóme+] "cosi come questo" [kóme kkuesto.] . [kossi+]*

IX - Os redobramentos de consoantes, dentro dos vocábulos indicam consoantes longas.

X - Existem junturas externas fechadas entre vocábulos que finalizam com vogal e vocábulos que iniciam com consoante. Ex.: [otosentonovanove]

7.71 OPOSIÇÃO ATRAVÉS DE PARES MÍNIMOS

à ≠ ò	pàre	= pai	màre	= mãe
	pòre	= coitadas	mòre	= amora
	pòre anime		àri	= avante
	(lu el) gà	= há = tem	òri	= ouro
	(mi) gò	= tenho (verbo ter)		

ò ≠ ó	mòre	= amoreira	ròba	= roupa
	móre	= morer	róba	= rouba
	ñòko	= bobo		
	ñóko	= massa de farinha		

o ≠ a	skola	= escola	piéra	= pedra
	skala	= escada	piéro	= Pedro

ò ≠ ù	mòlo	= mole	čoka	= choca
	mùlo	= mula	čùka	= bebedeira

a ≠ e	àla	= asa	'gràspa	= bebida al- cólica
	àle	= asas	'gràspe	= bagaço de uva

à ≠ è |sàla| = sala |làt| = leite
|sèla| = sela de cavalo |lèt| = cama
|gàto| = gato
|gèto| = tens (verbo ter, 2º pess. sing.)

é ≠ è |béko| = bode
|bèko| = bico

o ≠ e |gràspo| = Um cacho de uva
|gràspe| = bagaço de uva

e ≠ i |gràspe| = bagaço de uva
|gràspi| = cachos de uva
|lu éi móve| = ele mexe
|ti té móvi| = tu mexes

ó ≠ ù |sòto| = embaixo (adv.)
|sùto| = enchuto (adv.)

o ≠ i |gràspo| = um cacho de uva (s)
|gràspi| = muitos cachos de uva (p)

a ≠ i |gràspa| = bebida alcóolica
|gràspi| = uvas (p)

7.7.2 Descrição dos fonemas vocálicos

- |i| = Vogal anterior, alta, não arredondada. Aparece em contexto tônico ou átono. Ex. [gràspi] = uvas. Ex. [lìbro] = livro. Possui um redobrimento que se realiza como alofone (semivogal). Ex. [supjâr] = soprar.
- |e| = Vogal anterior, média, fechada. Pode ser tônica ou átona. Ex. [gràspe] = bagaço de uva. Ex. [tâzer] = = calar.
- |è| = Vogal anterior, média, aberta, geralmente tônica. Possui um alofone mais aberto e átono. Ex. |skèj| = = dinheiro. Ex. [pçàda] = pontapé.
- |a| = Vogal baixa, central, não arredondada. Aparece em sílaba tônica ou átona e possui uma realização reduzida morfofonêmica. Ex. [pàre] = pai. Ex. [séola] = = cebola.
- |ò| = Vogal posterior, média, aberta geralmente tônica arredondada. Ex. [skartòssi] = palhas de milho.
- |o| = Vogal posterior média, fechada, pode aparecer tônica ou átona, não arredondada. Ex. [moróSo] = namorado.
- |u| = Vogal posterior, alta, tônica ou átona, Possui um alofone semi vocálico. Ex. |sùka| = abóbora. Ex. |bruskìn| = = escova de roupa. Ex. |lénɣya| = língua.

7.8.1 OPOSIÇÕES ATRAVÉS DE PARES MÍNIMOS

p ≠ b	sùpiàr = assoprar (v)		
	sùbiàr = assobiar (v)		
	pekà = pecado (subs.)		
	bekà = bicada (subst.)		

t ≠ d	sùto = enxuto (adv.)	ròde = rodas (subs.)	
	sùdo = suado (adv.)	ròte = quebrados (adv.)	

k ≠ g	pàka = paca (subs.)		
	pàga = paga (verbo pagar)		

k ≠ t	pàko = pacote		
	pàto = patamar		

m ≠ p	màto = louco (adv.)		
	pàto = patamar (subst.)		

ğ ≠ g	ónge = unhas	karéğa = equilibras (verbo)	
	lónge = compridas	karéğa = cadeira	

ç ≠ ğ	seça = balde de madeira		
	seğa = foicinha		
	çélo = céu (subs.)		
	ğ'elo = ğèlo = está tem (v)		

ç ≠ ğ	çélo = céu (subs.)		
	ğélo = gelado		

l ≠ i	mòio = molhado (adv.)		
	mòlo = mole (adv.)		

|s| ≠ |ç| |sap̃ar| = capinar (verbo)
|çap̃ar| = pegar (verbo)

|n| ≠ |ñ| |sonar| = tocar (verbo) |kana| = cana (subs.)
|soñar| = sonhar (verbo) |kaña| = cachorra (subs.)
|rana| = rã (subs.)
|raña| = aranha (subs.)

|m| ≠ |n| |àmõ| = amo (verbo amar)
|àno| = ano (subst. = 12 meses)
|mãto| = louco (adv.)
|nãto| = nascido (adv.)

|f| ≠ |v| |fã| = faz (verbo fazer)
|vã| = vai (verbo ir)

|s| ≠ |z| |mãsa| = mansa (adv.) grãspa = aguardente
|mãza| = novilha (subst.) grãpa = bagaço de uva

|ss| ≠ |z| |rissõ| = crespo
|rizo| = |riSo| = arroz

|S| ≠ |ss| |biSo| = ervilha
|bisso| = |biso| = bicho (serpente)

|s| ≠ |ss| |roso| = |roSo| = aspero (bruto)
|rosso| = vermelho escuro

|S| ≠ |s| |liSo| = gasto
|liso| = liso (lixado)

|l| ≠ |r| |sóra| = sobre (adv.)
|sóla| = sóla de sapato

7.8.2 Descrição dos fonemas consonantais

- |p| = oclusiva bilabial, surda. Ex. |supiar| = assoprar
- |b| = oclusiva bilabial, sonora. Ex. |pekà| = pecado
- |t| = oclusiva ápico-dental, surda. Ex. |sùto| = enxuto
- |d| = oclusiva ápico-dental, sonora. Ex. |sùdo| = suado
- |k| = oclusiva dorso velar, surda, tensa. Ex. |pàka| = paca
- |g| = oclusiva dorso velar, sonora, tensa. Ex. |lóngè| = unhas
- |ç| = africada surda, fronto médio-palatal, suave. Ex. |çélo| =
=céu
- |ǰ| = africada sonora, fronto médio palatal, suave. Ex. |lóngè| =
= unhas.
- |m| = bilabial sonora. Ex. |màto| = louco
- |n| = ápico-alveolar, sonora. Ex. |sonàr| = tocar
- |ɲ| = fronto médio-palatal, sonora. Ex. |soɲàr| = sonhar
- |l| = lateral ápico-alveolar, sonora. Ex. |mòlo| = mole
- |f| = fricativa plana, surda, labiodental. Ex. |fà| = faz
- |v| = fricativa plana, sonora, labiodental. Ex. |và| = vai
- |ss| = fricativa côncava, surda, ápico-dental, aspero, longo. Ex.
|bisso| = bicho
- |s| = fricativa côncava, surda, ápico-alveolar, áspera breve. Ex.
|liso| = liso
- |S| = fricativa côncava, sonora, pós-alveolar, suave. Ex. |liSo| =
= gasto
- |z| = fricativa côncava, sonora, ápico-alveolar, áspera breve.
Ex. |mànza| = novilha
- |r| = vibrante simples ápico-alveolar. Ex. |sóra| = sobre.

7.9 CONCLUSÕES PRELIMINARES SOBRE FONOLOGIA.

I - Há grupos de contóides na parte ascendente das sílabas, o que não aparece na parte descendente. Na parte ascendente aparecem grupos de até três contóides .

II - A sílaba que não se finaliza em vocóide, não terá mais que uma contóide na sua parte descendente.

III - O som vocálico só aparece no ápice da sílaba, enquanto seus alofones (sons semi-vocálicos) podem aparecer na parte ascendente ou descendente das sílabas. Os ditongos ascendentes das sílabas são bem mais frequentes do que os ditongos descendentes.

IV - Há uma tendência de pronunciar com intensidade e clareza a sílaba tônica, atenuando sensivelmente as átonas ; formando assim uma melodia peculiar.

V - Como ocupante de ápice das sílabas, só aparece o som vocálico.

VI - A ausência de nasais revelam a não influência dos dialetos: Piemontês e Calabrês.

VII - Uma grande maioria das sílabas são formadas de uma vocóide precedida de uma ou mais contóides e em bem menor número de vezes a vocóide é seguida de contóide. Todavia há muitas sílabas que constam só de vogal, o que torna a língua mais sonora. Há até quatro vogais seguidas em um só vocábulo, sem interferência de contóide. Ex. { 'auiola } = canteiro.

VIII - Este dialeto não tem uma larga gama de sons. Nele há poucos alofones.

IX - A bilabial sonante [m] não aparece no final dos vocabulos. Raríssimas vezes o [m] aparece em contexto inicial. Ex. |mato| = louco ≠ |nato| = nascido.

X - As contóides sonantes ápico-alveolares [n]

9. - C O N C L U S Õ E S G E R A I S

Concluiu-se que na região do Meio-Oeste Catarinen-
se e circunvizinhanças há um elevado índice percentual de famí-
lias que falam dialeto da itália como "Língua Materna", distribuí-
das em diferentes localidades, agrupando-se mais nas zonas rurais
e dispersando-se na zona urbana, conforme mostram os gráficos de
abordagem apresentados.

Documentou-se mutações geopolíticas e a vivência
passageira de vários grupos lingüísticos, nestas regiões, onde a-
gora encontra-se gente que fala língua da Itália, e como estes po-
vos se evadiram.

Observou-se, e arquivou-se em fita "Cassette", que
os descendentes de italiano de 2º e 3º geração, conservam com mui-
tíssima fidelidade o uso do dialeto da itália, como língua mater-
na, e alguns deles quase não conseguem expressar-se em português,
enquanto que as poucas famílias que vieram diretamente da Itália
nesses últimos anos, embora estejam registrados brasileiros, são
nascidos na Itália, falam com mais desembaraço e mais freqüência
o português.

Constatou-se, pela análise geográfica da região e
pelo estudo histórico, que o que motivou a fidelidade ao dialeto
da língua italiana, como língua materna, por pessoas nascidas no
Brasil e descendentes de imigrantes, foi o isolamento de comuni-
cações de todos os tipos; incluindo a precaridade das estradas.

A abertura e melhoramento de várias estradas como
a BR 282, bem como o grande progresso em comunicações de todos os
tipos, surgidos recentemente, incluindo a extensão da rede da
CELESC nas colônias permitindo a entrada de televisões, estão aca-
bando com o bilingüismo.

Registrou-se outrossim que todos os descendentes de italia nos que vivem nestes municípios do Meio-Oeste e circunvizinhos vieram do Estado do Rio Grande do Sul, excetuando os filhos de algumas famílias que nascidos na Itália, e ainda vivos, entraram pelo litoral de Santa Catarina.

10 - Como Conclusão final afirmou-se que o dialeto falado nestas regiões é fundamentalmente o Vêneto com alguma interferência trentina, mantovana e bergamasca. O Vêneto (aqui falado) não é somente de um lugar. Aparece com variações padoanas, vicentinas e muitas vezes veronesa. Tais interferências entendemo-las como um enriquecimento de aculturação lingüística e não como uma "Koinê" porque os falantes são conscientes de que usam vocábulos de tais e tais dialetos.

Estas conclusões foram feitas através de um estudo intensivo e minucioso da fonética e estrutura de vocábulos por meio de muitíssimas entrevistas, apresentações de questionários e gravações que se conserva arquivados, cujas declarações das pessoas entrevistadas foram minuciosamente confrontadas com decretos e leis, conforme indica a bibliografia e constam no anexo. Procurou-se reproduzir no trabalho.

Nestas nossas conclusões pode-se verificar que as declarações pessoais dos imigrantes ou de seus descendentes que migraram do Rio Grande do Sul estão de acordo com a fonologia por eles usadas.

Pode-se verificar que o dialeto usado, ou seja, os vocábulos usados e declarados, nas entrevistas, como pertencentes a determinado dialeto, uma vez confrontados com os mapas dialetais da Itália, como o da p.94 e com "I dialetti delle region of Italia" in Gracomelli (1972), Bertoin e outros, todos eles conferiam com a denominação dialetal declarada pelo falante entrevistado e a fonologia por eles usada.

11 - B I B L I O G R A F I A

- ANDEIS, Mário. Vocabulário storico etimologico fraseologico del dialeto vicentino. Vicenza, Itália, Editrice G. Galla, 1968.
- BACILLA, Antonio. O drama do mate. Curitiba, Ed. Guaíra, 1946.
- BANDEIRA, Joaquim José Pinto. Notícia da descoberta do campo de Palmas. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Rio de Janeiro, 1 (4), 1851.
- BARBOSA, Fidelis Dalcin. A coloninha. São Paulo, Bentevegna Editora, 1967.
- BARTOLI, Mateo. Nomi e Confini Delle Venezie. Roma, Itália, Editori Alfieri & Lacroix, 1923.
- BATTISTI, Carlos. I nomi locali di Trento e dei suoi dintorni. Trento, Itália, Societá di Studi Trentini di Scienze Storiche, 1972.
- BLOOMFIELD, Leonard. Language. s.l., George Allen & Unwin, 1950.
- BOITEUX, Lucas. Santa Catarina nas guerras do Uruguai e Paraguai. Revista do Instituto Histórico Geográfico. S.n.t., 1944
- BONATTI, Mário. Aculturação lingüística numa colônia de imigrantes italianos de Santa Catarina, Brasil. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1974.
- BRIGT, William. Sociolingüistics. 2. ed., s.l., Mouton The Hague, 1971.
- BUNSE, Heinrich A. W. Dialetos italianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed. do Instituto de Letras da Universidade do Rio Grande do Sul, 1975.
- CABRAL, Oswaldo R. História de Santa Catarina. Rio de Janeiro, Laudes, 2. ed., 1970.
- CAMARA, JR. Joaquim Mattoso. Problemas de lingüística descritiva. Petrópolis, Vozes, 1973.

- . Princípios de lingüística geral. 4. ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1974.
- CAPELLI, A. Studies in Socio-Linguistics. s.l. Mouton The Hague, 1966.
- CARNEIRO, David. O Paranã na História Militar do Brasil. Curitiba, Ed. Paranaense, 1950.
- CARROL, John B. O estudo da linguagem. Petrópolis, Vozes, 1973.
- CHOMSKI et alii. Novas perspectivas lingüísticas. 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1973.
- CHOMSKI, Noam. Current issues in linguistic theory. 5. ed., Paris, Mouton The Hague, 1970.
- . Aspect of theory of syntax. Combridge, The M.I..., Mouton The Hague, 1970.
- . Syntactic structures. Paris, Mouton The Hague, 1957.
- . Lingüística cartesiana. Petrópolis, Vozes, 1972.
- CORRADIN, Giuseppe et alii. ... E cantavam à nova pátria brasileira. Porto Alegre, s. ed., Promoção da "CIBAI Migrações", 1972.
- COSTA, et alii. Imigração italiana no Rio Grande do Sul; vida, costumes e tradições. Porto Alegre, Ed. La Salle, 1975.
- CURI, José. O signo lingüístico como expressão interacionalista. Florianópolis, Tese de Libre Docência submetida à Universidade Federal de Santa Catarina, s.n.t., 1974.
- . O tressette, o cinquilha, a biscola, a scopw; o hábito da nova geração do Rio dos Cedros. O Estado. Florianópolis, caderno especial comemorativo de centenário da imigração italiana, 31 de ago 1975.
- DALL'ALBA, João Leonir. Pioneiros nas terras dos Condes; história de Orleans I. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1971.

- DOSSA, Padre Ilario Emilio. Intorno ai nomi Tirole e Trentino. Itália, Tipografia Somale, Editrice Rovigo, 1917.
- EHLKE, Cyro. A conquista do Planalto Catarinense; (Bandeirantes e Troupeiros do "Sertão de Curitiba"). Rio de Janeiro, Laudes, 1973.
- ELGIN, Suzette Haden. Que é lingüística; curso de lingüística moderna, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974.
- EL-KHATIB, Said Mohamad. História de Santa Catarina. Curitiba, Gráfica Editora Paraná, V. 1, 1970.
- FERRARINI, Sebastião. A Imigração italiana na Província do Paraná e o município do Colombo. Curitiba, Ed. Líbero Técnica, 1974.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1975.
- FINARDI, José E. Colonização italiana de Ascurra; Subsídios para a história do Município. Blumenau, Gráfica 43 S/A, 1976.
- FIGLIOLI, Piero & Bruno Migliorini. Dizionario D'ortografia e di Pronunzia. Eri-Edizione Rai Radiotelevisione Italiana, 1969.
- FISHMAN, Joshua. (ed). Readings in the Sociology of Language. s.l., Mouton the Hague, 1968.
- FORTES, João Borges. Velhos caminhos do Rio Grande do Sul. Separata dos Anais do Terceiro Congresso de História Nacional, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.
- GAERTNER, C. A policitação e o Contestado in Blumenau em Cadernos. Tomo XVII, nº 1, jan 1976.
- . O Planalteiro das primeiras décadas, Blumenau em cadernos. Tomo XV, nº 4, abr. 1974.
- GARBARI, Maria. Vittorio de Reccabona. 1844-1927; Problemi e aspetti del liberalismo Trentino. Trento, Itália, Società di Studi Trentini di Scienze Storiche, 1927.

- GIACOMELLI, G. & G. Devoto. I dialetti delle regioni d'Italia. Firenze. Sansoni. 1972.
- GILLONAY, Pe. Bruno de. Sobre os italianos no Rio Grande do Sul a sua Excelência Dom João Batista Scalabrini, Bispo de Placência. In: RIZZARDO, Rodovino, CS, A longa Viagem. Porto Alegre, Sulina, 1975.
- GLEASON, H. A. Jr. An Introduction to descriptive linguistics. New York, 1961.
- GRAMMONT, M. Traité de phonétique. Paris, 1933.
- GROFF, Lionello. Dizionario trentino-Italiano. Florilegio di Poesie e Prose Dialettali. Trento, Casa Editrice G.B. Monauri, 1955.
- HERTZLER, J. O. A Sociology of Language. New York, Rondon House, 1965.
- HUTTER, Lucy Maffei. Imigração italiana em São Paulo. São Paulo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1972.
- IANNI, Constantini. Homens sem paz. Civilização Brasileira, 1972.
- ITÁLIA II. In: GEO. São Paulo. Abril S/A Cultural, 2 (7):267-8, Junh 1977.
- JAKOBSON, Roman. Linguística e contribuição. São Paulo, Cultrix. 1970.
- KROEBER, A. L. Some relations of linguistics and ethnology. Language. George Allen & Unwin, 1941.
- LAGO, Paulo Fernando. O Homem, a Cultura e a Economia Catarinense. In: Fundamentos da cultura catarinense. Florianópolis, Plano de Integração Cultural do Estado, 1969.
- LANDAR, Herbert. Etnolinguística. New York, Language and Culture. O.U.P., 1965.
- LANGACKER, Ronald W. A Linguagem e sua Estrutura. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1972.

- LENARD, Andriette. Lealdade Lingüística em Rodeio. Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção de Mestre em Letras. Florianópolis, 1976. (Texto mimeografado).
- LEROY, Maurice. As grandes correntes da lingüística moderna. São Paulo, Cultrix, 1974.
- LOGGER, Pe. Guido. Gramática cimenatográfica. S.n.t. 1970.
- LORENZI, Dott. Guido e Grigolli, Dott. Giorgio. Trentini Nel Mondo. In: La Storia legendaria dei trentini in Brasil. Alcione Titotipografia di Trento, Itália, 1975.
- LYONS, J. As idéias de Chomsky. São Paulo, Cultrix, Ed. Univer-sitária de São Paulo, 1973.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Crimen y costrumbre la sociedade salvaje. Barcelona, Edicione Ariel, 1956.
- MALMBERG, Bertil. A fonética, no mundo dos sons ...da linguagem. Lisboa, Portugal, Edição "Livros do Brasil", 1954. (Vida e Cultura).
- MARTINS, Romário. Vozes indígenas na Toponímia do Paraná. Histórico do Paraná, Curitiba, 5 (11) dez 1940. Instituto Histórico Geográfico Paranaense.
- MEILLET E COHEN. redatores. Les lanques do monde, Paris, 1952.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Die Sagen von Erschaffung and Vernichtug der Welt als Grundlagen der Religion der Apapucúva-Guaram. Zeit Ethnol. In: Steward Handbook. Government Printing Office, 1948.
- OLMSTED, David L. Ethonolinguistics so far Norman. Okla. Battenburg Press. (Studies in Linguistics, Ocasional Papers n°2), 1950.
- PEDRO, Imperador do Brasil. Lei n° 601 de 18 de setembro de 1850. Palácio do Rio de Janeiro, 1950.
- PEDRO, Imperador do Brasil. Decreto n° 1.318 de 13 de janeiro de 1854. Rio de Janeiro. Imprensa Imperial 1954.

- PELLEGINI, B. Migliorini. Dizionario del feltrino rustico. Editrice em Padova, Itália, 1971.
- PELUSO, Vitor A. Junior. Aspectos da população e da imigração no Estado de Santa Catarina, In: _____. Fundamentos da Cultura Catarinense. Florianópolis, 1969. (Plano de Integração Cultural do Estado).
- PERINI, Mario A. A gramática gerativa. Introdução ao Estudo da Sintaxe Portuguesa. Belo Horizonte, Ed. Vigília, 1976.
- PIAZZA, Walter Fernando. Elementos básicos da História Catarinense, In: _____. Fundamentos da Cultura Catarinense. Florianópolis, 1969. (Plano de Integração Cultural do Estado).
- PIKE, Kenneth L. Phonetics. Ann Arbor The University of Michigan Press, U.S.A., 1963.
- . A Technique for Reducing Languages to Writing. Ann Arbor The University of Michigan Press. U.S.A., 1971.
- POTTIER, Bernard. Le domaine de L'ethnolinguistics. Languages, Paris, Junh 1970.
- PRETI, Dino. Sociolinguística, os níveis da fala. São Paulo, Ed. Nacional, 1974.
- QUEIROZ, Alexandre Muniz de. at alii comp. Álbum comemorativo do cinquentenário do Município de Joaçaba. Curitiba, Ed. Paranaense, 1967.
- QUEIROZ, Enéias Jeremias de. Joaçaba na História do Paraná, In: QUEIROZ, Alexandre Muniz de. at alii. Álbum comemorativo do cinquentenário do Município de Joaçaba. Curitiba, Ed. Paranaense, 1967.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O messianismo no Brasil e no mundo. Dominus Editora, Ed. da Universidade de São Paulo, 1965.
- QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. Messianismo e conflito social. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- RIO BRANCO, Barão do. Questões de Limites. 1º V. República Argentina. Rio de Janeiro. Ministério das Relações Exteriores, Imprensa Oficial, 1945.

- ROHR, Pe. João Alfredo. Contribuição para a Etnologia Indígena do Estado de Santa Catarina, Anais do 1º Congresso de História Catarinense. Florianópolis, Imprensa Oficial de Santa Catarina, 1950. V. II.
- RIZZARDO, Rodovino, C.S. A longa viagem; os Carlistas e a imigração italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Sulina, 1975.
- SABATINI, Mario. Entrevista a Mario Gardelin, Correio do Povo, Porto Alegre, 05 de julh de 1971.
- SAMPAIO, Leitão da Cunha. Decretos e artigos oficiais. Imprensa Oficial. Rio de Janeiro, 1865.
- SANTA CATARINA. Governador, 1917 (Schmidt). Lei nº 1.147 e Lei nº 1.181. In: LEIS E DECRETOS. Florianópolis. Palácio do Governo, Imprensa Oficial. 1917.
- SANTA CATARINA. Vice governador no exercício do cargo de governador. Leis e decretos de 1919. (Hercílio Luz). Florianópolis. Imprensa Oficial. 1919.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Nova História de Santa Catarina. Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1974.
- SAPIR, Edward. A Linguagem; Introdução ao estudo da fala. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica. 2. ed., 1971.
- . Os padrões sônicos da linguagem. Linguística como Ciência, ensaios, seleção português, Rio de Janeiro, 1961.
- . Selected Writings of Edward Sapir, Barkeley, 1959.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. São Paulo, 3. ed., Cultrix, 1971.
- SCHADEN, Egon. Aspectos fundamentais da cultura guarani. 3. ed. São Paulo, E.D.U., Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- SCHADEN, Egon. Artigo publicado na Revista de Antropologia, Curitiba, nº 1. 1959. Imprensa Oficial do Paraná.

- SCHARE, Sanford A. Fonologia Gerativa. Curso de Linguística moderna. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- SILVA, Jandir B. Faustino. Santa Catarina no contexto nacional, In: ..., Fundamentos da Cultura Catarinense. Florianópolis, Departamento de Cultura, 1969.
- SILVA, Zodar Perfeito da. Oeste Catarinense. Rio de Janeiro. Gráfica Laemmert, 1950.
- STEWART. (redator). Handbook of American Indians. Government Printing Office, 1948. V. 3 e 6 USA.
- TONI, Ettore De. Relazioni fra Bolzano e Venezia. Itália, Roma, Riguardo All'Adige. Tipografia Dell'Unione Editrice.
- TRAGER, G. The Field of linguistics, In:..., Studies in Linguistics. Norman, 1949.
- VANDRESEN, Paulino. Sociolinguística, In: Enfoque, Rio de Janeiro. 1 (3) 1975. Liv. Eldorado Tijuca.
- VICENZI, Victor. História de Rio dos Cedros. Blumenau, Editora Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1975.
- VIEIRA, João Alfredo Medeiros. Diário de um Agente Itinerante. Rio de Janeiro, Ed. Leitura, 1969.
- VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. História Geral do Brasil, antes de sua separação e independência de Portugal. Rio de Janeiro, Laemmert, 1877. 2º V.
- ZANOTTO, Sandro. Vocabulário Veneto-Italiano. Padova, Itália, Amicucci Editora, 1959.

12 - A N E X O S

12.1-	Lettere dell'alfabeto fonetico.....	212
12.2-	Alfabeto Fonético internacional.....	213
12.3-	Modelo dos questionários aplicados	214
12.4-	Coleção das Leis do Impérador do Brasil (1850).....	216
12.5-	Decreto de Sua Magestade o Imperador Pedro de Alcântara Bellagarde. (1850).....	218
12.6-	Decreto do governador do Estado de SC. (1971).....	220
12.7-	Síntese das Leis que criaram o município.....	227
12.8-	Atas da instalação do município de Ponte Serrada.....	228
12.9-	Certidão de compra de terras por (Lourenço Urso).....	229
12.10-	Certidão de compra de terras por João Vicelli.....	230
12.11-	Certidão de compra de terras por Luiz e Fioravante Abatti.	231
12.12-	Alboro Genealógico della Famiglia Di Dal Pai.....	232
12.13-	Certificato Di Buona Condotta e Moralita.....	233
12.14-	Passaportô- in Nome di Sua Maestà UMBERTO I.....	234
12.15-	roglio di Congedo Illimitato.....	235
12.16-	certidão de nascimento de João Lago e Maria Campagnolo....	236
12.17-	Medaglia Commemorativa della guerra di Libia.....	238
12.18-	Passaporto di Lago Giovanni.....	238
12.19-	Decreto de autorização de condecoração (Medalha de guerra)	239
12.20-	Os grupos étnicos e os dialetos da Itália.....	240
12.21-	"Modus vivendi" Provérbios como filosofia de vida.....	242
12.22-	"Modus vivendi" Algumas músicas mais cantadas por este povo	263
12.23-	Algumas premissas da análise fonêmica, (de Pike).....	286

Lettere dell'alfabeto fonetico

- a, b, d, f, l, m, p, r, t, v* come in italiano
- ä** suono intermedio tra *a* ed *è*: es. **stand** [ingl. *stænd*]
- â** suono intermedio tra *a* e *ò*: es. **nagy** [ungh. *nád*]
- ɑ** suono intermedio tra *a* e *è*: es. **sun** [ingl. *sən*], **lua** [port. *lúa*]
- bh** suono intermedio tra *b* e *v*: es. **caballero** [sp. *kabhaléro*]
- č** c(i) dolce it.: es. **cinciallegra** [činčallégra], **church** [ingl. *čɜːtʃ*]
- č'** suono intermedio tra *č* e *ki*: es. **Trumbić** [serbochr. *trumbič'*], **chiase** [friul. *č'áse*]
- d** suono intermedio fra *dj* e *gi*: es. **magyar** [ungh. *ma'dár*], **figghiu** [sic. *fiddu*]
- dh** *d* spirante: es. **then** [ingl. *ðen*], **ciudad** [sp. *θjuðað*]
- è** *e* aperta it. tonica: es. **raetro** [mètro]
- e** *e* aperta atona: es. **Bellosguardo** [bellosgúardo], **perdigiorno** [perdigórno]
- é** *e* chiusa it. tonica: es. **vetro** [vètro]
- e** *e* chiusa atona: es. **vetraio** [vetràjo]
- ē** vocale neutra, più o meno equidistante dalle vocali estreme *a*, *i*, *u*: es. **Heine** [ted. *hàinē*], **nurse** [ingl. *nē's*]
- ğ** g(h) duro it.: es. **ghirigoro** [ğirigòro], **goux** [fr. *gø*]
- ġ** g(i) dolce it.: es. **Giorgina** [ğorğina], **jolly** [ingl. *ğoli*]
- ǧ'** suono intermedio tra *ğ* e *gi*: es. **Đilas** [serbochr. *ğ'ilas*]
- gh** *g* spirante: es. **agua** [sp. *àghya*], **groot** [neerl. *ghróot*]
- h** *h* aspirata: es. **haben** [ted. *hàabèn*], **hall** [ingl. *hòol*]
- h** suono intermedio tra *h* e *š*: es. **ich** [ted. *ih*]
- ħ** *h* faringale: es. **fellāh** [ar. *fellāh*]
- i** *i* vocale it.: es. **minimo** [mínimo]
- ĩ** *i* semiconsonante it.: es. **baia** [bàja]
- ĩ** suono intermedio tra *i* e *ē*: es. **România** [rum. *romîna*], **irmak** [turco *irmāk*]
- k** c(h) duro it.: es. **chicca** [kikka], **quatre** [fr. *katr*]
- kh** *k* spirante: es. **ach** [ted. *abh*], **hijo** [sp. *ihho*]
- l** gl(i) dolce it.: es. **giglio** [ğillo], **gigli** [ğilli], **Guillermo** [sp. *ğilermo*]
- l** suono intermedio tra *l* e *y*: es. **well** [ingl. *yèl*], **Brazil** [port. *brazil*]
- n** *n* it., anche in varie articolazioni più avanzate o più arretrate che può avere davanti ad altra consonante: es. **nonno** [nònno], **invincibile** [invinčibile]
- n** *n* velare, in it. varietà di posizione dell'*n* davanti a **c(h)** e **g(h)** duri, in altre lingue fonema indipendente: es. **conca** [kòuka], **singen** [ted. *štjèn*]
- ñ** gn it.: es. **sogno** [sòño], **España** [sp. *espàña*]
- ò** *o* aperto it. tonico: es. **morta** [mòrta]
- o** *o* aperto atono: es. **mollemente** [mollemènte], **portafortuna** [portafortuna]
- ó** *o* chiuso it. tonico: es. **molta** [mólta]
- o** *o* chiuso atono: es. **moltiplica** [moltiplika]
- ö** suono intermedio tra *é* e *ó*: es. **peu** [fr. *pö*]
- ø** suono intermedio tra *è* e *ò*: es. **jeune** [fr. *jøn*]
- ph** suono intermedio tra *p* e *f*: es. **Karafuto** [giapp. *karàphuto*]
- s** *s* aspra it.: es. **orso** [sòrso], **spasso** [spàsso]
- f** *s* dolce it.: es. **viso** [vìso], **azur** [fr. *afù'ür*]
- š** sc(i) dolce it.: es. **pesce** [péšse], **flash** [ingl. *fláš*]
- š** consonante sonora corrispondente a sc(i) dolce: es. **joli** [fr. *foli*], **živio** [serbochr. *šivio*]
- š'** suono intermedio tra *š* e *ki*: es. **Sienkiewicz** [pol. *š'enkièviè*]
- š'** suono intermedio tra *š* e *gi*: es. **Zieleński** [pol. *š'elènski*]
- t** suono intermedio fra *tj* e *ki*: es. **Bata** [cecco *bàta*], **uocchie** [napol. *yóttē*]
- th** *t* spirante: es. **thin** [ingl. *thin*], **azul** [sp. *athùl*]
- u** *u* vocale it.: es. **upupa** [ùpupa]
- y** *u* semiconsonante it.: es. **uomo** [yòmo]
- ü** suono intermedio tra *i* e *u*: es. **buffet** [fr. *büfè*]
- ÿ** *ü* semiconsonante: es. **nuit** [fr. *nüi*]
- z** *z* aspra it.: es. **altezza** [altézza], **azione** [azzìone], **Hertz** [ted. *hèrz*]
- z** *z* dolce it.: es. **azzurro** [azzùrro], **azoto** [azzòto], **Hatzidakis** / **Χατζιδάκης** [gr. mod. *Mažidakis*]
- ž** *ž* faringale: es. **'ain** [ar. *'àin*]

Segni diacritici complementari

- ò'** la vocale (o la consonante in funzione di vocale) con *a* destra un apice è tonica: es. **Bjerknes** [norv. *bjè'rknès*], **Trst** [sloveno e serbochr. *tr'st*];
- š** la vocale con sopra un tilde è nasale: es. **enfant** [fr. *áfã*], **são** [port. *sã'u*];
- š'** la consonante con *a* destra un apostrofo è palatalizzata: es. **Mičurin** [russo *m'ičur'in*], **Kerenskij** [russo *bjèr'insk'i*];
- š** la consonante con sotto un puntino è faringale o faringulizzata: es. **qašba** [ar. *kāšba*];
- š** la consonante con sotto due puntini è retroflessa: es. **Pāpini** [sanscr. *pāyini*];
- la parola italiana che porta alla fine della trascrizione fonetica un segno di *più*, vuole dopo di sé il raddoppiamento sintattico: es. **come** [kòme*] (così: **come questo** [kòme kùgèsto]);
- la parola che porta al principio della trascrizione fonetica un segno di *più*, raddoppia la propria consonante iniziale quando nella frase si trovi preceduta da parola che finisce in vocale: es. **scena** [šèna] (così: **la scena** [la šèna]).

Raddoppiamenti di vocali e di consonanti

Le vocali lunghe sono rappresentate da due lettere uguali: es. **Dubrovnik** [serbochr. *dùbrovnik*].

Le vocali raddoppiate nella pronunzia si distinguono dalle lunghe perché tra le due lettere uguali s'interpone un trattino: es. **veemente** [ve-emènte], **pii** [pi-i].

Le consonanti lunghe sono rappresentate anch'esse da due lettere uguali: es. **scoppio** [škòppjo], **spazio** [spàzzjo], **striscio** [strissjo].

Il raddoppiamento sintattico è indicato con la crocetta alla fine della parola che lo richiede, se questa è isolata (es. **a** [a*], **appiè** [appjè*]), e col raddoppiamento del segno consonantico, se la trascrizione comprende anche la parola seguente (es. **a vinciperdi** [a vintšipèrdi], **appiè della croce** [appjè ddella kròce]).

In: Phonetics of Lee Kenneth Pike, Ann Arbor of the University of Michigan Press, 1963.

Fig. 1 — ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL

	Bilabiais	Lábio-dentais	Dentais e Alveolares	Retroflexas	Palato-alveolares	Alveolo-palatais	Palatais	Velares	Uvulares	Faringais	Gloais	
CONSOANTES	p b		t d	ʈ ɖ			c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ	
	m	ɱ	n	ɳ			ɲ	ŋ	ɴ			
			ɸ β				ʎ					
			l	ɭ			ʎ					
			r	ɽ					ʀ			
			ʃ	ʒ					ʁ			
			ʂ ʐ	ʐ ʂ	ʐ ʂ				ʁ ʁ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
		ʋ	ʋ	ɹ					ʁ	ʁ		
VOCAIS	y ɨ u						ɨ y	ɨ y				
	ø o						ø	ø				
	œ œ						œ	œ				
	ɔ						ɔ	ɔ				

CONSOANTES

Plosivas
Nasais
Fricativas laterais
Laterais não fricativas
Vibrantes
Flaps
Fricativas
Continuas sem fricção e semivogais

VOCAIS

Fechadas
Semifechadas
Semi-abertas
Abertas

Outros sons — Consoantes palatais: ʃ, ʒ, etc. Consoantes velarizadas ou faringalizadas: ɰ, ɠ, ʁ, etc. Consoantes ejetivas (plosivas com oclusão glotal simultânea): p̰, t̰, etc. Consoantes sonoras implosivas: ɓ, ɗ, etc. **T** Tri fricativo. **ʃ, ʒ** (labializadas, **ʃ̣, ʒ̣** ou **s, z**), **ɬ, ɮ** (labializadas **ɬ̣, ɮ̣**), **ɮ̣** (cliques Zulu, **ɮ̣, ɮ̣**). **ʎ** (uma vogal entre **ɹ** e **l**). **ʐ, ʂ** (variantes de **ɹ, y, u** mais baixas). **ʐ** (uma variedade de **ɹ**).

As africadas são normalmente representadas por grupos de duas consoantes (**ts, tʃ, dʒ**, etc.), mas quando necessário, ligaturas são usadas (**ʈ, ɖ, ɟ, ɲ**, etc.) ou as marcas **̣** ou **̤** (**ʈ̣** ou **ʈ̤**, etc.) também denotam articulação sincrónica (**ṃp̣-m** e **ŋ̣** simultâneos). **c, ɟ** podem ocasionalmente ser usados em lugar de **tʃ, dʒ**. Plosivas aspiradas: **ph, th**, etc.

Modificadores *sem* — (abertura completa), (intensidade de duração), (intensidade, colocação no início da sílaba), (acento de intensidade secundário), (tom alto), (tom baixo), (tom alto ascendente), (baixo ascendente); (baixo descendente); (baixo descendente); (ascendente-descendente); (descendente-ascendente).

Modificadores — (nasalidade), **ɸ** (**ɸ** = **ɸ** aspirado), sonoridade (**ɸ = z**), aspiração segundo **p, t**, etc., vogal fechada (vogal aberta e muito fechada), vogal especialmente aberta (**ɸ = um e bastante aberto**), labialização (labializado), articulação dental (**t = t dental**), palatalização (**ʎ = ʎ**), língua levantada, língua baixada (lábios mais arredondados), lábios mais distensos. Vogais centrais (**i = i**), **ü** (**ü**), **ɛ** (**ɛ**), **ɔ** (**ɔ**), **ɔ** (**ɔ**), etc. (c.g.n) consoantes silábicas, vogais consoantais, variedade de **j** semelhante a **s**, etc.

A. - DADOS PESSOAIS

Rua ou bairro: _____

Nome e sobrenome: _____

1. Idade: _____ 2. Sexo: _____ 3. Profissão: _____

4. Escolaridade: Completo _____ primário _____ Ginásio _____

Outros _____ Incompleto _____

5. Nacionalidade : _____ Nascimento: _____

6. Origem do Pai: _____

7. Origem da Mãe: _____

8. Origem dos avós maternos: _____

9. Origem dos avós paternos: _____

10. Há quantos anos residem aqui. _____

11. Já residiram em outro lugar? Sim _____ Não _____

12. Onde? _____

13. Quanto tempo? _____

14. Em que língua voce começou a falar? _____

15. Com que idade aprendeu Português? _____

Alemão _____ Italiano _____ outras línguas _____

B. FUNÇÃO: - 1. Que línguas você fala? _____

2. Que línguas você escreve? _____

3. Que línguas você lê? _____

4. Que línguas você entende? _____

C. Que língua você fala?

1. No Trabalho _____

2. No clube _____

3. Quando vai à igreja? _____

4. No esporte. _____

5. Nas compras. _____

6. Com amigos. _____

7. Com familiares. _____

8. Com vizinhos. _____

12.3

D. Que língua você fala:

1. Nas refeições _____
2. Com as crianças _____
3. Nas suas orações _____
4. Contando históricas ou piadas _____
5. Nos cantos (canções em festinhas) _____
6. Reprendendo as crianças _____

E. ATITUDES

1. Gostaria que seus filhos aprendessem a língua dos seus antepassados?
Sim _____ Não _____ Qual _____
2. Você frequentou alguma escola em outra língua que não era Português?
Sim _____ Não _____ Qual _____
3. Você gostaria que se continuasse falando a língua dos seus antepassados?

4. Você acha que vale a pena aprendê-la? _____
5. Você faria alguma coisa para isso? _____ Como? _____
6. Você gostaria de ter um jornal, programa de rádio, ou TV em sua língua?

7. Colaboraria para isso? _____ Como? _____
8. Se você fosse contar a história de sua vida em que língua preferiria?

9. Você pessoalmente que língua gosta mais de falar? _____
10. Você alguns vizinhos ou parentes ou conhecidos que sabem falar outras línguas? _____
Quantos _____
Quais línguas? _____
Quem _____
11. Outras informações _____
12. O que você achou deste questionário? _____

COLLECCÃO DAS LEIS DO IMPÉRIO DO BRASIL.

1850.

TOMO 11.

PARTE 1.ª

SECÇÃO 44.ª

LEI N.º 601 — de 18 de Setembro de 1850.

Dispõem sobre as terras devolutas no Império, e acerca das que são possuídas por título de sesmaria sem preenchimento das condições legais, bem como por simples título de posse mansa e pacífica; e determina que medidas e demarcações as principaes, según ellas cédulas e titulo oneroso assim para empresas particulares, e de estrangeiros, autorisado o Governo a promover a colonisação estrangeira na forma que se declara.

Dom Pedro Segundo, por Graça de Deus, e Unanime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil: Fazemos saber a todos os Nossos Subditos, que a Assembléa Geral Decretou, e Nós Queremos a Lei seguinte.

Art. 1.º Ficão prohibidas as acquisições de terras devolutas por outro titulo que não seja o de compra. Exceptuão-se as terras situadas nos limites do Império com paizes estrangeiros em huma zona de dez leguas, as quaes poderão ser concedidas gratuitamente.

Art. 2.º Os que se appossarem de terras devolutas ou de alheias, e nellas derribarem matos, ou lhes puzerem fogo, serão obrigados a despejo, com perda de bensfeitorias, e demais soffrerão a pena de dous a seis mezes de prisão, e multa de cem mil réis, além da satisfação do damno causado. Esta pena porém não terá lugar nos actos possessorios entre hercos confinantes.

§ Unico. Os Juizes de Direito nas correições que fizerem na fórma das Leis e Regulamentos, investigarão se as Autoridades a quem compete o conhecimento destes delictos poem todo o cuidado em processa-los e puni-los, e farão effectiva a sua responsabilidade, impondo no caso de simples negligencia a multa de cincoenta a duzentos mil réis.

Art. 3.º São terras devolutas:

§ 1.º As que não se acharem applicadas a algum uso publico nacional, provincial, ou municipal.

§ 2.º As que não se acharem no dominio particular por qualquer titulo legitimo, nem forem havidas por sesmarias e outras concessões do Governo Geral ou Provincial, não incursas em commissio por falta do cumprimento das condições de medição, confirmação e cultura.

§ 3.º As que não se acharem dadas por sesmarias ou outras concessões do Governo, que, apozar de incursas em commissio, forem revalidadas por esta Lei.

§ 4.º As que não se acharem occupadas por posses que, apozar de não se fundarem em titulo legal, forem legitimadas por esta Lei.

Art. 4.º Serão revalidadas as sesmarias, ou outras concessões do Governo Geral ou Provincial, que se acharem cultivadas, ou com principios de cultura, e morada habitual do respectivo sesmeiro ou concessionario, ou de quem os represente, embora não tenha sido cumprida qualquer das outras condições, com que forão concedidas.

Art. 5.º Serão legitimadas as posses mansas e pacificas, adquiridas por occupação primaria, ou havidas do primeiro occupante, que se acharem cultivadas, ou com principio de cultura, e morada habitual do respectivo posseiro, ou de quem o represente, guardadas as regras seguintes:

§ 1.º Cada posse em terras de cultura, ou em campos de criação, comprehenderá, além do terreno aproveitado, ou do necessario para pastagem dos animaes que tiver o posseiro, outrotanto mais de terreno devoluto que houver contiguo, com tanto que em nenhum caso a extensão total da posse exceda a de huma sesmaria para cultura ou criação, igual ás ultimas concedidas na mesma Comarca ou na mais vizinha.

§ 2.º As posses em circumstancias de serem legitimadas, que se acharem em sesmarias ou outras concessões do Governo, não incursas em commissio ou revalidadas por esta Lei, só darão direito á indemnisação pelas bensfeitorias.

Exceptua-se desta regra o caso de verificar-se a favor da posse qualquer das seguintes hypotheses: 1.ª, o ter sido declarada boa por sentença passada em Julgado entre os sesmeiros ou concessionarios e os posseiros: 2.ª, ter

sido estabelecida antes da medição da sesmaria ou concessão, e não perturbada por cinco annos: 3.ª, ter sido estabelecida depois da dita medição, e não perturbada por dez annos.

§ 3.º Dada a excepção do paragrapho antecedente, os posseiros gozarão do favor, que lhes assegura o § 1.º, competindo ao respectivo sesmeiro ou concessionario ficar com o terreno que sobrar da divisão feita entre os ditos posseiros, ou considerar-se tambem posseiro para entrar em rateio igual com elles.

§ 4.º Os campos de uso commun dos moradores de huma ou mais Freguezias, Municipios ou Comarcas serão conservados em toda a extensão de suas divisas, e continuarão a prestar o mesmo uso, conforme a pratica actual, em quanto por Lei não se dispuzer o contrario.

Art. 6.º Não se haverá por principio de cultura para a revalidação das sesmarias ou outras concessões do Governo, nem para a legitimação de qualquer posse os simples roçados, derribadas ou queimas de matos ou campos, levantamento de ranchos e outros actos de semelhante natureza, não sendo acompanhados da cultura effectiva, e morada habitual exigidas no Artigo antecedente.

Art. 7.º O Governo marcará os prazos dentro dos quaes deverão ser medidas as terras adquiridas por posses ou por sesmarias, ou outras concessões, que estejam por medir, assim como designará e instruirá as pessoas que deverão fazer a medição, attendendo ás circumstancias de cada Provincia, Comarca e Municipio, e podendo prorrogar os prazos marcados, quando o julgar conveniente, por medida geral que comprehenda todos os possuidores da mesma Provincia, Comarca e Municipio, onde a prorrogação convier.

Art. 8.º Os possuidores que deixarem de proceder á medição nos prazos marcados pelo Governo serão reputados calidos em commissio, e perderão por isso o direito que tenham a serem preenchidos das terras concedidas por seus titulos, ou, por favor da presente Lei, conservando-o somente para serem mantidos na posse do terreno que occuparem com effectiva cultura, havendo-se por devoluto o que se achar, inculto.

Art. 9.º Não obstante os prazos que forem marcados, o Governo mandará proceder á medição das terras

devolutas, respeitando-se no acto da medição os limites das concessões e posses que se acharem nas circunstancias dos Artigos 4.º e 5.º

Qualquer opposição que haja da parte dos possuidores não impedirá a medição; mas, ultimada esta, se continuará vista aos oppoentes para deduzirem seus embargos em termo breve.

As questões judicicias entre os mesmos possuidores não impedirão tão pouco as diligencias tendentes á execução da presente Lei.

Art. 10. O Governo proverá o modo pratico de extramar o dominio publico do particular, segundo as regras acima estabelecidas, incumbindo a sua execução ás Autoridades que julgar mais convenientes, ou a Commissarios especiaes, os quaes procederão administrativamente, fazendo decidir por arbitros as questões e duvidas de facto, e dando de suas proprias decisões recurso para o Presidente da Provincia, do qual o haverá tambem para o Governo.

Art. 11. Os possesores serão obrigados a tirar títulos dos terrenos que lhes ficarem pertencendo por effecto desta Lei, e sem elles não poderão hypothecar os mesmos terrenos, nem aliena-los por qualquer modo.

Estes títulos serão passados pelas Repartições Provincias que o Governo designar, pagando-se cinco mil réis de direitos de Chancellaria pelo terreno que não exceder de hum quadrado de quinhetas braças por lado, e outrotanto por cada igual quadrado que demais contiver a posse; e além disso quatro mil réis de feitto, sem mais emolumentos ou sellos.

Art. 12. O Governo reservará das terras devolutas as que julgar necessarias: 1.º, para a colonisação dos Indigenas; 2.º, para a fundação de Povoações, abertura de estradas, e quaesquer outras servidões, e assento de Estabelecimentos publicos; 3.º, para a construcção naval.

Art. 13. O mesmo Governo fará organisar por Freeguasias o registro das terras possuidas, sobre as declarações feitas pelos respectivos possuidores, impondo multas e penas áquelles que deixarem de fazer nos prazos marcados as ditas declarações, ou as fizerem inexactas.

Art. 14. Fica o Governo autorizado a vender as terras devolutas em hasta publica, ou fora della, como e quando julgar mais conveniente, fazendo previamente

a passagem dellas, precedendo a indemnisação das benfeitorias e terreno occupado.

§ 4.º Sujeitar ás disposições das Leis respectivas quaesquer minas que se descobrirem nas mesmas terras.

Art. 17. Os estrangeiros que comprarem terras, e nellas se estabelecerem, ou vierem á sua custa exercer qualquer industria no Paiz, serão naturalizados querendo, depois de dous annos de residencia pela forma politica que o forão os da Colonia de São Leopoldo, e ficarão isentos do serviço militar, menos do da Guarda Nacional dentro do Municipio.

Art. 18. O Governo fica autorizado a mandar vir annualmente á custa do Thesouro, certo numero de colonos livres para serem empregados, pelo tempo que for marcado, em Estabelecimentos agricolas, ou nos trabalhos dirigidos pela Administração publica, ou na formação de Colonias nos lugares em que estas mais convierem; tomando anticipadamente as medidas necessarias para que taes colonos achem emprego logo que desembarcarem.

Aos colonos assim importados são applicaveis as disposições do Artigo antecedente.

Art. 19. O producto dos direitos de Chancellaria e da venda das terras, de que tratão os Arts. 11 e 14 será exclusivamente applicado, 1.º á ulterior medição das terras devolutas, e 2.º á importação de colonos livres, conforme o Artigo precedente.

Art. 20. Em quanto o referido producto não for sufficiente para as despezas a que he destinado, o Governo exigirá annualmente os creditos necessarios para as mesmas despezas, ás quaes applicará desde já as sobras que existirem dos creditos anteriormente dados a favor da colonisação, e mais a somma de duzentos contos de réis.

Art. 21. Fica o Governo autorizado a estabelecer, com o necessario Regulamento, huma Repartição especial, que se denominará — Repartição Geral das Terras publicas — e será encarregada de dirigir a medição, divisão, e descripção das terras devolutas, e sua conservação, de fiscalisar a venda e distribuição dellas, e de promover a colonisação nacional e estrangeira.

Art. 22. O Governo fica autorizado igualmente á impor, nos Regulamentos que fizer para a execução da presente Lei, penas de prisão até tres mezes, e de multa até duzentos mil réis.

Art. 23. Ficão derogadas todas as disposições em contrario.

Mandamos por tanto a todas as Autoridades, a quem o conhecimento, e execução da referida Lei pertencer, que a cumprão, e fação cumprir, e guardar tão inteiramente, como n'ella se contém. O Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palacio do Rio de Janeiro aos dezoito dias do mez de Setembro de mil oitocentos e cincoenta, vigesimo nono da Independencia e do Imperio.

IMPERADOR Com Rubrica e Guarda.

Visconde de Mont'alegre.

Carta de Lei, pela qual Vossa Magestade Imperial manda executar o Decreto da Assembléa Geral, que houve por bem Sanccionar, sobre terras devolutas, semannuarias, posses e colonisação.

Para Vossa Magestade Imperial Ver.

João Gonçalves de Araujo a fez.
Eusebio de Queiroz Collinho Mattoso Camara.

Sellada na Chancellaria do Imperio em 20 de Setembro de 1850.

Josino do Nascimento Silva.
Publicada na Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio em 20 de Setembro de 1850.

José de Paiva Magalhães Calvet.
Registrada a fl. 52 do Lv. 1.º de Actos Legislativos. Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio em 2 de Outubro de 1850.

Bernardo José de Castro.

peza para o corrente exercicio, devendo esta medida ser levada em tempo competente ao conhecimento do Corpo Legislativo. Pedro de Alcantara Bellegarde, do Meu Conselho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra, o tenha assim entendido, e faça executar com os despachos necessarios, Palacio do Rio de Janeiro em trinta de Janeiro de mil oitocentos cincoenta e quatro, trigesimo terceiro da Independencia e do Imperio.

Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador.

Pedro de Alcantara Bellegarde.

DECRETO N.º 1.318 — de 30 de Janeiro de 1854.
Manda executar a Lei N.º 601 de 18 de Setembro de 1850.

Em virtude das autorisações concedidas pela Lei N.º 601 de 18 de Setembro de 1850, Hei por bem que, para execução da mesma Lei, se observe o Regulamento que com este baixa, assignado por Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, do Meu Conselho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, que assim o tenha entendido, e faça executar, Palacio do Rio de Janeiro em trinta de Janeiro de mil oitocentos cincoenta e quatro, trigesimo terceiro da Independencia e do Imperio.

Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador.

Luiz Pedreira do Coutto Ferraz.

Regulamento para execução da Lei N.º 601 de 18 de Setembro de 1850, a que se refere o Decreto desta data.

CAPITULO I.

Da Repartição Geral das Terras Publicas.

Art. 1.º A Repartição Geral das Terras Publicas, creada pela Lei N.º 601 de 18 de Setembro de 1850, fica subordinada ao Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, e constará de hum Director Geral das Terras Publicas, e de hum Fiscal.

Art. 12. As medições serão feitas por territorios, que regularmento formaráo quadrados de seis mil braças de lado, subdivididos em lotes, ou quadrados de quinhentas braças de lado, conforme a regra indicada no Art. 14 da Lei N.º 601 de 18 de Setembro de 1850, e segundo o modo pratico prescripto no Regulamento Especial, que for organiado pela Repartição Geral das Terras Publicas.

Art. 13. Os Agrimensores trabalharão regularmente por contracto, que faráo com o Inspector de cada districto, e no qual se fixará o seu vencimento por braça de medição, comprehendidas todas as despesas com picadores, homens de corda, demarcação, &c., &c.

O preço maximo de cada braça de medição será estabelecido no Regulamento Especial.

Art. 14. O Inspector he o responsavel pela exactidão das medições; o trabalho dos Agrimensores lha será por tanto submettido; e sendo por elle approvedo, procederá á formação dos mapps de cada hum dos territorios medidos.

Art. 15. Destes mapps faráo extrahir tres copias, huma para a Repartição Geral das Terras Publicas, outra para o Delegado da Provincia respectiva, e outra que deve permanecer em seu poder; formando a final hum mappa geral do seu districto.

Art. 16. Estes mapps serão acompanhados de memoriaes, contendo as notas descriptivas do terreno medido, e todas as outras indicações, que doverem ser feitas em conformidade do Regulamento Especial das medições.

Art. 17. A medição começará pelas terras, que se reputarem devolutas, e que não estiverem encravadas por posses, annunciando-se por editaes, e pelos jornaes, se os houver no districto, a medição, que se vai fazer.

Art. 18. O Governo poderá com tudo, se julgar conveniente, mandar proceder á medição das terras devolutas contiguas tanto ás terras, que se acharem no dominio particular, como ás posses sujeitas á legitimação, e sesmarias, e concessões do Governo sujeitas á revalidação, respeitando os limites de humas, e outras.

Art. 19. Neste caso, se es proprietaries, ou possessores visinhos se sentirem prejudicados, apresentarão ao Agrimensor petição, em que expozão o prejuizo, que soffrerem. Não obstante continuará a medição; e ultimada ella, organizados pelo Inspector o memorial, e mappa respectivos, será tudo remetido ao Juiz Municipal, se o peticionario prejudicado for possuidor, ou sesmeiro não sujeito á legitimação, ou revalidação, e ao Juiz Commissario creado pelo Art. 30 deste Regulamento, se o dito peticionario for possuidor, ou sesmeiro sujeito á revalidação, ou legitimação. Tanto o Juiz Municipal, como o Commissario darão vista aos oppoentes por cinco

...sistro dentro de suas Freguezias, fazendo-o por si, ou por es-
crevintes, que poderão nomear, e ter sob sua responsabilidade.
Art. 98. Os Vigarios, logo que for marcada a data
primeiro prazo, de que trata o Art. 91, insinuarão a seus fe-
grezes da obrigação, em que estão, de fazerem registrar as ter-
ras, que possuírem, declarando-lhes o prazo, em que o devem
fazer, as penas em que incorrem, e dando-lhes todas as ex-
plicas, que ligarem necessarias para o bom cumprimento
da referida obrigação.

Art. 99. Estas legiçôes serão dadas nas Missas con-
ventuais, publicadas por todos os meios, que parecerem ne-
cessarios para o conhecimento dos respectivos freguezos.

Art. 100. As declarações das terras possuidas devem con-
ter: o nome do possuidor, a designação da Freguezia, em que
estão situadas; o nome particular da situação, se o tiver;
sua extensão, se for conhecida; e seus limites.

Art. 101. As pessoas obrigadas ao registro apresentarão
ao respectivo Vigario os dois exemplares, de que trata o Art.
93; e sendo conferidos por elle, achando-os iguaes e em regra,
fará em ambos huma nota, que designe o dia de sua apresen-
tação; e assignando na notas de ambos os exemplares, entre-
gará hum delles, ao apresentante para lhe servir de prova de
haver, cumprido a obrigação do registro, guardando o outro
para fazer esse registro.

Art. 102. Se os exemplares não contiverem as declara-
ções necessarias, os Vigarios poderão fazer aos apresentantes
as observações convenientes a instrui-los do modo, por que de-
vem ser feitas essas declarações, no caso de que lhes pareça
não satisfazer ellas ao disposto no Art. 100, ou de contarem
erros notorios: se porém as partes insistirem no registro de
suas declarações pelo modo por que se acharem feitas, os Vi-
garios não poderão recusá-las.

Art. 103. Os Vigarios terão livros de registro por elles
abertos, numerados, rubricados e encerrados. Nesses livros lan-
çará por si, ou por seus escreventes, textualmente, as decla-
rações, que lhes forem apresentadas, e por esse registro cor-
brão do declarante o emolumento correspondente ao numero
de letras, que contiver hum exemplar, e de dois reales
por letra, e do que receberem farão notar ambos os ex-
emplares.

Art. 104. Os exemplares, que ficarem em poder dos Vi-
garios serão por elles emmassados, e numerados pela ordem,
que forem recebidos, notando em cada hum a folha do livro,
em que foi registrado.

Art. 105. Os Vigarios, que extraviarem alguma das de-
clarações, não fizerem o registro, ou nelle commetterem erros,
que alterem, ou tornem intelligiveis os nomes, designação,
extensão, e limites, de que trata o Art. 100 deste Regula-

mentos especiaes, a quem serão dadas instruções particu-
lares para regular a extensão, que devem ter os territorios, que
forem medidos dentro da zona de dez leguas, bem como a ex-
tensão dos quadradros, ou lotes, em que hão de ser subdivi-
didos os territorios medidos.

Art. 84. Deliberado o estabelecimento das Colonias Mi-
litares, o Governo marcará o numero de lotes, que hão de
ser distribuidos gratuitamente aos Colonos, e aos outros povoa-
dores nacionaes e estrangeiros: as condições dessa distribuição,
e as Autoridades, que hão de conferir os titulos.

Art. 85. Os Emprezaarios, que pretenderem fazer povoa-
r quaisquer terras devolutas comprehendidas na zona de dez le-
guas nos limites do Imperio com Paizes estrangeiros, impor-
tando para ellas, a sua custa, colonos nacionaes ou estrangeiros,
deverão dirigir suas proposições ao Governo Imperial, por inter-
medio do Director Geral das Terras Publicas, sob as bases:
1.ª da concessão aos ditos Emprezaarios de dez leguas em qua-
dro ou o seu equivalente para cada Colonia de mil e seiscentas
almas, sendo as terras de cultura, e quatrocentas sendo campos
proprios para criação de animais: 2.ª de hum subsidio para
ajuda da empreza, que será regulado segundo as difficuldades
que ella offerecer.

Art. 86. As terras assim concedidas deverão ser medidas
à custa dos Emprezaarios pelos Inspectores, e Agrimensores, na
forma, que for designada no acto da concessão.

CAPITULO VIII.

Da conservação das terras devolutas e alheias.

Art. 87. Os Juizes Municipaes são os Conservadores das
terras devolutas. Os Delegados e Subdelegados exercerão tam-
bem as funções de Conservadores em seus districtos, e, como
taes, deverão proceder *ex-officio* contra os que commette-
rem os delictos, de que trata o Artigo seguinte, e remetter,
depois de preparados, os respectivos autos ao Juiz Municipal do
Termo para o julgamento final.

Art. 88. Os Juizes Municipaes, logo que receberem os
autos mencionados no Artigo antecedente, ou chegar ao seu co-
nhecimento, por qualquer meio, que algum se tem appoado
de terras devolutas, ou derribado seus matos, ou nelles lan-
çado fogo, procedendo immediatamente *ex-officio* contra os
delinquentes, processando-os pela forma, por que se processa
os que violam as Posturas Municipaes, e impondo-lhes as penas
do Art. 2.º da Lei n.º 601 de 18 de Setembro de 1850.

Art. 89. O mesmo procedimento terão, a requerimento
dos proprietarios, contra os que se appossarem de suas terras,

dias para deduzirem seus embargos, que serão decididos, os
deduzidos perante o Juiz Commissario nos termos, e com o
recurso do Art. 47; e os deduzidos perante o Juiz Municipal
na forma das Leis existentes, e com recurso para as Auto-
ridades judiciaes competentes.

Art. 20. As posses estabelecidas depois da publicação do
presente Regulamento não devem ser respeitadas. Quando os
Inspectores, e Agrimensores encontrarem semelhantes posses,
o participarão aos Juizes Municipaes para providenciarem na
conformidade do Art. 2.º da Lei supracitada.

Art. 21. Os Inspectores não terão ordenado fixo, mas
são gratificações pelas medições, que fizerem, as quaes serão
estabelecidas sob proposta do Director Geral das Terras Pu-
blicas, com attenção as difficuldades, que offerecerem as terras
a medir.

CAPITULO III.

Da reválidação, e legitimação das terras, e modo pratico de
exercer o dominio publico do particular.

Art. 22. Todo o possuidor de terras, que tiver titulo le-
gitimo da aquisição do seu dominio, quer as terras, que fi-
zerem parte d'elle, tenham sido originariamente adquiridas por
posses de seus antecessores, quer por concessões do sesmaria não
medidas, ou não confirmadas, nem cultivadas, se acha ga-
rantido em seu dominio qualquer, que for a sua extensão,
por virtude do disposto no § 2.º do Art. 3.º da Lei n.º 601
de 18 de Setembro de 1850, que exclui do dominio publico,
e considera como não devolutas, todas as terras, que se acha-
rem no dominio particular, por qualquer titulo legitimo.

Art. 23. Estes possuidores, bem como os que tiverem
terras havidas por sesmarias, e outras concessões do Governo
Geral, ou Provincial, não incursas em commissão por falta de
cumprimento das condições de medição, confirmação, e cul-
tura, não tem precisão de reválidação, nem de legitimação, nem
de novos titulos para poderem gozar, hypothecar, ou alienar
os terrenos, que se achão no seu dominio.

Art. 24. Estão sujeitos á legitimação:
§ 1.º As posses, que se acharem em poder do primeiro occu-
pante, não tendo outro titulo, senão a sua occupação.

§ 2.º As que, posto se achem em poder de segundo occu-
pante, não tiverem sido por este adquiridas por titulo legitimo.

§ 3.º As que, achando-se em poder do primeiro occupante,
at a data da publicação do presente Regulamento, tiverem
sido alienadas contra a prohibição do Art. 11 da Lei n.º 601
de 18 de Setembro de 1850.

Art. 25. São titulos legitimos todos aquelles, que segundo
o direito são aptos para transferir o dominio.

DECRETO N. SDE - 28-9-71/N. 844

Dispõe sôbre normas para a regionalização das atividades da administração estadual, o planejamento e o desenvolvimento Micro-Regionais e dá outras providências.

O governador do Estado de Santa Catarina, no uso de suas atribuições,

CONSIDERANDO:

1º - que é indispensável ao maior rendimento das atividades governamentais que se promova em nível territorial inferior ao estadual a racionalização das redações entre os órgãos dos diferentes setores da Administração Pública;

2º - a importância de que todos os órgãos governamentais, em seus diferentes níveis administrativos e nos diversos setores de atividades, adotem divisões geográficas para fins de planejamento, favorecendo assim um tratamento mais coerente do conjunto dos problemas sócio-econômicos de cada comunidade;

3º - a inadiável conveniência de levar a Administração Estadual a adotar critérios de localização para suas instalações e atividades que lhes proporcionem maior rendimento, eficiência e adequação às realidades regionais e evitem a excessiva centralização administrativa;

4º - a necessidade de serem organizados o território do Estado e os seus equipamentos de infra estrutura segundo uma visão de conjunto, de forma a atender peculiares exigências do desenvolvimento de cada uma das regiões sócio-econômicas do Estado, notadamente no que respeita à urbanização e à industrialização;

5º - o interesse em facilitar o diálogo e a colaboração entre Estado e Municípios através da instituição de unidades territoriais que reúnam vários municípios interdependentes social e economicamente, de modo a que novas formas associativas sejam encontradas, visando ao desenvolvimento local.

D E C R E T A:

Art. 1º - Fica aprovado o modelo de unidades territoriais polarizadas que servirá à finalidade de regionalização da ação governamental e do seu planejamento.

§ 1º - As unidades territoriais mencionadas neste artigo, são áreas geográficas definidas em diferentes escalões e associadas cada uma delas a um município pólo principal.

§ 2º - Os diversos órgãos governamentais com atividades regionais polarizadas adaptar-se-ão, no prazo de sessenta (60) dias, aos termos deste decreto. (sic).

Art. 2º - O sistema de unidades territoriais polarizadas do Estado, comportará dois escalões básicos:

- a) - O escalão das Regiões comportando 13 unidades.
- b) - O escalão das sub-Regiões comportando 30 unidades caracterizadas como Centros dinâmicos.

Parágrafo único - As Regiões e Sub-Regiões compõem-se de municípios agrupados da seguinte forma:

1. Região da Grande Florianópolis (GRANFPOLIS)

Águas Mornas - Nova Trento - Angelina - Palhoça - Anitápolis - Paulo Lopes - Antônio Carlos - Rancho Queimado - Biguaçu - Santo Amaro da Imperatriz - Canelinha - São Bonifácio - Garopaba - São João Batista - Governador Celso Ramos - São José - Florianópolis - Tijucas - Major Gercino - Leoberto Leal.

1.1 - Sub-Região

Florianópolis - São José - Palhoça - Biguaçu.

1.2 - Sub-Região: São João Batista - Canelinha.

2. Região da Foz do Rio Itajai (AMFR!)

Balneário de Camboriú - Itapema - Camboriú - Navegantes - Ilhota - Pôrto Belo - Itajai.

2.1 - Sub-Região

Itajai - Balneário de Camboriú - Navegantes.

3 - Região do Médio Vale do Itajai (AMVI)

Ascurra - Guabiruba - Benedito Novo - Indaial - Blumenau - Pomerode - Botuverá - Rio dos Cedros - Brusque - Rodeio - Gaspar - Timbó - Vidal Ramos.

3.1 - Sub-Região

Blumenau - Gaspar - Indaial - Timbó - Pomerode.

3.2 - Sub-Região

Brusque - Guabiruba.

4 - Região do Vale do Itajai (AMANV)

Agrolândia - Pouso Redondo - Agronômica - Presidente Getúlio - Atalanta - Presidente Nereu - Aurora - Rio do Campo - Dona Emma - Rio do Oeste - Ibirama - Rio do Sul - Imbuia - Salete - Ituporanga - Taió - Laurentino - Trombudo Central - Lontras - Witmarsum - Petrolândia.

4.1 - Sub-Região

Rio do Sul - Lontras - Aurora - Agronômicas - Laurentino.

4.2 - Sub-Região: Taió - Rio do Oeste - Salete.

4.3 - Sub-Região: Ibirama - Presidente Getúlio.

5. Região Nordeste de Santa Catarina (FIDESC)

Araquari - Luiz Alves - Barra Velha - Massaranduba - Campo Alegre - Penha - Curupá - Piçarras - Garuva - Rio Negrinho - Guaramirim - São Bento do Sul - Jaraguá do Sul - São Francisco do Sul - Joinville - Schroeder.

5.1 - Sub-Região

Jaraguá do Sul - Guaramirim - Corupá.

5.2 - Sub-Região

Joinville - Araquari - São Francisco do Sul - Barra Velha - Garuva.

5.3 - Sub-Região: São Bento do Sul - Rio Negrinho.

6. Região do Planalto Norte (AMPLA)

Canoinhas - Major Vieira - Irianópolis - Monte Castelo - Itaiópolis - Papanduva - Mafra - Pôrto União - Três Barras .

6.1 - Sub-Região: Mafra - Itaiópolis.

6.2 - Sub-Região: Canoinhas - Três Barras.

6.3 - Pôrto União.

7. Região do Alto do Rio do Peixe (AMARP)

Arroio Trinta - Matos Costa - Caçador - Rio das Antas - Curitibanos - Salto Veloso - Fraiburgo - Santa Cecília - Lebon Régis - Videira.

7.1 - Sub-Região: Caçador.

7.2 - Sub-Região: Videira - Fraiburgo.

7.3 - Sub-Região: Curitibanos - Santa Cecília.

8. Região do Meio Oeste Catarinense (AMMOC)

Água Doce - Joaçaba - Campos Novos - Lacerdópolis - Capinzal - Ouro - Catanduvás - Peritiba - Concórdia - Pinheiro Preto - Erval Velho - Piratuba - Herval do Oeste - Ponte Serrada - Ibicaré - Presidente Castelo Branco - Ipira - Seara - Ipumirim - Tangará - Irani - Treze Tílias - Itá - Xavantina - Jaborá.

8.1 - Sub-Região

Joaçaba - Herval d'Oeste - Tangará.

8.2 - Sub-Região: Concórdia - Seara.

8.3 - Sub-Região: Campos Novos.

9. Região do Oeste de Santa Catarina (AMOSC)

Abelardo Luz - Modêlo - Águas de Chapecó - Nova Erechim - Caibi - Palmitos - Campo Erê - Pinhalzinho - Caxambu do Sul - Quilombo - Chapecó - São Carlos - Coronel Freitas - São Domingos - Cunha Forã - São Lourenço do Oeste - Faxinal dos Guedes - Saudades - Galvão - Vargeão - Maravilha - Xanxerê - Xaxim.

9.1 - Sub-Região: Chapecó - Xaxim - Xanxerê.

9.2 - Sub-Região: São Lourenço do Oeste.

9.3 - Sub-Região: Maravilha.

10 - Região do Extremo Oeste de Santa Catarina

(AMEOSC)

Anchieta - Mondai - Descanso - Palma Sola - Dionísio Cerqueira - Romelandia - Guaraciaba - São José dos Cedros - Guajará do Sul - São Miguel D'Oeste - Itapiranga.

10.1 - Sub-Região: São Miguel d'Oeste.

10.2 - Sub-Região: Itapiranga.

11. Região Serrana (AMURES)

Alfredo Wagner - Lages - Anita Garibaldi - Ponte Alta - Bom Jardim da Serra - São Joaquin - Bom Retiro - São José do Cerrito - Campo Belo do Sul - Urubici.

11.1 - Sub-Região: Lages.

11.2 - Sub-Região: São Joaquin - Urubici.

12. Região de Laguna 9 (AMUREL)

Armazém - Orleães - Braço do Norte - Pedras Grandes - Grão Pará - Rio Fortuna - Gravatal - Santa Rosa de Lima - Imaruí - São Ludgero - Imbituba - São Martinho - Jaguaruna - Treze de Maio - Laguna - Tubarão.

12.1 - Sub-Região: Tubarão - Laguna - Imbituba.

13. Região Sul de Santa Catarina (AMSESC)

Araranguá - Nova Veneza - Criciúma - Praia Grande - Içara - São João do Sul - Jacinto Machado - Siderópolis - Lauro

Muller - Sombrio - Maracajá - Timbé do Sul - Moleiro - Turvo -
Morro da Fumaça - Urussanga.

13.1 - Sub-Região : Cricíma.

13.2 - Sub-Região : Arananguá.

Art. 3º - Este decreto entrará em vigor na data de
sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo, em Florianópolis, em 28 de setem-
bro de 1971. (*)

COLOMBO MACHADO SALLES

Alcides Abreu.

DECRETO N/SDE-28-12-73/N.1.190 (**)

Altera a composição das unidades ter-
ritoriais de que trata o Decreto N/
SDE-28-09-71/N. 844

O Governador do Estado de Santa Catarina, no uso de
suas atribuições, e

CONSIDERANDO: a adoção da divisão micro-regional do
Estado, como medida de racionalização do planejamento estadual e
de articulação da administração estadual com o processo de desen-
volvimento dos municípios, consoante os termos do Decreto N/SDE-
28.09.71/844; a realização de pesquisa sobre as condições estrutu-
rais dos centros dinâmicos resignados no Projeto Catarinense de
Desenvolvimento, com o objetivo de definir as bases para uma po-
lítica de desenvolvimento urbano e de integração da rede urbana
estadual; a constatação da necessidade de alterações na divisão
micro-regional do Estado estabelecida pelo referido Decreto, em
resultado dos estudos e pesquisas realizados, a fim de alcançar

*Este decreto governamental foi publicado no Diário Oficial do
dia 27 de outubro de 1971.

** Publicado no Diário Oficial dia 31 de dezembro de 1973.

(*) (**) Estas leis foram copiadas na íntegra conservando os a-
centos da velha nomenclatura sem usar (sic) para cada acento.

maior adequação da divisão geo-política ao planejamento estadual e viabilizar a articulação setorial do planejamento (níveis micro-regional e nacional), objetivo do Sistema Nacional de Planejamento e meta do Plano Nacional de Desenvolvimento.

D E C R E T A:

Art.1º - Ficam desmembrados da região Nordeste de Santa Catarina os municípios de Luiz Alves, Penha e Piçarras que passam a integrar a região da Foz do Rio Itajaí.

Art.2º - Para os fins do Decreto N/SDE-28-09-71/N.844, fica criada a região do Alto Rio Uruguai com unidades territoriais desmembradas da Região do Meio Oeste Catarinense, composta dos seguintes municípios:

14. Região do Alto Rio Uruguai

Concórdia - Ipira - Ipumirim - Irani - Itá - Jaborá - Peritiba - Piratuba - Pres.Castelo Branco - Seára - Xavantina.

14.1 Sub-Região: Concórdia - Seára.

Art.3º - O número de unidades do escalão das regiões mencionadas na alínea a, do artigo 2º do Decreto N/SDE-28-09-71/N. 844, fica alterado de 13 para 14.

Art.4º - Fica delegado à Secretaria do Desenvolvimento Econômico o acompanhamento, através de sua Coordenação de Desenvolvimento Micro-Regional e Municipal, de todos os estudos que se efetuarem com vistas a novas alterações na divisão micro-regional do Estado.

Art.5º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Florianópolis, em 28 de dezembro de 1973.

COLOMBO MACHADO SALLES
Marcelo Bandeira Maia
Evaldo Amaral
Henrique Manoel Prisco Paraiso
Glauco Olinger
Paulo Mello Mendes de Carvalho
Hoyedo de Gouvêa Lins

Epitácio Bittencourt
Nelson Abreu
Orlando Bertoli
Sérgio Uchôa Rezende
Paulo Henrique Blasi
Plínio Arlindo De Nês
Paulo Müller de Aguiar

SÍNTESE DAS LEIS QUE CRIARAM O MUNICÍPIO

1. O município, com o nome de Cruzeiro e sede provisória em Limeira, então simples povoado, foi criado pela lei estadual n.1147, de 25 de agosto de 1917, mas somente foi instalado em 10 de novembro do mesmo ano. Anteriormente era território "contestado" e pertencia ao Paraná, município de Palmas.

2. Pela lei municipal n.15, de 2 de janeiro de 1919 foi criado o distrito de Limeira, continuando a sede, todavia, como simples povoado.

3. Pela lei estadual n.1243, de 20 de agosto de 1919, a sede do município foi transferida para o povoado de Catanduva (singular), que passou à categoria de vila, com o mesmo nome do município, isto é, Cruzeiro.

4. Pelo decreto estadual n.1948, de 8 de março de 1926, a sede do município, este ainda com o nome de Cruzeiro, passou novamente para o povoado de Limeira, que foi elevado à categoria de vila, com o mesmo nome de Limeira, voltando a vila de Cruzeiro (Catanduva), à categoria de povoado, por não admitir a lei de então a categoria de vila senão para as sedes de município.

5. Pela lei estadual n.1608, de 24 de setembro de 1928, a vila de Limeira passou a chamar-se Cruzeiro do Sul e a povoação de Catanduva, então denominada Cruzeiro, passou a denominar-se "Catanduvás" (plural), continuando porém o município com o nome de Cruzeiro.

6. Pelo decreto-lei estadual n.86, de 3 de março de 1938, a vila de Cruzeiro do Sul foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Cruzeiro, ficando então a cidade e o município com este mesmo nome.

7. Finalmente, pelo decreto-lei estadual n.238, de 31 de dezembro de 1943, que fixou a nova divisão administrativa do Estado, em obediência à legislação federal que proibia a duplicidade de topônimos para cidades e vilas brasileiras, o município e a cidade passaram a denominar-se Joaçaba, que em tupi-guarani quer dizer "Cruzeiro" ou "Encruzilhada".



Prefeitura Municipal de Ponte Serrada

Estado de Santa Catarina

-228-

DADOS EXTRAIDOS DO PRIMEIRO LIVRO DE ATAS DA INSTALAÇÃO DO MUNICIPIO DE PONTE SERRADA SC.

O município de Ponte Serrada foi criado dia 21 de junho de 1958 pela Lei Nº 348 de 21 de junho de 1958.

Sua instalação ocorreu no dia 27 de julho de 1958 pela Lei Nº 348 de 21 de junho de 1958, sob a presidência do M.M. Juiz Substituição Dr. Heinz Theodor Sstriffler.

Consta no Album histórico fotográfico desta prefeitura os seguintes dizeres:

" O município de Ponte Serrada foi desmembrada do Município de Joaçaba pela Lei Nº 348 em 21 de junho de 1958. Sendo seu primeiro Prefeito provisório - sr. Ines Coletti, seu primeiro prefeito eleito foi o Sr. Pedro Domingos Bortolaz com o mandato de 19 de fevereiro de 1959 a 19 de fevereiro de 1964. Em 14 de agosto de 1928 vindo do Rio Grande do Sul José Bortollaz em lombos de burro, com sua família sendo o primeiro morador da então Ponte Serrada. Fundou sua morada havendo somente sua residência e mais um armazém de recebimento de esva-mate, tipo barbaquã, da firma Angelo De Carli.

Os limites atuais do nosso Município são:

Ao norte com Palmas estado do Paraná.

Ao Sul com Irani e Concórdia.

A Oeste Abelardo Luz e Vargeão.

Ao leste com Catandúvas, Agua Doce e Irani.

Sua extensão é de aproximadamente 1.062 Km²

Sua altitude é de 1062,30 cm.

Ponte Serrada, 02 de Dezembro de 1976

Jacinta M. Zotti

Sec. de Administração

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL 230



ESTADO DE SANTA CATARINA
COMARCA DE JOACABA

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS

Antonio Henrique Fernandes
Oficial Vitalício

CERTIDÃO

CERTIFICO a pedido verbal de parte interessada, que revendo em meu Cartorio o livro findo de Transcrição das Transmissões nº 3" nêles as fls.2, consta a transcrição nº12, o qual figura como adquirente:- JOÃO VICELLI.-- Consta de uma área de terras de cultura, com dez milhões de metros quadrados(10.000.000ms2), havidos a titulo de legitimação do Governo do Estado do Paraná, juntamente com João Ferreira da Silva e outros à margem direita do Rio do Peixe, situado em Pose Cassianos, Comarca de Cruzeiro.-- Figura como transmitente:- Francisco Ferreira de Almeida e s.m. - Data da transcrição:- 09 de fevereiro de 1.918.-- Coluna de averbações:- Transferido, conforme nºs 22,23,24,25 e 26, do livro nº6 e mesmos nºs deste livro nº3.-- Almeida Pimpão Of.do Reg.-- O referido é verdade e dou fé.***.***.***.***.***.***.***.***.***.***

Joaçaba, 01 de dezembro de 1.976



Oficial do Reg. de Imóveis 1º ofc.

4.-15
55

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

231 -231-

ESTADO DE SANTA CATARINA
COMARCA DE JOACABA



CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS



Antonio Henrique Fernandes
Oficial Vitalício

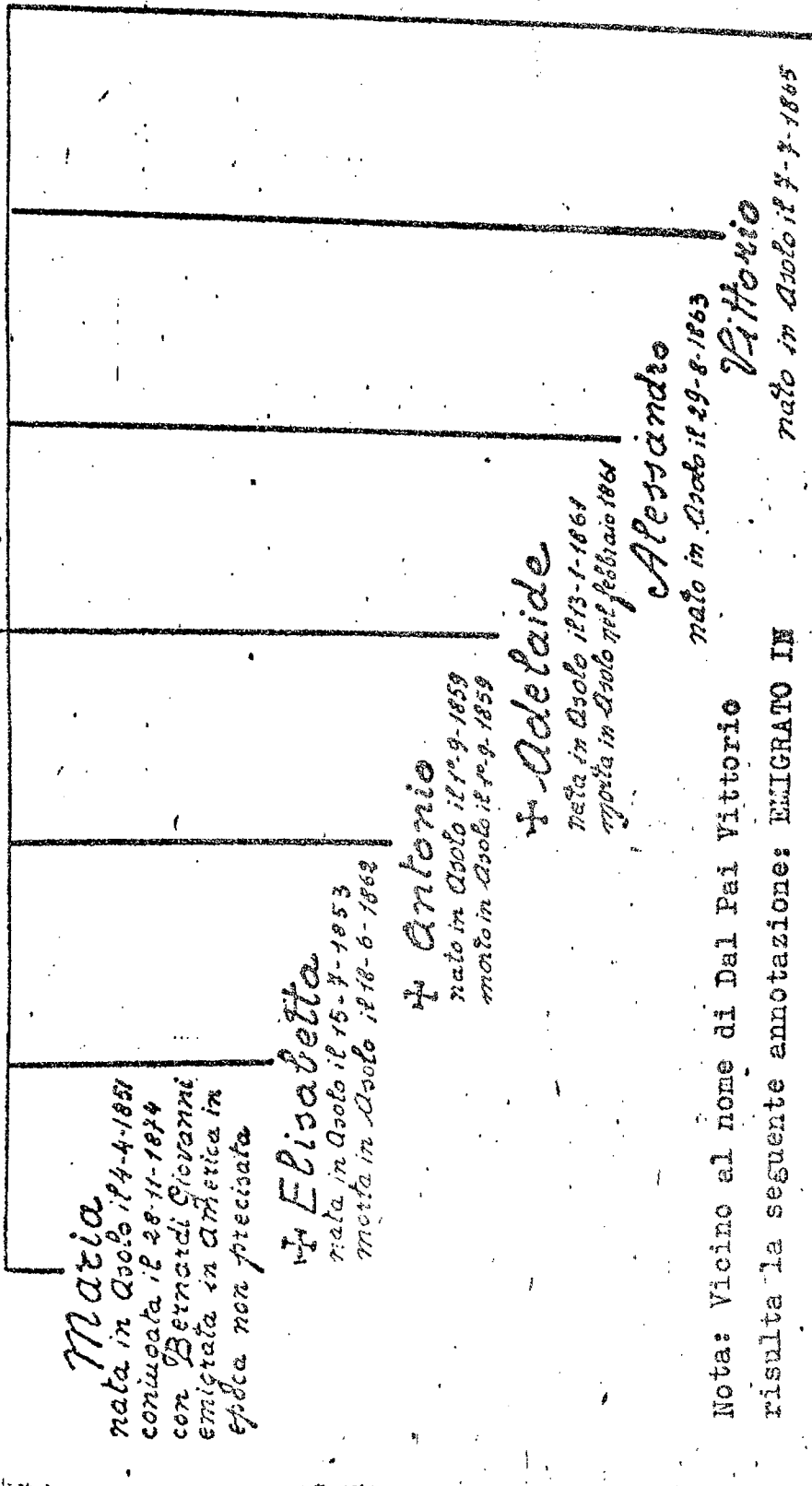
CERTIDÃO

CERTIFICO a pedido verbal de parte interessada, que revendo em meu Cartorio o livro findo de Transcrição das Transmissões nº 3"H" nêle as fls.190, consta a transcrição nº8.765, o qual figuram como adquirentes:- LUIZ E FIORAVANTE ISAIAS ABATTI.- Consta do lote nº37, em duas partes de cento e setenta e quatro mil e novecentos metros quadrados(174.900ms2), cada uma, confrontando a 1ª:- Noroeste, com o lote nº36; Sudeste, com a outra parte do mesmo lote nº37; Nordeste, com o Lageado Marcolino, que faz divisa natural e Sudoeste, com o lote nº46, que fica pertencente ao comprador Luiz Abatti.- a 2ª parte, confronta:- Noroeste, com a outra parte do mesmo lote nº37; Sudeste, com o lote nº38; Nordeste, com o Lageado Marcolino, que faz divisa natural e Sudoeste, com o lote nº43, que fica pertencendo ao comprador Fioravante Isaias Abatti, situado na Colonia Erval, Propriedade Lageado-Leãozinho, 10º Bloco, 1º Distrito.- Figura como transmitente:- Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande.- Data da transcrição:- 30 de março de 1.939.- Coluna de averbações:- Parte de Fioravante Isaias Abatti, para Pascoal Jose Marchezini, reg.nº31.759; fls.270; Lº3"AC" em 01 de agosto de 1.974.- Parte de Luiz Abatti, para Angelo Abatti, reg.nº32.239; fls.117; Lº3"AD" em 06 de fevereiro de 1.975.- Parte de Luiz Abatti, com 2.000ms2, para Fazenda do Estado de Santa Catarina, Reg.nº32.987; fls.12; Lº3"AE" em 05 de novembro de 1.975.- O referido é verdade e dou fé.*****

Antonio Henrique Fernandes
78

ANTENATO GENEALOGICO DELLA FAMIGLIA DI DAL PAI ANGELO FU FELICE E FU CIVIDAL ... AD ASOLO
il 24 febbraio 1824, di professione barradore, coniugato con Carraro Anna nel febbraio del 1843 e
Morto in Asolo il 25 Dicembre 1881.

Dal Pai Angelo



Maria

nata in Asolo il 14-4-1851
coniugata il 28-11-1874
con Bernardi Giovanni
emigrata in America in
epoca non precisata

✦ *Elisabetta*

nata in Asolo il 15-7-1853
morta in Asolo il 18-6-1862

✦ *Antonio*

nato in Asolo il 1°-9-1859
morta in Asolo il 1°-9-1859

✦ *Adelaide*

nata in Asolo 1813-1-1861
morta in Asolo nel febbraio 1861

Alessandro

nato in Asolo il 29-8-1863

Vittorio

nato in Asolo il 7-7-1865

Nota: Vicino al nome di Dal Pai Vittorio

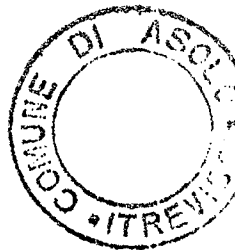
risulta la seguente annotazione: EMIGRATO IN

AMERICA CON LA MADRE E CON I FRATELLI NEL MESE

DI SETTEMBRE 1891.

Massimo

nato in Asolo il 21-5-1867.



L'Ufficio di Magistrate

CD. 0 176.

CERTIFICATO DI BUONA CONDOTTA E MORALITÀ

~~IL SINDACO~~

DEL

Comune di _____

assunte le debite informazioni

ATTESTA

che *Lago Ida*

figlio di *Emilio e Di Cardiotto Emma*
nata in *Villadelconte il 11-2-1910*

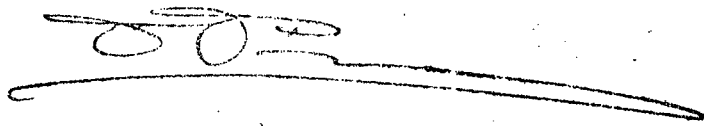
è persona di buona condotta e moralità come tale conosciuta in
questo Comune ove ebbe la sua residenza dal la nascita

_____ e che mai in questo frattempo ebbe a
risentire pregiudizio la sua fama di onesto cittadino.

*Il presente si rilascia per uso migra-
zione*

Addi *16 Dicembre 1926*

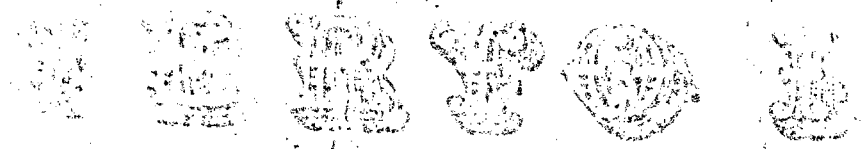
~~IL SINDACO~~




Handwritten notes in the top left corner, possibly including a date like '20/12/14'.



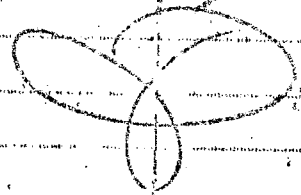
IL RE DEL REGNO DI SICILIA



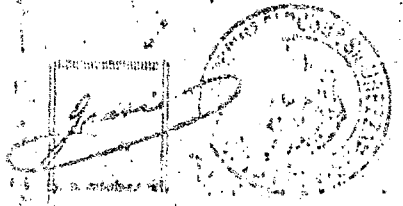
MINISTERO DELLA GUERRA

ROMA

*Ministero per gli Affari Esteri
L'Espresso di Sua Maestà
Le potenze amiche ed alleate di Sua Maestà
per il presente passaporto sono autorizzate a liberamente passare
per il Regno di Sicilia per recarsi in ogni parte del Regno
e per recarsi in ogni parte del Regno di Sicilia
e per recarsi in ogni parte del Regno di Sicilia*



*Il presente Passaporto rilasciato in Catania
il giorno di ... millecento ...
Dato nel ...
è valido per ...*



*Per delegazione
del ministro per gli affari esteri
Il Segretario
[Signature]*

Vertical text on the left margin, possibly from a ledger or index, including words like 'mazz.', 'pag.', 'cittadini', 'del laico'.

Categoria 3
Classe 12.15
Anno di nascita 1895

Corpo cui fu trasferito all'atto del
congedamento (4) -235-



(1) SP. ...

Foglio di congedo illimitato

per Sudd. Pietro ...

che si rilascia a Sergo ...

N° di matricola 4848 (29) il quale prende
domicilio nel Comune di Villa del Conte
Mandamento di Carrario ... Distretto
militare di Padova

(2) ...
... azione di ... condotta e ...
... di ...

addì 8 Settembre 1913

Firma del Titolare (3)

Il Comandante del Corpo



Comune di VILLA DEL CONTE

Visto, addì 10 Settembre 1913

Il Sindaco



Handwritten signature

Handwritten signature

DELEGACIA DE POLÍCIA DE CRUZEIRO

CERTIDÃO

Certifico, na forma do art. 149, § 2º, do Decreto n. 3.010, de 20 de agosto de 1938, que o Sr. João Lago (nome) do livro competente n. 2, prestou as seguintes declarações: registrado à fls. 8

Nome: João Lago
Idade: 46 anos Nacionalidade: italiana Estado civil: casado
Residência: Cruzeiro Profissão: lavrador

Onde trabalha: em suas terras
Há quanto tempo reside no Brasil: há 15 anos

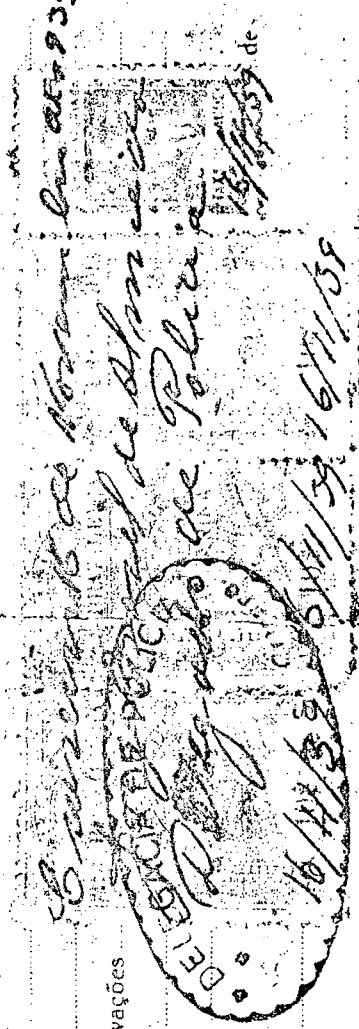
ESPOSA: Nome: Maria Campagnolo

Nacionalidade: brasileira digo italiana Idade: 41 anos

FILHOS MENORES DE 18 ANOS:

NOME	NACIONALIDADE	IDADE
<u>Severina</u>	<u>Italiana</u>	<u>10 anos</u>
<u>José</u>	<u>Brasileiro</u>	<u>14 anos</u>
<u>Danila</u>	"	<u>8 anos</u>
<u>Arino</u>	"	<u>6 anos</u>

Observações



DELEGADO DE POLÍCIA

NOTA - Esta certidão constitui prova da permanência legal no país, do seu possuidor (Regulamento de Imigração - Art. 149, § 2º)

DELEGACIA DE POLÍCIA DE CRUZEIRO

CERTIDÃO

Certifico, na forma do art. 149, § 2º, do Decreto n. 3.010, de 20 de agosto de 1938, que o Sr. Maria Campagnolo (nome) do livro competente n. 2, prestou as seguintes declarações: registrado à fls. 21

Nome: Maria Campagnolo
Idade: 41 anos Nacionalidade: italiana Estado civil: casada
Residência: Cruzeiro Profissão: doméstica

Onde trabalha:
Há quanto tempo reside no Brasil: há 15 anos

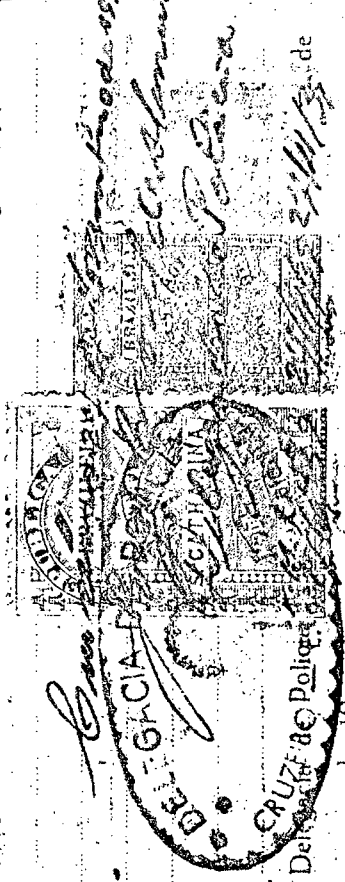
ESPOSA: Nome: João Lago

Nacionalidade: italiana Idade: 40

FILHOS MENORES DE 18 ANOS:

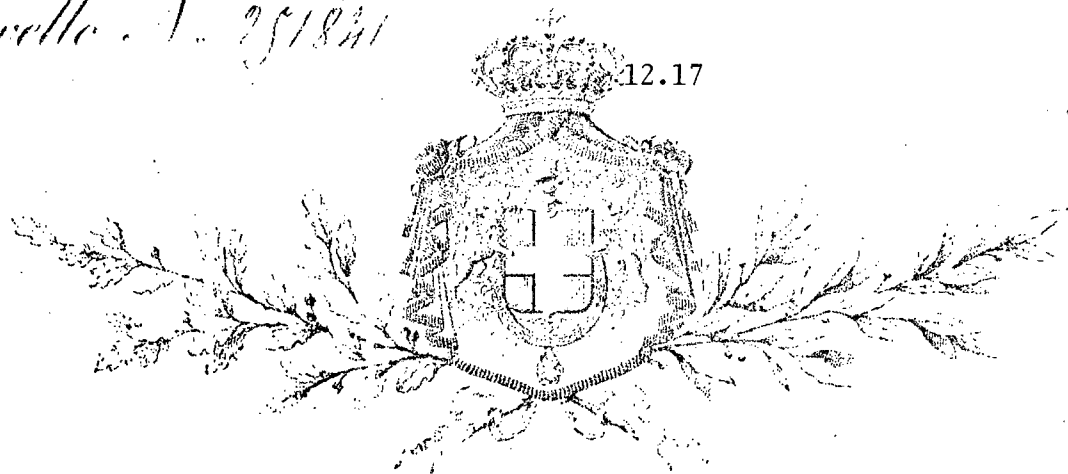
NOME	NACIONALIDADE	IDADE
<u>Severina Lago</u>	<u>Italiana</u>	<u>16 anos</u>
<u>Jose Lago</u>	<u>Brasileiro</u>	<u>10 anos</u>
<u>Danilo Lago</u>	"	<u>8 anos</u>
<u>Arino Lago</u>	"	<u>6 anos</u>

Observações



DELEGADO DE POLÍCIA

NOTA - Esta certidão constitui prova da permanência legal no país, do seu possuidor (Regulamento de Imigração - Art. 149, § 2º)



MEDAGLIA COMMEMORATIVA DELLA GUERRA DI LIBIA

istituita coi R. Decreti in data 21 Novembre 1912 e 6 Settembre 1913

Al Ministro della Guerra

avvertendo che il Soldato del 35° Reggimento Santeramo

Lago Giovanni di Giuseppe

trovasi nelle condizioni previste dal

R. Decreto 6 settembre 1913 lo autorizzo

*a fregiarsi della Medaglia istituita a ricordo
della Guerra di Libia*

Roma, addì 20 giugno 1914

Il Ministro

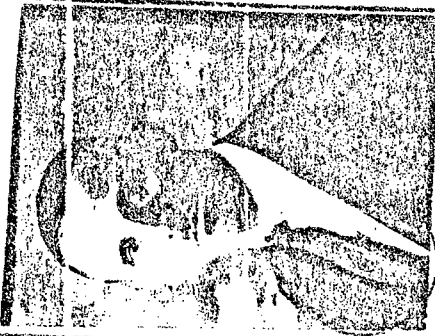
Grandi

12.18

COGNOME E NOME		239	
RAPPORTO di parentela col titolare			
RTA. LUOGO DI NASCITA			
ANNOTAZIONI			

Titolari di 16 anni che accompagnano il titolare del presente passaporto.

CONNOTI	
Statura	1,70
Fronte	regol.
Occhi	cast.
Naso	regol.
Rocca	ad.
Capelli	cast.
Barba	nessa
Baffi	ad.
Colorito	rosa
Corratura	regol.
Segni particolari	



Firma del titolare *Dago Giovanni*
Viso per l'autenticazione della fotografia e della firma.

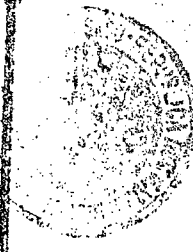
[Signature]

Passaporto rilasciato
 Italia *R. Quart. di Lantana*
 N° del passaporto *4882*
 N° del Registro corrispondente *514*
 Data del rilascio *27.12.1946*

Il sottoscritto che fa l'autenticazione.

Visazioni delle Autorità estere.

VISTO		2432	
VISTO		2432	



12.19

247

MINISTRO DELLA GUERRA

DECRETA

IL Soldato

Lago Giovanni Di Giuseppe

È AUTORIZZATO A FREGIARSI DELLA
MEDAGLIA ISTITUITA A RICORDO
DELLA GUERRA MCMXV-MCMXVIII

ROMA, ADDI 26 Settembre 1929.

IL MINISTRO

12.20 - OS GRUPOS ÉTNICOS E OS DIALETOS DA ITÁLIA

(Extraído da revista GEO nº 7
p.267 (1977)).

A população italiana compreende basicamente três grandes grupos étnicos: o mediterrâneo, que ocupa a península e as ilhas, constituindo em sua maior parte por elementos de pele morena e estatura mediana; o alpino, de tez e cabelos mais claros, localizado sobretudo no noroeste do país; e, finalmente, o dinárico, de caracteres semelhantes aos dos grupos iugoslavos, concentrado nas regiões das Venecias.

Embora se conheça muito pouco sobre a origem desses tipos humanos, acredita-se que os mediterrâneos procedam de povos que migraram para a península no período neolítico, enquanto os alpinos e dinários teriam talvez suas raízes, respectivamente, nos diversos grupos de invasores oriundos da Europa central e nos contingentes eslavos vindos da região da Ilíria. Os diferentes caracteres étnicos sofreram a influência do contato com grupos nórdicos - gauleses e germanos na Lombardia e normandos na Sicília - e mediterrâneos, estes representados pelos catalães, na Sardenha, etruscos, na Toscana, e albaneses, na Calábria. Mas, ainda hoje, essas influências remotas não podem ser comprovadas com precisão científica.

Raízes igualmente profundas têm os dialetos falados nas diferentes regiões do país. O italiano, como o espanhol e o francês, é uma língua neolatina e, portanto, pertencente ao vasto grupo indo-europeu. Uma de suas características mais marcantes é o extraordinário vigor de seus dialetos regionais, divididos em três grandes grupos: o setentrional, o toscano e o centro-meridional. Os dialetos piemontês e lombardo, falados no norte da Itália, revelam influências francesas e alemãs. No dialeto toscano, a letra c é aspirada - segundo alguns, uma sobrevivência do latim como era pronunciado pelos etruscos. O grupo

centro-meridional compreende os dialetos falados em toda a península e nas ilhas, destacando-se entre eles o sardo, com características tão distintas dos demais que quase chega a constituir um idioma isolado.

Apesar do grande número de dialetos, o italiano tem seu uso cada vez mais difundido em todo o país, para o que vem contribuindo bastante o desenvolvimento dos meios de comunicação, sobretudo o cinema e a televisão. A língua oficial é de origem toscana, embora não seja falada com o sotaque típico dessa região. A pronúncia predominante é a romana, o que justifica o antigo ditado - "Língua toscana em boca romana".

Em algumas zonas fronteiriças, as populações falam dialetos que revelam a forte influência dos países vizinhos. Em Val d'Aosta utiliza-se um dialeto provençal; na região do Alto Adige, a maior parte da população rural fala alemão; nos campos próximos à fronteira iugoslava, os dialetos eslavos predominam em muitas áreas. Também no interior do país ainda existem grupos com dialetos próprios, a exemplo do albanês - falado em diversos povoados que se estendem entre os Abruzzos e a Sicília - e o grego-bizantino, ainda utilizado em zonas da Apúlia e da Calábria.

" M O D U S V I V E N D I "

- 12.21 - PROVÉRBIOS COMO FILOSOFIA DE VIDA.
- 12.21.1- SOBRE LÓGICA DE ACONTECIMENTOS
- 12.21.2- SOBRE COMIDAS E BEBIDAS
- 12.21.3- SOBRE DINHEIRO
- 12.21.4- SOBRE POLITICAGEM, JUSTIÇA E RIQUEZA
- 12.21.5- SOBRE ATITUDES HUMANAS
- 12.21.6- SOBRE VIRTUDE, VÍCIOS E RELIGIÃO
- 12.21.7- SOBRE MULHERES, AMOR E CASAMENTO
- 12.21.8- SOBRE O BOM SENSO

12.21 - PROVÉRBIOS COMO FILOSOFIA DE VIDA

12.21.1. SOBRE LÓGICA DE ACONTECIMENTOS.

- Chi va pian va lontan; Chi va forte va 'la morte.
Devagar se vai ao longe; Quem muito corre vai à morte.

○

- Malatia de pele salute de buele.
Doença que sai na pele, cura por dentro.
- Fīn che la dura, mai paura.
Até que durá, não há o que temer.
- Chi va in leto senza cena, tuta la note el se ramena.
Quem vai para a cama sem ceia, toda a noite se esperneia.
- Chi va a l'osto perde el posto.
Quem sai da fila perde o lugar
- Beati i ultimi se i primi há creanza.
Felizes os últimos se os primeiros tem educação.
- Pezo el tacon ch'el buso.
É pior o remendo do que o rasgo
- Na man lava l'altra, e tute dō lava la faccia.
Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto.
- Piú se la smíssia, piú la spuzza.
Quanto mais se mexe, mais fede.
- É la prima aqua che bagna
É a primeira água que molha.
- Intanto: campa caval che l'erba crece.
Enquanto a erva cresce o cavalo morre.

- Co acqua e ciâcole no s'impasta frîtole.
Com água e conversa não se faz bolinhos.

- Ci sparagna, el gato magna. (Economia exagerada)
Quem economiza, o gato come. (como o gato rouba o leite e o queijo economizado).

- Chi no ga testa ga gambe.
Quem não tem cabeça tem pernas. (quem não pensa: caminha mais)

- Meio un merlo in man ché dô so l'albêro.
É melhor um pássaro na mão do que dois na árvore. (voando)

- Cosí é la vita: meza storta e meza drita.
Assim é a vida: meio torta e meio direita.

- Impara l'arte e mêtela da parte.
Aprenda o ofício e guarde-o. (ou saber não ocupa lugar).

- L'ê méio fruâr le scarpe, pitôsto che i nizûi.
É melhor gastar o sapato do que os lençóis. (ou; rende mais caminhar do que dormir).

- De le volte se se 'ngana, dura de pí 'na pignata rota, che una sana.
As vezes a gente se engana: dura mais uma panela velha do que a nova.

- Co se mete la roba de festa ogni dí, o se é mati, o no ghe n' pí.
Quando se veste roupa de festa diariamente, ou se está louco ou não se tem outra.

- À bon intenditor, poche parole.
Para bom entendedor, meia palavra basta.

- Diogene cercava un omo giusto, e mi cerco el vin che gabia gusto.
Diógenes procurava um homem justo, e eu procuro vinho que tenha

gosto.

- No se pol bevere e supiar.
Não se pode beber e assobiar. (Não se pode fazer duas coisas de uma só vez).
- Robe fate in pressa, i gati nasce orbi.
Coisa feita as pressas sai mal feita (ou: A pressa é inimiga da perfeição).
- Val pí la prática che la gramática.
Vale mais a prática do que a gramática,
- Col tempo e la paia se madura le nêspole.
Com tempo e palha se amadurece a fruta (ou: Com tempo e paciência a folha da amoreira se tranforma em seda).
- Dolór condidá, guarí, par metã.
Dor contada metade melhorada. (desabafo).
- Paroni e mati no se go comanda.
Patrão e louco faz o que quer.
- Chi ristia no rossega.
Quem não arrisca não petisca.
- Co i dente so sbate, le tete no fa late.
Se o dente não mastiga, a teta não produz leite.
- Val pi un asino vivo che un dottor morto.
Vale mais um asno vivo do que um doutor morto.

12.21.2 - SOBRE COMIDAS E BEBIDAS.

- Saco vudo no sta in piê.
Saco vazio não para em pê.

- Meio un ovo anco che 'na galina doman.
É melhor um ovo hoje, do que uma galinha amanhã.
- A l'oselo ingordo ghe crepa el gozzo.
Um pássaro guloso arreventa o papo.
- Dopo piena la pansa, na presa de tabaco, l'è na gran sostanza.
Depois da barriga cheia, uma pitada de tabaco é de grande sustento.
- Col "grasie" no se magna (dá-se gorgeta).
Com agradecimentos não se come. (ou não se sustenta)
- A magnar gademo, a pagar sospiremo.
Gozamos ao comer e lamentamo-nos ao pagar.
- Polenta e late ingrassa le culate.
Polenta e leite engora o quadriz. (Faz b^{pm}, ou engorda).
- La scalogna xe 'l rosto dei poveri.
A cebola(verde, em folhas) é o assado dos pobres (falta de carne; inflação).
- La bote piena no fa rumor.
Pipa cheia não faz rumor (ou pessoa farta não liga para nada).
- El vin de casa, no inbriāga.
O vinho de casa não embriaga. (porque se economiza mais).
- El malá no magna gnente: ma el magna tut.
O doente não come nada, mas gasta tudo (come tudo)
- L'acqua smarcisce i pali, el vino mí fa cantar.
Água apodrece o cepo e o vinho faz cantar.
- Scarpa cōmoda e goto pien, tor el mondo com chel vien.
(quem tem) sapato cōmodo e copo cheio, aceita o mundo como vêm (tudo bom).

- Co l'aseo no se ciapa mosche
Com laço não se pega mosca (Não se conquista alguém à força).
- Cam che sbaia no morsega.
Cachorro que late não morde. (barulho não assusta).
- Let e foc fan l'om da poc.
Cama e fogo faz do homem pouco. (torna-o preguiçoso, estraga-o).
- Ride bem chi ride ^(per)ultimo.
Ri melhor quem ri por último.
- Per un contadin tanto ghe fa sonar un corno che un violin.
Para um sujeito tanto faz tocar um berrante que um violino.
(menosprezando o novato ou metido que não entende da arte).
- Tuti i cani mena la coa e tuti i minchoni vol dir la soa.
Todos os cães mexem o rabo e todos mexeriqueiros querem dizer a sua.
- Cavalo imprestio no xe mai straco, nol ga mai fame.
Cavalo emprestado nunca cansa nem tem fome. (isto é: não se cuida do que é alheio).
- Neanche i cani mena la coa per niente.
Nem os cães mexem o rabo por nada. (isto é: Todo efeito tem causa)
- Chi te vol bem te grida, chi te vol mal te ride.
Quem te quer bem te orienta, que te quer mal te faz troça.
- Tuti ghe piaze veder i mati in piassa, ma che no i sia de la so
raça.
Todos gostam de ver o louco na praça, mas que não seja de sua raça. (isto é: de sua família).
- Amor de muger morta dura fin a la porta.
Amor de mulher morta dura até que ela sai da porta.
- Un villano in mezo a dô avvocati, un sorde in mezo a dô gati, un ma

lã in mezo a dô dotori: chi sta pezo de lori?

Um jeca no meio de dois advogados, um rato no meio de dois gatos e um doente no meio de dois médicos: qual deles está pior?

- El tabaro dei avvocati l'è fato col pel dei ostinati.
O capote do advogado é feito com o pêlo dos obstinados.
- Chi xe vivo ga guerra, chi xe morto fa terra.
Quem está vivo tem guerra, quem está morto faz terra.
- Chi se vanga d'esser bravo in mare, xe mato da ligare.
Quem se gaba de ser bravo no mar, fica louco de (tanto) amarrar.
- Barba, cavei longhi e corni: moda dei nostri giorni.
Barba, cabelos longos e cornos: moda de nossos dias.
- À sete ani xe putei e a setenta ancora quei.
Aos sete anos é criança e aos setenta também se é.
- Chi ga 'pan no ga i denti, chi ga i denti no ga 'ol pan.
Quem tem pão não tem dentes, quem tem dentes não tem pão.
- Chi ga i ale no sã volare,
Quem tem azas não sabe voar.
- À sto mondo bisogna adatarse, o cambiarse, o spararse.
Neste mundo precisa adaptar-se, transformar-se ou separar-se.
- Chi vol el passo piũ longo de la gambam se sbrega el cavalôto.
Quem faz o passo maior do que a perna, rasga as calças.
- Chi no ga campi al sol, no teme tempestã.
Quem não tem plantação não teme a tempestade. (chuva de pedra).
- Ocio no vede a boctase, per chi col viver em pase.
Olho não vê e boca calada de quem quer viver em paz.
- Chi s'ha scotã col brodo, supia so le verze. in orto.
Quem se queimou com caldo, assopra na verdura da horta.

12.21.3 SOBRE DINHEIRO.

- Soldi e bote no torna indrio.
Dinheiro e bordoadas não voltam mais.
- Schei fã schei e peoci fã miseria
Dinheiro faz dinheiro e piolho faz piolho.
- El vol la musa e anca i trenta soldi.
Quer a mercadoria, mas não quer gastar.
Quer a mula e também o dinheiro. (avarento)
- El pianze el morto par ciavar el vivo.
Chora o morto para lograr o vivo (amizade interesseira).
- Coi soldi se fa balar anca l'orso.
Com dinheiro faz-se dançar também o urso.
- S'el povero mangia polastro, o l'è malá lú, o l'altro.
Se o pobre come frango, ou ele é doente ou o outro (é doente)
- La razon dei povareti, l'è carga de difeti.
A razão dos pobres é uma carga de defeitos. (Palavras não pagam impostos).
- Se le parole pagasse imposto saria un afar serio.
Se as palavras pagassem imposto seria um assunto sério.
- Sior senza soldi, lumín senza óio.
Um Senhor (burguês) sem dinheiro é como a lâmpada sem azeite.
- L'amor l'è potente, ma l'oro onipotente.
O amor é potente, mas o dinheiro é onipotente.
- Soldi de zôgo, ancô te li dado e doman te li togo.
Dinheiro de jogo, hoje te dou amanhã te tiro.
- Soldi e santitã, metã de la metã.

Dinheiro e saúde, metade da metade.

- Co se ha de pagar, se cata tuti: co se ha de tirár, no se cata nis sùn
Quando se tem que pagar acha-se todos, quando se tem que cobrar não se acha ninguém.
- L'arte del michelasso: mangiar e beber e 'ndar a spasso.
A arte do lazarão (vagabundo): comer, beber e passear.
- Non se manha le onge porque le fa mal.
Não se come as unhas porque lhe faz mal. (sovina).
- Chi fa il primo paga in vino; chi fa il secondo va fin fondo.
Quem chega primeiro paga o vinho e quem chega depois bebe tudo.

12.21.4 POLITICAGEM, JUSTIÇA E RIQUEZA.

- La lege xe igual per tuti; per i siori um tantin de più.
A lei é igual para todos, mas para os ricos é um pouquinho mais.
(isto é: favorece-os mais).
- O magna sta menestra o salta sta finestra.
Come esta sopa ou pula esta janela. (Adaptar-se ou retirar-se).
- Chi vol la grasia va al santo, chi no la vol chel fassa de manco.
Quem quer uma graça peça-a ao santo, quem não a quer faça de menos. (quem quer algo, procura-o).
- Morte de piegora, salute del can.
Morte de ovelha é saúde para o cão. (porque terá carne)
Azar para uns será a sorte de outros.
- Tuti i gropi riva al pètene.
Todos os nós vêm no pente. (ou: A verdade sempre aparece).
- Scapa de la vaca e el toro ghe trá.

Escapa de um perigo e cai no outro. Foge da vaca e o toro dá coice.

- El tempo... e i siori e fa sempre quel che i vol lori.
O tempo... e o rico fazem sempre o que querem.
- Quando l'omo l'è stimà, el pol pissar in leto e dir che l'á suà.
Quando o homem é honrado pode até mijar na cama e dizer que suou.
- Laudato si', mio Signore. Fra ciãcole e congressi gavéno l'acqua alta a tute l'ore.
Louvado seja Deus: entre conversas e congressos temos água alta a toda hora. (conseguimos o que queríamos).
- Coi cannone e la presson el torto ga razon.
Com canhão e pressão também o torto tem razão. (Com força e pressão a mentira (ou a injustiça) fica vitoriosa).
- Chi parla tropo de libertà, vol dir che 'l no la gã.
Quem fala muito de liberdade é sinal que não a tem.
- Sinistra e destra, tuta 'na menestra.
À direita ou a esquerda, é tudo uma sopa. (ou: O direito e o avesso é a mesma coisa).
- Osel de gabia, co nol canta de amor canta de rabia.
Pássaro preso, quando não canta de amor canta de raiva.
- No ghe rēde per el pesse grando.
Não há rede para o peixe grande. (ou: Não há quem prenda os poderosos).
- A robar poco se va in galera, a robar tanto se fa carriera.
Quem rouba pouco vai para a cadeia, quem rouba muito faz carreira (progride).
- Sanità e libertà, se xe richi e no se lo sa.
Quem tem saúde e liberdade é rico e não sabe.

- Sa più el Papa e un contadin che el papa solo.
Sabe mais o Papa e um perito do que o Papa sozinho.
- Stola e baionetta tien su el mondo.
O poder eclesiástico e o militar mantêm o mundo.
- I soldi e l'amicizia orbisce anca la giustizia.
O dinheiro e a amizade cegam a Justiça.
- Tempo se guerra, più "bale" che terra.
Tempo de guerra hã mais bala que terra. (Tempo de confusão hã mais conversa do que fatos).
- Senza levã no se fa ãl pan.
Sem fermento não se faz pão. (Sem pistolão ou ajuda nada se consegue).
- Põvari, richi, russi, o Made in U.S.A., co se xe mortì se vã tu
ti in buse.
Pobre, rico, russo, ou feito nos Estados Unidos, quando se morre se vai tudo para o buraco. (Todos morrem).
- I popoli se maza e i Re se abraza
O povo se mata e os reis se abraçam.
- El sol che nãsce l'è pí ben visto de quel che vã dõ.
O sol que nasce é mais bem visto do que quando desce.
(qualquer pessoa ou acontecimento é mais admirado na chegada do que na saída).
- Le ciãve de oro, le vërze le porte de fer.
As chaves de ouro abrem as portas de ferro.

12.21.5 SOBRE ATITUDES HUMANAS

- Em boca sarã não entre mosche
Em boca fechada não entra mosca. (saber calar).

- Gato broã ga paura de l'agua freda.
Gato queimado tem medo de água fria.
- Chi furbo se chiama, l'è un gran miochin.
Quem se chama de sabido é um grande palhaço.
- Presto e ben não se convien.
Pressa e bem não concordarão.
- Un bon avvocato fa passar per can parfin un gato.
Um bom advogado faz o cachorro passar pelo gato.
- Gõ léto tante epígrafi, go orcã da per tuti, no ga mai visto scritto: "Qui giace un farabuto".
Lí tantos epígrafos, procurei por tudo, nunca ví escrito: "Aqui descansa um patife".
- Quando se nasce desgraciai, piove sul anca star sentai.
Quando se nasce sem sorte, chove na bunda até quando se está sentado.
- El mondo é fato a scârpe, chi se le cava chi se le mate.
O mundo é feito à sapatinhos, uns os tiram outros os calçam.
- Quel che copa el peôcio, el metaria via anca la pele.
Quem mata o piolho, guardaria também a pele (avareza).
- Prima i ociai, dopo el baston; terzo la goba e dopo el casson.
- Primeiro os ocúlos, depois a bengala, em terceiro lugar a corcunda e depois o caixão. (para indicar a velhice).
- Végno, vol dir: spéta.
Virei, quer dizer espera.
- Co manca i cavãï, anca i mussi i trota.
Quando falta o cavalo até o burro trota.
- Chi va per 'l mondo tuto vede, chi sta a casa no lo crede.

Quem vai pelo mundo vê, quem fica em casa não crê.

- Veneziani gran signori, Padovani gran dotori, Vicentini magnati, Veronesi tuti mai.
Venezianos grandes senhores, Paduanos, grande doutores, Vicentinos magnatas, Veronesianos todos loucos.
- Tra el dire el fare, ghê in mezo el mare.
Entre dizer e fazer existe meio mar. (Isto é: muita diferença).
- Il diavolo insegna a far la pignate, ma nō i querci.
O diabo ensina fazer a panela, mas não a tampa. (Isto é: Todo o mal será descoberto).
- Oro bon no ciapa macia.
Ouro bem não pega manchas. (A boa pessoa não se afeta com conversas. "Deixa que falem - não me atinge).
- Chi ga tempo non aspeta tempo.
Quem tem tempo não espera o tempo. (Decide-se).
- Ogni bel balo stufa.
Até o que é bom enjoa.
- Mãe ao filho: "A te ciapo al fil de la polental".
Te pego até com o fio da polenta. (Polenta quente só se corta com um fio de linha). Quer dizer que não espacará.
- Chi ga el sospeto, xê in difeto.
Quem suspeita, tem o defeito. (Quem acusa se acusa).
- Chi no se contenta de l'oneto, perde el manego e anca el mestro.
Quem não se contenta com pouco, perde turo. (Quem não se contenta com o honeto, perde o cabo e também a cesta).
- A poca vōia, no manca scusa.
Para pouca vontade não falta desculpa.

- Roba robá, come la viel la vâ.
Coisa roubada, como vem vai.

- Nã se move foglia che Dio non voglia.
Nã se meche uma folha sem que Deus o queira.

- Amor de fradei, amor de cortei.
Amor de irmãos, amor de facas. (brigam mas se gostam).

- La volpe perde el pelo ma nõ perde o vício.
O lobo perde o pelo, mas não perde o vício.

- Co manca el gato i sörze i bála.
Quando falta os gatos os ratos dançam. (Faltando o dono...)

- Bronse coerte, le traverse.
Brasa coberta queima as saias.

- Quando la carne se frusta l'anima se giusta.
Quando a carne doi a alma se ajusta.

- I Preti fa böger la pignata co le fiame del purgatório.
Os padres fazem a panela ferver com as chamas do purgatório.
(Isto é: Pelo temor do castigo, levam o homem ã abstinência).

- I Preti vive de carne morta, i dotori de carne malada, i avoca-
ti de ti de carne rabiada.
Os padres vivem de carne morta, os médicos, de carne doente, e
os advogados de carne braba.

- Co l'arte e co l'ingano se vive menzo ano: co l'ingano e co l'
arte se vive l'altra parte.
Com a arte e com engano, vive-se meio ano; e com engano e com
arte vive-se a outra parte.

- Santi de casa no fa miracoli.
Santo de casa não faz milagre.

- Quel tipo, no xe mia farina de far ostia.
Aquele tipo não é farinha de fazer hostia. (isto é: ele não é boa coisa.
- Come San Tomaso: nol ghe crede se nol ghe mete el naso.
Como São Tomaz: não acredita se não bota o nariz.
- El bon cristian lavora ancoi e anca doman.
O bon cristão trabalha hoje e também amanhã.
- Longo come el passio.
Comprido como (a leitura da paixão).
- La saria na cucanha. (jogo do pau de sebo).
Seria uma sorte...
- Quando l'acqua toca el col, se impara a noar.
Quando a água bate na bunda se aprende a nadar (isto é: Quando as dificuldades apertarem, aprende-se a vencê-las).
- Baterghe dove no bate el sol.
Surrar aonde não bate o sol (na bunda).
- Riva in zō, tuti i Santi giuta.
Na descida todos os santos ajudam.
- El stufa sete paesi.
Ele cansa todo mundo.
- Lavori fati a la festa, i va fora par la finestra.
Trabalho feito no domingo, foge pela janela. (isto é: não dá lu cro).
- Chi se contenta, gode.
Quem se contenta, goza.
- Le busie le gā le gambe corte.
A mentira tem as pernas curtas (isto é: não vai longe que logo

se descobre.

- La Epifania, tute le festa porta via.
A epifania leva embora todas as festas.

12.21.7 SOBRE MULHERES, AMOR E O CASAMENTO.

- Povere quele case dove la galina canta e el gato tase.
Pobre daquela casa onde a galinha canta e o galo cala.
- Una brava sposa? Prima che la sia tosa.
Uma boa esposa, primeiro tem que ser virgem.
- Chi vol el pomo sbassa la rama; chi vol la fiola caressa la ma-
ma.
Quem quer a fruta tem que abaixar o galho, e quem quer a filha
agrade a mãe.
- Te me ghe volesto? magna de questo.
Tu me quiseste? Come disse.
- No l'è bel quel che l'è bel, ma quel che piase.
Não é bonito aquilo que é belo, mas é belo o que você gosta.
- Nê dona nê tela al lume de candela.
Nem mulher nem tela na chama da vela.
- Libri, done e cavai, no se impresta mel.
Livros, mulher e cavalos não se empretam a ninguém.
(Hoje diz-se! Mulher e carro não se emprestam).
- El padre turco, la madre pagana; gnanca la fia no é vera cristia
na.
O pai turco e a mãe pagã, nem a filha é cristã.
- Dal Bō davanti, dal mul da drio, e da la dona da tute le bande.
O boi na frente, o burro atrás, e a mulher de todos os lados.

- La roba marida la goba.
A roupa esconde a corcunda.
- Done e motori gioie e dolori.
Mulher e motores são joia e sofrimento.
- Chi più basa la morosa più bastona la sposa.
Quem beija muito a namorada, bate na esposa.
- Co xe morto el omo l'amor va con Dio.
Quando morreu o marido o amor vai com Deus.
- Fra una dona che prega a una che paga, sempre co quela che paga.
Entre uma mulher que reza e uma que paga, é preferível a que paga.
- La dona xe come un induvinelo, dopo spiegã n'ol se più quello.
Uma mulher é como um adivinhador, depois que se explicou não é mais aquele.
- La fame fa dei salti, ma l'amor li fa far più alti.
A fome faz pular, mas o amor pula mais alto.
- L'amor no xe brodo de fasioni n tocìn de caragoi.
O amor não é caldo nem feijão, é molho de champignon.
- Tira più un pelo de fēmena che cento pari de bō.
Puxa mais um pelo de mulher do que cem pares de boi.
- No gh' é pinhata che covèrcio no cata.
Não há panela que não encontre sua tampa.
- L'omo xe 'lfogo, la dona la stiora (esteira), em diavolo el vento che sofia de sora.
O homem é o fogo, a mulher é a esteira e o diabo é o vento que

sopra por cima.

- A vinti ani, quel che le vol; a trenta quel che le pol; a qua^uranta anca a un can le ghe dâ la man.
Aos vinte anos (elas) escolhem, aos trinta, esperam ser escolhi^{da}s e aos quarenta até à um cachorro dão a mão.
- Fia (fiola) la maridar, mugier da contentar, cambial da pagar:-
xe tre robe da far disperar.
Filha para casar, mulher para contentar e contas para pagar são tres coisas para desesperar.
- Tre done e un pignato, el mercà l'è fato.
Tres mulheres e uma panela, o mercado está feito.
- Amôr senza barúfa el fal la múfa.
Amor sem briga enjoa.
- Onde ghe n'è tóse inamorãe, l'è inutile tēgnar porte sarās.
Onde há moças que namoram é inutil ficar com as portas fechadas.
- El segreto de le fēmene no lo sã nissún, altro che mi, vū, e tu-
to el común.
O segredo das mulheres ninguém sabe, só eu, você e o mundo.
- Ogni bela scarpa diventa 'na zaváta.
Cada sapato bonito depois de velho é um trapo.
- La dona xe come un induvìnelo, dopo spiegã n'ol xe più quello.
A mulher é como uma adivinhação, depois de explicada não é mais aquela.
- No gh'è matrimonio che no ghe entra el demonio.
Não há matrimônio que não entre o demônio.
- Semo done e tanto basta, semó tutte d'una pasta.
Somos mulheres, e isto basta, somos todos da mesma massa.

12.21.8 SOBRE O BOM SENSO

- L'òmo par la parola, el musso par par la cavêza.
O homem (se deixa levar) pela palavra como o burro pelo cabres to.
- Quando el Signôr no 'l vól, gnânca l'òmo no pôl.
Quando Deus não quer nem o homem não pode.
O homem propõe e Deus dispõe.
- El Signôr aiûta tuti, fora che i desperã.
O Senhor (Deus) ajuda todos, menos os que se desesperam.
- Le campane no sona, se qualchedun no le tira.
O sino não toca se ninguém não puxa a corda.
- No se sona mia campane se no le morto nissuni.
O sino não toca se não morreu ninguém.
- À cambiâr moliner, se cambia ladro.
Trocando o moinheiro troca-se também o ladrão.
- Sbaglio de totor, volontã de Dio.
Erro de médico é vontade de Deus.
- Co l'amo se ciâpa el pêsse e l'òmo co l'interesse.
Com o anzol pega-se o peixe, e o homem pelos negócios.
- À chi lavora, Dio ghe dona: chi no lavora, peoci e roгна.
Quem trabalha Deus ajuda e quem não trabalha fica cheio de pio-
lhos e miséria.
- L'omo che no ga religion xe una bestia senza parôn.
O homem que não tem religião é como um animal sem dono.
- Xe megio un forte "perdio, chè falso "Gesú mio".
É melhor um forte "por Deus", do que um falso "Jesus meu".

- Cerca de no aver tropo de qua, per aver tropo poco de lá.
Procura não ter muita coisa aqui, para não ter pouco lá.
(não querer ter) demais na terra, para ter um pouco lá no céu.
- L'abito no fa l'monaco, nê l'elmo el capitan.
O hábito não faz o monge, nem o elmo o capitão.
- Un capitan de mar senza tirar sarãche no se fa scoltar.
Um capitão do mar sem dizer palavrões não se faz obedecer.
- Dove no se crede, l'acqua rompe.
Aonde não se acredita a água arrebenta.
- Baso no fa buso, ma xe scala per andar sùso.
Baixo não faz buraco, mas é degrau para subir.

'MODUS VIVENDI'

- 12.22. - ALGUMAS MÚSICAS MAIS CANTADAS POR ESTE POVO.
- 12.22.1. - DA L'ITALIA NOI SIAMO PARTITI.
- 12.22.2. - SU LA CITÁ DI MONTEBELLO.
- 12.22.3. - MONTE GRAPPA COME SEI BELLO.
- 12.22.4. - QUEL MAZZOLIN DI FIORI.
- 12.22.5. - MAMMA MIA, DAMMI CENTO LIRE.
- 12.22.6. - QUELL'UCCELIN DAL BOSCH.
- 12.22.7. - LA BELA VIOLETA.
- 12.22.8. - IL MERLO HA PERSO IL BECO.
- 12.22.9. - LA COLOMBINA LA GA LE ALE.
- 12.22.10. - VIEN QUA, NENETTA.
- 12.22.11. - BEVÊ, BEVÊ, COMPARE.
- 12.22.12. - BELLA BRUNETA.
- 12.22.13. - MORETTINA BELLA, CIAO.
- 12.22.14. - QUANTI SOSPIRE E PIANTI:
- 12.22.15. - PASSO E RIPASSO SOTTO LA TUA FINESTRA.
- 12.22.16. - CARA MAMMA DAMMI UN BACIO ANCORA.
- 12.22.17. - CIARETO SU QUEL MONTE.
- 12.22.18. - BIONDINELLA D'AMOR.
- 12.22.19. - LA BELLA VIOLETA.
- 12.22.20. - HO GIRATO L'ITALIA E IL TIROLO.
- 12.22.21. - LA BANDIERA DEI TRE COLORI.
- 12.22.22. - CINQUE ANNI E PIU D'AMORE.
- 12.22.23. - SE TU FOSSE UNA REGINA.
- 12.22.24. - VOLETE SAPERE.

12.22- " M O D U S V I V E N D I "

ALGUMAS DAS MÚSICAS MAIS CANTADAS POR
ESTE POVO

Estas músicas foram gravadas em várias localidades da região, das quais transcreveu-se as notas musicais, depois de comparadas com diversas publicações sobre canções italianas como as de Erico Piglia " Dai montial suare " Ed. Mus. - Casimiri - Roma e as publicadas pelos Padres Carlistas (de muitos autores) e Padres Capuchinhos do R.G.S. (1975). Algumas músicas, coincidem com a seleção de canções da Societá Alpinisti Tridentini - Club Alpino Italiano "Sui monti scarpazi" de Luigi Pigarelli (et alii). Verificou-se que os colonos desta região catarinense, ao cantarem os cantos que aprenderam de seus pais e avós, vindos do Rio Grande do Sul, introduzem pequenos ornamentos a variantes. As gravações mostram:

- 1 - portamentos de voz
- 2 - apogiaturas
- 3 - trinados.

Cantam sempre a duas vozes (quando cantam em grupos) sendo que a segunda voz aparece em terça superior ou inferior à melodia. Quando cantam num grupo numeroso, cantam algumas canções em várias vozes.

Mesmo as pessoas que falam menos o dialeto italiano, ou quasi não o falam, sabem canções italianas e usam constantemente provérbios em italiano. Canções e provérbios são dois aspectos mais conservadores da língua, e os aprendidos com mais facilidade, pelos jovens e crianças, talvez pela sonoridade e rima que possuem.

12.22.1 - DA L'ITALIA NOI SIAMO PARTITI

Da l'I- ta- lia noi sia- mo par- ti -
 ti sian par- ti - ti col no- stro o- no re
 tren- ta sei gio- ni di mac- china e va- po -
 re e in A- me- ri- ca sia- mo ar- ri - vā
 Me- ri- ca, Me- ri- ca Me- ri- ca, cos- sa sa- ra- la sta
 Me- ri- ca Me- ri- ca, Me- ri- ca Me- ri- ca Un bel mas
 so- li- no di fior.

2. A l'America noi siamo arrivati
 Non abbiám trovato né paglia né fieno
 Abbiám dormito sul nudo terreno
 como le bestie abbiám riposá.

3. L'America l'è lunga e l'è larga
 l'è formata di monti e di piani
 e con l'industria de noaltri italiani
 abbiám fondato paesi e cittá.

Amo encontrado dei pori casoti
piene de pulde e dedoci
A industria de nostri italiani
abbiam formato paige e sitã.
A industria de pori bresilhani
abbiam formato carici (*) e barbaqua (**)

12.22.2 - SU LA CITÃ DI MONTEBELLO

The musical score consists of five staves. The first staff is a treble clef with a key signature of one flat (B-flat) and a common time signature (C). The melody is written in a simple, folk-like style. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across notes. The lyrics are: "Su la ci-tã, su la ci-tã di Mon-te - bel - lo, su la ci-tã, su la ci-tã di Mon-te - bel - lo, su la ci-tã di Mon-te - bel-lo, là ghe gera un suona - tor, su la ci-tã di Mon-te - bel - lo, là ghe". The score ends with a double bar line.

ge-ra un suo-na - tor.

2. la ga impegnã la cioca e i ovi
per pegare il sionator

3. La ga impegnã l'abito bianco... per pagare...
La ga impegnã le scarpe rosse... per pagare...

(*) carici - é a barraca onde se seca a erva mate

(**) barbaqua - é a barraca onde se pisa a erva mate.

12.22.3 - MONTE GRAPPA COME SEI BELLO.

0 mon-te Grap-pa co-me sei bel-lo
tu sei il ma-cel-lo de la gio-ven- tû, o monte
Grap-pa come sei bel-lo tu sei il ma
cel-10 de la gio- ven - tû.

The image shows a musical score for a song. It consists of four staves of music. The first staff begins with a treble clef and a key signature of one flat (B-flat). The melody is written in a simple, folk-like style. The lyrics are written below the notes. The second staff continues the melody and lyrics. The third staff continues the melody and lyrics. The fourth staff concludes the melody and lyrics. The lyrics are: "0 mon-te Grap-pa co-me sei bel-lo tu sei il ma-cel-lo de la gio-ven- tû, o monte Grap-pa come sei bel-lo tu sei il ma cel-10 de la gio- ven - tû."

2. Monte Grappa
verde e bianco
gran camposanto
della gioventù

3. O Monte Grappa
como sei nero:
seil il cimitero
della gioventù.

12.22.4 - QUEL MAZZOLIN DI FIORI

Quel maz-solin di fiori che
vien da la mon-ta - - gna Que mazzolin di
fiori che vien da la mon-ta - - gna e ba - da
ben che nol si bagna che lo vo-glio re - - ga
lar e var-da ben che nol si ba-gna che lo
vo-glio re - - ga - lar. Sempre Sempre pian - ge - rà.

2. Lo voglio regalare
perchè l'è un bel mazzetto
lo voglio dare al mio moretto
quesa sera quando 'l vien.

3. Stasera quando 'l viene
gli fò la brutta cera
e perchè sabato di sera
non ẽ venù da me.

12.22.5 - MAMMA MIA, DAMMI CENTO LIRE

Mam-ma mia dam-mi cen-to li-re che in A-
me-ri-ca vo-glio an-dar, vo-glio andar. Mam-ma
mia dammi cen-to li-re che in A-me-ri-ca vo-glio andar

The image shows a musical score for the song 'Mamma Mia, Dammi Cento Lire'. It consists of three staves of music. The first staff is a vocal line in treble clef with a key signature of one flat (B-flat) and a 7/8 time signature. The lyrics are 'Mam-ma mia dam-mi cen-to li-re che in A-'. The second staff continues the vocal line with lyrics 'me-ri-ca vo-glio an-dar, vo-glio andar. Mam-ma'. The third staff is a piano accompaniment line in bass clef with lyrics 'mia dammi cen-to li-re che in A-me-ri-ca vo-glio andar'. The piano part features a steady eighth-note accompaniment.

2. Cento lire mi te le dó,
ma in America o figlia hó.
3. I suoi fratelli e la finestra:
"mamma mia, lasciela andar"
4. Vai pure, o figlia ingrata,
in mezzo al mare potrai restar.
5. Co l'é stata in mezzo al mare
quel bastimento se gá sfondá.
6. La sua carne rosea e bianca
i pesci del mare la ga mangiá
7. I suoi capelli, ricci e belli
le onde del mare li ha semená.
8. Le parole dei suoi fratelli
son state quelle che la gá inganná.
9. Le parole di ogni mamma
dicon sempre la veritá.

12.22.6 - QUELL'UCCELIN DAL BOSCH...

Quell'u- ce- lin del bosch quel u- ce - lin
del bosch _____ quell'u-ce- lin del bosch _____
_____ che a la cam- pa - gna 'l vo-la quell' u - ce -
lin del bosch, che a la cam - pa - gna il vo- là

The musical score consists of four staves. The first staff is a vocal line in G major, 7/8 time, with lyrics 'Quell'u- ce- lin del bosch quel u- ce - lin'. The second staff is a piano accompaniment line with lyrics 'del bosch _____ quell'u-ce- lin del bosch _____'. The third staff continues the piano accompaniment with lyrics '_____ che a la cam- pa - gna 'l vo-la quell' u - ce -'. The fourth staff concludes the piano accompaniment with lyrics 'lin del bosch, che a la cam - pa - gna il vo- là'.

Dove saral vola? - Su la finestra oi bela.
Cossa gavaral portá - na latera sigillata
e cosa ghe gera su? - di maridarti oi bela
E son maridata ieri, oggi già son pentita.
Mi go tolt un brut veciot -l'è pien de gelosia
Se fuss de maritar no me maridaria.
Viva la libertá e chi la sa godere.
Chi non la sa godere, sofrirá notte giorno.

12.22.7 - LA BELA VIOLETA

La be - la vio-le-ta la va la va la va la
va. La va sul campo e la si so- gna - va che
l'e-ra' lso Gin- gin ch: la ri - mi - ra - va.

The image shows a musical score for the song 'La Bela Violeta'. It consists of three staves of music. The first staff is a single melodic line in treble clef with a key signature of one flat (B-flat). The second and third staves are accompaniment lines, likely for piano, showing chords and rhythmic patterns. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes.

2 - Cosa tu rimiri, Gingin d'amor, Gingin d'amor.

Io ti rimiro perchè tu sei bella - se vuoi ven-
nir con me, e con me alla guerra.

3 - No, no no a la guerra non voi venir, non voi
venir. Non voi venire con te alla guerra per-
chè si mangia mal e si dorme per terra.

4 - No no no per terra non dormirai, non dormirai.
Tu dormirai su un letto di fiori, con quattro
bersaglieri che ti innamorì.

12.22.8 - IL MERLO HA PERSO IL BECO

Il mer-lo ha per-so il bec - co

co-me fa-ra a bec - car? Il mer-lo ha per-so il

bec-co co-me fa-rà a bec - car? Il

mer-lo ha per-so il bec-co po-ve-ro mer-lo

mi - o co-me fa-rà a bec - car.

coda

- Il merlo ha perso la lingua - come farã a cantar?
- Il merlo ha perso gli occhi - come farã a vedar?
- Il merlo ha perso le precchie - come farã a sentir?
- Il merlo ha perso un'ala - com farã a volar (olar)?
- Il merlo ha perso l'altr'ala - come farã a volar? (olar)
- Il merlo ha perso la coda - come farã a covar?
coa coar?

12.22.9 - LA COLOMBINA LA GA LE ALE

The image shows a musical score for the song 'La Colombina La Ga Le Ale'. It consists of four staves of music. The first staff is a vocal line in treble clef with a key signature of one flat and a 7/8 time signature. The lyrics are: 'La co-lom-bi-na la ga la a'. The second staff continues the vocal line with lyrics: 'le, la co-lombi - na la ga la a - le'. The third staff is a piano accompaniment in bass clef with lyrics: 'e con le a - le la toc-ca'l cielo e con le'. The fourth staff continues the piano accompaniment with lyrics: 'a- le la toc-ca 'l ciel'. The music features a mix of eighth and sixteenth notes, with some rests and ties.

2 - La toca el cielo, la toca in terra
sta primavera la voi sposar.

3 - Lã voi sposare, alegremente
per starghe arente, la note el di.

4 - Mi voi sposarla, perchê la é bella
la gã na stella, frameso al cor.

5 - La ga na stela che la risplende
e la me rende consolazion.

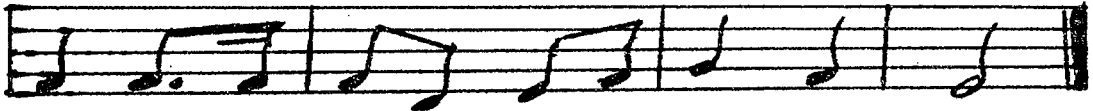
6 - Consolazion che vien dal cuore
'l mio primo amore lo voi sposar.

7 - Non è la prima, nã la seconda
la rissa e bionda, la voi sposar.

12.22.10 - VIEN QUA, NINETTA



Vien qua, Ni-ne- ta sot- to l'om - brel - lin,



cien qua, Ni - net- ta, te da - ró un ba - cin,

2 - Ti daró un bacino, ti daró un bel fior,

Vien qua, Nineta che farem l'amor.

3 - Sete anni in guerra soto el bataglion,

Verginela gera, verginela son.

4 - Gó servio in sergente, gó servio il Magior,

vien qua, Nineta, ché farem l'amor.

12.22.11 - BEVÈ, BEVÈ, COMPARE

Be- vè, be-vè, Com - pa-re se no vi mazze-
 rò, non mi mazzar, com - pa-re ch'a- des - so be - vè - rò. E
 in - tant che'el om-par be-ve ghe can-terem la bum-ba bá, la bum ba ba. Io
 l'ho be-vu-to tut-to e non mi - ha fat-to ma-le l'acqua fa ma-le e il
 vi-no fa can- tar. Que-sta é la re-go-la che se-guono gl'I
 ta-li-ci al-za-no i ca-li-ci vuo-ta-no i bic-chier.

2. El sugo del bocale

ha el colore de la gresta
 Chi ga el bicier in mano,
 al so compare impresta.

3. Bevè, bevè compare, se non vi mazzerò,
 pitos chi me massege compare beberò

4. E ló bevesto tuto me a nhanca fato male.
 El acqua me fá male el vino me fa cantà.

5. Col la nostra compagnia non le mia no le mia de esquesar
 El acqua te bicchiero el vino tel bocai

12.22.12 - BELLA BRUNETTA

Do - ve te ve-to o be-la Bru-net-ta, do-ve te ve-to o be -
la Bru- net - ta? Do- ve te ve-to o be - la Bru- net-ta co-sí so- le-
ta per la cit- tá, co-sí so - le - ta per la cit - tá

Lamia mamma é vecchierella, suso bonora mi fa levar e la mi mete le secie in spalla, a la fontana la mi fa andar.

Quando l'è stata a meza strada, un cavaliere la ga incontrá:
DOVE TE VETO BELA BRUNETTA COSÌ SOLETA PER LA CITTÀ ?

Io me ne vado a la fontana dove mia mamma mi gá mandá. -
"Fermati in poco, bela Brunetta, intanto l'acqua si schiarirà"

No no non posso qui aspettare, perché la mamma presto mi há dá. Intanto l'acqua la si schiariva, i discorreva de maridar.

Cento scudi mi te daria per una notte dormir conte. "Lascia ch'io vada da la mamma mia, qualche consiglio lei mi dará".

12.22.13 - MORETTINA BELLA, CIAO!

Ciao, ciao, ciao, mo-re-ti-na bella ciao che pri-ma di par-
ti-re che pri-ma di par-ti-re ciao,ciao, ciao, mo-re-ti-na bel-la-che
pri-ma di par-ti-re un ba-cio te lo voi dar.

Un bacio a la mia mamma, e due al mio pupã,
cinquecento a la mia bella, dopo vado via soldã.
Se parto per Casale - Casale Monferrato
ti manderó il ritratto - vestí da bersaglier.

Vestito da bersagliere - vestito di lana scura-
Marietta sta sicura - se torno ti sposeró.
Se vado via soldato, non vado mia a la morte -
Se Dio mi da la sorte, ritorneró anca mi.

La vita del solda ze una vita santa
se manja beve e canta, pensiero non ge nã.

12.22.14 -QUANTI SOSPIRE E PIANTI

Quan-ti sos-pi-ri e pian-ti le-rà che fan-no ste ra-gaz-ze, le-
 rà, sue le fi-nestre bas-se, le-rà, col faz-zo-let-to in mam. la la
 ri la li la la ri la li la la ri le là la la ri la li la la ri la
 li la la ri le là.

2. Col fazzoletto in mano, lerã
 le se sugava i oci, lerã
 Veder sti giovanotti, lerã
 Vederli andar soldã.

3. Vederli andar soldati, lerã
 Vederli andar in guerra,
 Vederli cascar 'n terra,
 con una ferita al cuor.

4. Una ferita al cuore, lerã
 una ferita al fianco,
 non posso far de manco,
 de sbandonar l'amor.

12.22.15- PASSO E RIPASSO SOTTO LA TUA FINESTRA

Io pas-so e ri-pas-so sot-to le tue fi- nestre ma ri-ve-

der non pos-so la bel-la in- namo - ra - tã.

2. Si é trato e la finestra, sua mamma addolorata,
"Oh quella che tu cerchi, la é morta e soterrata".
3. Dimanda al sacristano, dove xela interrata
la xô in fondo, dai alti cipressi.

- CARA MAMMA DAMMI UN BACIO ANCORA

O ca-ra mamma dammi un bacio an-co-ra - o ca-ra mama dâmi

un bacio an-co-ra voglio un bacio an-cor poi ti la-scie-rò ma tu non

pian-ger piû che presto tor-ne-rò

2. O mamma mia, son soldato alpino,
son soldato alpin su pei monti andrò
ti porterò un bel fior com un bacin d'amor.
3. E la morosa mia l'è là che piange ancora,
piange sconsolà nel vedermi andar

12.22.17 - CIARETO SU QUEL MONTE

Musical notation for the song 'CIARETO SU QUEL MONTE'. It consists of two staves of music in G major (one sharp) and 2/4 time. The melody is written on a treble clef staff, and the accompaniment is on a bass clef staff. The lyrics are: Cia-re-to su quel mon-te, cia-re-to su quel mon-te, cia-re-to su quel mon-te la dove spun-ta il sol.

2. Che gera tre sorelle
e tutte tre di amore
3. Giulietta la piú bella
si è messa a navegar.

12.22.18 - BIONDINELLA D'AMOR

Musical notation for the song 'BIONDINELLA D'AMOR'. It consists of two staves of music in G major (one sharp) and 6/8 time. The melody is written on a treble clef staff, and the accompaniment is on a bass clef staff. The lyrics are: Che be-li ri-zot-ti la bion-da la ga, la fa in-na-mo-ra re sol tan-to i sol-da. Oi bion-da, ou be-la bion-da, o bion-di nel-la d'a-mor

2. Che beli ochieti la bionda la gã...
3. Che belo naseto...
4. Che bela bocheta...
5. Che bela manine...
6. Che bele gambete...
7. Che Beli passetti...
8. Che beli piedini...

12.22.19- LA BELA VIOLETA

La be - la vio-le-ta la va la va la va la
 va La va sul campo e la si so - gna-va che
 l'e-ra' lso Gin gin che la ri - mi - ra - va.

2. Cosa tu rimiri, Gingin d'amor, Gingin d'amor?
 lo ti rimiro perchè tu sei bella - se vuoi ven-
 nir con me, e con me alla guerra.
3. No, no no a la guerra non voi venir, non voi
 venir. Non voi venir, con te alla guerra per-
 chè si mangia mal e si dorme per terra.
4. No no no per terra non dormirai, non dormirai.
 Tu dormirai su un letto di fiori, con quattro,
 bersaglieri che ti innamorì.

12.22.20 - HO GIRATO L'ITALIA E IL TIROLO

Ho gi - ra to l'i - ta - lia 'l Ti - ro - lo
 sol per tro - var - mi 'na ver - gi - nel - la. Ciom -
 ba - la - ri - la - le - la e vi - va l'a - mor.

Verginella no posso trovare
solo mi basta che la sia bela.
Ciombalarilalela e viva l'amor.

La virginela non posso trovare
solo mi basta che la sia bela,
Ciombalarilalela e viva l'amor.

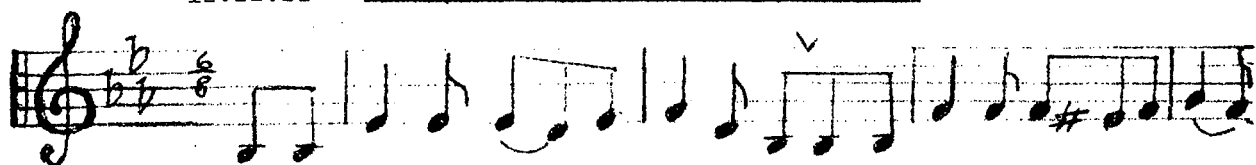
Se no lei bela faremo endorare
solo mi basta che la sia bela
Ciombalarilalela e viva l'amor.

12.22.21 - LA BANDIERA DEI TRE COLORI

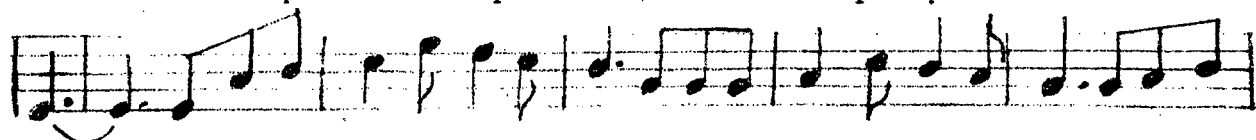
E la ban-die- - ra dai tre co- lo- -
ri sem-pre è sta-ta la più bel- la --. Noi vo -
glia-mo sem-pre quel -la, noi vo - gliam la li-ber-
tà, Noi vo glia-mo sempre quel-la noi vo- gliam la li-ber -
tà La li - ber - tà! La li - ber - tà!

2. Quando andremo a Roma Santa
andremo sul Campidoglio
e planteremo su quel scoglio
la bandiera dei tre color.

12.22.22 - CINQUE ANNI E PIU D'AMORE



Cin-que anni e piú di a-mo - re sem-pre qui tu sei ve- nu-



to io non a-vria gia mai cre-du-to che tu fos-si un tra-di- tor. Io non



a- vria fia-mai cre-du-to che tu fos-si un tra-di - tor. _____

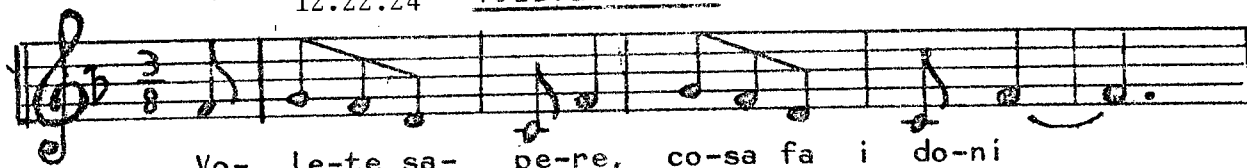
2. Però si, mi regalasti - d'oro sí, una croce fina;
io la porto, poverina, - sulla croce del mio cuor.
3. Sono qui ai piedi del leto - dalla bile straziata
dai dotori sbandonata - che rimedio no ghe piú
4. Quando tu avrai l'aviso - che son morta e sepelita
un gran stremito per la vita - il tuo cuor rivolgerà.

12.22.23 - SE TU FOSSE UNA REGINA

Se tu fos-si una re - gi-na ti fa-rei in co-ro-na -
re Ma tu sei una con - ta - di-na vai in ca - pagna a la-vo-rar. Ma tu sei
una con- ta - di-na in cam-pa-gna a la- vo - rar.

2. In campagna mi no ghe vago-perché al sol divento
mora-Go Gigetto che mil adora-che mi ama e mi
vuol ben.
3. Mi ritiro in cameretta-a cucire e ricamar - a
cucire e ricamare fazzoletti del mio bem.
4. L'e rivato l'altra sera - co'la corsa del vapor
l'e rivato l'altra sera co'la corsa de tre or.

12.22.24 - VOLETE SAPERE



Vo- le-te sa- pe-re, co-sa fa i do-ni



quan-do il ma - ri-to vá fo- ra de cá: vo -



le-te sa- pe-re, co-sa fa i do- ni, quan-do il ma -



ri-to, va fo-ra de cá, ah, ah, ah, ah, va fo-ra de



cá; ah, ah, ah, ah, vá fo-ra de cá.

2. Le se petena e le se fa bele e poi se ne vanno
al convento dei Frá.

3. Una suonata sul campanello, il frate piú bello
el vien sul porton se fora de casa. Presto,
presto va tor el dore....

12.23 - ALGUMAS PREMISSAS DA ANÁLISE FONÊMICA

(de Pike - resumo traduzido e transcrito do
"Phonemics". p.58-62).

1.º Os sons tendem a ser modificados por seu ambiente.

- a) - os sons tendem a assimilar-se a seus vizinhos e as variedades de um som assim produzidas não precisam ser simbolizadas num alfabeto fonêmico.
- b) - Os sons tendem a assimilar-se ao silêncio.
- c) - As bordas de vários tipos de unidades fonológicas ou gramaticais maiores podem também modificar os sons.
- d) - Os sons podem ser afetados de maneira irrelevante por sua relação para com sílabas que são acentuadas ou inacentuadas, longas ou curtas, altas ou baixas.

2. Os sistemas de sons apresentam tendência à simetria fonética.

3. Os sons tendem a flutuar.

Se esta flutuação é entre segmentos não contrastantes, ela é estruturalmente irrelevante e não deve ser simbolizado num alfabeto fonêmico.

4. Sequências características de sons exercem pressão estrutural sobre a interpretação fonêmica de segmentos problemáticos ou de sequências de segmentos problemáticos.

- a) - Em toda língua há dois grupos principais de sons, que apresentam distribuição nitidamente distintas (particularmente no que diz respeito a suas diferentes funções nas síla-

bas) e características articulatórias próprias.

- b) - Destes dois grupos, as vogais constituem aquele que mais frequentemente é silábico e as consoantes aquele que mais frequentemente é assilábico.
- c) - Toda língua tem sílabas fonéticas que são unidades de um ou mais segmentos, durante os quais há apenas uma pulsação torácica e apenas um pico de sonoridade.
- d) - Toda língua tem sílabas fonêmicas, que são unidades de um segmento ou mais, com tal comprimento, que cada sílaba fonêmica constitui, na língua dada, uma unidade real ou potencial de colocação do acento ou de colocação do tom, ou de agrupamento rítmico, ou ainda da estrutura dos morfe-mas (Morfema: a menor unidade significativa na estrutura lingüística). Em geral mas de modo algum exclusivamente - uma sílaba fonêmica tende a ser constituída por apenas uma sílaba fonética.

12.23.1 - SUBPREMISSAS DAS QUATRO PREMISSAS PRINCÍPAIS.

- 1) - Uma ortografia fonêmica é a mais fácil para os nativos aprenderem a ler e escrever.
- 2) - Os procedimentos fonêmicos são baseados em características lingüísticas universais.
- 3) - Os fonemas existem.
- 4) - Só há uma análise fonêmica exata para cada conjunto específico de dados.
- 5) - Os limites de unidades fonológicas e gramaticais maiores podem ser a causa de modificações irrelevantes das unidades sonoras.

- 6) - Os tipos de limites ou bordas, que são utilizados na descrição de modificações não-fonêmicas dos sons, têm de ser simbolizados na ortografia.
- 7) - Um limite gramatical ou fonológico (ou juntura) não é uma entidade fonêmica ou fonética.
- 8) - O acento de intensidade, o tom e a duração podem afetar os segmentos sonoros ou ser por estes afetados.
- 9) - Os sons tendem a tornar-se mais semelhantes aos ambientes que os modificam.
- 10) - Os sistemas tonais, bem como as relações entre os segmentos, tendem a ser de certa maneira simétricos.
- 11) - A flutuação irrelevante de sons não deve ser escrita numa ortografia fonêmica.
- 12) - Pode ocorrer flutuação irrelevante entre fonemas de outra maneira bem caracterizados.
- 13) - Toda língua apresenta seqüências características de sons.
- 14) - Toda língua tem consoantes e vogais.
- 15) - Certas espécies de segmentos podem ser vogais numa língua, mas consoantes em outra, e vice-versa.
- 16) - A dicotomia entre vogal e consoante não é estritamente articulatória, mas é baseada em parte em características distribucionais.
- 17) - As sílabas fonéticas são determinadas por meio de critérios físicos e acústicos.
- 18) - As sílabas fonêmicas são determinadas, em parte, por meio de critérios distribucionais, inclusive a colocação potencial do acento de intensidade, do tom e da duração, e, em parte, pelo aspecto estrutural dos morfemas.
- 19) - Uma vogal ou consoante longa pode, em algumas línguas, com

- constituir dois fonemas.
- 20) - Uma seqüência de dois segmentos pode, em algumas línguas, constituir um só fonema foneticamente complexo.
- 21) - Em algumas ocasiões pode um só segmento constituir uma consoante e uma vogal simultaneamente.
- 22) - Alguns segmentos podem ser sons de transição irrelevantes.*